



Fernando Pessoa e o Algarve

Jorge Manuel de Jesus de Almeida Plácido

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História e Patrimónios

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof. Doutor João Manuel Minhoto Marques

Faro

2024

Fernando Pessoa e o Algarve

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Jorge Plácido

Copyright © Jorge Plácido, 2024

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Manuel Minhoto Marques, agradeço a orientação desta dissertação e toda a disponibilidade que sempre demonstrou em me auxiliar, partilhando o seu saber e indicando linhas de pensamento que em muito enriqueceram o trabalho de investigação. O seu apoio e as linhas orientadoras que me foi sugerindo, foram essenciais para esclarecer as dúvidas e para que a pesquisa desta dissertação tivesse seguido um caminho assente no rigor das normas académicas exigidas para este tipo de estudo. A minha gratidão, igualmente, para com todos os meus professores do mestrado «História e Patrimónios», pela forma como me ensinaram e continuam a ensinar a olhar para o nosso «Património».

O agradecimento a todos aqueles que têm estudado e divulgado a obra, reunida no Espólio de Fernando Pessoa na Biblioteca Nacional. À generosa algarvia de Boliqueime, Maria Aliete Galhoz, com quem tive o privilégio de conversar sobre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, no início dos anos noventa, aquando das recolhas etnográficas feitas com o outro louletano de Querença, professor Viegas Guerreiro. Pela cortesia, na pessoa de Isabel Sarmento e irmã Inês Sarmento, descendentes colaterais de Lisbela Pessoa Machado e herdeiras da «Quinta da Mesquita», em Tavira.

Fico ainda grato aos funcionários e responsáveis da nossa Biblioteca da Universidade do Algarve – no Campus de Gambelas -, pela dedicação e disponibilidade demonstrada para me ajudarem nas consultas e requisições bibliográficas solicitadas. Um bem hajam ainda aos elementos que fazem parte das equipas que trabalham na Biblioteca Álvaro de Campos e no Arquivo Histórico Municipal de Tavira, assim como à Biblioteca Municipal de Olhão José Mariano Gago, tal como a ajuda na consulta efetuada no Arquivo Municipal António Rosa Mendes - Olhão, e de igual modo à Biblioteca Vicente Campinas e ao Arquivo Histórico Municipal António Rosa Mendes, em Vila Real de Santo António.

Aos amigos e colegas com quem foi trocando e partilhando ideias e dúvidas, ficam palavras de apreço pelo incentivo e força que me deram ao longo do «caminho». Uma «caminhada» que tem como primeiros «caminheiros» os meus pais e avós, numa aldeia das «Terras do Demo», com quem aprendi a valorizar o saber e a gratidão para com todos aqueles que nos ajudam a «caminhar». Às filhas algarvias, Luana e Mara, assim como às suas mães olhanenses, pelo passado, presente e futuro, um bem hajam e muito obrigado a todos!

Resumo

Nesta dissertação estuda-se as ligações de Fernando Pessoa com o Algarve nos planos biográfico e bibliográficos. A pesquisa, no âmbito da árvore genealógica, incidiu unicamente no ramo paterno do qual advém a sua ascendência algarvia. Esses elementos, dados a conhecer através da investigação efetuada, estabelecem uma relação de proximidade com os familiares do Algarve. Para além das viagens feitas pelo poeta a Tavira também analisamos a deslocação efetuada a Faro para tratar de negócios relacionados com a indústria conserveira.

O estudo passa igualmente pelo enquadramento histórico do «Modernismo» e as suas influências em Pessoa. A nova corrente estética literária foi determinante para a sua aproximação aos poetas e escritores algarvios. Destacamos os projetos literários de Pessoa partilhados com o médico e escritor olhanense, Francisco Fernandes Lopes. A revista *Orpheu* de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, funcionou como referência para os poetas de Faro que adotaram o «futurismo» como exemplo de vanguarda da criação poética.

A coluna «Futurismo – Gente Nova» d’ *O Heraldo* assume um papel relevante no nosso objeto de estudo no capítulo que diz respeito à identificação da obra do poeta com edições algarvias. Fernando Pessoa publicou naquela secção do jornal de Faro o poema inédito «Casa Branca Nau Preta». Do conjunto da poesia de Pessoa, estudamos ainda as «Quadras ao Gosto Popular», cujos versos têm uma relação direta com o Algarve.

A biografia do heterónimo Álvaro de Campos foi analisada tendo em linha de conta a relação estabelecida com Tavira. Para além da genealogia atribuída a Campos estudamos especificamente os poemas assinados com o seu nome, nos quais os versos expressam sensações tidas na «vila da infância» ou cuja conotação estabelece referências ao Algarve.

Através das consultas efetuadas esperamos elucidar acerca da abrangência que o Algarve teve na vida e na obra de Fernando Pessoa. Nesse sentido, através da análise dos dados recolhidos, foi nossa pretensão reunir num único trabalho grande parte da documentação até à data dispersa. Deste modo, a atual dissertação servirá de elemento agregador dessa ascendência algarvia assim como da criação ou edição literária de Fernando Pessoa ligadas ao Algarve.

Palavras-chave: Algarve, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, Futurismo, Modernismo, Obra, Vida.

Abstract

This dissertation studies Fernando Pessoa's connections with the Algarve across the biographical and bibliographical fields. The research, within the confines of the family tree, focused exclusively on the paternal side from which his Algarve ancestry comes. These elements, revealed throughout the research, establish a close connection with relatives from the Algarve. Apart from the poet's trips to Tavira, we also analyse his trips to Faro with business purposes related to the canning industry.

The research area of the study covers the historical framework of «Modernism» and its influences on Pessoa. The new literary aesthetic current was compelling in his approach to the algarvian poets and writers. We emphasize Pessoa's literary projects shared with the doctor and writer from Olhão, Francisco Fernandes Lopes. The *Orpheu* magazine by Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro, Almada Negreiros and Santa Rita Pintor became a reference for the poets of Faro. They then adopted Futurism as an example of the avant-garde of poetic creation. The column «Futurism - New People» of the newspaper *O Heraldo* assumes a relevant role in our study specifically in the chapter that concerns the identification of the poet's work with algarvian editions. Fernando Pessoa published the unprecedented poem «White House Black Ship» in that section of the Faro's newspaper. From Pessoa's collection of poetry, we also studied «The Popular Taste Quatrains», whose verses have a direct connection with The Algarve.

The biography of the heteronym Álvaro de Campos was postulated considering the relationship established with Tavira. In addition to the genealogy associated to Campos, we specifically studied the poems signed with his name. In these compositions the verses express feelings experienced in the “town of his childhood” or establish references to the Algarve with their connotation.

By pointing out these consultations, we hope to shed light on the scope that the Algarve had in Fernando Pessoa's personal life and collection of poetry. During the analysis of the data gathered, it was our intention to incorporate in a single work a large part of the documentation that had been dispersed to date.

To this extent, the current dissertation will serve as an conglomerating element of this Algarve ancestry as well as of Fernando Pessoa's literary creation or edition associated to the Algarve.

Key-words: The Algarve, Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, Futurism, Modernism, Work, Life.

Índice Geral

Introdução	p. 8
Capítulo 1. A Vida de Pessoa e o Algarve	
1. 1. Ascendência algarvia	p. 14
1. 2. Ligações familiares e negócios	p. 21
Capítulo 2. Pessoa e o Modernismo	
2. 1. Problemas de história e teoria literária.....	p. 32
2. 2. Os futuristas de Faro	p. 47
Capítulo 3. O ortónimo e o Algarve	
3.1. Edição e projetos literários.....	p. 57
3.2. Textos: colaboração n' <i>O Heraldo</i> ; quadras.....	p. 64
«A Casa Branca Nau Preta».....	p. 67
«Quadras ao Gosto Popular».....	p. 69
Capítulo 4. Álvaro de Campos e o Algarve	
4.1. A biografia.....	p. 73
4.2. Textos:	
«Notas Sobre Tavira».....	p. 79
«Ode Triunfal».....	p. 81
«Ode Marítima».....	p. 84
«Aniversário».....	p. 85
Conclusão	p. 91
<u>Bibliografia</u>	
<u>Obras de Fernando Pessoa</u>	p. 95
<u>Outras Obras</u>	p. 97

Índice de Anexos

Anexo I – Figuras.....	p. 102
Anexo II – Documentos.....	p. 117
Anexo III – Árvore genealógica paterna de Fernando Pessoa.....	p.128
Anexo IV – Árvore genealógica materna de Fernando Pessoa.....	p. 133
Anexo V – Sinopse cronológica da vida e obra de Fernando Pessoa.....	p. 136

Nota: Todas as citações de Fernando Pessoa, ou outros autores, obedecem às regras da ortografia atual.

Introdução

A vida e a obra de Fernando Pessoa têm sido objeto de sucessivos estudos e leituras. Essa reflexão, fruto das investigações e pesquisas efetuadas, passou pelos contributos de alguns dos mais importantes poetas e escritores portugueses, quer através de textos ensaísticos, quer no modo como as suas obras lidaram com Pessoa. Esse panorama acentuou-se sobretudo a partir dos primeiros volumes das Obras Completas de Fernando Pessoa, que entre 1942 e 1946 deram a conhecer o essencial da obra do poeta. Para além do que publicou em vida nos jornais e revistas, no seu Espólio ficaram 27.543 peças cuja catalogação foi iniciada pela Biblioteca Nacional de Lisboa e retomada depois pela Equipa Pessoa.

Os dados biográficos e bibliográficos que foram sendo divulgados durante o último quartel do século XX, ou mais recentemente, quer através de ensaios ou das biografias sobre o poeta, não deixam de ser exíguos e de atribuir pouca relevância às ligações da Vida e da Obra de Fernando Pessoa com o Algarve. Esta nossa dissertação de mestrado tem como objetivo contribuir para o aprofundamento desse conhecimento e, eventualmente, acrescentar novos elementos a anteriores pesquisas e investigações efetuadas.

O presente estudo pretende assim incidir, especificamente, quer no plano biográfico quer no plano da escrita, sobre as evidências das referências e ligações ao Algarve ou de hipotéticas correlações com a sua «ascendência» algarvia. O método prosseguido assentará na análise e interpretação de textos onde existem referências ao Algarve.

A dissertação encontra-se organizada em quatro capítulos. O «Capítulo 1 – A Vida de Pessoa e o Algarve», está assim dividido em dois pontos: «1. 1. Ascendência algarvia; 1. 2. Ligações familiares e negócios». No estudo efetuado, pretende-se estabelecer a linha do friso cronológico da «Ascendência algarvia» com a árvore genealógica de «cristãos-novos» oriundos do Fundão, assim como a passagem do bisavô Daniel Pessoa e Cunha pela Universidade de Coimbra (1797-1804). Depois de terminar o curso de medicina, em 1806, Daniel Pessoa e Cunha foi nomeado como «primeiro médico do Hospital Militar de Tavira». O médico tavirense casou com Joana Xavier Pereira natural de Faro. Foram os pais do avô paterno, Joaquim António de Araújo Pessoa, nascido em Tavira em 1813. O oficial do exército liberal casou, em 1844, com Dionísia Rosa Estrela de Seabra Pessoa. Ambos os membros do casal tinham sangue algarvio.

No que concerne às «Ligações familiares e negócios», também se optou por descrevê-las de forma cronológica, começando-se por referir que os pais de Fernando Pessoa, Joaquim de Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira, terão ido a Tavira, para dar a conhecer a criança aos

familiares algarvios, por volta de 1891. Pessoa teria cerca de três anos de acordo com Richard Zenith. Lisbela da Cruz Pessoa Machado, chamada de «tia Lisbela» porque assim se apelidavam as primas mais velhas, foi com quem Fernando Pessoa manteve uma maior relação de proximidade na família dos Pessos de Tavira. Esta prima direita do pai de Pessoa foi para Lisboa em 1893 ajudar a mãe do poeta, Madalena Pinheiro, a tomar conta do primo. Joaquim de Seabra Pessoa morreu vítima de tuberculose em julho desse ano. A «tia Lisbela» ficou para sempre afeiçoada a Fernando Pessoa, o qual, na altura era uma criança de cinco anos, idade com que ficou órfão de pai. Como pudemos verificar ao longo da pesquisa efetuada, a mãe do poeta foi estando em contacto com Lisbela Pessoa Machado, mesmo depois do segundo casamento com o oficial da marinha João Rosa, e conseqüente ida para Durban em 1896, na África do Sul. Madalena Pinheiro manteve sempre relações com a família algarvia escrevendo ou enviando cartas e fotografias. Após cerca de cinco anos a viver e a estudar em Durban, nas primeiras férias em que vieram a Portugal, Fernando Pessoa e a nova família foram a Tavira em finais de setembro-outubro.

Ao longo da vida, Fernando Pessoa correspondeu-se e foi tendo encontros com a «tia Lisbela», a qual enviou cedo de um oficial chamado Romão Aurélio da Cruz Machado. Estes laços familiares levaram Fernando Pessoa, já depois do regresso definitivo a Portugal, em 1905, a deslocar-se algumas vezes a Tavira. Segundo os dados que nos permitem documentar essas viagens, estudámos a passagem pelas casas da «tia» na cidade e na «Quinta da Mesquita», assim como o alojamento na moradia do bisavô e avô paternos e visitas a esse local. O poeta também deixou num dos seus diários referências a um encontro com a «tia Lisbela» em Lisboa. Segundo os familiares ainda vivos, por nós consultados, Pessoa recorreu algumas vezes àquela «tia» para lhe emprestar dinheiro.

Em 1914, na altura da elaboração da revista *Orpheu*, Fernando Pessoa terá estado em Tavira, tal como informou o amigo Armando Cortes-Rodrigues através de carta enviada a quatro de outubro, onde adiantou que se tinha encontrado com António Ferro (Pessoa, 1985, p. 36). Os avós maternos do editor da *Orpheu* 1 e o futuro diretor do «Secretariado de Propaganda Nacional» do Estado Novo eram naturais de Tavira.

Das «viagens de negócios» de Fernando Pessoa ao Algarve damos conta do episódio da impressão do jornal de Loulé, *O Povo Algarvio*, pela «Tipografia Íbis», em 1910. Da pesquisa documental, faz ainda parte a histórica viagem de Pessoa a Faro em 1919, ficando hospedado no «Grande Hotel». Segundo o bloco de notas de 1919, escrito em inglês, essa deslocação ao Algarve terá passado por contactos comerciais com os industriais algarvios das fábricas de conservas (Pessoa, 2013, pp. 164-165).

Nesta nossa dissertação, fazemos uma incursão no «movimento modernista», no «Capítulo 2. Pessoa e o Modernismo», subdividido em dois pontos: «2. 1. Problemas de história e teoria literária; 2. 2. Os futuristas de Faro». Neste capítulo, fazemos uma leitura da forma como Fernando

Pessoa interpretou o «Modernismo», a teorização à volta do «Paulismo», «Interseccionismo» e «Sensacionismo» - tal como exprimiu a «modernidade portuguesa», difundida na revista *Orpheu*. Estabelecemos ainda a relação de Pessoa com a «escola» da «Renascença Portuguesa», de Teixeira de Pascoaes, através da revista *A Águia*. Foi nesta revista do Porto que o poeta da «baixa lisboeta» terá conhecido a poesia do algarvio João Lúcio (1880-1918). Em carta datada de 8 de outubro de 1914, o amigo Mário de Sá-Carneiro fez uma referência ao poema de João Lúcio publicado em *A Águia* (Sá-Carneiro, 2015, pp. 285-287). A revista tinha-lhe sido enviada para Paris pelo próprio Pessoa.

Neste capítulo «Pessoa e o Modernismo», referimos igualmente o facto de o olhanense João Lúcio, tal como o louletano Cândido Guerreiro, terem sido os poetas algarvios escolhidos para fazerem parte da «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», projetada por Fernando Pessoa e António Botto (Botto & Pessoa, 1944, p. 71 e p. 99).

No subcapítulo «2.2. Os futuristas de Faro», abordamos as relações estabelecidas entre o poeta lisboeta e o pintor algarvio Carlos Filipe Porfírio. Ambos se terão conhecido nas «tertúlias» da Brasileira do Chiado, apresentados por Santa Rita Pintor e Almada Negreiros. Realçamos esta ligação, que teve como epílogo a colaboração dos «modernistas lisboetas» com os «futuristas de Faro», no jornal *O Heraldo* - uma publicação, dirigida pelo pintor e professor fareense Carlos Augusto Lyster Franco, que, a partir de fevereiro de 1917, consagrou ao «Futurismo» a coluna «Gente Nova». O periódico algarvio, com uma vertente «futurista», foi escolhido por Fernando Pessoa e Almada Negreiros para publicarem poemas na secção «Futurismo - Gente Nova», mesmo antes de a revista *Portugal Futurista* de Lisboa ter ido para as bancas no final desse mesmo ano de 1917. O diretor da *Portugal Futurista*, Carlos Porfírio, «foi o impulsionador da colaboração» de Pessoa e do «grupo do *Orpheu*» n' *O Heraldo*

No «Capítulo 3. O ortónimo e o Algarve», o estudo incide sobre o relacionamento de Pessoa com o médico e escritor olhanense Francisco Fernandes Lopes: «3.1. Edição e projetos literários». Fernando Pessoa, tal como Almada Negreiros, conheceram o jovem de Olhão quando aquele tirava o curso na Faculdade de Medicina de Lisboa. Pessoa e o médico, formado em 1916, estabeleceram relações à volta das letras e da filosofia que perduraram durante alguns anos. Em 1919, já com Francisco Fernandes Lopes estabelecido na terra natal, Fernando Pessoa escreveu-lhe falando de projetos literários. Nessa carta, datada de 20 de abril de 1919, Pessoa chega a propor a Francisco Lopes a publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro (Pessoa, 2007, pp. 177-178). Esta revista não chegou a ir para as bancas mas terá servido como ensaio da *Olisipo*, editada por Fernando Pessoa entre 1921 e 1923. Este ponto «3.1. Edição e projetos literários», aborda

igualmente a publicação por parte de Fernando Pessoa, dos poemas de Mário de Sá-Carneiro, a título póstumo, na coluna «Futurismo – Gente Nova» d’ *O Herald*o.

No subcapítulo «3.2. Textos (colaboração n’ *O Herald*o; quadras)», dissertamos sobre a publicação do poema *A casa branca, Nau preta*, na secção futurista do jornal *O Herald*o, assinado «Fernando Pessoa, Director de Orpheu». O poema «*Inédito*», escrito em 1916, é publicado pela primeira vez no jornal de Faro, edição de 1 de julho de 1917, na secção «Futurismo – Gente Nova», com a assinatura do «ortónimo». Alguns autores, tendo como referência a primeira edição das *Poesia de Álvaro de Campos*, por Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, têm atribuído os versos d’ *A casa branca, Nau preta*, ao «heterónimo». Esta parte do nosso estudo sobre a «obra algarvia» do «ortónimo», faz referência à ligação estabelecida entre Fernando Pessoa e o diretor d’ *O Herald*o, professor, escritor e pintor Carlos Augusto Lyster Franco. O autor da *Mensagem*, mesmo depois da fase «futurista», terá mantido elos de contacto com Lyster Franco, conforme especificamos em detalhe, na pesquisa efetuada.

No âmbito dos textos assinados pelo «ortónimo», inserem-se os versos escritos na casa da Quinta da Mesquita, em Tavira, onde o poeta redigiu uma quadra alusiva à «tia Lisbela». Nas viagens ao Algarve, durante umas férias de verão, terá acompanhado a «tia» numa ida à praia. Pessoa escreveu uma quadra que denota ter estado na Praia de Monte Gordo (Pessoa, 1965, p. 112). São versos, tal como nos propomos analisar, que também fundamentam a ligação da «Obra» do «ortónimo» ao Algarve.

No «Capítulo 4. Álvaro de Campos e o Algarve», começamos por estudar no subcapítulo «4.1. A biografia» que está na «génese do heterónimo». Na biografia que Fernando Pessoa criou para Campos, na conhecida «carta da génese dos heterónimos» enviada a Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935, colocou o «engenheiro naval» a nascer em Tavira no «dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo)». No espólio pessoano não foi localizado até agora o mapa do céu correspondente a estes dados de nascimento. Constam, no entanto, dois horóscopos de Campos que apresentam, ambos, uma outra data e hora de nascimento: o «dia 13 de outubro de 1890, às 13h e 17m». Aquele que parece ser o mais antigo [BNP/E3, 144Y-23^v] terá sido realizado em «meados de Janeiro de 1917». Na outra carta astrológica [BNP/E3, 90⁶-48r], Pessoa anotou em rodapé, a inglês «Slight indication of insanity», que o horóscopo de «Alvaro de Campos» aponta «pequeno indício de loucura» (Pessoa, 2011, p.151).

No subcapítulo, «4.2. Textos», estabelecemos como referência os poemas atribuídos a Álvaro de Campos de conotação com as suas raízes algarvias. Nesse sentido, estabelecemos como objetivo principal fazer uma leitura centrada no Algarve, de acordo com o tema geral da atual dissertação, partindo do «poema-referência» à sua terra natal, tal qual ficou explanado nos versos de «Notas Sobre

Tavira», datados de oito de dezembro de 1931 (Pessoa, 1993a, pp. 304-305). A «evocação» da «vila da infância» também é objeto de analogia em outros poemas com referências, mais ou menos explícitas, ao Algarve.

De igual modo, alguns dos versos da «Ode Triunfal», datados de junho de 1914 (Pessoa, 2011, pp. 87-93), faziam já uma alusão à «casa da infância», apontando para um «devir tavirense», traçado posteriormente no poema «Notas Sobre Tavira», da apresentação de Campos. O poema com início «O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual», também é objeto de análise na pesquisa efetuada, o qual nos forneceu dados biográficos para a relação do «heterónimo» com o Algarve e a mudança para a capital: «(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por um tio-avô,/ padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas). / (Veio para Lisboa muito novo...)» (Pessoa, 1946, p. 92).

A análise dos poemas «Aniversário»; «Na ampla sala de jantar das tias velhas»; «Estou cansado da inteligência»; «Episódios»; escritos com o nome do heterónimo, também são criações da poesia assinada por «Alvaro de Campos», que versam essa eventual transposição das vivências biográficas de Fernando Pessoa na sua relação com Tavira e o Algarve. São versos que, de alguma forma, sugerem uma evocação desse lado da vida real do autor, assim retratado nos poemas do heterónimo denominado seu alter ego: «Poder-se-á dizer que era sobretudo na pessoa de Campos que Pessoa revivia frequentemente e com mais ênfase que pela própria voz a sua infância «pavorosamente perdida», no dizer de Campos» (Lopes, 2013, pp. 123-131). Ilustrativo desta fundamentação, defendida pela investigadora Teresa Rita Lopes, o poema «Aniversário», assinado por Álvaro de Campos, foi datado ficticiamente por Fernando Pessoa como escrito a «15 de Outubro de 1929» e publicado com essa data, pela primeira vez no Nº 27 da revista *Presença* (Junho-Julho de 1930). Fernando Pessoa confessaria a João Gaspar Simões, em carta de 4 de julho de 1930, que a data real de composição daquele poema tinha sido o seu próprio dia de aniversário, «13 de Junho», mudando a data para bater certo com a biografia de Campos: «15 de outubro».

O livro projetado, que Fernando Pessoa não chegou a preparar, intitulado «Vida e obras do engenheiro Alvaro de Campos», é uma referência evocada na dissertação, assim como o texto que estaria previsto para abrir o «livro»: «The beginning of Alvaro de Campos» (O começo de Alvaro de Campos)» (Pessoa, 1997, p. 67). Essa edição, planeada por Pessoa, previa encerrar com o poema «Regresso ao Lar», onde Campos extravasa a sua «frustração vivencial»: «Sonetos são infância, e, nesta hora, / a minha infância é só um ponto preto». O autor acrescentou, entre parêntesis, «end of the book» (fim do livro)» (Pessoa, 1946, p. 349). São fragmentos, que depois de analisados, também acabam por servir de apoio à relação estabelecida entre Fernando Pessoa e o Algarve.

Capítulo 1

A Vida de Pessoa e o Algarve

Ascendência algarvia

Desde a morte de Fernando Pessoa (30 de novembro de 1935), são várias as biografias sobre a vida e a obra do poeta que abordam a sua árvore genealógica. O primeiro a evocar a sua ascendência judaica, pelo lado paterno, foi João Gaspar Simões. Logo na primeira edição de 1950, *Vida e Obra de Fernando Pessoa – história de Uma Geração*, (Lisboa, Livraria Bertrand, 1º volume: infância e adolescência; 2º volume: maturidade e morte), o primeiro biógrafo de Pessoa fez referência a essas ligações familiares. Os dados genealógicos estabelecidos na biografia de Gaspar Simões, têm servido como base de estudo às biografias que foram sendo editadas posteriormente. No entanto, como pretendemos demonstrar com a atual dissertação, esses elementos, no que dizem respeito à identidade algarvia inerente ao ramo paterno, têm sido negligenciadas na biografia do poeta. O facto do pai ter morrido cedo, tal como o seu irmão biológico, tendo os seus futuros meios-irmãos apenas laços maternos, terá contribuído para que os biógrafos se tenham debruçado menos sobre a pesquisa referente ao lado paterno e ao Algarve em particular. Nesse sentido, a investigação por nós efetuada, fornece outros dados, que consideramos relevantes, para um conhecimento mais aprofundado da história biográfica de Pessoa, no âmbito da sua ascendência algarvia.

Os dados genealógicos da família de Fernando Pessoa foram dados a conhecer pela primeira vez por Mário Saa no livro *A Invasão dos Judeus*. Nessa obra, foi revelado, pela primeira vez, que a família dos «Pessoas de Tavira» tinham raízes judaicas no Fundão. O cristão-novo Sancho Pessoa da Cunha, natural de Montemor-o-Velho e morador no Fundão, foi quinto avô de Fernando Pessoa. Sancho era filho do pequeno lavrador Custódio da Cunha de Oliveira, cristão-novo nascido naquela cidade, tendo porém vivido em Montemor-o-Velho – a terra onde conheceu a sua esposa Madalena Pessoa de Gouveia, uma cristã-velha ali nascida. Custódio da Cunha terá sido o primeiro antepassado masculino a usar o apelido Pessoa, por via do apelido da sua esposa Madalena Pessoa de Gouveia.

Ou seja, é uma mulher que está na génese do apelido Pessoa. Este sexto avô Custódio terá mesmo sido posto atrás das grades pela Inquisição em 1669. Custódio da Cunha e os seus três filhos, Manuel da Cunha, Luís da Cunha e Sancho foram processados pelo Santo Ofício por crimes de judaísmo. O filho Sancho Pessoa da Cunha, anos mais tarde, irá de novo ser acusado de continuar a praticar o judaísmo, tendo sido condenado a uma pena leve, em Auto de Fé no ano de 1706. A Inquisição aplicou o confisco de bens por ser astrólogo e salmista. Sancho Pessoa da Cunha casou com Branca Nunes. Deste seu terceiro matrimónio, nasceria Gabriel Pessoa da Cunha, quarto avô de Fernando Pessoa, casado com Leocádia Pereira da Silva, natural de Penamacor. São os pais do trisavô Gaspar Pessoa e Cunha, nascido no Fundão. Este, casará com Perpétua Contença, progenitores de

Daniel Pessoa e Cunha. O bisavô, médico, nascido em Serpa, será quem irá perpetuar as ligações dos Pessoas ao Algarve.

Depois de acabar o curso na Faculdade de Medicina, na Universidade de Coimbra, Daniel Pessoa foi destacado para prestar os cuidados de saúde no Hospital Militar de Tavira. O casamento com Joana Xavier Pereira, natural de Faro, dará origem à prole algarvia que marcará as gerações futuras dos Pessoas. «Sua mulher, Dona Joana Xavier Pereira, natural de Faro, era filha de José António Pereira de Araújo e Sousa, e de D. Bárbara Joaquina Sequeira Mimoso, ambos de Faro, no Algarve» (Jennings, 1984, p. 183; Saa, 1921).¹

Será por via deste ramo familiar paterno, que Fernando Pessoa e o Algarve acabarão por estarem intrinsecamente ligados na vida e na obra do poeta. Este é um aspeto ao qual pretendemos dar visibilidade, ao longo deste estudo, dissertando em torno destas duas vertentes que posicionam Pessoa no Algarve.

Nas referências biográficas escritas em novembro de 1921, quando Mário Saa evoca o «Processo da Génese de Fernando Pessoa», o investigador refere o «temperamento anti-semita» do poeta. Diz o biógrafo que Pessoa, «quanto a temperamento» era «anti-semita!» (Jennings, 1984, p.183).²

Num texto escrito entre 1923 e 1925, o poeta revela esse «temperamento» no ensaio intitulado «A Conspiração dos 300». São mais de vinte páginas, escritas em português, onde Fernando Pessoa apontou o dedo aos judeus: «(...)A Europa encontra-se confrontada por um inimigo, o Judaísmo, e cercada por aliados infiéis - a Igreja Católica, o império Britânico(...)» (Pessoa, 2015, p. 200). Estas raízes judaicas, segundo alguns relatos, chegavam a incomodar Fernando Pessoa. Segundo os amigos Luís Pedro Moitinho de Almeida e Francisco Peixoto Bourbon, há um episódio revelador deste mal-estar perante o ramo genealógico judaico:

Um dia o Dr. Carlos Lobo de Oliveira exibiu a árvore genealógica de Fernando Pessoa, em que provava a sua ascendência judaica. Fernando Pessoa ficou visivelmente contrariado e desabafou: “Preferia não a ter mas não é por isso que me vou atirar ao Tejo”. (Almeida, 1985, p. 100).³

¹ O estudo de Mário Saa, «A Árvore Genealógica de Fernando Pessoa», (1921), após ter sido referenciado na biografia do professor Hubert Jennings, futuro diretor da Durban School, onde o jovem Fernando estudou, desapareceu do espólio de Pessoa. Desconhece-se o paradeiro deste ‘papel do espólio’, escrito à máquina, que Mário Saa terá usado posteriormente na edição do livro *A Invasão dos Judeus*, (1925).

² Ver Anexo I, Figura 1.

³ Luís Pedro Moitinho de Almeida cita o artigo do amigo em comum Francisco Peixoto Bourbon, «Abusiva apropriação da Esquerda da figura ímpar de Fernando Pessoa», publicado no jornal *Eco de Extremoz*, 8 de fevereiro de 1983.

Já Mário Saa, liga mesmo esta descendência de judeus à criação dos heterónimos e das várias personagens literárias. O estudo da «Árvore Genealógica» feito em 1921 vai servir-lhe de base para escrever a caracterização de Pessoa em *A invasão dos judeus*, editado em 1925. É um livro onde conclui que os poetas do *Orpheu* eram de origem Judaica (Mário de Sá-Carneiro, p. 285; Raul Leal, p. 286; José de Almada Negreiros, p. 288; Amadeu de Sousa Cardoso, tendo estado previsto colaborar no *Orpheu* 3, p. 295; António Ferro, Editor do *Orpheu* 1, p. 295; José Pacheco, desenhou a capa de *Orpheu* 1, p. 298. Na descrição feita sobre Fernando Pessoa, p. 291, o autor deste estudo, para além de citar a «fisionomia de hebreu», evoca as «tendências astrológicas e ocultistas» do poeta, concluindo Mário Saa que estas origens judaicas de Pessoa, se revelaram nos «seus numerosos pseudónimos —pelos que tem e pelos que há de vir a ter, e... pelos que não se sabe que tem!». (Pessoa, 1986a, pp. 264-265).⁴

Os dados recolhidos por Mário Saa, reunidos em *A Invasão dos Judeus*, têm como base todo o ramo paterno de Fernando Pessoa, que serve de orientação ao nosso estudo no âmbito da sua árvore genealógica algarvia. O bisavô Daniel Pessoa e Cunha, descendente desses «novos-cristãos» oriundos do Fundão, deu entrada na Universidade de Coimbra em 1797, matriculado desde 14 de outubro, como aluno ordinário, em Matemática. O filho de Gaspar Pessoa e Cunha e Perpétua Condença mudou para Medicina a partir de 31 de outubro de 1800. O futuro médico do Hospital Militar de Tavira acabou o curso em 1804. No estudo efetuado, pela historiadora Maria Lucília Lencart, sobre a genealogia de Fernando Pessoa e a família do Algarve, foi atribuído a paternidade de «Daniel Pessoa e Cunha» a «Gabriel Pessoa e Cunha» (Lencart, 1987, pp. 95-108). Consultado o assento de matrícula na Universidade de Coimbra, desde 1797 a 1804, verificamos que o pai do futuro médico do Hospital de Tavira não é «Gabriel» mas sim «Gaspar Pessoa e Cunha». Há um ramo da árvore genealógica, de acordo com a matrícula na Universidade, que não foi considerado pela investigadora.⁵

Depois de acabar o curso de Bacharel em Filologia e Medicina pela Universidade de Coimbra, Daniel Pessoa seguiu a carreira das armas. Foi capitão do exército, prestando serviço em 1806 nos serviços médicos de apoio à «epidemia de Benavente». Em dez de outubro do mesmo ano, foi nomeado como «primeiro médico do Hospital de Tavira». Aquando da revolta dos algarvios em 1808 contra a ocupação francesa, o jovem doutor assistiu os feridos em Faro e Olhão, resultantes dessas lutas com as tropas francesas. Em 1812, o médico Daniel Pessoa organizou o «Hospital de Guerra de Castro Marim», para prestar assistência aos feridos do «exército Anglo-Espanhol» que operava na Andaluzia. Esse Hospital de Castro Marim «chegou a ter 300 enfermos diários e foi extinto em 1813» (Iria, 1941, p. 73).

⁴ Excertos do livro de Mário Saa (*A Invasão dos Judeus*, 1925), organização de António Quadros (1986).

⁵ Ver Anexo I, figuras 2 e 3.

Durante o serviço em Tavira, o bisavô de Fernando Pessoa também prestou cuidados de saúde pelo «partido da Câmara». Neste âmbito, chegou a cuidar dos «Expostos» da cidade, manifestando o seu desagrado por tal trabalho não ser devidamente remunerado. Devido a esse facto, redigiu uma carta, em forma de «Petição», datada de novembro de 1814, ao «Príncipe» e futuro rei D. João VI, a pedir um aumento de salário.⁶ O que levou a Câmara Municipal de Tavira, em 1818, a efetuar uma «Provisão» ao médico, como pagamento dessas «horas extraordinárias».⁷

Daniel Pessoa e Cunha casou com Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa, natural de Faro. Filha de José António Pereira de Araújo e Sousa e de Bárbara Joaquina Sequeira Mimoso, ambos naturais da capital de distrito. Este trisavô fareense de Fernando Pessoa, José António Pereira de Araújo e Sousa, mandou cunhar pedra de armas em 2 de dezembro de 1799, dando azo ao «Brasão» que o poeta viria a desenhar e pintar à mão: «Um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pereiras; no segundo as dos Camisões; no terceiro as dos Souzas; e no quarto as dos Araújo».⁸ Pessoa consultou o livro do Visconde Sanches de Baena (1872), *Arquivo heráldico-genealógico*, (Tipografia Universal de Tomás Quintino Antunes, Lisboa), transcrevendo à mão a genealogia do seu terceiro avô. Esse texto, passado a limpo e à máquina, nunca chegou a mandar ao amigo açoriano Armando Cortes Rodrigues. Nesse Arquivo, podemos ler as ligações históricas da família ao exército do rei D. Sebastião, na famigerada Batalha de Alcácer-Quibir. Os apontamentos recolhidos por Pessoa, falam igualmente de uma passagem de familiares pela Índia, fazendo também parte da família algarvia um «capitão do baluarte de Santa Bárbara de Lagos», assim como um juiz-feitor do «Penedo de Lagos»:

José António Pereira de Araújo e Sousa, capitão de regimento de Artilharia do Algarve, natural da vila de Fermedo; filho do capitão-mor Lázaro Moreira Landeiro Camisão, e de sua mulher D(ona) Francisca Xavier de Araújo e Sousa; (...) terceiro neto de Rodrigo Landeiro, capitão do baluarte de Santa Barbara de Lagos, e de mar e guerra, de guarda-costa do Algarve, e de sua mulher D(ona) Leonor do Espirito Santo, filha de Jorge Fernandes Pereira, procurador dos Feitos e fidalgo da casa real, juiz feitor do Penedo de Lagos. (Cardiello, Ferrari & Pizarro, 2013, pp. 34-39)

⁶ Daniel Pessoa e Cunha, «(...) Príncipe Regente de Portugal dos Algarves de Áquem e Além mar (...) Recebia anualmente do Partido (Médico) da Câmara duzentos mil reis cuja quantia assaz diminuta nas naturais circunstâncias. (...) Pelo aumento do preço dos géneros assimilar com mais cinquenta mil réis (...)», «Petição», *Livro de Registo da Câmara n.º 5*, 1796-1817, fl. 246-247, in Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Tavira. Ver Anexo I, figura 4.

⁷ «Livro de Atas da Câmara, Livro 6.º Reg.º 1817-1822»: «Provisão a favor do médico Daniel Pessoa e Cunha de 25\$000 (vinte e cinco mil réis) pelo curativo dos Expostos desta cidade, correspondendo a uma gratificação anual de 50\$000 (cinquenta e mil réis). Aí se refere ter o Dr. Daniel Pessoa e Cunha cuidado dos ditos Expostos que excederiam 240, sem que por isso tivesse até aí recebido emolumento algum», páginas 16, 26 de março de 1818.

⁸ Ver Anexo I, figura 5.

Depois de uma visita de inspeção aos «Hospitais dos Regimentos da Província», o bisavô médico viria a falecer em 31 de agosto de 1822. O antigo «Provedor da Misericórdia de Tavira» faleceu naquela cidade, na casa da Rua do Salto, onde o casal Daniel Pessoa e Joana Xavier viviam. Entre os quatro rapazes, de quem são progenitores, está o que viria a ser o avô paterno de Fernando Pessoa. Joaquim António de Araújo Pessoa, nasceu em Tavira em 1813, seguindo as pisadas do pai e da família algarvia, aderiu às causas liberais. Participou na campanha do cerco do Porto em 1833 como membro das tropas liberais, ao lado de Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Ao destacar-se ao serviço do exército liberal contra os miguelistas, depois da batalha da Asseiceira, foi distinguido em 1835 com a «medalha da Liberdade de D. Pedro IV e D. Maria II». Antes de se casar, o avô paterno de Pessoa participou na perseguição e captura do guerrilheiro algarvio «Remexido». O apoiante de D. Miguel, José Joaquim de Sousa Reis, que se recusara a depor as armas depois do «Tratado de Paz de Évora Monte», foi capturado com a ajuda do então tenente Joaquim António de Araújo Pessoa.

O futuro general, nascido em Tavira, era quinto neto de Maria Landeira, natural de Portimão, filha de João Luís Encerrabodes (falecido naquela cidade em 29 de maio de 1599) e de Constança Fernandes Cordovil. O avô, que seguiu a carreira militar, casou a 13 de fevereiro de 1844 com Dionísia Rosa Estrela de Seabra Pessoa. A avó paterna de Pessoa também tinha raízes em Vila Nova de Portimão. Era bisneta do juiz de Portimão, João de Oliveira Delgado, nascido em 10 de fevereiro de 1692. Fernando Pessoa, pelo ramo familiar dos avós paternos, era «tetranelo e sétimo neto de portimonenses». Os «descendentes de João Luís Encerrabodes ou de João de Oliveira Delgado são seus familiares» (Inácio, 2024).⁹

Cinco anos após o casamento dos avós paternos, de ascendência algarvia, nasceu, a 28 de maio de 1950, o filho Joaquim de Seabra Pessoa. O pai de Fernando Pessoa foi o terceiro descendente a nascer, depois de já ter morrido ao casal, uma filha em bebé e um primeiro filho. Esse tio de Pessoa, de seu nome José Seabra Pessoa, que não chegaria a conhecer, morreu de tuberculose ainda jovem. O pai do poeta também será vítima da mesma doença. Joaquim de Seabra Pessoa morreu, doente de tuberculose, a 13 de julho de 1893. A «tísica», como era denominada a tuberculose, no início de 1894, acabou por fazer mais uma vítima na família. O irmão Jorge, que nascera a 21 de janeiro de 1893, morreu da mesma doença do pai, no dia 2 de janeiro de 1894, sem completar um ano, como João Gaspar Simões referiu na primeira biografia (1950) dedicada ao poeta: «Jorge, o irmão mais novo, herdara a fraqueza ingénita do pai, concebido como fora num período agudo da sua doença de peito e em resultado de uma crise provocada pelas vacinas, fina-se também, deixando a casa mais triste» (Simões, 2017, p. 56).

⁹ Ver Anexo III - «Árvore genealógica paterna de Fernando Pessoa».

Ao longo da vida, Fernando Pessoa mostrou receio de vir a contrair tuberculose, assim como várias vezes apelou a um diagnóstico sobre a loucura. Estes sintomas estão diretamente relacionados com o ramo paterno do poeta, de acordo com as raízes algarvias referidas, como podemos observar através dos seus escritos. Pessoa revelou essa autoanálise, de forma muito evidente, na denominada «carta da génese dos heterónimos», datada de 13 de janeiro de 1935, enviada a Adolfo Casais Monteiro, onde assume «traços de histeria», designando-se «histero-neurasténico». Na missiva, o poeta retrata a «histeria» à imagem da poesia assinada pelo heterónimo Álvaro de Campos. É uma «parte psiquiátrica» com «traços de histeria», a que Pessoa atribui a «origem dos heterónimos», revendo-se particularmente em Campos. O «autor fictício» colocado a nascer na terra natal da família algarvia pelo lado paterno, que na sua história genealógica familiar, como revelamos no nosso estudo, tem elementos que sofreram de tais perturbações atribuídas ao «engenheiro de Tavira»:

Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Alvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspetos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia.¹⁰

Fernando Pessoa, como foi revelando ao longo da vida em conversas familiares, ligou estas patologias, de carácter mental e físico, ao ramo paterno. São «medos» que terão sido comentados pelo poeta perante a família mais próxima. A meia-irmã Henriqueta Madalena, em entrevista ao *Jornal de Letras*, assinalou isso mesmo: «(...) Ele sempre teve medo da loucura. O Fernando toda a sua vida teve o pavor de enlouquecer como a avó, ou de morrer tuberculoso como o pai (...)».¹¹

Esses receios, foram transpostos para a «árvore genealógica» desenhada por Fernando Pessoa, onde o poeta assinalou os familiares vítimas de «tuberculose» assim como os sintomas inerentes aos «aspetos mentais». Nos dados biográficos que podem ser conferidos nessa genealogia, Pessoa procurou ilustrar pelo lado paterno, «a sua herança mórbida e, pelo materno, a sua herança hígida ou equilibrada» (Pessoa, 2007, p. 140).¹²

Nessa árvore, inventariada no espólio pessoano pelo investigador Jerónimo Pizarro, inserida nos *Escritos sobre Génio e Loucura*, Pessoa indicou o facto do seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, ter sido tuberculoso, tal como o irmão Jorge, ambos vitimados pela doença. Na «árvore» foi

¹⁰ Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, 13 de Janeiro de 1935, 1ª publ. inc. in *Presença*, nº 49. Coimbra: Jun. 1937.

¹¹ Irmã Henriqueta Madalena, «Ele sabia o valor que tinha», *Jornal de Letras*, nº 177 de 26 novembro de 1985, pp. 6-7.

¹² Essa árvore genealógica foi traçada por Fernando Pessoa em inglês, enquanto escrevia o estudo de «Ethopathologia», com epílogo da personagem fictícia Marcos Alves. O texto tem uma citação de um fictício *Tratado de doenças mentais*, atribuído a um tal dr. Florêncio Gomes. Ver Anexo I, fig. 6.

igualmente indicado que a avó paterna, Dionísia Rosa Estrela de Seabra Pessoa, morreu com perturbações mentais, sendo a «única sobrevivente da sua progénie». Os sete irmãos da avó, referidos na árvore traçada pelo neto Fernando Pessoa, teriam nascido prematuramente e morrido. Do lado materno, Pessoa salientou o «equilíbrio superior» da mãe Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Nesta parte do ramo familiar, à exceção do nervosismo apontado à tia Ana Luísa, «nada parece haver de anormal», ao contrário da «pesada herança do lado paterno» (Pessoa, 2007, p. 140).

Esta analogia dos dois ramos familiares, como objeto de estudo, que neste âmbito são ainda muito incipientes, permite estabelecermos uma ligação direta entre este «testamento» paternal, relacionado diretamente com a família descendente do Algarve, com os receios de Pessoa vir a contrair «tuberculose» ou a «enlouquecer». Menciono estes dados, de forma a evidenciarmos, como a relação entre Pessoa e o Algarve, foi preponderante na sua estrutura mental ou «parte psiquiátrica», como o poeta lhe chamou.

Os elementos supramencionados, permitem-nos ainda contextualizar esta dissertação de mestrado no âmbito do estudo pretendido (Fernando Pessoa e o Algarve), procurando compreender e revelar o poeta, fruto dessa «ascendência algarvia», na sua dimensão da vida real. No seguimento desse friso cronológico, pretendemos mostrar no próximo ponto deste Capítulo (1. 2 Ligações familiares e negócios), como Pessoa se relacionou e manteve laços afetivos, ou de ordem mais prática, com a prole do Algarve. Os dados reunidos neste Capítulo, permitem dar a conhecer os contactos estabelecidos com a família tavirense, assim como nas suas atividades comerciais ou de projetos ligados à região algarvia.

Ligações familiares e negócios

O pai Joaquim de Seabra Pessoa e a mãe Maria Madalena cultivaram os laços familiares algarvios ao longo da vida. Passados cerca de dois anos sobre o nascimento de Fernando António Nogueira Pessoa (13 de junho de 1888), levaram a criança a ver a família de Tavira durante o ano de 1890 (Zenith, 2022, p. 1078).¹³

Depois da morte de Joaquim Seabra Pessoa, a mãe voltou a casar em finais de 1895. Maria Madalena Pinheiro foi viver para Durban, em 1896, onde o seu novo marido, o oficial da marinha João da Rosa, fora nomeado cônsul de Portugal. A mãe, durante esses anos de vida e estudos na África do Sul, encorajou sempre o filho Fernando a manter as relações familiares com os parentes algarvios, especialmente com a «tia Lisbela». Prova desse elo mantido desde sempre com Tavira, foi a fotografia de Pessoa, com dez anos, enviada pela mãe à «tia Lisbela» em 1898: «À sua querida tia Lisbela com muitos beijos do seu sobrinho muito amigo Fernando» (Quadros, 1981, p. 35).¹⁴

Esta constante preocupação de não perder os laços com o lado paterno algarvio, ficou mais uma vez bem patente na decisão da família, acrescida dos seus novos meios-irmãos, irem a Tavira, aquando das suas primeiras férias em Portugal. Depois de cerca de cinco anos a viverem em Durban, a família tirou férias em 1901, decorrente do comandante João Rosa ter sido nomeado cônsul de primeira classe e ter tido direito a uma «licença sabática». O padrasto de Pessoa decidiu assim passar um ano longe de Durban e dos riscos da Guerra dos Bóeres, que entrava em fase crítica (findaria, no ano seguinte, com vitória inglesa). Como refere o biógrafo brasileiro José Paulo Cavalcanti Filho, «a decisão de viajar decorre da cidade não lhe parecer um lugar seguro para crianças e mulheres, tendo em conta o facto de aproveitarem para reverem amigos e familiares deixados em Lisboa». (Filho, 2012, p. 60). Esta viagem teve algo de macabro, já que viajaram lado a lado com o corpo da irmã falecida meses antes. A irmã Madalena Henriqueta, nascida em 1898, não resistiu a uma meningite e morreu no dia 25 de junho desse ano.

¹³ A tia Anica, irmã da mãe, disse a Pessoa que ele tinha ido ao Algarve com dois anos. A prima direita do pai, Lisbela da Cruz Pessoa Machado, tratada por «tia», tal como eram tratadas as primas mais velhas em «sinal de respeito», é a familiar com quem têm relações de maior intimidade. Esta «tia Lisbela», nascida em 1845, enviuvou cedo. O marido, um soldado de vinte e dois anos morreu em 1873 vítima de tuberculose, catorze meses depois do casamento. A bebé que nascera dessa união, morreu após algumas semanas de vida. Lisbela da Cruz Pessoa Machado permaneceu viúva e sem filhos, cultivando um relacionamento de proximidade e de grande afeto para com o jovem Fernando, sendo também madrinha do irmão Jorge (nascido a 21 de janeiro de 1893, batizado em 13 de maio de 1893, morreu em janeiro de 1894 antes de fazer um ano). A «querida e prestativa tia Lisbela» foi ajudar a mãe, em Lisboa, durante a doença do pai em 1893. Ver carta de Joaquim Seabra Pessoa à esposa Maria Madalena, Caneças, 26 de maio de 1893, Anexo II – Documentos (Docs. 1)

¹⁴ Ver Anexo I, Fig. 7.

O seu corpo seguiu viagem com a família para ser sepultado no jazigo da família, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, como recordaria anos mais tarde, a irmã mais velha [a «Teca»], que também fez essa viagem, em conversa com a neta Isabel Murteira França. As memórias desses tempos foram inseridas no livro *Fernando Pessoa na Intimidade*, onde alude a esses vínculos afetivos mantidos com a família algarvia e na deslocação a Tavira, pouco tempo depois de terem desembarcado em Lisboa:

O meu pai teve realmente uma licença de um ano, e aproveitámos para rever Portugal e a família. Viemos todos, a mãe, o pai, o Fernando, o Luís, eu, e a nossa criada Paciência, a quem nós chamávamos ‘Pá’. Foi nessa viagem também que veio connosco o corpo da nossa irmã Madalena.¹⁵

(França, 1987, p. 51)

No dia 13 de setembro de 1901, a família chegou a Lisboa e instalou-se num andar alugado, na Rua de Pedrouços, 45, r/c, perto da Quinta do Duque do Cadaval, em Pedrouços, onde moravam as tias-avós Maria e Rita (do lado materno) e a avó paterna Dionísia. Nos meses de setembro ou outubro, Pessoa foi a Tavira, com a família, visitar os parentes do lado paterno e a «tia Lisbela», ficando hospedados em sua casa (SIMÕES, 2017, pp. 91-92). A casa da «tia Lisbela», na cidade, ficava situada no «Largo-Jardim d’Alagoa, número 42», junto à Igreja de São Paulo ou de Nossa Senhora da Ajuda. Hoje em dia, já não pertence aos descendentes de Lisbela da Cruz Pessoa Machado (Lencart, 1987, pp. 117-131).¹⁶

Nesta viagem a Tavira de 1901, tinha Pessoa treze anos, a família também terá dormido na casa de Maria da Cruz Lampreia Pessoa (1823-1908), viúva do «tio-avô Jacques Cesário» e mãe de «Lisbela» e Jacques Pessoa. Esta «velha tia» de 78 anos, vivia nessa altura na casa, nº 15, Rua Borda d’Água de Aguiar, junto à margem esquerda do rio Gilão e talvez possa ter inspirado a referência feita à «velha tia» evocada por Álvaro de Campos na «Ode Marítima».¹⁷ Na cidade, terá ainda passado pela casa do bisavô Daniel Pessoa e Cunha e da bisavó Joana Xavier Pereira d’Araújo e Sousa Pessoa, na Rua do Salto, nº 40, onde nasceu o avô Joaquim António de Araújo Pessoa.¹⁸

Essa casa, foi a mesma de onde a bisavó, após ter ficado viúva, teve que fugir para Faro com os seus quatro filhos. O avô Joaquim foi preso em 1828 e em 1930, devido às perseguições feitas à família pelo Partido Absolutista - os «Pessoas de Tavira» eram liberais. Nessa mesma noite de 26 de outubro de 1930, a casa da família, na Rua do Salto, foi apedrejada por «populares»,

¹⁵ Madalena Henriqueta, segunda filha do segundo casamento da mãe, meia-irmã de Pessoa, nascida em 1898, faleceu no dia 25 de junho de 1901.

¹⁶ Ver Anexo I, fig. 8.

¹⁷ Ver Anexo I, fig. 9.

¹⁸ Ver Anexo I, fig.10.

atirando pedras à porta. A mãe Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa Pessoa «teve de fugir com os filhos, às escondidas, para Faro» (Lencart, 1987, p. 121).

Outra das habitações onde Fernando Pessoa dormiu, sempre que visitou Tavira, foi na «Quinta da Mesquita», propriedade da «tia Lisbela». A moradia fica numa colina, na «Asseca», a cerca de 3 quilómetros de Tavira, perto da ribeira que dá azo ao «rio Gilão» que atravessa a cidade e desagua no oceano atlântico junto à ilha de Tavira. Como prova do elo estabelecido com os familiares algarvios e alimentado desde o nascimento, encontramos nessa casa da «Quinta» uma «fotografia de D. Maria Madalena Nogueira Pessoa, com Fernando Pessoa ao colo, com o rosto muito aconchegado ao seu. A fotografia é da Fotografia Cunha, rua de Serpa Pinto nº 66, Largo da Albergaria, 4, Muñoz Martinez, Lisboa. O bebé, Fernando Pessoa, terá 2 ou 3 meses talvez» (Lencart, 1987, p. 121).¹⁹ Nas visitas feitas à «tia» durante a vida de adulto, podemos ainda observar no quarto virado a sul, a suposta cama onde dormiu Fernando Pessoa.²⁰

Nas férias de 1901, depois da viagem a Tavira (setembro ou outubro), Fernando Pessoa terá voltado à terra natal dos seus antepassados paternos no ano seguinte. O jovem de treze anos só regressaria a Durban em 19 de setembro de 1902, depois de despachar os papéis referentes ao serviço militar («remissão do serviço militar»). Pessoa ficou sozinho em Lisboa, em casa das tias-avós, depois do padrasto e da mãe terem regressado à África do Sul no final de junho de 1902. Nesse período de verão, terá ido de novo a Tavira despedir-se da família, pouco tempo antes de embarcar rumo a Durban. Uma familiar refere ter lido uma carta de Pessoa, enviada de Durban, em nome pessoal, endereçada à dona da «Quinta da Mesquita» e da casa no «Largo do Jardim d'Alagoa», onde agradece a «hospedagem» oferecida durante as viagens a Tavira:

A Sr^a D. Maria da Cruz Chaves Ortega teve em seu poder algumas cartas de Fernando Pessoa tendo como destinatária a tia Lisbela. Nessas cartas Fernando Pessoa agradecia de Durban a hospedagem concedida pelos parentes do seu pai.

(Fernandes, 1975, pp. 1 e 9)²¹

Entre 1902 e 1905, Fernando Pessoa continuou os estudos em Durban, na África do Sul. Foi neste período que frequentou a «Commercial School» de Durban. Estes conhecimentos comerciais vão servir-lhe de base para a profissão que terá na vida adulta, como «correspondente estrangeiro em casas comerciais» na Baixa de Lisboa. Depois de ter feito o primeiro ano de estudos universitários

¹⁹ Ver Anexo I, figs. 11 e 12.

²⁰ Informação (através de entrevista telefónica) da herdeira da «Quinta da Mesquita», Isabel Sarmiento.

²¹ Consulta efetuada no «Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Tavira», arquivo doado pelo investigador Ofir Chagas. Ver Anexo I, fig. 13. O paradeiro das cartas de Pessoa à «tia Lisbela» é desconhecido. Maria Manuela Pessoa Chaves Ortega, que foi parcialmente criada por «Lisbela», em entrevista a Richard Zenith, «confirmou a informação dada por Pedro da Silveira (em Merelim, 1974, p. 107), de que o primo dela, Rui Santos, um poeta [tavirense] que conhecera Pessoa, tinha ficado com as cartas deste a Lisbela, que planeava publicar, mas estas desapareceram depois da morte dele, em 1962», cf. Zenith, 2022, (Capítulo 34), «Nota 11», p. 1105.

em Durban, «acaba por não conseguir entrar numa Universidade inglesa da metrópole, em Londres, Oxford ou Cambridge» (Bréchon, 1996, pp. 65-66). Apesar de ter sido o aluno mais bem classificado para obter a bolsa de estudo que lhe permitiria continuar os estudos universitários, esse prémio acabou por ser atribuído a um seu colega. Apenas os estudantes que tivessem estado inscritos numa escola de Natal durante os quatro anos precedentes eram elegíveis para a bolsa. A viagem que fizera a Portugal em 1901-1902, com as duas passagens por Tavira, tinha-o desqualificado e, por isso, o prémio foi atribuído ao colega e amigo Clifford Geerdts, «que se serviu dele para estudar em Oxford» (Zenith, 2022, p. 220).

Depois do regresso definitivo a Portugal em 1905, para ingressar no «Curso Superior de Letras» na Universidade de Lisboa, Fernando Pessoa continuou a manter os contactos de proximidade com os familiares algarvios. Após ter desistido do Curso em 1907, acabou a trabalhar como «correspondente estrangeiro em casas comerciais», vindo a instalar em 1909 uma tipografia por conta própria com o dinheiro da herança da avó paterna, Dionísia de Seabra Pessoa. No ano em que colocou a funcionar a sua tipografia «Empreza Íbis, Typographica e Editora», terá ido a Tavira ao funeral do primo «maçon e republicano» Jacques Pessoa. O irmão da «tia Lisbela» morreu no dia 2 de janeiro de 1909 com 61 anos, vítima de tuberculose. Segundo a investigadora pessoana, Teresa Rita Lopes, nessa deslocação, durante as cerimónias fúnebres, terá conhecido Paulo Madeira, o diretor do jornal de Loulé *Povo Algarvio*. Após conversa com o «editor lisboeta», por intermédio da família tavirense, terá decidido passar a imprimir o jornal louletano na tipografia de Fernando Pessoa. Este semanário, auto —denominado «Republicano e anticlerical», em 1910, passou a ser impresso em Lisboa, na «Tipografia Íbis», a funcionar desde novembro de 1909, na Rua da Conceição da Glória, n^{os} 38-40:

Imagino que Pessoa terá ido ao funeral de Jacques Pessoa, falecido em 1909, em que terão comparecido outros correligionários maçons e republicanos, e que a família algarvia, a que Pessoa estava muito ligado, terá estabelecido os contactos. Isso explica que o proprietário do *Povo Algarvio* tenha escolhido essa desconhecida tipografia por estrear, tendo outras, no Algarve e Alentejo, mais à mão —de que, noutras alturas, se serviu. (Lopes, 2013, p.109) ²²

O primeiro número d' *O Povo Algarvio* a inserir o anúncio da «Typographica e Editora» de Fernando Pessoa nas suas páginas é de 12 de março de 1910, N^o 27. Durante cerca de três meses, o

²² Ver Anexo I, Fig. 14.

jornal de Loulé do «Proprietário, Diretor e Administrador Paulo Madeira», foi publicado pela «Íbis» (do Nº 27 ao Nº 41, Sábado, 18 de Junho de 1910), até a empresa encerrar e a tipografia ser vendida. O jornal mudou então de tipografia, para outra de Lisboa, provavelmente arranjada por Pessoa. O Nº 42, *O Povo Algarvio* (Sábado, 2 de Julho de 1910), já foi composto e impresso no «Instituto Geral das Artes Graphicas», na Rua das Pretas, 17, Lisboa. Sairá das rotativas desta tipografia até ao Nº 50 (Sábado, 27 de Agosto de 1910). A partir do Nº 51 (Sábado, 5 de Novembro de 1910) até à última edição (ANNO III - Nº 120, Sábado, 9 de Março de 1912), a impressão do jornal de Loulé passou a ser feita na «Minerva Comercial», em Évora.²³

São vários os descendentes dos Pessoas de Tavira a afirmarem que o «primo Fernando» visitou a cidade pelo menos cinco ou seis vezes na idade adulta, mas as inúmeras cartas que trocou com a «tia Lisbela» perderam-se [ver nota 29] e apenas duas dessas viagens estão documentadas (Zenith, 2022, p. 502).²⁴ Consultado o diário de Fernando Pessoa de 1913, escreveu no dia 30 de março, que pediu dinheiro ao amigo Geraldo Coelho para poder ir a Inglaterra e ao Algarve. E já tinha escrito à «tia Lisbela» uns dias antes:

27-3 (Quinta) Escrevi à tia Lisbela e para o Natal (datando de 25). (...) 30-3 (Domingo) Em casa até às 2 horas. Das 2 1/4 às 4 1/2 em casa de António Ferro a ouvir-lhe três [?] peças.— Leu duas.— Depois para a Baixa com ele. Fui para a Brasileira, estive falando com o Rajanto, e depois com o Coelho. Saí e fui jantar ao Imperial com o Coelho. Prometeu arranjar-me 100 000 réis para a minha viagem a Inglaterra, e para a minha viagem ao Algarve 30 000 réis para o fim da semana.

(Pessoa, 1966, p. 32)²⁵

Segundo escreveu nesse diário de 1913, Pessoa planeava fazer uma visita a Tavira para ir ver a prima em segundo grau que tratava por «tia Lisbela», conforme terá sugerido ao amigo Sá-Carneiro, que em resposta o incentivou, preocupado com a sua saúde, a levar a efeito a projetada viagem à terra algarvia: «(...)Ir para o Algarve, olhe que talvez lhe fizesse bem(...)» (Sá-Carneiro, 2015, p.88).²⁶ Esta carta enviada de Paris, onde à data vivia Sá-Carneiro, indicia uma vez mais, dando suporte à base do tema da presente dissertação, uma relação muito próxima, por parte de Pessoa, com

²³ Hemeroteca Digital do Algarve, (<https://ualg.pt/hemeroteca-digital-do-algarve>), acedido em 24/01/2024.

²⁴ O biógrafo não especifica quais são as «duas viagens documentadas» a que se refere.

²⁵ Diário de Fernando Pessoa, Fevereiro - Abril de 1913.

²⁶ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 26 de fevereiro de 1913.

o Algarve e em particular com a «tia Lisbela». Os dois correspondiam-se regularmente e não o faziam apenas para trocar notícias e cumprimentos amigáveis, sendo ela era um dos seus principais credores.

No Verão de 1910, quando encerrou a ruínosa tipografia, devia à familiar algarvia cinquenta mil reis, uma dívida a que ela provavelmente renunciou, antes de lhe emprestar ainda mais dinheiro. A lista mais atualizada de Pessoa, relativamente a dívidas pessoais, incluía vinte e oito mil reis devidos à «tia» de Tavira, um valor bastante mais elevado do que devia a qualquer outro credor. Como salienta o biógrafo Richard Zenith, o poeta para além dos laços afetivos, tinha uma necessidade prática de manter uma relação muito próxima com a familiar algarvia. Em junho de 1913, numa deslocação a Lisboa, Lisbela da Cruz Pessoa Machado encontrou-se na capital com o primo lisboeta. Pessoa aproveitou o encontro para lhe pedir emprestados «mais vinte mil réis» (Zenith, 2022, p. 425).²⁷

Das viagens efetuadas a Tavira, documentadas, faz parte a referida numa carta, «datada de 4 de Outubro de 1914», enviada a Armando Cortes-Rodrigues. Nessa viagem a terras algarvias, Pessoa informou o amigo açoriano que tinha encontrado o António Ferro no Algarve: «(...) Não tenho visto o Ferro. Ele está — vi — no Algarve. Não sei quando volta(...)» (Pessoa, 1985, p. 36).²⁸ Os avós maternos do primeiro «Editor» de *Orpheu* eram naturais de Tavira, onde se terão encontrado, coincidindo essas deslocações de Pessoa e Ferro à terra natal dos seus conterrâneos algarvios.

Um ano depois desta carta reveladora de que o poeta esteve em Tavira, onde se encontrou com António Ferro, no diário de novembro de 1915, Fernando Pessoa apontou no dia 8, que se encontrou em Lisboa, à noite no hotel, com a «tia Lisbela». A familiar tavirense terá permanecido na capital até ao fim do mês. O «sobrinho» Lisboeta anotou no diário, a 29, um novo encontro no hotel. Uma saída noturna que, na opinião do poeta, se revelou «agradável». Depois de um dia «complicado» nas vésperas por causa das dívidas ao primo Mário Nogueira de Freitas (filho da tia Anica, a irmã da mãe). A «questão do dinheiro» foi sempre uma constante preocupação para o poeta, em que nos momentos de maior «aperto financeiro», recorria aos amigos, ao primo Mário e de forma mais assídua, como já observámos, à «tia Lisbela»:

28 de Novembro — (...) O dinheiro do Mário preocupou-me um pouco. (...) 29 - Subitamente resolvi a questão do dinheiro do Mário pedindo-lhe emprestados 10 dólares (+ para botas [livros]) até ao

²⁷ As visitas de «Lisbela» a Lisboa são mencionadas em cartas da mãe a Pessoa. O seu último empréstimo foi registado na lista de dívidas que Pessoa redigiu em 15/11/1913. As cartas da mãe a Pessoa, a que Richard Zenith teve acesso, não são de consulta pública, já que fazem parte da «Coleção dos Herdeiros de Pessoa».

²⁸ Carta de Fernando Pessoa a Armando Cortes-Rodrigues, Lisboa, 4 de Outubro de 1914.

dia 7 de Dezembro. (...) À noite no hotel com a tia
Lisbela, muito agradável.
(Pessoa, 1990, p. 30) ²⁹

Uma das viagens igualmente documentadas é a deslocação de Pessoa ao Algarve feita no âmbito de negócios relacionados com as fábricas de conservas. Segundo o bloco de notas de 1919, escrito em inglês, essa deslocação passou por contactos comerciais com os industriais algarvios das fábricas de conservas:

Investigate as to Sardine & Tunny Canning: (1) As many addresses of m [anu] f [acture]s as possible», Pessoa terá vindo a Faro para estabelecer contactos com industriais de «conservas de sardinha e atum». O plano desta viagem à capital algarvia, indicado numa outra folha do bloco «General list of / Algarve products, / of their producers/ And information/ Concerning them».

(Pessoa, 1990, pp. 164-165) ³⁰

Esta viagem de negócios passava igualmente por falar e obter informações de outros comerciantes algarvios ligados a outros produtos, como seria a venda e compra de frutos secos (figo, amêndoa, alfarroba). Fernando Pessoa terá ficado cerca de uma semana no Algarve (final de agosto de 1919), conforme o livro de registo de hóspedes do «Grande Hotel» de Faro. ³¹

A deslocação ao Algarve, como homem de negócios, tendo em vista a exportação de conservas de peixe e outros produtos algarvios, tem Pessoa como intermediário entre os produtores locais e a empresa de importações e exportações «Agência da Negócios Indeterminados», recentemente criada naquele ano de 1919, pelo primo Mário de Freitas Nogueira. O «correspondente estrangeiro em casas comerciais», como se auto designou na «Nota Biográfica» datada de 30 de março de 1935, chegou a trabalhar para o «primo Mário» em vários momentos da sua atividade nos escritórios da Baixa lisboeta. No entanto, dessa semana passada em Faro a contactar com comerciantes e industriais algarvios, não há documentos que sustentem ter feito qualquer negócio em concreto.

Durante esses dias passados em Faro, hospedado no «Grande Hotel», o «correspondente estrangeiro» escreveu uma carta ao «querido» amigo Luiz de Montalvor (primeiro diretor da revista *Orpheu I*), datada de 30 de agosto de 1919. Pessoa nessa carta, poucas vezes referenciada pelos investigadores e biógrafos, é evasivo e explica apenas vagamente o motivo dessa viagem, revelando

²⁹ Diário de Fernando Pessoa, 1 de Novembro de 1915 a 7 de Dezembro de 1915. Pessoa iniciou o «Diário» em português, passando, logo no terceiro dia, a escrevê-lo em inglês.

³⁰ Ver Anexo I, Fig. 15.

³¹ *Revista de Turismo* (1920, Maio), pp. 132-134.

ao amigo que deve ficar na capital algarvia até «3 ou 4 de setembro». A missiva enviada a Montalvor, sugere que a «viagem ao Algarve» não foi programada com grande antecedência, dado a «tanta pressa», que Fernando Pessoa explicita na carta.

Nas linhas traçadas à mão, depois de contar que vai aproveitar para ir ver a «família do Algarve», Pessoa faz referência a uma «Empresa» que estaria na forja criar, contando com a colaboração de Montalvor. O poeta da «Baixa lisboeta», com raízes algarvias, pede confidencialidade sobre o «projeto», evocando o nome do pintor farense Carlos Porfírio, o futuro diretor da revista *Portugal Futurista* e que estará na origem da relação entre os «futuristas lisboetas» e os «futuristas de Faro»:

Não que eu fosse falar a alguém da Empresa; isso não, nem aqui nem aí, pois se trata de um segredo comercial nosso. Mas poderia acontecer, por exemplo, que alguma pessoa íntima e de confiança do Porfírio, e que saiba do caso e esteja aqui, sabendo da minha estada, e se me conhecesse ou viesse a conhecer, me viesse falar, ainda que em conversa, da Empresa. Mesmo neste caso (porque eu não posso ter a certeza que essa hipotética pessoa seja na verdade da intimidade ou da confiança do Porfírio), ficaria v[ocê] e ele avisados que eu, para não fazer asneira, do mesmo modo direi que ignoro tudo, que não sei nada.

(Pessoa, 2018, pp. 243-245)³²

A empresa, que irá surgir oficialmente dois anos depois com o nome de «Olisipo», começa a aparecer referida a partir de 1919, ainda sem nome definido, embora Pessoa tenha chegado a pensar em batizá-la de «Cosmópolis». A «Empresa» e a revista com o mesmo nome, integrava-se no vasto plano que Pessoa congregava, por volta desse ano de 1919, para lutar contra o que chamava «a nossa descaracterização europeia» e a «nossa descaracterização civilizacional». Alicerçado à «Cosmópolis», rebatizada mais tarde de «Olisipo», estaria a mesma revista de que Pessoa falou, nesse mesmo ano, meses antes, nas cartas enviadas ao amigo olhanense Francisco Fernandes Lopes. O poeta do *Orpheu* designou como linha editorial para a nova edição, uma «publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro». Pessoa também evocou «segredo» ao médico de Olhão, na carta de 26 de abril, nos mesmos moldes da carta que enviará a Montalvor, aquando da futura estadia, em finais de agosto, no «Grande Hotel» de Faro. Nessas três cartas endereçadas

³² Excerto da carta de Fernando Pessoa a Luís de Montalvor, Faro, 30 de Agosto de 1919. Esta carta, «Coleção Fernando Távora», figurou na Exposição realizada aquando do 1.º Congresso de Estudos Pessoaanos, em 1978, com o n.º 67 do catálogo.

anteriormente a Fernandes Lopes, datadas de abril e junho de 1919, já pedira também ao médico, para que não falasse da «revista» a ninguém, dado a mesma estar a ser projetada por «um grupo intelectual» de que Pessoa se dizia secretário. O conteúdo dos artigos a publicar, salientou o lisboeta ao olhanense, deveriam explicitar o repúdio pelos «tradicionalismos vários», como o «católico e o anti-industrialista», e pelo «servilismo para com o estrangeiro». ³³

A «Empreza» que acabou por ser criada, deixou cair o antigo nome de «Cosmópolis» e passou a designar-se «Olisipo», com o objetivo de promover a cultura e o comércio portugueses no estrangeiro e de divulgar, em Portugal, «os clássicos da literatura mundial». Funcionou entre 1921 e 1923, tendo o seu escritório na rua da Assunção, nº 58, 2º, na Baixa lisboeta, com o nome completo de «Olisipo, Agentes, Organizadores e Editores». Foram sócios de Pessoa naquela empresa, Geraldo Coelho de Jesus, engenheiro de minas e administrador das Minas de Porto de Mós, e Augusto Ferreira Gomes, poeta, novelista e jornalista. O logotipo da «Olisipo» foi desenhado por Almada Negreiros. O projeto editorial, previa inicialmente, publicar as obras de Shakespeare, de Coleridge e de Edgar Poe, traduzidas para português por Pessoa, que também traduziria para inglês Espronceda, Camões e Antero de Quental. De um vasto plano, chegou a concretizar-se a publicação, no final de 1921, *A Invenção do Dia Claro*, um poema em prosa de Almada Negreiros. De seu, Pessoa publicou os *English Poems I-II*, integrando uma versão revista de *Antinous* e *Inscriptions*, e *English Poems III*, com *Ephithalamium*.

No início de 1922, a «Olisipo» lançou a segunda edição das *Canções* de António Botto e, nos primeiros meses de 1923, *Sodoma Divinizada* de Raul Leal. A violenta polémica que surgiu depois destas publicações, com poemas homoeróticos, «teria consequências funestas para a Olisipo». A Liga de Ação dos Estudantes, organização de universitários católicos de extrema-direita, promoveu uma campanha junto do Governo Civil de Lisboa e dos jornais, contra a denominada «Literatura de Sodoma». O Governo Civil de Lisboa mandou apreender vários desses livros «ímorais», entre os quais se encontravam os livros de Botto e Leal. A polémica deu origem a dois panfletos de Pessoa: «Aviso por Cauda da Moral», assinado pelo heterónimo Álvaro de Campos e «Sobre um Manifesto de Estudantes», em seu próprio nome. O projeto da «Empreza» «Olisipo» acabaria por se extinguir em 1923 (Freitas, 2008, pp. 559-560).

Quanto à «viagem de negócios» a Faro, naquele final de agosto de 1919, poderia ser mais esclarecedora, caso conhecêssemos a conteúdo da carta enviada ao primo Mário. O dono da empresa de importações e exportações «Agência de Negócios Indeterminados», como refere Pessoa no

³³ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 26 de Abril de 1919. As cartas enviadas por Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, serão analisadas e objeto de estudo mais pormenorizado, no «Capítulo 3. O ortónimo e o Algarve; 3. 1. Edição e projetos literários».

manuscrito enviado a Montalvor, estaria informado dos «detalhes» dessa incursão por terras algarvias: «Uma viagem cujos detalhes o Mário Freitas lhe poderá fornecer, porque os narro em uma carta para ele». Como não é conhecido o original dessa carta, ficamos sem saber de que tratavam esses «detalhes» indicados no escrito enviado para Lisboa, onde o patrão, seu familiar, aguardava notícias suas. O que parece podermos dar como certo, é que durante a estadia em Faro, Pessoa terá aproveitado para ir visitar a «família algarvia» da «província», como adiantou na referida carta a Montalvor: «Como se dá a coincidência de a minha família ser do Algarve, e eu, para vir falar com eles, ter portanto de vir exatamente à província». Em relação à evocada «família do Algarve», da pesquisa efetuada, divulgamos nesta dissertação novos dados, identificamos o último familiar algarvio que usou o apelido Pessoa. O engenheiro agrônomo Jaques Pessoa Rolão (n. Sé, Faro, 16 de abril de 1923 – m. São Domingos de Benfica, Lisboa, 4 de março de 2011), sem descendência, será o derradeiro membro a assinar o cognome com que o poeta da família ficou mais conhecido. O primo, com ligações profissionais ao Instituto Superior de Agronomia, da Universidade de Lisboa, era neto do primo de Tavira, Jacques Pessoa e sobrinho-neto da «tia Lisbela». Segundo amigos e familiares, por nós contactados, o engenheiro agrônomo Jacques Pessoa Rolão, tinha muitas parecenças físicas com o primo poeta.³⁴

A carta, enviada de Faro a Montalvor, evoca ainda a «província», como o local «onde teve início a ideia do [Carlos] Porfírio». A epístola, com carimbo do correio de Faro, sugere que o pintor e poeta futurista algarvio, também estaria ligado à projetada «revista», fazendo parte do «grupo intelectual», que tinha Pessoa como «secretário». Carlos Porfírio, desde a sua formação na Escola das Belas Artes, em Lisboa, embora tenha desistido do curso em 1917 e tenha regressado a Faro, nunca deixou de manter as ligações com o meio literário e artístico da capital, do qual fazia parte Fernando Pessoa. No seguimento desta dissertação, o tema seguinte, objeto de investigação, pretende verificar os elos que Pessoa criou com o «Modernismo» e as novas correntes da «vanguarda», dando a conhecer os laços literários onde o poeta lisboeta privilegiou os contactos estabelecidos com os «futuristas» de Faro, tendo Carlos Porfírio funcionado como um dos elos principais desse vínculo «futurista» conotado com os artistas farenses. Os elementos aqui reunidos, pretendem mostrar como Pessoa acabou por canalizar para Faro, através do grupo associado à secção «Futurismo», publicada no jornal *O Heraldo*, essa sua «adesão» ao movimento «futurista», protagonizado por Filippo Tommaso Marinetti.

³⁴ Consultar «Árvore genealógica paterna de Fernando Pessoa», Anexo III.

Capítulo 2

Pessoa e o Modernismo

Problemas de história e teoria literárias

Neste Capítulo dedicado à relação de «Pessoa e o Modernismo», é nossa intenção dissertar nesta parte do trabalho, assente numa metodologia de certa forma cronológica, sobre o posicionamento que o poeta manteve perante as grandes correntes estéticas europeias.

Na esfera da «teoria literárias», como salienta o professor Manuel Villaverde Cabral, no seu estudo sobre «A Estética do Nacionalismo - Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do século XX», do ponto de vista estético, pode dizer-se que o modernismo literário português foi iniciado pelo poeta Cesário Verde (1855-1886). O nascimento da poesia moderna portuguesa é frequentemente datado dos tempos de Antero de Quental (1842-1819), mentor teórico da “Geração de 1870”. No entanto, apesar do seu grande envolvimento em causas políticas e sociais e da sua contribuição crucial para a ideologia da “decadência” como o principal ingrediente do nacionalismo moderno, Antero permaneceu, do ponto de vista estético, um “neoclássico” e não conseguiu revolucionar a escrita poética do seu tempo. Como o próprio Pessoa disse, “Cesário ensinou-nos a ver”, o que, neste contexto, significa que Cesário Verde foi, de facto, o primeiro a trazer para a poesia portuguesa as «preocupações baudelairianas» com o mundo moderno e as novas atitudes do artista perante a modernidade. Quando, em 1914, foi pedido a Mário de Sá Carneiro para citar as obras principais da literatura moderna portuguesa, este respondeu de modo provocatório: “Frisantemente, o livro do futurista Cesário Verde, ondulante de certo, imenso de Europa, ziguezagueante de esforço” (Cabral, 1999, p. 97).

Manuel Villaverde Cabral, no seu ensaio supra citado (1999), recorda a relação dos modernistas com António Nobre. No caso de Sá Carneiro, que amava as suas «ternuras de pagem, saudades de luar, febres esguias». Mas também Pessoa reconheceu que quando António Nobre «nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um trás consigo (...) é ele ainda, e a vida dele (...) é, afinal, a súpula da vida que vivemos (...) sem outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos» (Pessoa, 1982, pp. 344-345).

Estudar Pessoa e o Modernismo pressupõe estabelecer elos de ligação com as correntes literárias de vanguarda inerentes ao movimento modernista. Neste capítulo, pretende-se fazer uma reflexão, tendo em conta as próprias criações literárias de Fernando Pessoa, com o percurso e linhas de orientação estabelecido pelo poeta dentro dos novos fluxos inovadores oriundos da Europa. Nesse sentido, a dissertação desenvolvida pretende seguir a narrativa, de acordo com o que levou Pessoa a desencadear formas de expressão poética coincidentes com a visão dos «futuristas» de Faro. Ou seja, as «teoria literárias» transpostas para o papel, através da poesia do «ortónimo» ou do «heterónimo»

Álvaro de Campos, como pretendemos demonstrar, levaram à aproximação de Pessoa com o movimento alicerçado ao grupo algarvio criador da secção «Futurismo» do jornal *O Heraldo*, editado em Faro.

Em vários estudos, são apontados como tendo a origem das palavras Modernismo e Vanguarda, em diversos tempos históricos, sido utilizado uma e outra para designar movimentos e correntes de pensamento, de cultura e arte, nos quais predomina o impulso de estar à frente, de rasgar novos caminhos, ultrapassando o tempo presente. Como recorda o professor Vítor Aguiar e Silva, no seu artigo «Modernismo e Vanguarda em Fernando Pessoa», publicado na revista *Diacrítica*, Universidade do Minho (1996), o crítico literário romeno Matei Calinescu, autor de vários ensaios, distinguiu inequivocamente o conceito de Modernismo do conceito de Vanguarda, contrapondo-se à «tendência generalizada nos estudos literários norte-americanos da época para considerar idênticos ou equivalentes os dois termos e conceitos» (SILVA, 1996, pp. 707-708).

De acordo com Matei Calinescu, existe a dificuldade que, de um ponto de vista europeu, não pode deixar de se experimentar ao ver autores como Marcel Proust, James Joyce, T.S. Eliot, Pound, Kafka ou Thomas Mann apontados e estudados como representantes da Vanguarda, ao lado de escritores futuristas, dadaístas e surrealistas. Para o professor romeno, naturalizado americano, entre o Modernismo e a Vanguarda existiu uma estranha relação de dependência e de exclusão, uma relação ambígua que poderá entender-se melhor se a «Vanguarda» for concebida como «uma deliberada e autoconsciente *paródia da própria modernidade*» (Calinescu, 2000, pp. 126-127).

Conforme evidencia o professor Vítor Aguiar e Silva, no artigo supra citado, os artistas da Vanguarda acabam por retomar mitos, símbolos e emblemas do Romantismo. O artista assume-se «como profeta, como sacerdote e guia espiritual; a arte como expressão precursora e reveladora das tendências espirituais e morais, históricas e sociais do futuro». O combate vai no sentido de instituir uma autêntica «artecracia», tendo como objetivo criar um programa que passou pela estatização da sociedade, da política e do Estado, levando ao poder «a Arte e os Artistas revolucionários». Foi neste contexto que Marinetti construiu o ideário «futurista», proclamando, segundo as suas palavras, o «vasto proletariado dos geniais» (Silva, 1996, pp. 712-713).

Esta visão, como projetamos no desenvolvimento deste capítulo, adequa-se a Fernando Pessoa, o qual aparentava ter também como referência esta «religiosidade messiânica» de eleito de «Deus», para «o homem de génio ter uma ação sobre a humanidade». Um credo que já lhe advinha dos seus tempos de jovem estudante em Durban, aquando das leituras de Thomas Carlyle, espelhado na carta enviada ao amigo açoriano Armando Cortes-Rodrigues. Em 19 de janeiro de 1915, Pessoa está convencido de que tem uma «religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio», para intervir, através da sua obra, contra a «futilidade literária». Pessoa estabelece mesmo como objetivo da sua vida concretizar este espírito messiânico: «Ter uma ação sobre a

humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida» (PESSOA, 1985, p. 43).

Tal como demonstra esta carta escrita em janeiro de 1919, o ideário pessoano estava em sintonia com o pensamento arquitetado pelos vanguardistas. O professor e crítico literário Matei Calinescu recordou que toda a questão da Vanguarda se tornou algo confusa, devido ao que poderíamos chamar uma querela de palavras. Esta deveu-se principalmente às conotações positivas do próprio termo vanguarda. Estar na vanguarda significava decerto desempenhar um papel dirigente. «Vanguarda e megalomania encontraram-se muitas vezes juntas» (Calinescu, 2000, pp. 105-106).

Este «papel dirigente» também pode, em certa medida, ser visto à imagem pessoana. O poeta do *Orpheu* nunca deixou de ter em mente um projeto que exprimisse a «modernidade portuguesa». Pessoa teve a necessidade de ser o criador de um novo movimento estético-literário, que designou de «Sensacionismo». Como projetos peculiarmente seus, se bem que pensados sempre como projetos partilhados por amigos e companheiros literários, Pessoa teorizou sobre o «Paulismo», o «Interseccionismo» e o «Sensacionismo», sobretudo entre 1914 e 1916. Isto é, no período de gestação, de florescimento e de ocaso da aventura de *Orpheu*, o que demonstrava bem que tinha o ambicioso desígnio de fazer irradiar a partir do seu pensamento estético e da sua obra poética, utilizando como instrumento privilegiado de difusão a revista *Orpheu*, correntes ou movimentos estético-literários que exprimissem a modernidade portuguesa e que viessem mesmo a alcançar uma dimensão e uma ressonância europeias. Daí, como salienta Vítor Aguiar e Silva, «a sua preocupação persistente em escrever textos em língua inglesa que pudessem dar a conhecer fora de Portugal o Sensacionismo» (Silva, 1996, p. 714).

Para Pessoa o «Movimento Sensacionista» revelado através da revista *Orpheu*, estava no «campo da literatura superior». Neste «domínio aristocrático», assentou o pressuposto de que era criado pelos «melhores» e destinado aos «melhores», mas também, e acima de tudo, um espaço secreto, «cuidadosa e esotericamente vedado aos olhares do público». Essa arte será toda de desdém pelo povo, tal como referiu num fragmento de um texto datado de 1916: «Que essa arte não é feita para o povo? Naturalmente que o não é — nem ela nem nenhuma arte verdadeira. Toda a arte que fica é feita para as aristocracias, para os escóis, que é o que fica na história das sociedades, porque o povo passa, e o seu mister é passar» (Pessoa, 1966a, p. 161).

Fernando Pessoa manifestou assim, invariavelmente, uma atitude de hostil distanciamento e mesmo de orgulhoso desprezo em relação ao vulgo, às multidões, ao povo e à plebe. A sua conceção da arte é intrínseca e radicalmente aristocrática. A arte de massas, a arte que agradava às multidões e que por estas era aclamada, na opinião do poeta da *Mensagem*, não é verdadeira arte e por isso mesmo Pessoa considerava o romance como «o conto de fadas de quem não tem imaginação», ou seja, como um género literário inferior. Esta conceção radicalmente aristocrática da arte conduziu Fernando

Pessoa a contrapor o conceito de *poesia* ao conceito de *literatura*, desqualificando este último pelo seu utilitarismo de genealogia burguesa.

Para o anunciado «supra-Camões», como escreveu no seu primeiro artigo literário publicado em 1912 na revista *A Águia*, intitulado «A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada» (1ª publ. in *A Águia*, 2ª série, nº 4. Porto: Abr. 1912), a poesia, escreverá ele num outro texto, é o expoente máximo da criação artística: «Quando há alguma coisa de belo a dizer em *vida*, esculpe-se; quando há alguma coisa de belo a dizer em *alma*, faz-se versos. A prosa é para a correspondência geral, chamada literatura. A poesia não é literatura: é Arte» (Pessoa, 1990, p. 237).

Nesta conceção de «literatura» e divulgação da «novíssima corrente literária portuguesa», Fernando Pessoa, em 1916, respondeu a um inquérito literário, organizado pelo escritor Eurico de Seabra, onde expôs os «critérios estéticos» do «Movimento Sensacionista». No modelo por si arquitetado, a «arte sensacionista» não se submete a nenhuma «disciplina», tendo o seu ideal «estético» assente no «sentir tudo de todas as maneiras, de sintetizar tudo, de se esforçar por de tal modo expressar-se que dentro de uma antologia da arte sensacionista esteja tudo quanto de essencial produziram o Egipto, a Grécia, Roma, a Renascença e a nossa época». Como resumo do conceito «sensacionista», Pessoa deixou o conselho aos parceiros do novo «movimento», em «que cada um de nós multiplique a sua personalidade por todas as outras personalidades» (Pessoa, 1966a, pp. 122-124).³⁵

Foi fazendo jus a esta máxima que criou os heterónimos, colando a cada um deles, à sua maneira e especificidade própria, o «sensacionismo»:

Diz-se que Alberto Caeiro deplorou o nome de «sensacionismo» que um discípulo seu — é certo que um discípulo um tanto estranho: o Sr. Alvaro de Campos — atribuiu à sua atitude e à atitude que criou. Se Caeiro protestou contra esta palavra por possivelmente parecer designar uma «escola», como o Futurismo, por exemplo, tinha razão. (...) Pois a própria sugestão de escolas e movimentos literários soa mal quando aplicada a um género de poesia tão incivilizada e natural. (...) Sentir é tudo: é lógico concluir que o melhor é sentir toda a casta de coisas de todas as maneiras, ou, como diz o próprio Alvaro de Campos, «sentir tudo de todas as maneiras». (Pessoa, 1966a, pp. 347-352)³⁶

³⁵ Esboço duma resposta de Fernando Pessoa a um inquérito literário, organizado por Eurico de Seabra, em 31 de Abril de 1916.

³⁶ Recorde-se, mais uma vez, que Pessoa sempre escreveu o nome de «Alvaro de Campos» sem o acento agudo no «A».

Fernando Pessoa transportou assim para os heterónimos e aplicou os princípios do novo «critério estético» à poesia assinada por cada um deles. E embora Alberto Caeiro e Ricardo Reis não tenham feito parte da revista *Orpheu*, Pessoa e Sá-Carneiro, nos poemas e poetas escolhidos para dela fazerem parte, procuravam surpreender, agitar mentalidades, questionar os valores estéticos consagrados a escandalizar o bom senso. *Orpheu* representou um momento de rutura e viragem na história da literatura e cultura portuguesa. A revista e o impulso que ela consubstanciou tinham, todavia, significados distintos para os seus participantes. No caso de Fernando Pessoa, *Orpheu* estava intimamente ligada ao «Sensacionismo».

Em alguns dos seus textos teóricos, Pessoa associou estritamente o «Sensacionismo» a Álvaro de Campos (cujo lema, como já lemos aqui, escrito na primeira pessoa através das palavras do ortónimo, é «Sentir tudo de todas as maneiras»), o que já de si é sugestivo, dado ter sido este o colaborador da revista que provocou mais reações e maior indignação nos jornais da época. De um modo geral, porém, Pessoa concebeu o «Sensacionismo» como uma vasta corrente, uma «Grande Síntese» de movimentos anteriores e contemporâneos, e viu – ou acabou por ver – *Orpheu* como o seu veículo privilegiado. No segundo semestre de 1916 terá gizado um plano em que designava *Orpheu* como o «Órgão do Movimento Sensacionista» e, na mesma altura, redigiu um prefácio para uma antologia, em inglês, dedicada aos sensacionistas portugueses – todos «órficos». Nesse texto, figuram os nomes de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Álvaro de Campos e José de Almada Negreiros, mas também de Luís de Montalvor, cuja poesia, embora predominantemente simbolista, denotava alguns «elementos sensacionistas» (Pessoa, 2015, pp. 110-111).

O criador do «sensacionismo traça assim as características «estéticas» de cada uma das poesias dos «poetas órficos»:

O Sensacionismo começou com a amizade entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Provavelmente é difícil destrinçar a parte de cada um na origem do movimento e, com certeza, absolutamente inútil determiná-lo. Mas cada sensacionista digno de menção é uma personalidade à parte e, naturalmente, todos exerceram uma atividade recíproca. Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro estão mais próximos dos simbolistas. Alvaro de Campos e Almada Negreiros são mais afins da moderna maneira de sentir e de escrever. Os outros são intermédios. (Pessoa, 1966a, pp. 148-156)³⁷

³⁷ Texto escrito em inglês atribuído a Campos.

Na realidade, nunca chegou a ir para as bancas o número três e muito menos o quarto número de *Orpheu*, mas o uso da palavra Modernismo ficou para sempre alicerçado aos poetas publicados na revista. O uso da palavra Modernismo foi-se instalando a pouco e pouco. Os primeiros afloramentos históricos importantes da palavra foram a respeito da pintura, quando em 1915 se realizou no Porto uma «Exposição de Humoristas e Modernistas», e em 1916 e 1919, quando houve em Lisboa uma II e uma III «Exposição dos Modernistas». Depois, em 1921, a apresentação que António Ferro fez da conferência *A Invenção do Dia Claro*, designou por Modernismo a arte de Almada, mais a dos três artistas já desaparecidos da sua geração: Sá-Carneiro, Amadeo e Santa-Rita. Assim, o termo Modernismo, designando uma poética nova, já fazia parte do socioleto culto português aquando da publicação da *Contemporânea* em 1922. No início de 1924, quando o *Diário de Lisboa* apresentou excertos de uma conferência de António Ferro no Brasil, o antetítulo que lhe colocou foi o de «Os Modernistas».

Em 1925, José Régio usou o termo na sua tese de licenciatura *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* a respeito da poesia, com a aceção que hoje tem (o que se confirma na publicação, em 1941, da *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*). Na realidade José Régio falava de um grupo modernista muito particular: primeiro vinha «o Mestre» Sá-Carneiro, depois Pessoa, logo Almada, e por fim António Ferro e António Botto. Além disso, José Régio partiu da oposição entre uma tendência nacionalista e a cosmopolita, sendo os modernistas os representantes da tendência cosmopolita e Teixeira de Pascoaes o grande nome da tendência nacionalista. Almada há de realizar em 1926 uma conferência intitulada *Modernismo*, em que propôs um elenco de artistas que é o mesmo da apresentação de António Ferro cinco anos antes, mas acrescentou-lhe os nomes de Pessoa e Eduardo Viana.

Segundo alguns estudiosos da nossa literatura, como o professor Fernando Cabral Martins explicita, esta «conferência» de 1926 poderá ter sido o gesto decisivo para as definições de um Modernismo português, correspondendo a uma afirmação de grupo e de movimento, com referência precisa ao encontro entre poetas e pintores, e com a definição de datas capitais. O Modernismo, segundo Almada, designa a arte e literatura em torno da Vanguarda portuguesa. A própria *Contemporânea*, a ser publicada em 1922 é por Almada definida, nessa conferência seminal, como uma «repetição sem o fogo sagrado» do momento revolucionário anterior (opinião que é corroborada por Pessoa numa carta a Côrtes-Rodrigues, datada de 1923). Mais tarde em 1965, num livro comemorativo de *Orpheu*, Almada há de escrever: «O selo do *Orpheu* era a modernidade. Se quiserem, a vanguarda da modernidade. A nossa vanguarda da modernidade». E a seguir: «Toda modernidade nasce vanguarda» (Pessoa, 2014, pp. 15-24).

Quanto à Vanguarda portuguesa, ela é tão intensa quanto rápida. Corre entre 1914, data em que surge a público o «Paulismo», e 1917, quando se realiza a «Conferência Futurista» em Lisboa e é publicada a revista *Portugal Futurista*. Depois entre 1927 e 1940, é verdade que há na *Presença* um prolongamento do Modernismo, não só porque a ela se se ligam artistas inspirados pela Vanguarda (Júlio, Mário Eloy, Alvarez, António de Navarro, Mário Saa, Manoel de Oliveira), mas também porque oferece todo o reconhecimento crítico aos modernistas, de Raul Leal a Sá-Carneiro. E é mesmo na *Presença* que Pessoa publica a maior parte dos seus textos entre 1927 e 1934. Resumindo, o Modernismo português pode ser associado aos movimentos de Vanguarda, ligados ao grupo de artistas do período de 1912-1925 – Pessoa, Sá-Carneiro, Raul Leal, Coelho Pacheco, Alfredo Guisado, Côrtes-Rodrigues, Luís de Montalvor, António Ferro, José Pacheco, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, Amadeo de Souza-Cardoso e Eduardo Viana. Como salienta o professor Vítor Aguiar e Silva, em «A constituição da categoria periodológica de Modernismo na literatura portuguesa» (1995), *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas*, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses: «Entre o Modernismo e as Vanguardas não existe uma fronteira nítida, pois que entre ambos há interseções, tangências, osmose» (Silva, 1995, p. 32).

Foi na revista coimbrã *Presença* que se fez ecoar o legado cultural da chamada «Geração de Orpheu» e a quem segundo alguns autores, pode ser considerada o órgão cultural de um «segundo Modernismo português». Tendo em linha de conta esta leitura, poderemos dizer que é problemático estabelecer as balizas cronológicas assim como a caracterização genérica do Modernismo. Essa dificuldade, é originada pela confluência nesse tempo histórico-cultural, de múltiplos movimentos de uma forma ou de outra envolvidos na dinâmica modernista, multiplicados no final do século XIX pelos vários «ismos». Uma multiplicação que é evidência de grande efervescência cultural e, simultaneamente, de uma certa crise ideológica – no tempo, do Modernismo essa tendência chegou a assumir contornos exagerados e de provocação deliberada. Neste âmbito da dinâmica modernista, assente na multiplicidade dos vários «ismos», Álvaro de Campos e Alberto Caeiro puderam conviver com Ricardo Reis, sem saírem dos princípios modernistas. Tal como chama a atenção o professor Fernando Cabral Martins: «A arte vanguardista, por mais não-orgânica e não tradicional que seja, não exclui o culto da forma que habita o Modernismo» (Pessoa, 2014, pp. 15-24).

O Ultraísmo, o Criacionismo, o Imagismo, o Vorticismo, o Construtivismo, o Expressionismo, o Cubismo e ainda (no contexto do Modernismo português), o Sensacionismo, o Interseccionismo, um incipiente Paulismo, o Neopaganismo e o Futurismo, são alguns desses «ismos». Deles ficou, nalguns casos, testemunho notório da vocação inovadora e experimental do Modernismo. A complexa e diversificada produção cultural que, nos inícios do século XX, se projetou sobre o Modernismo, condicionou indiretamente as suas linguagens artísticas e os seus temas dominantes, envolvendo outros componentes, nalguns casos de recorte ideológico. Essa «euforia do moderno»,

para o professor de literatura, Carlos Reis, «não pode ignorar-se, no contexto dessa produção cultural, a relevância da psicanálise freudiana e da psicologia de William James». O académico da Universidade de Coimbra evoca alguns exemplos ligados à obra poética de Pessoa:

Um moderno que é o de realidades civilizacionais trepidamente novas e pujantes, celebradas à maneira de Walt Whitman; em muitos casos, contudo, essa euforia desliza rapidamente para o tédio, situado [...] no estágio final de uma evolução que chega a desembocar na dissolução do sujeito (“Não sou nada. Nunca serei nada”, dizem os versos de abertura da “Tabacaria”) e no suicídio [...], o que vem a ser o desenlace patético de um esforço de autoconhecimento, desenvolvido (muitas vezes de uma forma obscura, interiorizada e desligada do social) pelo homem e pela personagem do Modernismo.

(Reis, 2008, pp. 455-465)

Já aqui observamos que Fernando Pessoa nunca quis estabelecer um só «rótulo» associado à poesia de *Orpheu*. Num texto, dessa época (1915), em nome dos «Directores do Orpheu», Pessoa esclarece «para que se evitem erros futuros e más interpretações», denotando desde logo, a preocupação de recusar qualquer designação fixa para *Orpheu*, enumera aquelas que teriam eventual cabimento, não deixando de ser curioso ter usado o termo «modernismo»:

(1) O termo «futurista», que designa uma escola literária e artística possivelmente legítima, mas, em todo o caso, com normas estreitas e perfeitamente definidas, não é aplicável ao conjunto dos artistas de ORPHEU, nem, até, a qualquer d'eles individualmente, ressalvado o caso do pintor Guilherme de Santa Rita, e lamentáveis episódios de José de Almada-Negreiros.

(2) Os termos «sensacionista» e «interseccionista», que, com maior razão, se aplicaram aos artistas de ORPHEU, também não têm cabimento. Sensacionista é só Álvaro de Campos; interseccionista foi só Fernando Pessoa, e em uma só colaboração — a «Chuva Oblíqua» em ORPHEU 2.

(3) O termo modernista, que por vezes também se aplicou aos artistas de ORPHEU, não lhes pode também ser aplicado, por isso que não tem significação nenhuma, a não ser para designar — porque assim se designou — a nova escola pragmatista e exegética dos Evangelhos, nascida dentro da Igreja Católica, e condenada pelo Papa, por excessivamente tendente a procurar a verdade.
(Pessoa, 1993b, pp. 262-263)

No âmbito do tema proposto nesta dissertação e de acordo com o atual Capítulo, em que pretendemos abordar a posição que Pessoa tomou perante o Modernismo, explicitada historicamente, quer nos textos em prosa ou na sua obra poética, enquadrámos a sua passagem por outras correntes literárias antes de conceber a revista *Orpheu*. Uma cronologia de adesão à correntes «estéticas», que o levaram a identificar-se com os «futuristas de Faro», ou pelo menos ter visto neles a possibilidade de publicar a sua poesia e a do amigo já falecido Mário de Sá-Carneiro.

Antes de criar os seus próprios «ismos» (que como acabamos de ver, dizia serem transversais aos vários poetas e artistas que fizeram parte da ficha técnica e do índice dos dois números da revista que chegaram às bancas), Fernando Pessoa tinha aderido à «escola» da Renascença Portuguesa. Esta sociedade, criada no final de 1911, esteve ligada à edição d' *A Águia*. A revista lançada em dezembro de 1910, no Porto, dois meses depois da proclamação da República, propriedade de Álvaro Pinto, a sua primeira série composta por dez números, congregou à sua volta vários intelectuais, entre os quais Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e António Sérgio. Este grupo literário, batizado da Renascença Portuguesa, em janeiro de 1912, lançou a segunda série da revista. Foi durante este período em que o Saudosismo ocupou um espaço central na revista, que Fernando Pessoa fez nela a sua estreia literária, publicando o primeiro artigo de opinião sobre a nova poesia portuguesa: «A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada», em abril de 1912. Foi o texto, em prosa, onde Pessoa aludiu pela primeira vez ao «supra-Camões»:

Pode objetar-se, além de muita coisa desdenhável num artigo que tem de não ser longo, que o atual momento político não parece de ordem a gerar génios poéticos supremos, de reles e mesquinho que é. Mas é precisamente por isso que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra. ³⁸

³⁸ Fernando Pessoa, «A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada», *A Águia*, 2ª série, nº 4. Porto: Abr. 1912.

Depois de anunciar que estaria para breve o aparecimento de um «supra-Camões», Pessoa escreveu novo artigo n' *A Águia*, em maio do mesmo ano, intitulado «Reincidindo» e «A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspeto Psicológico», publicado em três partes, nos meses de Setembro, Novembro e Dezembro de 1912 (Oliveira, 2008, pp. 27-32).

De acordo com esta segunda fase da revista, de cunho marcadamente saudosista, o poeta da «baixa lisboeta» terá lido os versos de João Lúcio (1880-1918) publicados n' *A Águia*. O poeta olhanense publicou o poema «A mulher que tinha um segredo» naquele órgão literário da associação «Renascença Portuguesa».³⁹ A admiração e amizade que João Lúcio e Fernando Pessoa, nessa altura, nutriam por Teixeira de Pascoaes, levou a que ambos estivessem próximos na identificação com o saudosismo perpetuado pelo grupo da Renascença. Não deixa de ser um facto a assinalar esta junção entre Pessoa e o Algarve, através da poesia de João Lúcio. A referência do movimento do Porto assentou na figura de Teixeira de Pascoaes, que conhecera João Lúcio nos tempos de estudante do curso de Direito na Universidade de Coimbra. Por volta de 1889, o jovem candidato a advogado apresentou-se, na «cidade dos estudantes», ao já conhecido poeta Teixeira de Pascoaes e deu-lhe a ler um artigo crítico sobre o livro de poesia de Pascoaes, *Sempre*, que escrevera para o jornal algarvio *O Reino do Algarve*. O citado artigo de João Lúcio, intitulado «Sempre, de Teixeira de Pascoaes», foi publicado na secção «Crivo Literário». O jornal *O Reino do Algarve* (por si fundado), era impresso em Tavira na «Tipografia Burocrática» (1882-1912), propriedade de João Daniel Gil Pessoa, primo de Fernando Pessoa.⁴⁰

Essa gráfica imprimiu o *Jornal de Annuncios*. O título desse semanário taviense, criado por João Daniel Pessoa, acabaria por ser vendido ao conterrâneo José Manuel dos Santos, que lhe deu o novo nome *O Herald* – Antigo «*Jornal de Annuncios*». João Lúcio publicou naquele jornal, entre 1901 e 1910, alguns poemas na secção «Cancioneiro Algarvio». A 25 de fevereiro de 1912 (data da última edição em Tavira), José Maria dos Santos vendeu o título ao pintor e professor Lyster Franco e ao médico João Pedro Sousa, passando então a ser editado em Faro a partir do dia 10 de abril de 1912 (data da primeira edição na capital algarvia, impresso na «Tipografia Democrática», Rua 1º de Dezembro, Faro).

A nova edição saiu para as bancas já só com o nome *O Herald*, deixando cair o subtítulo «Antigo *Jornal de Annuncios*». A partir da data (10 de abril de 1912), contava no cabeçalho (número 1 do Ano I), *Semanário Republicano Democrático*, tendo como manchete um artigo de homenagem a Afonso Costa. O líder do Partido Democrático Republicano era amigo e admirado por Lyster Franco (o republicano algarvio será presidente da câmara de Faro), dando assim ao jornal um cunho político,

³⁹ João Lúcio, «A mulher que tinha um segredo», in *A Águia*, Porto, 2.ª Série, n.º 33, Set. de 1914, pp. 74-78.

⁴⁰ João Lúcio, «Sempre, de Teixeira de Pascoaes», *O Reino do Algarve*, Tavira, I ano, n.º 4, 3 de Setembro, 1899, p. 3. Este jornal era composto e impresso em Tavira. *O Reino do Algarve*, cujo 1.º número saiu em 13 de Agosto de 1899, e de que se publicaram apenas 14 números (o último em 12 de novembro do mesmo ano).

continuando o mesmo a ter um cariz panfletário de ideologia republicana, que já vinha dos tempos de Tavira. Mesmo sendo monárquico, João Lúcio continuou a publicar os seus poemas n' *O Herald* de Faro.⁴¹ O último dos versos do poeta olhanense, teve data da edição da véspera de Natal, 24 de dezembro de 1916. No ano seguinte de 1917, Fernando Pessoa também chegará a publicar poemas no jornal *O Herald*, como daremos nota disso neste estudo.

Depois de ler o poema de João Lúcio «A mulher que tinha um segredo», tudo indica que Pessoa enviou a revista *A Águia* para Paris ao amigo Mário de Sá-Carneiro. A avaliar pelo comentário aos versos do poeta olhanense, o autoexilado parisiense não gostou do que leu. Sá-Carneiro na carta de resposta a Fernando Pessoa, escrita a oito de outubro de 1914, fez um comentário depreciativo ao poema de João Lúcio, inserido naquele número d' *A Águia*:

E *A Águia*, meu Querido Fernando Pessoa, que Alfredo
Guimarães! Ai o L. De Vasconcelos, poeta! e a cegueta
(quero dizer: a mulher do Segredo) do poeta Algarvio...
Ora... ora... O Resto: Teófilo & Álgebra... Nem o
Parreira salva o número. Bolas!...

(Sá-Carneiro, 2015, pp. 285-286)

Mas se Mário de Sá-Carneiro não apreciou os versos do «poeta algarvio», o amigo Fernando Pessoa não comungaria da mesma opinião. João Lúcio acabou por fazer parte da «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», organizada em 1929, por Fernando Pessoa e António Botto. A poesia do poeta algarvio, que depois de acabar o curso em Coimbra acabou por viver e exercer a advocacia na terra natal, tal como Pessoa e Botto, foi muito apreciada e motivo de elogios por Teixeira de Pascoaes. O poeta monárquico, eleito em 1906 pelo Partido Regenerador de João Franco, após a implantação da República, acabaria por viajar com a família pela Europa, regressando a Olhão para construir um «original chalé» na zona dos «Pinheiros de Marim», nos arredores da cidade. Esse retiro algarvio levou a que a sua poesia se mantivesse desconhecida dos críticos e público lisboeta, à exceção de Teixeira de Pascoaes, que com ele, como já vimos, tinha convivido em Coimbra.

O professor António Cândido Franco, no texto «João Lúcio (1888-1918)», incluído n *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* (2008), recorda que «Com a fundação da Renascença Portuguesa e o alargamento da esfera do Saudosismo, Pascoaes preocupou-se em trazer João Lúcio para dentro do movimento, conseguindo a sua colaboração para a revista *A Águia* (nº 33, Setembro, 1914)». Pascoaes comparou João Lúcio, em *Os Poetas Lusíadas* «a Camões, Frei Agostinho e Antero». Mais tarde, já nos meses finais da vida, elegeu-o como o seu único grande

⁴¹ João Lúcio, «A Dor das Pedras», *O Herald* (*Semanário Republicano Democrático*), Faro, Ano V, n.º 361, 24 de Dezembro de 1916, p. 2.

contemporâneo, escrevendo sobre ele um texto capital, *João Lúcio*: «A poesia de João Lúcio, é uma daquelas que um estreito e redutor entendimento do Modernismo enterrou num injustíssimo e escandaloso esquecimento» (Franco, 2008, pp. 421-422).

Fernando Pessoa acabou por se afastar do movimento protagonizado por Teixeira de Pascoaes, criando as duas novas correntes literárias, como já observámos, por si batizadas de «paúlismo» e «sensacionismo», catapultadas para a revista *Orpheu*. A «Renascença Portuguesa», que antes abraçara, acabou por mais tarde a considerar «antagónica» aos dos «ismos» por si criados, enaltecendo a poesia dos «poetas órficos». Segundo a organização da obra pessoana, por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966a), o texto «Modernas Correntes na Literatura Portuguesa» [1916?], em que Pessoa faz o corte com a «Renascença Portuguesa», foi atribuído ao heterónimo Álvaro de Campos.

Tendo ou não essa conotação com a «estética» de Campos, para o «ortónimo», mentor dos novos «ismos», o «sensacionismo» e o «paúlismo» são duas correntes «antagónicas» àquela que é «formada pela Renascença Portuguesa». O texto pessoano refere ainda, que ao contrário da «Renascença», as outras duas correntes, da sua lavra, são «cosmopolitas». Pessoa relaciona o «sensacionismo» com vários géneros e compara-o à «atitude enérgica, vibrante, cheia de admiração pela Vida, pela Matéria e pela Força», identificando as «Modernas Correntes na Literatura Portuguesa» com «Verhaeren, Marinetti, a Condessa de Noailles e Kipling (tantos géneros diferentes dentro da mesma corrente!)» (Pessoa, 1966a, pp. 125-126).

Fernando Pessoa foi, como lhe chamou António Ferro, «o grande filósofo do espírito novo». Foi a figura emblemática do movimento modernista e um dos seus grandes criadores, com Sá-Carneiro, Santa-Rita e Almada Negreiros. Pelo contrário, António Ferro, no dizer de José Augusto França, foi quem trouxe ao modernismo português «uma dimensão em certa medida mundana, algo superficial e banalizadora», faceta que, na opinião do historiador, importaria também considerar na literatura modernista. Para Almada Negreiros, em 1930, o modernismo português hesitou, nas artes como na literatura, entre uma «maneira de ser» e uma «maneira de fazer» ou «de vestir», melhor dito, entre um «modo» e uma «moda». O modernismo na variante mundana, como maneira de vestir ou moda, parece aplicar-se claramente ao caso de António Ferro. Este teria sido, do grupo em torno do *Orpheu*, como editor do número 1, «aquele que mais perto esteve do público lepidóptero». Este foi o termo depreciativo que Sá-Carneiro cunhou e Pessoa e Almada usaram para caracterizar o meio literário reinante e o público burguês que o *Orpheu* expressamente quis chocar (França, 1991, pp. 99-105).

O historiador Manuel Villaverde Cabral assinalou no modernismo português uma força desestabilizadora da 1.ª República, cuja «legitimidade cultural» teria sido «minada» por modernistas

e futuristas – e cita os nomes de Pessoa e Ferro, que assim teriam contribuído, direta ou indiretamente, para a destruição do regime republicano e para o advento do regime autoritário que lhe sucedeu (Cabral, 1999, pp. 193-196). No entanto, António Ferro não contribuiu com qualquer trabalho para os números publicados do *Orpheu* e o seu nome não constava dos projetos de continuação da revista em 1915-17, como não constava em 1925, quando Pessoa planeava uma segunda fase da revista. A sua única contribuição para o *Orpheu* de que há registo está numa nota do espólio de Pessoa que diz ter Ferro angariado algumas assinaturas para a revista. Meses antes do aparecimento do *Orpheu*, em carta a Côrtes-Rodrigues de 4 de outubro de 1914, Pessoa informava ter decidido não incluir Ferro numa projetada antologia poética do «interseccionismo, por ele ser «ainda muito criança, social e paulicamente» (Barreto, 2010, pp. 1-10).

Ao contrário de muitos outros «poetas órficos», António Ferro também não fez parte dos escolhidos para serem inseridos na «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», organizada em 1929, por Fernando Pessoa e António Botto. Nesse ano, saíram apenas três fascículos, na revista lisboeta da «Solução Editora»,⁴² acabando por vir a ter uma edição completa em 1944, num só volume, já só sob a orientação de Botto. Dos poetas «apontados» por Pessoa, à data de seu falecimento, que contaram com o seu aval para serem incluídos naquela «coletânea», tidos como colegas «órficos» que passaram pelos dois números de *Orpheu*, constavam os seguintes nomes: «O Lord» de Mário de Sá-Carneiro, p. 21; «Soneto» de Ângelo de Lima, p. 43; «Rondel do Alentejo» de José de Almada Negreiros, pp. 139-141; «Infante» de Luís de Montalvor, p. 155; «Arabescos» de Alfredo Guisado, p. 183; «O Menino de Sua Mãe» de Fernando Pessoa, «ortónimo», pp. 127-128 e o «Poema» do «heterónimo» Álvaro de Campos, que começa com o verso «Vem, Noite antiquíssima e idêntica», pp. 93-98.

As «Odes» de Ricardo Reis, pp. 89- 90, e «O Oitavo Poema de O Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro, pp. 73-82, que não entraram em *Orpheu*, foram também inseridos por Botto, numa «sincera homenagem» a Pessoa. Segundo o parceiro de edição escreveu na «Marginália», ao volume póstumo, Reis e Caeiro também são Fernando Pessoa: «fixando o seu nome» aos «heterónimos», «que são seus nomes também», nesta «Antologia de Poemas Portugueses Modernos» (Botto & Pessoa, 1944, p. 188).⁴³

⁴² «(...)Revista de Lisboa, ligada à publicação em fascículos de obras eruditas de história e genealogia, e publicada de 1929 a 1931. Até ao n.º 5 é dirigida por José Pacheco [autor do desenho da capa do nº1 da revista *Orpheu*], que sai, segundo se diz na revista, para relançar a *Contemporânea*, e depois por Rogério de Figueiroa Rego. O facto é que esses primeiros números parecem um reassomo do ímpeto modernista, com a publicação de nomes tão próximos de Pessoa como Luís de Montalvor, António Botto ou Raul Leal, e tão afins como Mário Saa, Carlos Queirós ou até José Régio. De resto, a revista ganha um valor especial pelo facto de nela Pessoa ter publicado pela primeira vez dois trechos do *Livro do Desassossego* já associado a um novo nome, Bernardo Soares. Mas Álvaro de Campos também participa com um poema, Adiantamento, de resto republicado no Cancioneiro do I Salão dos Independentes em 1930, além da private joke, que já encontramos em Athena, de entrar em diálogo com Pessoa(...).» In Fernando Cabral Martins (2024), «Revista da *Solução Editora*», *Modernismo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*. <https://modernismo.pt/>

⁴³ Do conjunto, «quasi concluído quando Fernando Pessoa faleceu», ao lado do «Poema» de Álvaro de Campos, aparecem os versos de «Sensações Desconhecidas», de João Lúcio. O poema do poeta olhanense, terá sido apontado por Pessoa, para fazer parte desta

Dos cinquenta e um poemas inseridos na «Antologia», excluindo o «Poema de Cinza», de António Botto, em «Memória de Fernando Pessoa», e da «sincera homenagem», com a inclusão de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, todos terão tido a aprovação do poeta d'«O Menino de Sua Mãe». Da cerca desta meia centena de poetas, aprovados os nomes, Pessoa só não terá tido conhecimento de alguns versos, que acabaram por ser selecionados pelo colega de edição:

O seu acordo não chegou a cingir as composições «Cântico Negro» de José Régio, «Canção da Dobadora» de Augusto Pinto, «Nascimento» de Francisco Bugalho, «Imagem» de João de Barros, «Arabescos» de Alfredo Guisado, «Ode ao Mar» de Vitorino Nemésio, «Mãe Povo» de Carlos Queiroz, e «Prece» de Miguel Torga, porque estes autores apesar de apontados à data do seu falecimento, não tinham ao pé dos seus nomes os poemas que eu depois, mais tarde, escolhi.

(Botto & Pessoa, 1944, p. 188)

Conforme escreveu na «Marginália» final da edição póstuma a Pessoa, o coeditor António Botto tinha a certeza que o «poeta dos heterónimos» concordaria em absoluto com a seleção feita, após a sua morte, tal como anuiu totalmente, ainda em vida, com os poemas selecionados, incluindo os poemas dos dois poetas algarvios: «Sensações Desconhecidas» de João Lúcio e «Dionisíacas» de Cândido Guerreiro (Botto & Pessoa, 1944, p. 188). Dos 51 poemas que compõem a edição, foram inseridos apenas os versos de duas poetisas: «António Molarinho» de Maria Manuela (pp. 63-68), e a fechar a «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», figura o «Soneto» de Florbela Espanca, (p. 185).

Esta «Seleta», ou «Antologia», de «poemas portugueses modernos», também acaba por retratar e servir de cenário aos diferentes «estilos literários» que o Modernismo português acabou por englobar. As «linhas» dos versos dos dois poetas algarvios («Sensações Desconhecidas» de João Lúcio e o «Dionisíacas» de Cândido Guerreiro) serão disso exemplo. Se a cronologia do Modernismo em Portugal está «umbilicalmente» ligada à edição da revista *Orpheu*, acabamos por verificar que Fernando Pessoa não se limitou a essa designação generalista, sentindo a necessidade de estabelecer a sua identidade pessoal nas «Modernas Correntes da Literatura» portuguesa.

Ao caracterizarmos a geração do designado «primeiro modernismo», ligada aos nomes de Pessoa, Sá-Carneiro e Almada Negreiros, em rigor, o grupo estava longe de uma «homogeneidade

«seleção» de «poemas Portugueses Modernos» (Botto & Pessoa, 1944, p. 99). Outro dos poetas algarvios inseridos nesta «Antologia», foi o louletano, de Alte, Cândido Guerreiro. O seu poema «Dionisíacas», foi o escolhido para ser inserido na «coletânea» (Botto & Pessoa, 1944, p. 71).

que nem nesses três nomes é possível reconhecer» (Silvestre, 2008, pp. 472-476). Se a questão de saber quando ocorreu o Modernismo português não parece problemática, diferente será definir o que ele foi e qual o seu exato perfil, dado as várias influências e «tonalidades» dos poetas e artistas envolvidos. Segundo a tese de José Augusto França, por exemplo, o Modernismo português, na passagem dos anos 10 aos anos 20, «ao modo de ser» sucedera o «modo de vestir». O Modernismo transforma-se num «quotidiano snobe» e os seus heróis são José Pacheco e António Ferro, culminando na «aventura futurista» de Almada.

Nas teses de Eduardo Lourenço, a génese do Modernismo português passa todo pela «*sub specie* Pessoa». Enquanto o crítico de arte, Augusto França, valoriza como «gestos modernistas válidos» a intervenção futurista do artista-escritor Almada, já para Eduardo Lourenço, o Modernismo é «um episódio da moderna perda da presença do ser no mundo». E sendo assim, este «devir» é «resumido em Pessoa», com um «anexo significativo» mas «derivado» em Sá-Carneiro» (Silvestre, 2008, pp. 472-476).

O «devir» de Fernando Pessoa é o que pretendemos dar a conhecer no subcapítulo seguinte, em que poderemos observar como o criador de outros «ismos» não se inibiu de fazer «aproximações às correntes literárias» dos «futuristas de Faro». O percurso literário de edição de Pessoa «ortónimo», que mediará entre abril e novembro de 1917, mês e ano da *Portugal Futurista*, como se pode ler no seguimento da atual dissertação, levou Pessoa a publicar a sua poesia no jornal *O Heraldo* na «secção Futurismo: Gente Nova».

Os futuristas de Faro

Fernando Pessoa terá estabelecido contacto com o movimento futurista de Faro através de Carlos Porfírio. O estudante da Escola de Belas Artes de Lisboa, futuro diretor da *Portugal Futurista*, durante os anos de curso na capital (1914-1917), frequentava o mesmo grupo de artistas que se reunia no café Brasileira do Chiado. O jovem pintor algarvio era presença habitual nesses encontros, do qual também faziam parte Santa Rita Pintor e Almada Negreiros. Depois de desistir do curso, Carlos Porfírio regressou a Faro em 1917, onde participou na primeira exposição coletiva dos pintores algarvios imbuídos na «vanguarda futurista». A partir desse ano, antes da *Portugal Futurista*, dirige a rubrica «Futurismo – Gente Nova» em *O Heraldo*, dirigido por Carlos Lyster Franco. O diretor do jornal publicado em Faro e antigo professor de Carlos Porfírio, acompanhou as novas correntes artísticas e literárias. Quando em Lisboa é publicada em 1915 a revista *Orpheu*, Lyster Franco, para além de leitor e admirador dos «poetas orfistas», também aderira ao movimento designado de «Modernismo».

No ano seguinte ao *Orpheu*, em 1916, Lyster Franco terá feito um convite a Fernando Pessoa para responder a um «inquérito» de uma pergunta apenas «sobre as correntes e tendências da arte ou da literatura europeia ou contemporânea». No espólio da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) existem dois testemunhos da resposta de Pessoa ao *Heraldo*. Em ambos os testemunhos o tema indicado é idêntico e, apesar de o manuscrito não nomear o destinatário, repete-se nele o tratamento de V. Ex.^a dado por Pessoa ao diretor do jornal no dactiloscrito. Não há indícios de que uma resposta de Pessoa a este inquérito tenha sido completada ou enviada ao *Heraldo* (Pessoa, 1990, pp. 121-123; Pessoa, 1999, pp. 222-225).⁴⁴

Na carta ao «Exmo.º Senhor Director de *O Heraldo* / Faro», Pessoa explica que o que chama «cosmopolitismo expressa-se em literatura não pela preocupação cosmopolita (isso não seria uma expressão mas uma explicação), mas pela admissão a dentro do âmbito literário de todas as formas de sensações, de todos os feitios de literatura». A conciliação que Pessoa propõe é entre o passado e

⁴⁴ O dactiloscrito com a cota 141-5, um texto de duas páginas, endereçado ao diretor do semanário e que não aparenta ter sido acabado, foi publicado pela primeira vez, em *Pessoa por Conhecer. Textos para um Novo Mapa*. Organização, Teresa Rita Lopes. Lisboa, Estampa, 1990, (I), pp. 122-123. A edição *Fernando Pessoa, Correspondência, 1905-1922*, de Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, também publicou a carta referenciada como sendo a resposta de Pessoa ao diretor d' *O Heraldo*, Carlos Lyster Franco, pp. 222-225. Ver texto na íntegra, Anexo II, Docs. 2.

o presente, evocando a criação de uma «escola literária que queira representar a nossa época», sendo uma «síntese viva das épocas passadas todas». O classicismo seria a «expressão do universal e do abstrato», e o «romantismo» a «expressão do pessoal e do concreto». A arte moderna deve, portanto, «buscar exprimir ao mesmo tempo o universal e o pessoal, o abstrato e o concreto» (Pessoa, 1990, pp. 121-122). O resumo da resposta de Pessoa ao inquérito, que não terá chegado a enviar para *O Heraldo*, aparece na última linha e passava obrigatoriamente pelo «sensacionismo»:

A interseção (...) O primeiro processo é um enriquecimento do classicismo; o segundo uma classicização do romantismo; o terceiro um endurecimento do simbolismo. Pela tripla via assim chegamos ao mesmo fim – o sensacionismo. (Pessoa, 1990, p. 123).

O plano da «estética pessoana» como resposta às novas correntes literárias passou sempre pelo «sensacionismo». Na resposta ao *Heraldo* continuou fiel ao seu princípio «órfico», identificando as mudanças sociais e económicas de acordo com o avanço do progresso científico e tecnológico nas alterações do paradigma sociológico de acordo com o «decadentismo» e o «simbolismo». As duas «correntes literárias» que fizeram a apologia da autonomia criadora, na expressão «arte pela arte». O «decadentismo» posicionou-se contra a moral e os costumes burgueses, evocando a evasão à realidade do quotidiano e exaltou o heroísmo individual, explorando o inconsciente de cada ser pensante, não deixando de fora nenhuma região mais extrema da sensibilidade. Fernando Pessoa colocou a estética «sensacionista» na poesia do «engenheiro futurista Alvaro de Campos»: «Sentir tudo de todas as maneiras, / Viver tudo de todos os lados, / Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo, / Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos/ Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo» (Pessoa, 1993a, pp. 165-170).

Os testemunhos literários de «sentimento decadentista», associados a uma onda de pessimismo, pressupunham horizontes de afetação psíquica num «profundo descontentamento e desenquadramento em face da realidade circundante». O «tédio» é um dos fatores que constitui a condição humana ou o fruto da consciência dele na relação que se estabelece entre o homem e a passagem do tempo. Foi uma relação que gerou «perplexidade e que se forma em torno da tentativa de perfazer esse mesmo tempo psicológico ou da fuga a ele mesmo, que se vai consubstanciar numa sensação de impotência sobre as faculdades operativas» (Serrão, 1983, pp. 143-151).

Esta experiência do «Tédio» estava vincadamente presente nos temas mais recorrentes dos poemas publicados na coluna «Futurismo – Gente Nova» do periódico fareense. São ideias sob o signo do desalento perante a vida que acompanhavam alguns dos colaboradores d' *O Heraldo*. Esse tom

marcou uma posição perante a sociedade, levando mesmo a um repúdio pela humanidade, como podemos ler no poema de A. de Queiroz, Resolver – Desfazer: «Não estou morto nem Vivo/ Porque há em mim um conflito/ Uma oposição/ Firmo-me no Equívoco/ Repudio a humanidade/ Aborreço-me comigo». ⁴⁵

O tema do «Tédio», comum aos «futuristas de Faro», fez igualmente parte das ideias que os «modernistas lisboetas» transpuseram para a sua poesia. Fernando Pessoa incorporou em alguns dos seus poemas e escritos literários essa mesma temática, intitulando mesmo um dos seus poemas de «TÉDIO / Não vivo, mal vegeto, duro apenas,/ Vazio dos sentidos porque existo» (Pessoa, 1973, p. 19). Para além do ortónimo, o heterónimo Álvaro de Campos também foi «atingido» por tal sentimento: «Estou cheio de tédio, de nada. Em cima da cama / Leio com uma minuciosidade atómica,/ Lentamente, com uma atenção sem chama,/ A Nova Enciclopédia Maçónica» (Pessoa, 1997, p. 377).

A postura do sujeito misantropo, de natureza anti - social, que concebia o sentido da vida fora dos padrões utilitários e comuns, encontrava nos recentes desenvolvimentos da psiquiatria uma nova significação do seu estado de espírito. A doença mental tornara-se um tema recorrente na sociedade e surgiu no jornal *O Heraldo*, lado a lado com a coluna «Futurismo - Gente Nova»:

Hoje pululam, formam legião, estão quase em maioria os neurasténicos, e a palavra técnica e complicada, não somente é das mais vulgares da terminologia médica, como alcançou popularidade entre o vocabulário corrente do povo. ⁴⁶

A neurastenia, por um lado associada a este desencanto e abulia perante os outros, também não deixa de ter uma matriz de teor filosófico de cariz «nihilista». Esse recurso à doença mental também não deixou de estar associado à revista *Orpheu*. A nova corrente literária foi alvo dessa relação pelos críticos literários da capital, nesse ano de 1915. O algarvio Júlio Dantas, natural de Lagos, escreveu o artigo «Poetas - Paranoicos», *Ilustração Portuguesa*, 19 de Abril de 1915, comparando a «extravagância» dos «rapazes» do *Orpheu* a uma certa «paranoia» similar à «loucura»:

Eu bem sei que o reclame a certas obras é às vezes feito à custa de veemente suspeita de alienação mental que pesa sobre os seus autores. Mas neste caso, como em muitos

⁴⁵ A. de Queiroz, «Resolver – Desfazer», *O Heraldo*, Faro, ano V, nº 375, 1 de Abril de 1917, p. 2.

⁴⁶ Redação d' *O Heraldo*, «Neurastenia», *O Heraldo*, Faro, ano V, nº 389, 8 de Julho de 1917, p. 3.

outros, é justo confessar que os loucos não são precisamente os poetas, mais ou menos extravagantes, que querem ser lidos, discutidos e comprados; quem não tem juízo é quem os lê, quem os discute e quem os compra.⁴⁷

A «alienação mental» evocada por Júlio Dantas na associação feita com a poesia da revista *Orpheu*, não deixará de ter pontos de encontro com os poetas «futuristas de Faro» publicados n' *O Heraldo* e posteriormente na *Portugal Futurista*. Na carta enviada a Adolfo Casais Monteiro (denominada «carta da génese dos heterónimos»), Pessoa evocou como dados autobiográficos essa «neurastenia». Uma patologia que o «ortónimo» também colou ao «heterónimo» de Tavira:

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. (...) Se eu fosse mulher — na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas — cada poema de Alvaro* de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem — e nos homens a histeria assume principalmente aspetos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia... Isto explica, *tant bien que mal*, a origem orgânica do meu heteronimismo.⁴⁸

Essa «parte psiquiátrica» dos poetas modernistas não deixou de ser catapultada para a vanguarda «estética» conotada com a poesia futurista. O «Ultimatum» assinado por Álvaro de Campos na *Portugal Futurista* será disso exemplo. Como podemos deduzir, após termos dado a

⁴⁷ Júlio Dantas, «Poetas-Paranóicos», *Ilustração Portuguesa*, 19 de Abril de 1915.

⁴⁸ Carta dirigida a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, escrita no reto de 8 folhas. Além do documento transcrito, proveniente do arquivo de Adolfo Casais Monteiro, existem no espólio da Biblioteca Nacional duas cópias a papel químico da mesma carta, provenientes do espólio de Fernando Pessoa (BNP/E3, 72-31-38 e BNP/E3, 72-39-46) - ambas com pequenas emendas à mão idênticas às que constam da carta enviada. 1ª publ. inc. in *Presença*, nº 49. Coimbra: Jun. 1937. *Recorde-se de novo que Fernando Pessoa escreveu sempre 'Alvaro' sem o acento agudo no 'A'.

conhecer na presente dissertação o convite de Carlos Lyster Franco a Fernando Pessoa para responder ao «inquérito sobre as correntes e tendências da arte ou da literatura europeia ou contemporânea», o «Futurismo» era já conhecido pelo diretor do jornal *O Heraldo*. O pintor e professor em Faro, Carlos Augusto Lyster Franco, tinha tido contacto com a nova corrente literária, depois do anúncio feito através do artigo do jornalista Joaquim Ribeiro de Carvalho, quando aquele periódico algarvio ainda tinha sede em Tavira.

O texto de Ribeiro de Carvalho publicado nas páginas d' *O Heraldo* foi das primeiras referências em Portugal ao designado «pai do Futurismo». ⁴⁹ O conhecido republicano escreveu o artigo «Futurismo» (*O Heraldo -Antigo «Jornal de Anuncios»*, Tavira, 1 de agosto de 1909), dedicado a Filippo Tommaso Marinetti e às suas ideias futuristas. O italiano publicara no jornal *Le Figaro* (1909), de Paris, um famoso manifesto em que mostrou a sua oposição às fórmulas tradicionais e académicas, expondo a necessidade de abandonar as velhas fórmulas e criar uma arte livre e anárquica, capaz de expressar o dinamismo e a energia da moderna sociedade industrial. Para além do que já foi referido por alguns investigadores, ⁵⁰ não foi só o *Jornal de Notícias*, do Porto, e o *Diário dos Açores*, de Ponta Delgada, a darem notícia do «Manifesto do Futurismo» de Marinetti. Uma das primeiras publicações a fazer referências à nova «corrente literária» foi o jornal algarvio *O Heraldo*, através do citado artigo «Futurismo».

Foram vários os escritores e poetas a escreverem poesia e prosa para publicarem n' *O Heraldo* em Tavira, impresso na «Tipografia Burocrática», propriedade de José Maria dos Santos, antes de Carlos Lyster Franco comprar o título e passar então a publicar o jornal em Faro (a partir de abril de 1912). O professor e pintor farenses Lyster Franco já escrevia para *O Heraldo* na época da publicação em Tavira tal como outros escritores do meio literário português. ⁵¹

⁴⁹ Ribeiro de Carvalho, «Futurismo», *O Heraldo -Antigo «Jornal de Anuncios»*, Tavira, 1 de agosto de 1909 (Nº 1469, ANNO 27º), p. 1., cols. 1,2,3. Joaquim Ribeiro de Carvalho (1880-1942), escritor e poeta natural de Arnal, Maceira, distrito de Leiria, viveu em Lisboa grande parte da vida, ficou conhecido como um dos militantes da Carbonária ligado à Implantação da República. Ver transcrição do artigo, na íntegra, em Anexo I, fig. 16.

⁵⁰ Rita Marnoto, «Futurismo e Futurismos em Portugal», *Revista do Instituto Italiano de Cultura: Estudos Italianos – Portugueses*, n.s., 4, 2009, Dossiê – Futurismo, 1909-2009, pp. 61-75 e Pedro Silveira, «O que soubemos logo em 1909 do Futurismo», *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1981.

⁵¹ Júlio Dantas, natural de Lagos (o do *Manifesto Anti – Dantas* de Almada Negreiros), foi um dos algarvios que escreveu para o semanário tavirense. O olhanense João Lúcio também publicou nas suas páginas alguns poemas, tal como o poeta de Alte (Loulé) Cândido Guerreiro e de Bernardo de Passos (São Brás de Alportel). São muitos os poemas e textos de vários escritores algarvios que escolheram *O Heraldo* para darem a conhecer a sua obra. O jornal algarvio, ainda desses tempos sediados em Tavira, também publicou autores naturais de outros pontos do país: António Correia de Oliveira (São Pedro do Sul, Viseu), que chegará a ser indicado para Prémio Nobel da Literatura em 1933 e irá ser um escritor de referência durante o Estado Novo de António de Oliveira Salazar, foi um dos poetas que publicou poemas n' *O Heraldo*. Um dos autores não algarvios que também preencheu as suas páginas, foi o açoriano Teófilo Braga (2º Presidente da República Portuguesa, em 1915). Outro dos políticos que publicou nas colunas d' *O Heraldo*, foi Manuel Teixeira Gomes (futuro Presidente da República, o sétimo, em 1923). O também escritor Teixeira Gomes, escreveu e foi entrevistado na sua casa em Portimão, ainda nos tempos da edição do jornal em Tavira. Ou seja, dois futuros Presidentes da República tiveram textos publicados n' *O Heraldo*. A feminista Maria Velleda (pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispin, nascida em Faro 1871- morreu em 1955 em Lisboa), foi outra das figuras nacionais que publicou no periódico tavirense.

O jornal acabou assim por assumir um papel cultural, reunindo à sua volta um grupo intelectual para além da região. Será uma escola jornalística e literária para os mais novos. António Crisóstomo dos Santos, filho do diretor do jornal, foi um dos principais animadores das páginas literárias do jornal nos tempos da edição em Tavira. O tavirense era amigo íntimo do poeta olhanense João Lúcio e de outros jovens poetas algarvios a estudarem direito na Universidade de Coimbra, de onde enviavam colaboração da cidade dos estudantes para o jornal editado em Tavira. O primeiro nome com que foi registado o periódico em Tavira tinha no cabeçalho *Jornal de Annuncios*, fundado a 1 de fevereiro de 1883 por João Daniel Gil Pessoa. Este proprietário e responsável do jornal era primo direito do pai de Fernando Pessoa (Joaquim de Seabra Pessoa) e também era proprietário da «Tipografia Burocrática», a gráfica que imprimia o *Jornal de Annuncios*. João Daniel Pessoa, um ano antes de morrer (1901) venderia a «Tipografia Burocrática» (Rua Nova Pequena) e o título do jornal. A última edição em Tavira teve data de 25 de fevereiro de 1912. Ano em que José Maria dos Santos vendeu o título ao pintor e professor Carlos Augusto Lyster Franco e ao médico João Pedro Sousa, passando então a ser editado em Faro a partir do dia 10 de abril de 1912 (data da primeira edição na capital algarvia, impresso na «Tipografia Democrática», Rua 1º de Dezembro, Faro). A nova edição saiu para as bancas já só com o nome *O Heraldo*, deixando cair o subtítulo «*Antigo Jornal de Annuncios*» substituído pelo mote *Semanário Republicano Democrático*.⁵²

Tal como na sua cidade de origem, *O Heraldo* de Faro também aparece ligado às novas correntes artísticas e literárias. *O Heraldo*, a partir de 5 de novembro de 1916 até 26 de agosto de 1917, criou uma secção denominada *Futurismo - Gente Nova*. O grupo de vanguardistas de Faro que se reuniu em torno do jornal, organizou uma exposição na cidade algarvia em maio de 1917. Uma mostra na qual participaram vários artistas algarvios, com destaque para o pintor Carlos Porfírio e cujo catálogo se intitulava «Futurismo». Nesse ano de 1917, apadrinhado pelo diretor do jornal Carlos Augusto Lyster Franco, o jovem de vinte e dois anos Carlos Porfírio foi o escolhido para dirigir a rubrica *Futurismo - Gente Nova* n' *O Heraldo*.⁵³

Perante esta nova corrente estética a que o grupo de jovens vanguardistas algarvios aderira, o diretor decide dedicar umas páginas do jornal, com a secção «Futurismo - Gente Nova». Lyster Franco informa os leitores da nova decisão da «Redação» d' *O Heraldo*:

⁵² O nº 1 editado a partir de Faro, tem como manchete um artigo de homenagem a Afonso Costa. O líder do Partido Democrático Republicano era amigo e admirado por Lyster Franco. O republicano algarvio será presidente da câmara de Faro, dando assim ao jornal um cunho político, continuando a ter um cariz panfletário de ideologia republicana, que já vinha dos tempos de Tavira. Teve como colaboradores algumas das individualidades de destaque da cena política e artística. São colaboradores do jornal os escritores Júlio Dantas, Julião Quintinha, Ana de Castro Osório, José Dias Sancho, Guerra Junqueiro, Mateus Martins Moreno, Raul Pousão Ramos, entre outros. A primeira edição a partir da capital algarvia d' *O Heraldo*, tem data de 10 de Abril de 1912 e o último número a sair para as bancas tem data de 26 de Agosto de 1917. Cerca de três meses antes de dar à estampa a *Portugal Futurista* [Novembro de 1917]. Quando a revista lisboeta foi editada, *O Heraldo* já deixara de ser publicado.

⁵³ Carlos Porfírio (1895-1970) é um artista multifacetado, poeta, pintor, cineasta, museólogo, etnólogo (fundou o Museu Etnográfico de Faro, atual Museu Regional do Algarve) e foi aluno de Carlos Augusto Lyster Franco (1879-1959) no Liceu de Faro.

O incremento que entre nós vem tomando o «Futurismo» (...), e as constantes solicitações que de vários adeptos de tal escola nos têm sido dirigidas para que publiquemos no *Heraldo* algumas das suas composições futuristas, ao que aliás de muito bom grado já temos acedido, levamos a ampliar a nossa secção «Gente Nova» que fica desde hoje consagrada aos futuristas.⁵⁴

Lyster Franco publicará alguns poemas naquela «secção» com o pseudónimo *Kernok*. Tal como Carlos Porfírio, que assina *Nesso*, o filho Mário Lyster Franco também usa o pseudónimo *Fontanes* nos poemas publicados. Em «*Miss Edith! / Ave dourada!*», Mário Lyster Franco fez uso nos versos de onomatopeias e de caracteres destacados a negrito, ilustrando assim as letras ou palavras, característica da poesia e imagética futurista:

Miss Edith! / Ave dourada!.....

Luar!...Luar! / (...)

– Gemante da minha alistridente Fantasia!.../

Eh-Oh!...Eh-Oh!... yyy!... ⁵⁵

O responsável da secção «Futurismo – Gente Nova» assinou o «*Orientes*», com o pseudónimo *Nesso*, dedicado aos «*Futuristas do Herald*». Carlos Porfírio evoca «*k 4 – O quadrado Azul*», de Almada Negreiros, apelidado de «génio do mundo», com muitas onomatopeias à mistura, característica da poesia da vanguarda futurista:

ORIENTES

Aos **Futuristas** do **Herald**

os únicos que me podem Sentir

(...) Encanta-me a vertigem do automóvel,
mas só a vertigem sem o automóvel.

EH! LÁ! Pelos cartazes das grandes corridas

⁵⁴ Redação d' *O Herald*, «Futurismo», *O Herald*, Faro, ano V, nº 367, 4 de Fevereiro de 1917, p. 2.

⁵⁵ Mário Lyster Franco, (*FONTANES*), Faro, 10-3-1917, in *O Herald*, 29 de abril de 1917, Ano V, Nº 379, p. 2, col. 4.

EH! LÁ! Pelas grandes chapas de zinco
encanudadas.

Os grandes Arsenais!

O movimento escravo das grandes Fábricas!

Tinco – Tan – Zantes – Zantes – PÁ – Pim – Tingo!!!

EH! LÁ! Selvagens!!! // **k 4 – O quadrado Azul** /de / Joalmada

Fitai o Génio! O único génio do mundo, Almada Negreiros.⁵⁶

Este poema de Carlos Porfírio assinado com o pseudónimo *Nesso*, consegue a proeza de ter sido escrito numa data (15 de maio de 1917) e ter sido publicado numa edição d' *O Heraldo* (29 de abril de 1917) anterior à data apontada em que os versos teriam sido criados pelo poeta.

Uma das características *sui generis* associada aos futuristas do *Heraldo* foi terem publicado, quase todos, os poemas sob anonimato. O professor Nuno Júdice foi dos primeiros a estudar a poesia publicada n' *O Heraldo*, apontando esse dado nas pesquisas efetuadas. O académico algarvio, natural da Mexilhoeira Grande, Portimão, chamou desde logo a atenção para o facto dos poetas terem assinado com pseudónimos os versos impressos no suplemento «Futurismo - Gente Nova». Nuno Júdice recordou que nem Almada Negreiros ou Fernando Pessoa «deixaram registo conhecido da sua opinião» acerca d' *Heraldo*. A ligação aos «futuristas de Faro», na opinião de Júdice, terá derivado da «força da relação entre Santa-Rita e Carlos Porfírio, também ele pintor e também ele afrancesado». Essa aproximação entre os dois pintores terá estado na origem e surgido como «principal estímulo a esse grupo de Faro» (Júdice, 1993, pp. 13-16).⁵⁷

Os modelos do «grupo de Faro» são mesmo os ditos futuristas de Lisboa, sendo os mais futuristas de todos Santa-Rita Pintor e Almada Negreiros. Em carta enviada para Faro, ficamos a saber que foi criado o «Comité Futurista de Lisboa», na qual Santa-Rita e Almada felicitam o jornal pela publicação do suplemento «Futurismo»: «O Comité Futurista que temos a honra de representar junto de V. Ex^a. incumbe-nos de manifestar o reconhecimento que ao *Heraldo* de Faro é devido pela nobre atitude de solidariedade e acolhimento».⁵⁸

O «Comité Futurista» congratula-se assim pela abertura do jornal fareense à nova estética literária. Santa-Rita Pintor, que proclamava ter sido encarregue pessoalmente por Marinetti de

⁵⁶ Carlos Porfírio (*NESSO*), Faro 15-5-1917, in *O Heraldo*, 29 de abril de 1917, Ano V, Nº 379, p. 2, col. 2. Ver Anexo I, Fig. 17.

⁵⁷ O professor e poeta Nuno Júdice, recentemente falecido, Lisboa, 17 de março de 2024, nasceu a 29 de abril de 1949 na Mexilhoeira Grande, em Portimão, tendo sido pioneiro na pesquisa e investigação dos textos editados na secção *Futurismo – Gente Nova* d' *O Heraldo*.

⁵⁸ Carta de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, com o título: «Futurismo / Comité Futurista», Lisboa, 15 de Julho de 1917, in *O Heraldo*, 5 de Agosto de 1917, Ano V, Nº 393, p. 1 (primeira página). Ver Anexo I, Fig. 18.

difundir em Portugal os manifestos do «Futurismo», vê em *O Herald* a possibilidade de divulgar a nova corrente artística. Recorde-se que Santa-Rita viveu em Paris na mesma altura em que Mário de Sá-Carneiro, Amadeu de Sousa Cardoso, Eduardo Viana e Carlos Porfírio. Os artistas portugueses só regressaram a Portugal depois de se ter dado início à Primeira Guerra Mundial. Santa-Rita Pintor e Carlos Porfírio mantiveram os laços artísticos, vindo o pintor algarvio a ser o autor gráfico e diretor da *Portugal Futurista*.⁵⁹ A revista onde Fernando Pessoa acabou por publicar o poema *Ultimatum*, cujos versos são considerados os mais «futuristas» que alguma vez escreveu, assinados pelo «Engenheiro Naval e Poeta Futurista Alvaro de Campos».

Será essa relação entre Santa-Rita e Carlos Porfírio, mantida ao longo desse período de 1917, que possibilitou estabelecer o contacto com Almada e Pessoa. Como veremos de seguida, no desenvolvimento da nossa dissertação, essa identificação com os «futuristas de Faro», levou à publicação de poemas daqueles dois «órficos» no jornal editado na capital algarvia. *O Herald* representa na obra de Pessoa o reconhecimento da sua poesia numa edição de cariz «futurista» antes da revista editada em Lisboa ter chegado às bancas. *A Portugal Futurista* tem n' *O Herald* o precursor dessa corrente literária que acabou por relacionar a obra do «ortónimo» com o Algarve.

⁵⁹ Dada a inexistência de publicitação prévia ao aparecimento da revista, é apenas através de um mapa astral que Pessoa fez (presente no Espólio na BNP) que temos conhecimento de uma data de surgimento (e venda de primeiro exemplar - 31 de Outubro, às 9h) e de apreensão da revista (2 de Novembro). Apreendida pela polícia pouco depois de posto à venda, segundo Fernando Pessoa, a apreensão deu-se quando a revista, tendo escapado por uma «sorte inexplicável» à censura prévia que vigorava em tempo de guerra, se encontrava já nas montras das livrarias. A polícia, condescendente, consentiu que «os rapazes salvassem o maior número de exemplares que pudessem» (SIMÕES, 2017, p. 451). Ver Anexo I, Fig. 19.

Capítulo 3

O ortonimo e o Algarve

Edição e projetos literários

Da lista de projetos de livros e revistas que Fernando Pessoa pensou editar em vida, fez parte a publicação proposta ao homem das letras natural de Olhão, Francisco Fernandes Lopes (1884-1969). O plano desta revista, a ser editada nos moldes idealizados por Pessoa, será mais um exemplo da relevância que pretendemos dar nas ligações que a obra do poeta dos heterónimos estabeleceu com os meios literários algarvios. O médico olhanense e Pessoa conheceram-se em Lisboa, nos tempos em que o aluno de medicina (terminou a licenciatura na Faculdade de Lisboa em 1911), frequentava os mesmos meios literários que o poeta da baixa lisboeta. Como contou Francisco Lopes, os dois frequentadores das tertúlias literárias, terão travado conhecimento na «Brasileira do Chiado», sendo o «centro de toda a fermentação modernista e futurista» (Lopes, 1942, pp. 296-297).⁶⁰ Almada Negreiros no seu livro *A Invenção do Dia Claro*, editado por Fernando Pessoa na *Olisipo*, escreveu uma dedicatória no exemplar oferecido ao amigo de olhão: «Para o dr. Fernandes Lopes e apesar de me pedir para não pôr mais nada quero dizer-lhe que ele está para mim, no meio da primeira fila dos que estão à frente disto tudo» (Negreiros, 1924).

Fernando Pessoa, na primeira carta escrita ao médico olhanense, em abril de 1919, começou por evocar uma conversa tida, cerca de dois anos antes, junto à «arcada do Teatro D. Maria II». Desde os anos de estudante, o médico olhanense e o autor da *Mensagem*, nunca perderam o contacto, trocando impressões sobre o panorama da vida literária e artística nacional. Mesmo depois de ter regressado em definitivo à terra natal, Francisco Fernandes Lopes nunca deixou de acompanhar as novidades literárias da capital, onde se deslocava para assistir a diversos acontecimentos culturais. Numa das viagens a Lisboa, para assistir ao espetáculo dos «bailados russos de Diaghilev, em fins de 1917», Pessoa e Francisco Fernandes encontraram-se junto à bilheteira do Teatro Nacional. No final do bailado, a conversa seguiu noite fora pelas ruas de Lisboa, até de «madrugada», como contou o médico, revelando essas cartas «inéditas» na revista *Seara Nova*, numa evocação a Fernando Pessoa sete anos após a sua morte:

Devo acrescentar que quem falava quási sempre era eu, reduzindo-se Pessoa a provocar-me as respostas e os considerandos, numa intimidade de compreensão admirável. Nunca esqueci o clima

⁶⁰ Ver Anexo II, Docs. 3.

espiritual dessa longa palestra peripatética; e ele parece que também se não esquecera da formidável galhofa em que o pobre do Bergson fora por nós amortalhado com a sua funambulesca «intuição supra intelectual» e a sua charlatanesca «durée contracte».

(Lopes, 1942, pp. 296-297)

Dois anos mais tarde, numa carta datada de 20 de abril de 1919, Pessoa recordou aquela noite em que deambularam pelas ruas de Lisboa, tendo a conversa andado à volta do filósofo francês Henri Bergson, laureado com o Nobel da Literatura, em 1927. Depois da evocação memorial, Pessoa propõe nas linhas seguintes a Francisco Lopes a «publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro». O artigo pensado para ser escrito por Francisco Lopes tinha como base a sua dissertação acerca do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), evocando a conversa tida naquela noite lisboeta. O poeta modernista adiantava ao médico que embora a revista fosse escrita por portugueses, «será publicada em francês e inglês». (Pessoa, 2007, pp. 177-178).⁶¹

Ao analisarmos as duas cartas, com intervalos de poucos meses, entre abril e agosto, é notório que a publicação da «revista» é contemporânea do «projeto» da «Empreza» da «Cosmópolis», de que Pessoa falará posteriormente, na carta enviada a Luiz de Montalvor (30 de agosto), aquando da futura estadia no «Grande Hotel» de Faro. Na missiva de 20 de abril, Pessoa terminou o escrito datilografado enviado para Olhão, apelando ao patriotismo do médico, para que colaborasse com a revista:

V. tem dúvida em colaborar connosco? Que diabo! Os homens, cuja raça descobriu novos mares e novas terras, bem podem abalançar-se hoje a descobrir que não há talento a descobrir nos burocratas internacionais da influência intelectual. Posso, podemos, contar consigo?

(Pessoa, 2007, pp. 177-178).⁶²

A orientação da revista, projetada por «um grupo intelectual» de que Pessoa se diz secretário, deveria ser a do repúdio pelos tradicionalismos vários, como o católico e o anti-industrialista, e pelo «servilismo para com o estrangeiro». ⁶³ Depois de lhe pedir segredo sobre a ideia da revista, no *postscriptum*, de «20 de Abril», Pessoa desenvolve o assunto numa outra carta. No intervalo dos seis

⁶¹ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 20 de Abril de 1919.

⁶² Ver carta na íntegra em Anexo II, Docs. 4.

⁶³ Manuela Parreira da Silva, «Francisco Fernandes Lopes», *Modernismo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, acedido em 27/11/2023.

dias que medeia as duas cartas, recebeu a resposta de Francisco Fernandes Lopes. O médico colocou algumas «reticências» a escrever para a revista o tal artigo solicitado por Pessoa (Lopes, 1942, pp. 296-297).

Após receber a carta do Algarve, cujo amigo médico não guardou cópia, Fernando Pessoa alude na resposta ao lado «destrutivo» que Fernandes Lopes teria apontado à revista projetada. Na carta datada de 26 de abril, o «secretário» da revista explica em pormenor em que consiste essa parte «destrutiva» assumida como tendo dois fins: «O fim abstrato, intelectual e universal de destruir o que é falso, e o fim nacional, concreto e próximo de aliviar de más influências a mentalidade portuguesa». (Pessoa, 2007, pp. 178-183).⁶⁴

Uma das originalidades desta carta, é a referência, por parte do remetente lisboeta, ao uso de pseudónimos na assinatura dos futuros artigos projetados para a revista de cariz europeia. O destinatário em Olhão é informado de que pode «usar os que quiser», desde que «sejam nomes portugueses (por a revista ser feita só por portugueses)». Pessoa aconselha ainda Fernandes Lopes, no âmbito da criação dos pseudónimos, a que tenham uma «pseudopersonalidade», com «aparência de nomes reais» para «manter o carácter dramático que essa obra impõe» (Pessoa, 2007, pp. 178-183). Esta revista projetada por Pessoa, previa a colaboração do heterónimo «nascido em Tavira». Como confidencia ao amigo olhanense, que lhe terá feito a pergunta numa carta escrita e enviada ao poeta lisboeta, entre 20 e 26 de Abril, o plano editorial incluía logo no «primeiro número» um artigo do «companheiro de psiquismo Alvaro de Campos» intitulado «Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas», seguindo-se a «tradução do Ultimatum» que o mesmo senhor publicou no «Portugal Futurista» (Pessoa, 2007, pp. 178-183).

Entretanto, como não lhe chegou resposta, Pessoa escreveu de novo para Olhão. A nova carta, datada de 1 de junho, já dava conta do provável falhanço do projeto, substituído talvez pelo do jornal *Acção*.⁶⁵ Um jornal fundado em 1919 (n.º 1, de 1 de Maio), órgão do «Núcleo de Acção Nacional», tinha como responsáveis Geraldo Coelho de Jesus (diretor), Carlos de Noronha (editor) e Fernando Pessoa, seu principal, senão único redator. Um jornal onde o poeta evocou a ditadura de Sidónio Pais, assassinado a 14 de dezembro de 1918. No n.º 2, Pessoa colaborou com um longo artigo de fundo, «A Opinião Pública», que continuou nos dois números seguintes, onde tentava demonstrar como a democracia moderna é inimiga da opinião pública, pelo seu carácter anti social, antinacional e antipatriótico. No n.º 3 do jornal, última edição a ir para as bancas, inseriu uma fotografia de Sidónio Pais, com o epíteto «Grande Morto» a toda a extensão da primeira página, «provocando (para gáudio de Pessoa) tumultos nas ruas de Lisboa, com queima de muitos exemplares do jornal, e manifestações

⁶⁴ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 26 de Abril de 1919. Ver carta na íntegra em Anexo II, Docs. 5.

⁶⁵ Manuela Parreira da Silva, «Francisco Fernandes Lopes», *Modernismo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*.

de fúria dos sectores democráticos». O poema «À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais», projetado para o n.º 4, acabou por já não sair no periódico sidonista *Acção*.⁶⁶

A publicação sidonista, na qual Pessoa escreveu quase todos os artigos, coeva das epístolas trocadas com Francisco Lopes, é referido na terceira carta datada de 1 de junho de 1919, enviada ao amigo médico. Pessoa terá feito chegar a Olhão dois exemplares do jornal com os textos escritos por si: «Você viu os dois números do jornal *Acção*? Creio que mandaram para aí. Escrevi lá artigo e meio, porque o do segundo número só concluí no número 3, que sai a 5 do mês presente» (Pessoa, 2007, p. 183).⁶⁷

A revista projetada por Pessoa acabou por nunca sair e o jornal *Acção* também acabaria por deixar de ser publicado a partir do terceiro número. O plano da «revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro», é transversal a todo este período de 1919, quer nas cartas a Francisco Fernandes Lopes ou na carta a Luiz de Montalvor. Um projeto que, em parte, só seria consubstanciado com a criação da «Olisipo» em 1921. A ideia fundamental é sempre promover a «cultura portuguesa no estrangeiro», que já advinha dos tempos de *Orpheu*. Na altura da saída da revista dos «poetas órficos», em 1915, Pessoa escreveu a Miguel de Unamuno uma carta que acompanha o envio da revista, na qual solicita um «comentário crítico» na imprensa espanhola acerca da poesia dos «poetas modernistas» portugueses inseridos na *Orpheu 1*. O autor do «Drama Estático – O Marinheiro», pediu a Miguel de Unamuno «a sua opinião sobre a nossa revista e a literatura que contém – opinião essa que, se pudesse ser dada através da imprensa, como julgamos que a nossa iniciativa merece, duplamente nos seria grata» (Pessoa, 2007, p. 111).⁶⁸

Esse pretendido «comentário crítico», em relação aos versos dos poetas publicados na *Orpheu 1*, nunca terá sido tornado «público», nem se chegou a «produzir» na imprensa espanhola qualquer «opinião» por parte de Miguel Unamuno. O Reitor da Universidade de Salamanca e crítico literário, sempre dedicou «escassa atenção aos jovens escritores modernistas ou vanguardistas» (Delgado, 2008, pp. 870-871).

A ideia de consubstanciar numa «revista» que desse a conhecer no «estrangeiro» a literatura portuguesa, esteve presente, desde os tempos de *Orpheu*, na cabeça de Pessoa. Foi um plano de edição, como acabamos por verificar neste nosso estudo da obra do poeta, que acabou por cimentar os laços com os homens das letras e das artes do Algarve. O convite de Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, para fazer parte da «ficha técnica» da dita «revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro», justifica-se, dada a admiração que o poeta lisboeta tinha para com o médico de Olhão. Essa admiração recíproca, levou o poeta da *Mensagem* a tecer elogios a Fernandes Lopes durante as

⁶⁶ Manuela Parreira da Silva, «Acção», *Modernismo, Arquivo Virtual da Geração de Orpheu*, acessado em 10/12/2023.

⁶⁷ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 1 de junho de 1919. Ver carta na íntegra em Anexo II, Docs. 6.

⁶⁸ Carta de Fernando Pessoa a Miguel de Unamuno, Lisboa, 26 de março de 1915.

conversas tidas com Leonardo Coimbra. Segundo o médico de Olhão, teriam sido essas referências elogiosas que levariam posteriormente Leonardo Coimbra, enquanto «ministro da Instrução Pública», nesse mesmo ano de 1919, a convidar Francisco Fernandes Lopes para «assistente de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa»:

Sem me conhecer pessoalmente – só ouvindo falar de mim a amigos comuns (e sei hoje que o principal fora Fernando Pessoa), Leonardo Coimbra, ministro da Instrução, convidara-me, um dia, por telegrama, para assistente de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa. Médico em Olhão, minha terra, desde havia pouco, impossível me era aceder. Declinei, pois, agradecendo e explicando.
(Lopes, 1950, pp. 223-224) ⁶⁹

Esta admiração de Pessoa, demonstrada com o antigo parceiro das conversas literárias, era mútua. Francisco Fernandes Lopes, que chegou mais tarde, em 1923, a aceitar o convite pelo mesmo e de novo como «ministro da Instrução» Leonardo Coimbra, para assumir o cargo de «professor e diretor» da «Escola Primária Superior de Faro», nutriu toda a vida um grande apreço pelo poeta do «Mar Português», levando o médico a colecionar recortes de jornais onde foram sendo publicados artigos sobre a poesia de Fernando Pessoa. Os «Recortes de Jornal» reunidos por Fernandes Lopes,⁷⁰ são constituídos por diferentes artigos sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa, da autoria de vários escritores e críticos literários nacionais. O médico olhanense foi guardando ao longo dos anos, conforme pode ser consultado no seu «Fundo Documental», os artigos de jornal e revistas com referências a Pessoa, já depois da morte do «poeta dos heterónimos».

Vimos, assim, que a relação mantida ao longo do tempo entre os dois homens da cultura ligados à literatura, levaram a que acompanhassem mutuamente a interpretação que cada um deles ia tendo em relação à atualidade das novas correntes literárias. Ficou demonstrado, através da comunhão por parte do poeta lisboeta com o considerado por si ser dos poucos que teria a capacidade de mostrar no estrangeiro a grandeza intelectual da cultura portuguesa, o apreço que Pessoa tinha por Francisco Fernandes Lopes. Não deixou de ser elucidativo disso mesmo o facto de Pessoa ter partilhado com o congénere algarvio os projetos literários consubstanciados em revistas a editar assim como a sua reação efusiva à resposta afirmativa de Fernandes Lopes. Na carta de 26 de abril de 1919, Fernando

⁶⁹ Leonardo Coimbra pertenceu ao grupo inicial da criação da revista literária de Coimbra, *Presença*, juntamente com Miguel Torga, Adolfo Casais Monteiro, José Régio e João Gaspar Simões. Foi duas vezes Ministro de Instrução Pública (1919 e 1923). Foi um dos fundadores, em 1912, da «Renascença Portuguesa», tendo por órgão a revista *A Águia*.

⁷⁰ Cf. «Fundo Documental Francisco Fernandes Lopes» [SR: D/2.], in Arquivo Municipal de Olhão António Rosa Mendes.

Pessoa relata desta forma como recebeu a notícia após ter chegado a carta remetida de Olhão: «Tive uma grande alegria ao saber que poderíamos contar com a sua colaboração».⁷¹

Esta constante troca de impressões literárias entre Pessoa e Francisco Fernandes Lopes também poderão ser interpretadas como um permanente acompanhamento da criação literária produzida e editada na região algarvia. Provavelmente, o médico olhanense também pertenceu ao grupo de parceiros das antigas lides literárias lisboetas que foi colocando Fernando Pessoa ao corrente do que se passava no Algarve e em particular na sua capital. As páginas seguintes desta dissertação pretendem acrescentar e especificar alguns dados relativos aos estudos já efetuados sobre a relação que Fernando Pessoa estabeleceu com os «futuristas de Faro» através da publicação de poemas n.º *O Herald*.

No âmbito das várias investigações já efetuadas, importa sublinhar o trabalho de Nuno Júdice, já anteriormente por nós referido, tendo sido o primeiro a estudar em detalhe os poetas e poemas publicados na secção «Futurismo-Gente Nova» do jornal algarvio. Como salientou no estudo efetuado (*Poesia Futurista Portuguesa - Faro 1916-1917*), *O Herald* acabou assim por se tornar uma referência na ligação da obra de Pessoa ao Algarve.

Como já observamos, depois de Tavira, *O Herald* passou a ser editado em Faro a partir de 10 de abril de 1912. Foi para a nova sede na «Rua 1.º de Dezembro», onde funcionava a «Redação, administração, composição e impressão», na «Tipografia Democrática», que Fernando Pessoa enviou os seus versos e os de Mário de Sá-Carneiro. Se usarmos como termo de comparação literária o poema «A Casa Branca Nau Preta» publicado na secção («Futurismo – Gente Nova») d' *O Herald*,⁷² com os poemas escolhidos por Fernando Pessoa para a *Portugal Futurista*, talvez faça sentido a observação feita pelo crítico literário João Gaspar Simões. O primeiro biógrafo de Pessoa, salientou que os poemas publicados na *Portugal Futurista*, em seu nome próprio, tal como «A Casa Branca Nau Preta», publicado uns meses antes no jornal de Faro, não têm nada a ver com a poesia de carácter futurista. Gaspar Simões, evocando os versos dados à estampa por Pessoa em publicações de índole «Futurista», resume assim a análise crítica: «O futurismo não metia dente» (Simões, 2017, pp. 525-543).

A título póstumo, Mário de Sá-Carneiro, pela mão do amigo no papel de editor, foi mesmo o primeiro poeta do *Orpheu* a ser publicado nas colunas do jornal algarvio, com o poema «Dispersão».⁷³ Pessoa, como depositário deste espólio de Sá-Carneiro, enviou ainda para publicação na coluna «Futurismo» d' *O Herald*, o poema «Arte-Luz».⁷⁴

⁷¹ Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 26 de Abril de 1919.

⁷² Fernando Pessoa, «A Casa Branca Nau Preta», *O Herald, Futurismo – Gente Nova*, 1 de Julho de 1917, Ano V, N.º. 388, p. 2, col. 2. Ver Anexo I, Fig. 20.

⁷³ Mário de Sá-Carneiro, «Dispersão», Paris – Janeiro 1913, in *O Herald, Futurismo – Gente Nova*, 18 de Fevereiro de 1917, Ano V, N.º 369, p. 2, col. 2. Ver Anexo I, Fig. 21.

⁷⁴ Mário de Sá-Carneiro, «Arte-Luz / Além», Paris – Maio 1913, in *O Herald, Futurismo – Gente Nova*, 15 de Abril de 1917, Ano V, N.º 377, p. 2, cols. 2 e 3. Ver Anexo I, Fig. 22.

A publicação destes poemas de Mário de Sá-Carneiro, ditos «futuristas», num jornal com uma secção com nome de «Futurismo», pode ser visto com alguma ironia, fruto do batismo «futurista» que Sá-Carneiro atribuíra à poesia do heterónimo de Pessoa, denominado Álvaro de Campos. De acordo com os contactos literários e artísticos estabelecidos em Paris, segundo a interpretação de Gaspar Simões, foi de Sá-Carneiro e Santa-Rita Pintor que Pessoa recebeu as ideias «futuristas». Tendo como referência as cartas enviadas de Paris por Sá-Carneiro, o primeiro biógrafo pessoano defendeu a versão de que Pessoa recebeu do autor d' «O Esfinge Gorda» o que no movimento havia de «validamente estético», funcionando como um «movimento sedutor para o aspeto da sua personalidade voltada para tudo quanto fosse novo e inédito no campo da literatura e da arte». De Santa-Rita, disse Gaspar Simões, que adquiriu através do mesmo movimento o que nele «fervilhava de truculento e de autoritário, de bélico e de patriótico, de agressivo e de político» (Simões, 2017, pp. 496-497). Em carta enviada de Paris, a «13 de Agosto de 1915», Mário de Sá-Carneiro anunciava a Fernando Pessoa ter comprado a antologia «futurista», *I Poeti Futuristi*, acabada de sair: «(...) É uma antologia abrangendo Marinetti e muitos outros poetas. (...) Em acabando de ler o cartapácio (uma semana) vou-lho mandar em presente. (...) Já lá descobri um Fu fu. Cri... cri... Cocurucu... Is-holò..., etc., muito recomendáveis (...)» (Sá-Carneiro, 2015, pp. 350-352).

Quer dizer que em «Agosto de 1915» o «futurismo» representava para Sá-Carneiro e Fernando Pessoa qualquer coisa de «muito recomendável» pela sua excentricidade. E era a excentricidade – mas a excentricidade interpretada pelo seu aspeto ao mesmo tempo renovador e agressivo, pelo que significava como descoberta no domínio da sensibilidade e pelo que valia como escola de combate ao «lepidopterismo» lisboeta – que parecia atrair Sá-Carneiro para o «futurismo». De resto, já em 1914, quando escrevera a sua *Ode Triunfal* [*Orpheu* N.º 1, Janeiro-Fevereiro-Março 1915, pp. 77-83] Pessoa, assinando como heterónimo «Alvaro de Campos», dera largas às inovações «futuristas» (Simões, 2017, p. 528).

Textos (colaboração n' *O Herald*; quadras).

Ao descrevermos neste trabalho a colaboração de Fernando Pessoa em *O Herald*, estabelecemos uma perspetiva diacrónica dessa participação e inter – relação entre os «futuristas de Faro» e o «Comité Futurista de Lisboa». Nesse enquadramento ao período aludido, tal como João Gaspar Simões não viu «futurismo» nos poemas de Mário de Sá-Carneiro publicados na *Portugal Futurista*, em novembro de 1917, também a investigadora pessoana Teresa Rita Lopes não vislumbrou nos versos de Sá-Carneiro e Pessoa, publicados em *O Herald*, entre abril e julho desse mesmo ano de 1917, uma vanguarda «futurista». O rótulo da secção «Futurismo» teria mais a ver com inovação e modernidade já que a «estética páulica» dos poemas de Sá-Carneiro nada tiveram que ver com o «Futurismo» mas sim como esse neo-simbolismo, assim chamado por Pessoa, cruzado com o tal «Paulismo» e «Interseccionismo», que foram ambos inventando (Lopes, 2008a, pp. 127-133).

Se Fernando Pessoa fugiu à «estética futurista», já Almada Negreiros, de acordo com essa auréola de «musa inspiradora», teria dado ênfase à continuidade desse seu período «futurista». Como membro do «Comité Futurista de Lisboa», o «apóstolo do futurismo» publicou naquele semanário editado na capital algarvia, na edição de «17 de Junho de 1917», os poemas «Litoral» e «Belfast», impregnados da tal «estética futurista». ⁷⁵ A publicação do poema «Litoral» fora anunciada em destaque no número anterior, de «10 de Junho de 1917». ⁷⁶ Os versos de Almada, dedicados ao pintor Amadeo de Souza-Cardoso, evocavam «a lua a mijar na cisterna». Perante tal linguagem vernácula, e adivinhando o escândalo que isto poderia gerar num meio pequeno como Faro, o pintor e diretor do jornal Carlos Augusto Lyster Franco, recusou-se a publicar o poema «Belfast», que continha o citado verso. O filho de Lyster Franco, o jovem Mário avançou com a solução para ultrapassar o problema da eventual edição do poema de Almada. Em vez da palavra «mijar» se publicasse antes «mia». E foi assim que os versos saíram no jornal: «a lua mia na cisterna». Perante o autor tratar-se-ia de uma gralha e para o público não passaria de uma bizarrice futurista, pois que a lua jamais poderia «mijar» ou «miar» numa cisterna (Mesquita, 1984, pp. 135-146).

⁷⁵ Almada Negreiros, «Litoral»; «Belfast», *O Herald, Futurismo – Gente Nova*, 17 de junho de 1917, Ano V, Nº 386, p. 2, cols. 4 e 5. Ver Anexo I, Fig. 24.

⁷⁶ «No próximo numero: LITORAL, / Grande poema extraordinário e sibilante do poeta futurista/ José de ALMADA NEGREIROS», anúncio n' *O Herald, Futurismo – Gente Nova*, 10 de junho de 1917, Ano V, Nº 385, p. 2, col. 4. Ver Anexo I, Fig. 23.

Se tivermos em linha de conta o projeto em que estavam imbuídos Almada e Pessoa, contemporâneo a este período de 1917, do lançamento da *Portugal Futurista*, talvez faça sentido terem publicado os seus poemas no jornal de Faro, ficando assim associados à secção com o rótulo de «Futurismo». Pelas razões referidas, se *Orpheu* em 1915 funcionou como realização literária dos poetas de Lisboa denominados de «primeiro modernismo português», em que uma parte dos seus componentes tinham passado por Paris, *O Heraldo* de Faro acabou por ter um papel precursor da vertente «futurista» assumida mais tardiamente pelos «poetas órficos». Fernando Pessoa chegou a escrever em mote próprio, evocando a revista *Orpheu* com várias tendências estéticas (desde o «Paulismo» ao «Interseccionismo»), nunca ter «aceitado» ou «simpatizado» com o «futurismo», ao contrário do «irmão de alma»:

De nós, os primeiros da revista, só Sá-Carneiro, embora não fosse futurista, tinha simpatia pelo futurismo – mais, porém, pelo seu lado de escândalo e barulho do que pelo seu lado artístico, supondo que no futurismo o haja. Por mim, nunca aceitei o futurismo, nunca simpatizei com o futurismo, nunca – nem por blague – escrevi coisa que se parecesse com o futurismo. Bem sei que me chamaram futurista como aos outros, e eu nem me importei nem nada disse.
(Pessoa, 1986b, pp. 69-74)⁷⁷

Se literalmente, como afirmou Pessoa, nunca se identificou com o «futurismo», não deixa de ser mais um dos seus «paradoxos» que no ano de 1917 tenha escolhido exatamente a secção «Futurismo - Gente Nova» do jornal *O Heraldo*, para publicar versos em nome próprio e a título póstumo, do amigo Mário de Sá-Carneiro. Se levarmos à letra as palavras do poeta em relação ao «Futurismo», Pessoa ele mesmo, não tem nada de parecido nos seus versos, com a «Ode Triunfal» (*Orpheu I*) de Álvaro de Campos. No entanto, não deixa de ser curioso, como nota o professor Fernando Cabral Martins, o caso do poema «A Casa Branca Nau Preta», publicado no jornal de Faro

⁷⁷ Fernando Pessoa, textos publicados pelo estudioso do modernismo português François Castex, que os considerou de 1916-1917, in *Colóquio*, I série, Lisboa, n.º. 48, de Abril de 1968. António Quadros incluiu este texto inédito em «*Obra em Prosa de Fernando Pessoa, Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*» (1986). Introdução, organização e notas de António Quadros, Lisboa, Publicações Europa-América, pp. 69-74.

O Herald. Sem a velocidade ou energia associadas ao movimento fundado por Marinetti, o poema recorda antes o Álvaro de Campos extenuado, abúlico, e tem sido frequentemente publicado como uma composição associada à vertente «futurista» do heterónimo. Na realidade *ipsis verbis*, os versos foram assinados: «Fernando Pessoa, Director de *Orpheu*». Como refere o coordenador do *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Pessoa tinha «ampla razão», pois segundo Fernando Cabral Martins, «A Casa Branca Nau Preta» tem elementos do «interseccionismo» e do «Paulismo» que encontramos em obras publicadas no seu próprio nome (Pessoa, 2016, pp. 9-10).

Depois de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor terem dado os parabéns ao jornal algarvio, pela coluna literária vinculada ao «Futurismo», Fernando Pessoa enviou para Faro, nesse julho de 1917, os versos escritos no outono de 1916. O poema (*Inédito*) «A Casa Branca Nau Preta» foi publicado n' *O Herald* (secção «Futurismo-Gente Nova») com o nome do «ortónimo». ⁷⁸ Ao atribuir o poema escrito a onze de outubro de 1916 ao heterónimo de Tavira, os organizadores da primeira edição da poesia de Álvaro de Campos, Luís de Montalvor e Gaspar Simões acabaram por estabelecerem uma certa ambiguidade em relação à paternidade de tais versos. Essa edição pioneira da «Ática» (1944), associou «A Casa Branca Nau Preta» a Álvaro de Campos (Pessoa, 1944, pp. 239-242), tendo o poeta, como assinalamos, assinado: «Fernando Pessoa, Director do *Orpheu*».

Tudo leva a crer que terá sido a denominação do batismo de «poeta futurista», dado ao heterónimo nascido em Tavira, que fez com que os primeiros editores da poesia de Campos o tenham posto a assumir a criação de tais versos. Luís de Montalvor e Gaspar Simões, sendo os primeiros a fixarem os poemas atribuídos por Fernando Pessoa a Álvaro de Campos, terão achado que fazia sentido, dado o nome «Futurismo-Gente Nova» da secção d' *O Herald*, incluir o poema na obra do heterónimo tido como «futurista». As posteriores edições de Teresa Rita Lopes (Pessoa, 1997) e de Jerónimo Pizarro (Pessoa, 2014), já não incluíram o poema na obra do «Engenheiro Naval e Poeta Futurista».

⁷⁸ Cf. «Fernando Pessoa, Director do *Orpheu*», «A Casa Branca Nau Preta», *O Herald*, 1 de Julho de 1917, Ano V, Nº. 388, p. 2, col. 2. Ver Anexo I, Fig. 20.

«A Casa Branca Nau Preta»

De seguida, passaremos a abordar em maior detalhe o poema «A Casa Branca Nau Preta» de forma a enquadrar os versos na corrente estética literária que a poesia do «ortónimo» pressupõe. Ao lermos «A Casa Branca Nau Preta» (assinado, como vimos, por «Fernando Pessoa, director de *Orpheu*», em onze de outubro de 1916, e publicado pela primeira vez em *O Heraldo*, Faro, 1 de julho de 1917), reconhecemos um «eu lírico», que ao apresentar-se reclinado numa poltrona, naquele entorpecimento de um fim de tarde, acabou entregue à introspeção das sensações: «(...) Apesar de as janelas estarem abertas de par em par... / Sigo sem atenção as minhas sensações sem nexos(...)». ⁷⁹

Estes versos estão construídos mediante uma ideia que pressupõe um «estado mental polarizado» através de imagens distintas e contrastantes apresentadas nos versos seguintes: as «naus» que «seguiram viagem», e as «árvores paradas da quinta, vistas através da janela». O contraste está associado à adjetivação, que estabelece uma contradição entre a «mobilidade das naus» e a «fixidez das árvores». Na leitura do professor de literatura portuguesa na Universidade de São Paulo, Caio Gagliardi, essas imagens estarão, em princípio, do lado de fora da janela. O «eu lírico» situa-se diante dessa janela, dentro de um aposento, mas as imagens que vê, ou vislumbra, «fazem-no desejar estar simultaneamente de ambos os lados, dentro e fora». É um desejo de ubiquidade, portanto: «Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos vendo do lado de cá». Note-se que esse contraste entre o que está dentro e o que está fora é similar ao estabelecido no poema IV de «Chuva Oblíqua» [1ª publ. in *Orpheu*, nº 2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915], em que o «eu lírico» se encontra dentro de um quarto silencioso, mas, como ocorre com o sujeito de «A Casa Branca Nau Preta», está «de olhos fechados», e entregue a um devaneio que lhe abre «janelas secretas» para «a paisagem primaveril exterior» (Gagliardi, 2008, pp. 147-148).

O sujeito do poema toma assim consciência de que o que realmente vê são apenas as árvores, uma vez que as naus, ou melhor, os barcos, são, na verdade, «a pintura de um quadro defronte a si». Esses barcos, ele converte em naus, que imagina partirem. É uma consciência, portanto, que sabia que sonhava: «Naus partem – naus não, barcos, mas as naus estão em mim». Eis, na imagem dessas naus oníricas, a metáfora para o que no próprio poema se define como impreciso que embala – «realidade transfigurada pelo eu».

Em «A Casa Branca Nau Preta», o «eu lírico» avista uma casa pela janela, e assim que procura descrevê-la começa a sonhar novamente (com “outros olhos”, portanto) com a nau que se afasta: «E os meus olhos fitos na casa branca sem a ver / São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que se afasta». Essa intromissão constante da imaginação sobre os sentidos fá-lo sofrer, «talvez por não poder entregar-se à exterioridade de suas sensações, talvez porque a nau com que sonha não seja

⁷⁹ Cf. Fernando Pessoa, «A Casa Branca Nau Preta», *O Heraldo*, 1 de Julho de 1917.

capaz de levá-lo a outros mundos: «Aos próprios palácios distantes a nau que penso não leva». Essa «nau preta», sonhada, era uma sombra que se interpôs entre o sujeito e a «casa branca». Uma sombra que, «antes de transportar, impede». É uma ideia que não deixará de ser explorada em outros poemas do «ortónimo» (Gagliardi, 2008, pp. 147-148).

A felicidade alicerçada ao poema está sempre no lugar em que não se está, tal como podemos ler no verso final em «A Casa Branca Nau Preta». O poema publicado em *O Heraldo*, termina com esses versos alusivos a viagens. O último verso «Felicidade na Austrália» será aquele que estava mais de acordo com os ideais «futuristas», correspondendo à secção «Futurismo – Gente Nova»:

Os olhos fechados, a cabeça pendida contra a coluna certa,
E o mundo para além dos vitrais paisagem sem ruínas...
A casa branca nau preta...
Felicidade na Austrália...⁸⁰

O colaborador e dinamizador daquela secção no jornal, Mário Lyster Franco, contou que enquanto presidente da Câmara de Faro em 1932, ao decidir empedrar o atual «Jardim Manuel Bivar», convidou o seu pai para fazer a decoração da calçada. A nau em basalto negro que se encontra no centro do jardim foi desenhada por Carlos Augusto Lyster Franco, inspirado no poema de Fernando Pessoa «Casa Branca Nau Preta», publicado n' *O Heraldo* naquele ano de 1917. E terá sido o próprio Carlos Augusto Lyster Franco, que numa das visitas de Pessoa a Faro, por volta de 1932, lhe pediu autorização para utilizar o poema como modelo para a «Nau» que desejava criar em pedra para o jardim da capital algarvia. Depois da autorização concedida, nasceu a obra que ornamenta o pavimento daquele jardim no centro da capital algarvia.⁸¹

⁸⁰ Cf. *supra*, Fernando Pessoa, «A Casa Branca Nau Preta», *O Heraldo*, 1 de Julho de 1917.

⁸¹ Teodomiro Neto, «Nau Preta», *Folha do Domingo*, 8 de novembro de 2013, p. 1.

«Quadras ao Gosto Popular»

A obra de Fernando Pessoa relacionada com o Algarve, enquanto poesia do «ortónimo», também não deixou de ter na génese as suas raízes algarvias. Na «casa branca» da Quinta da Mesquita da «tia Lisbela», em Tavira, numa das suas viagens, Fernando Pessoa escreveu um par de quadras de cariz popular. Será curioso verificar que a conceção «radicalmente aristocrática da arte» de Fernando Pessoa não o impediu de escrever as denominadas «Quadras ao Gosto Popular». Uma delas, inspirada e dedicada à «tia Lisbela», escrita na casa da «Quinta», durante uma das estadias em Tavira:

A tua janela é alta,
A tua casa branquinha.
Nada lhe sobra ou lhe falta
Se não morares sozinha.
(Pessoa, 1965, p. 72) ⁸²

Não tendo o poeta deixado um plano definido em relação à publicação destas quadras, nem estando a maior parte delas datadas, as suas edições (Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Ática, 1965; Luísa Freire, Assírio & Alvim, 2002), foram feitas de modo a dividi-las em dois grandes grupos. Entre as quadras chamadas «populares», mais rigorosamente popularizantes, muitas há que escaparam ao conceito de «produção popularizante». Se encontramos muitas quadras perfeitas e próximas da sua intenção mimética, da poesia tradicional / popular / oral, outras há que, apesar das características estabelecidas pela estrutura básica e pela métrica em redondilha, «não se podem considerar realmente popularizantes» (Freire, 2006, pp. 9-10).

Muitas dessas quadras, como salienta a professora Luísa Freire, distanciam-se desse pressuposto pelo vocabulário empregue, pela estrutura sintática, pela complexidade temática e até pela semelhança com alguns poemas pessoanos. Outras ainda individualizam-se do conjunto como pequenos poemas autónomos que apenas têm de comum com a «quadra popular» a forma e o ritmo. No aspeto do discurso e da sintaxe, podemos referir, para além das simetrias, das repetições e dos trocadilhos – «distorções, de elipses e de construções onde o emprego dos tempos verbais e o uso da negação assumem as características do conhecido discurso pessoano» (Freire, 2006, pp. 145-159).

Parece consensual e aceite que as «Quadras» sejam, no seu todo, uma das facetas menos importantes no conjunto da obra de Pessoa. Para alguns esta é, de entre as várias vozes do poeta, não só a voz mal-amada, mas até «a voz escondida e envergonhada que não vale a pena citar» (FREIRE, 1999). Depois de ter realizado uma obra genial, o poeta terá escrito cerca de «quatrocentas modestas quadrinhas» para imitar o popular, condensando o poema na sua forma mínima usando a fórmula-

⁸² Esta quadra está registada na decoração da casa da «Quinta da Mesquita» com a indicação: «Quadra inspirada e escrita nesta casa por Fernando Pessoa». Ver Anexo I, Fig. 25.

síntese nacional. O próprio poeta, numa das suas quadras, insere a expressão «versos/ Feitos em modo menor». No entanto, e ao contrário do que possa parecer, na opinião de Luísa Freire, talvez a escrita destas quadras «populares» tenha tido para o poeta uma importância maior do que supomos, «pois, a não ser assim, porque teria escrito mais de quatrocentas composições, quase todas exatamente em 1934 e 1935, os últimos anos da sua vida?» (Freire, 2008, pp. 689-691). Glosando os termos da pergunta colocada pela professora Luísa Freire, citamos o plano abrangente de 1934 onde, a par de outras obras suas, aparecem mencionadas as «Quadras», embora não haja indicação do número ou do tipo de quadras.

Sabemos, através de uma nota de Armando Côrtes-Rodrigues, que Pessoa iniciou em 1908 o seu estudo da poesia portuguesa e, segundo aquele autor, 1908-1909 foi o período de contacto e de «influência» de Garrett, Correia de Oliveira e António Nobre, todos eles ligados, de certo modo, à escrita de quadras integradas na poesia não popular e à revalorização da poesia tradicional e de certos valores nacionais perdidos. Na mesma nota escrita pelo amigo açoriano refere-se também que, após a leitura de Garrett, «Num súbito impulso [...] começa a escrever versos portugueses». São exatamente desse ano as oito primeiras quadras registadas em seu nome (Freire, 2008, pp. 689-691).

Quanto à temática desenvolvida nas «Quadras», observamos que os principais temas e motivos da lírica portuguesa, a nível popular e culto, passam pelo «amor, a saudade, o desdém, ou o vento, a noite, a nuvem, o céu, os olhos, o cabelo, o sorriso, a boca, etc., mas sobretudo o coração». Esta vasta produção de quadras sobre o amor indica, tratando-se de Pessoa em cuja obra o tema não tem peso, «o carácter mimético destas composições». À semelhança dos cancioneiros populares mais antigos, Pessoa usa muitas vezes a estrutura bipartida, formada por dois dísticos aparentemente sem qualquer relação entre si, porque se perdeu a ligação lógica entre os dois membros da quadra: «Eu voltei-me para trás/ Para ver se te voltavas./ Há quem dê favas aos burros,/ Mas eles comem as favas» (Q 93). Este tipo de texto, que aparece nas mais antigas recolhas, devia ter atraído Pessoa pela sua modernidade e pela proximidade de processos usados no seu próprio discurso, para «criar situações de ambiguidade ou de absurdo» (Freire, 2008, pp. 689-691).

As quadras de Pessoa aparecem assim, não só como um documento literário bastante inesperado, vindo de um autor culto, mas também como um testemunho epocal e sociologicamente interessante. Será uma forma de nos dar a conhecer o tempo e o espaço em que o poeta se moveu e os «ambientes» que recriou «usando a pequena forma poética nacional». Estranho seria que lhe passasse despercebida a modernidade deste recurso que tanto se coaduna com o seu próprio discurso (sobretudo em Campos), onde encontramos «processos idênticos para criar situações de ambiguidade a tocar o insólito ou o absurdo» (Freire, 2006, pp. 145-159).

Será neste domínio que poderemos enquadrar as quadras escritas no Algarve ou tendo como evocação as suas vivências algarvias. Dessas viagens ao Algarve, já aqui referidas na atual

dissertação, tudo leva a crer que terá passado por Monte Gordo, como deixou transparecer na quadra inspirada naqueles «ambientes». Numa dessas deslocações, durante o período de verão, terá acompanhado a «tia Lisbela» àquela praia do sotavento algarvio. A familiar tavirense costumava alugar casa de férias naquela aldeia piscatória.⁸³

Na praia de Monte Gordo,
Meu amor, te conheci.
Por ter estado em Monte Gordo
É que assim emagreci.

(Pessoa, 1965, p. 112)

Esta quadra, tal como a escrita na «Quinta da Mesquita», permite-nos estabelecer, conforme nos propusemos no plano estabelecido ao longo da elaboração do «estado da arte» da presente dissertação, pontos de aproximação entre a obra de Pessoa e o Algarve.

São os tais «documentos» literários do poeta com raízes algarvias que também fazem parte da poesia «ortónima» de Fernando Pessoa, funcionando como «testemunho» da época e nos dão a conhecer o «tempo e o espaço» para além dos «ambientes» que o poeta viveu na Brasileira do Chiado ou na «Rua dos Douradores» da Baixa lisboeta.

⁸³ Isabel Sarmiento e Inês Sarmiento, descendentes colaterais de Lisbela Pessoa Machado e herdeiras parciais (juntamente com o irmão José) da Quinta da Mesquita, nos arredores de Tavira, confirmaram-me que a «tia Lisbela» costumava alugar casa de férias em Monte Gordo, durante algum período do verão.

Capítulo 4

Álvaro de Campos e o Algarve

A biografia

A personagem de Álvaro de Campos é tida pelos investigadores e biógrafos pessoanos como de grande importância na relação da obra poética do heterónimo com o autor Fernando Pessoa. Na opinião do amigo de origem francesa, Pierre Hourcade, a tendência «à Álvaro de Campos», na criação literária de Pessoa, terá surgido depois do «epifenómeno» criativo de março de 1914 após a revelação de Alberto Caeiro. Hourcade, estudioso da obra de Pessoa e posterior tradutor da poesia pessoana, recordou a carta para Casais Monteiro, onde «o poeta expressou que Álvaro de Campos apareceu na senda de Caeiro, por derivação oposta a Ricardo Reis, o primeiro discípulo do mestre Caeiro» (Hourcade, 2016, pp. 206-207).⁸⁴

A pela primeira vez que veio a público o nome de «Alvaro de Campos» foi numa carta de Sá-Carneiro dirigida a Fernando Pessoa, em 27 de junho de 1914. O amigo parisiense fez rasgados elogios à poesia atribuída a Campos, embora faça questão de salientar que todos os «heterónimos» fazem parte do «ortónimo»:

Muito interessante o enredo Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos* (devo dizer-lhe que simpatizo singularmente com este cavalheiro). Acho-a perfeitamente maquinada, soberba – mas entretanto será bom não nos esquecermos que toda essa gente é um só: tão grande, tão grande... que, a bem dizer, talvez nem precisasse de pseudónimos... Mas em suma tudo quanto há de mais lúcido, mais interessante, mais natural. Que bela página de história literária!(...) O seu / Mário de Sá-Carneiro/ Ansioso pelas Obras do A[lvaro] de Campos(...).⁸⁵

⁸⁴ No entanto, os dois sonetos assinados «Alvaro de Campos», descobertos e revelados por Maria Aliete Galhoz nas edições Nova Aguilar, nos quais figuram respetivamente escritas a lápis pela mão do poeta, as seguintes indicações: «Lisboa (uns seis a sete meses antes de 'Opiário', agosto de 1913)» e «Londres (uns meses antes de 'Opiário', outubro de 1913)». Contudo, há algo de suspeito nestas aparentes precisões, se considerarmos que, segundo o próprio Pessoa, o «Opiário» foi escrito no início de 1915, ou seja, a distância no tempo entre as datas dos dois sonetos e a do «Opiário» é bem maior que aquela que ele pretende. Por outro lado, a referência a Londres como local de composição do segundo soneto remete-nos para a biografia imaginária de Álvaro de Campos e não para a de Pessoa, que nunca pôs os pés em Inglaterra (HOURCADE, 2016, pp. 462-463).

⁸⁵ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Paris, 27 de junho de 1914. * Sá-Carneiro também escreve o nome próprio do heterónimo sem o acento agudo no 'A'. Cf. SÁ - CARNEIRO (2015), pp. 216-220.

Passados três dias, o amigo parisiense volta a escrever, depois de já ter lido a «Ode Triunfal», entretanto enviada por Pessoa. A primeira obra assinada por Campos merece imensos elogios de Sá-Carneiro, ligando, como já aqui referimos, aquela «Ode» ao movimento futurista: «Não sei em verdade como dizer-lhe todo o meu entusiasmo pela ode do Al[varo] de Campos que ontem recebi. (...) Não tenho dúvida em assegurá-lo, meu Amigo, você acaba de escrever a obra-prima do Futurismo».⁸⁶

Sobre as circunstâncias e a história do aparecimento de Álvaro de Campos, a pedido da *Presença*, Fernando Pessoa começou por dar algumas indicações, em 1928, na «Tábua Bibliográfica» enviada para publicação na revista coimbrã ligada aos «rapazes do segundo modernismo». Pessoa relacionou a poesia «sensacionista» de «índole escandalosa e irritante» do «engenheiro futurista» com o «mestre Caeiro» e com «Walt Whitman»: «Alvaro de Campos, nascido em 1890 (...) produziu diversas complicações, em geral de índole escandalosa e irritante, sobretudo para Fernando Pessoa, que em todo o caso não tem remédio senão fazê-las e publicá-las, por mais que delas discorde».⁸⁷

Como para os seus «irmãos heterónimos», Álvaro de Campos foi contemplado com uma biografia fictícia destinada a reforçar a ilusão de autenticidade da sua existência. No entanto, isso não impediu Pessoa de ter chegado a manifestar a intenção de lançar pseudonimamente o que ele designou como «a obra Caeiro-Reis-Campos», conforme confidenciou ao amigo açoriano Armando Côrtes-Rodrigues, em carta datada de 19 de Janeiro de 1915: «Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar «pseudonicamente» a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros».⁸⁸

Como poemas mais próximos de pseudónimo, estarão os versos daquele que familiarmente tratou como «o meu filho Alvaro de Campos», ou «o meu velho e infeliz amigo Alvaro de Campos». Foi o que mais acompanhou Pessoa *ipse*, chegando por vezes a ser mais um pseudónimo que um heterónimo (Hourcade, 2016, p. 260). Pessoa deu-lhe Tavira por naturalidade e atribuiu-lhe como data e hora de nascimento o dia 15 de outubro de 1890 às 13h30, como registou na carta enviada a Adolfo Casais Monteiro, a 13 de Janeiro de 1935. A designada «carta sobre a génese dos heterónimos» seria publicada pela primeira vez na revista *Presença*, em junho de 1937: «Alvaro de

⁸⁶ Carta de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, Café de France, Paris, 30 de junho de 1914. Cf. SÁ - CARNEIRO (2015), pp. 222-227.

⁸⁷ Fernando Pessoa, «Tábua Bibliográfica», *Presença*, nº 17. Coimbra: Dez. 1928.

⁸⁸ Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, 19 de Janeiro de 1915.

Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo)». ⁸⁹

Foi um horóscopo, que segundo o amigo Augusto Ferreira Gomes, teria sido traçado na quadra do Natal de 1916. Viviam Fernando Pessoa numa casa na rua Cidade da Horta, em Lisboa, onde se costumavam encontrar vários amigos do poeta. Numa dessas noites, em que só se encontravam os dois, Pessoa terá pedido ao amigo para traçar a «carta astrológica», para um hipotético local, data e ano de nascimento. Como contou Ferreira Gomes, em entrevista ao *Mundo Ilustrado*, em dezembro de 1952, a data e a hora do nascimento de Álvaro de Campos terá sido de sua lavra, tendo o imediato aval de Pessoa: «E sem fazer nenhum esforço disse o que primeiro se apresentou no espírito: - Nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890, à 1.30 da tarde... . Fernando tomou nota. “-É curioso! Se o Alvaro de Campos fosse um «ente material», estou certo (embora só visse rapidamente a posição dos planetas) que este horóscopo corresponderia à personalidade que eu criei para ele. Até na parte física! Essa, então, está marcada de maneira flagrante». ⁹⁰ Conforme a entrevista citada, Ferreira Gomes relatou que o facto deve ter «impressionado fortemente» o poeta que na carta a Casais Monteiro sobre os heterónimos escreveu a tal citação «diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo», onde evocou o nome do amigo especialista em estudos astrológicos (Pessoa, 2018, pp. 166-168).

No espólio pessoano não foi localizado até agora o mapa do céu correspondente a estes dados de nascimento. Constam, no entanto, dois horóscopos de Campos que apresentam, ambos, uma outra data e hora de nascimento: o dia 13 de Outubro de 1890, às 13h e 17m. Aquele que parece ser o mais antigo [BNP/E3, 144Y-23v] terá sido realizado em meados de Janeiro de 1917. Na outra carta astrológica [BNP/E3, 90⁶-48r], Pessoa anotou em rodapé, a inglês «Slight indication of insanity», que o horóscopo de «Alvaro de Campos» apontou «pequeno indício de loucura» (Pessoa, 2011, pp. 88-93). ⁹¹

Para além de diferentes datas e horas, o poeta também começou por pôr a nascer o «Engenheiro de Tavira» na capital. A primeira terra natal projetada por Pessoa para Campos terá mesmo sido Lisboa, como dá nota nisso no texto escrito acerca do *Ultimatum* publicado na *Portugal Futurista*. Foi um prefácio destinado a uma tradução do *Ultimatum* para inglês, escrito provavelmente, segundo os investigadores pessoanos, em 1919, onde diz que «Alvaro de Campos was born in Lisbon on the 13th, October 1890»: «Alvaro de Campos nasceu em Lisboa em 13 de

⁸⁹ Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, 13 de Janeiro de 1935 (designada carta sobre a génese dos heterónimos.) 1ª publ. inc. in *Presença*, nº 49. Coimbra: Jun. 1937.

⁹⁰ Augusto Ferreira Gomes, «Fernando Pessoa e os seus heterónimos [excertos]», *Mundo Ilustrado*, nº 7, Lisboa, Dezembro de 1952.

⁹¹ Ver «Horóscopos de Álvaro de Campos», Anexo I, Fig. 26.

Outubro de 1890, e viajou muito pelo Oriente e pela Europa vivendo principalmente na Escócia» (Pessoa, 1966a, pp. 406-411).

Num outro texto, assinado por Frederico Reis, (um autor fictício associado pelos pessoanos a Ricardo Reis, como seu «irmão» ou familiar), é sugerido que Álvaro de Campos é natural de Lisboa. Pessoa associa Campos, Caeiro e Reis à «Escola de Lisboa», em «contraponto» com a «escola de Coimbra», atribuindo-lhes Lisboa como terra natal «comum a todos». Foi a cidade onde os supostos «poetas estudados» nasceram e foram criados. Acaba por ser um fragmento revelador da ambiguidade que Pessoa demonstrou, ao longo dos anos depois da criação literária do heterónimo, em relação à fixação, quer da data e hora de nascimento, assim como ao local onde Álvaro de Campos teria vindo ao mundo: «Todos os membros da Escola de Lisboa dão a impressão de que falam em voz alta, para que toda a Europa oiça. Um movimento como a R[enasce] Portuguesa, por exemplo, é todo em surdina, em segredo. Não há só regionalismo, há, como no passo diria Fernando Pessoa, consciência de regionalismo» (Pessoa, 2016, pp. 433-441).

Este «Folheto», assinado por Frederico Reis, chamou a atenção por parte dos investigadores pessoanos, para o lado paradoxal tão do agrado do poeta. Por um lado, ao estabelecer a ligação de Campos à «Escola de Lisboa» atribui-lhe um estatuto cosmopolita e europeísta, por outra via ao dar-lhe a «vila da província» como local de nascimento introduz-lhe uma conotação mais provinciana e familiar. O Campos cosmopolita, irmão de Pessoa ortónimo, do ceticismo, da dor de pensar, também é o heterónimo que tem «saudades da infância». Talvez se compreenda assim que seja o único heterónimo que comparticipa na vida extraliterária de Fernando Pessoa: «Eu e o meu companheiro de psiquismo, Alvaro de Campos», como já aqui vemos na carta enviada ao médico de Olhão, Francisco Fernandes Lopes. Durante o primeiro namoro com Ofélia Queiroz (1919-1920), Pessoa escreveu no dia 28 de maio de 1920 à namorada: «Tens hoje do teu lado o meu velho amigo Alvaro de Campos, que em geral tem sido contra ti» (Pessoa, 1978, p. 21). Outra carta de amor enviada a Ofélia Queiroz foi mesmo assinada por «Alvaro de Campos», escrita na taberna do «ABEL», onde Pessoa costumava ir beber vinho ou aguardente, considerada a bebida que o poeta mais apreciava. Nessa carta, com data de 25 de setembro de 1929, já durante o segundo namoro (1929-1930), Pessoa considera Campos uma entidade real como se esteja a falar de uma pessoa de carne e osso:

Exma. Senhora D. Ophélia Queiroz: Um abjeto e miserável indivíduo chamado Fernando Pessoa, meu particular e querido amigo, encarregou-me de comunicar a «V. Ex.^a» — considerando que o estado mental dele o impede de comunicar qualquer coisa, mesmo a uma ervilha seca (exemplo da obediência e da disciplina) — que «V. Ex.^a» está proibida de: (1) pesar menos gramas,

(2) comer pouco, (3) não dormir nada, (4) ter febre, (5) pensar no indivíduo em questão. (...) Cumprimenta «V. Ex. ^a» Alvaro de Campos «eng. Naval». 25/9/1929/ ABEL.

(Pessoa, 1978, p.145)

Como contou Alfredo Guisado (amigo dos tempos do *Orpheu*), às vezes Pessoa quando o encontrava na rua dizia-lhe: «Você hoje vai falar com o Álvaro de Campos». E não era só por «blague». «Tinha realmente nesse dia uma maneira de dizer, uma maneira de sentir diversa daquela com que costumávamos encontrá-lo» (PESSOA, 2007, pp. 45-46). Ficou igualmente célebre o encontro de Pessoa em Lisboa com os «rapazes da revista coimbrã» *Presença*, em que se apresentou assumindo a personagem do «alterego». João Gaspar Simões e José Régio, na deslocação à capital em junho de 1930, para participarem no «I Salão dos Independentes» na Sociedade Nacional de Belas Artes, acabaram por se encontrarem com o poeta da «Rua dos Douradores». Uma conversa em que Pessoa falou com Simões e José Régio, assumindo a personalidade identificada com Álvaro de Campos:

O colóquio travado entre Fernando Pessoa, José Régio e o autor destas páginas autobiográficas, não foi ele que ocupou o centro do quadro, o centro do quadro, evidentemente, ocupou-o o autor da *Ode Marítima*. (...) Pois era Álvaro de Campos que nos recebia no café Montanha, naquele domingo de junho desse remoto ano de 1930? Eis um dos aspetos embaraçosos do nosso encontro. (...) E foi assim que, em vez de Fernando Pessoa a receber-nos, tivemos Álvaro de Campos, o «Sr. Engenheiro Álvaro de Campos», o mais «conciso» e, sobretudo, para o efeito, o menos solene dos desdobramentos da personalidade de Fernando Pessoa, «o mais histericamente histórico de [si]». (...) Tímido, como era, sem dúvida alguma, Pessoa, o Pessoa «correspondente estrangeiro», preferiu encarregar o «Sr. Engenheiro Álvaro de

Campos», homem viajado, espírito
«sensacionista», de fazer as honras da casa aos
seus jovens «críticos» de Coimbra.

(Simões, 1974, pp. 59-64)

A seguir a este encontro, Fernando Pessoa escreveu a João Gaspar Simões, em 28 de junho de 1930, desculpando-se pelo facto da conversa não ter sido mais demorada, devido a estar com «pressa»: «Teria gostado de ter falado mais consigo e com o José Régio quando tive a alegria de os ver; mas a pressa não deixou à ocasião mais que o privilégio da oportunidade» (Pessoa, 1982, p. 44). José Régio considerou uma «deceção» este encontro com Fernando Pessoa. A partir daquele momento, o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* «alheou-se» do autor da «Casa Branca Nau Preta» ou da «Ode Triunfal». Régio nunca mais «procurou» ou «escreveu uma linha» sobre Fernando Pessoa (Simões, 1974, p. 63).

Textos

«Notas Sobre Tavira»

Pessoa foi para a poesia portuguesa do século XX motivo de referência para muitos dos poetas que se lhe seguiram. De acordo com o pensamento de Eduardo Lourenço, «não é possível escrever poesia como se a sua experiência não tivesse tido lugar» (Martinho, 2022, p. 137). Esta leitura do filósofo e ensaísta serve de referência à nossa dissertação, neste capítulo, na medida em que os textos assinados por Álvaro de Campos, como realça Eduardo Lourenço, também não deixam de fazerem alusões à «experiência» vivida pelo autor Fernando António Nogueira Pessoa. Resultado dessa mesma «experiência» transposta para alguns dos seus versos, o poeta Ruy Belo deixou expresso que «a poesia em Portugal era uma coisa e passou a ser uma coisas diferente depois de Fernando Pessoa» (Martinho, 2022, p. 137).

A origem tavirense do heterónimo é apontada pela primeira vez na obra de Pessoa através do poema manuscrito «Notas Sobre Tavira», datado de 8 de dezembro de 1931. Terá sido nessa altura que Pessoa decidiu atribuir a Campos as raízes geográficas da família do seu pai, relacionando a sua árvore genealógica paterna com a denominada «vila da minha infância» referida posteriormente em alguns dos poemas assinados com o nome do heterónimo. A idade de Campos retratada nestes versos do «Notas Sobre Tavira» foi calculada de modo a que a data do poema se adequasse ao ano de nascimento. Ao atribuir o nascimento do heterónimo em 1890, Campos celebra o seu quadragésimo primeiro aniversário em 1931: «É aos 41 que desembarco do comboio [indolentão?】».

O poema aponta todo para uma «revisitação» do lugar onde o «Engenheiro Naval» terá passado a «infância». São versos da «fase abúlica e intimista» da poesia de Álvaro de Campos, que retratam a «infância» como símbolo da pureza, do sonho advindo uma esperada felicidade: «Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos — Senhor do mundo». Esta visita cheia de «tédio», próprio já do «Engenheiro Aposentado», também pressupõe a consciência do «quarentão» da perda irre recuperável do tempo da meninice tal como deixa transparecer em «Notas Sobre Tavira»: «Cheguei finalmente à vila da minha infância. / Desci do comboio, recordei-me, olhei, vi, comparei. / (Tudo isto levou o espaço de tempo de um olhar cansado). / Tudo é velho onde fui novo. / Outrora aqui antevi-me esplendoroso aos 40 anos — Senhor do mundo — / É aos 41 que desembarco do comboio [indolentão?]. / (...) Trago o meu tédio e a minha falência fisicamente no pesar-me mais a mala.../ Esta vila da minha infância é afinal uma cidade estrangeira» (Pessoa, 1997, pp. 304-305).

Adolfo Casais Monteiro e Maria Aliete Galhoz tal como Eduardo Lourenço, já aqui referido, consideram que na obra «policêntrica» estamos perante um «sistema de múltiplos sentidos, que corresponde a um todo» (Lourenço, 2024, p. 14). Como o professor Guilherme d' Oliveira Martins chama a atenção no seu prefácio à terceira edição do *Pessoa Revisitado* (2024) de Eduardo Lourenço, a «aparente multiplicidade» e o seu carácter supostamente «contraditório» da «obra plural», correspondem a uma «impressão da totalidade». O atual administrador da Fundação Calouste Gulbenkian evoca a influência de Walt Whitman na obra do «mestre» Alberto Caeiro. Guilherme d' Oliveira Martins dá como exemplo dessa suposta preponderância, do considerado «pai do verso livre», a descoberta do volume *Poems by Walt Whitman* na biblioteca particular de Pessoa, «profusamente anotada», com a assinatura de Alexander Search, numa fase pré-heteronímica, demonstrando o «acerto da intuição lourenciana» (Pessoa, 2024, pp. 13-15). Esse «sistema de múltiplos sentidos, que corresponde a um todo», parece-nos também ter sido transposto para os versos finais do «Notas Sobre Tavira»: «(Estou à vontade, como sempre, perante o estranho, o que me não é nada) / Sou forasteiro tourist, transeunte. / E claro: é isso que sou. / Até em mim, meu Deus, até em mim» (Pessoa, 1997, pp. 304-305).

Ao fazer nascer no Algarve o seu verdadeiro duplo, terá sido por parte de Pessoa, o reconhecimento da sua identidade judaica e fidalga. Uma herança dos antepassados por parte do pai, segundo o ramo paterno do avô Joaquim António de Araújo Pessoa nascido em Tavira. Como o poeta evocou na «Filiação» inserida na «Nota Biográfica» escrita em 30 de março de 1935: «Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, juriconsulto e que foi diretor-geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral — misto de fidalgos e de judeus» (Pessoa, 1986a, pp. 252-253). Pessoa fixou essa «ascendência judaica» na criação da génese do heterónimo na carta, datada de 13 de janeiro de 1935, enviada a Casais Monteiro: «Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo». Esta identificação mútua entre Pessoa e Campos, ao nível da genealogia de origem judaica, também acabou por levar alguns dos investigadores pessoanos a estabelecerem pontos de contacto entre ambos no domínio da criação poética assinada pelo «engenheiro futurista» de Tavira.

No poema que começa «Foi numa das minhas viagens», datável de 1916, sem assinatura, mas atribuído pelos académicos pessoanos a Álvaro de Campos, um dos versos evoca a sua «vila natal em Portugal». É uma «vila natal» concretizada mais tarde, como acabámos de verificar, nas «Notas Sobre Tavira» na alusão à «vila da minha infância». Esta poesia sugere que no rescaldo do *Orpheu* o «engenheiro», depois de se ter dado a conhecer através do «Opiário», da «Ode Triunfal» e da «Ode Marítima», passou a ter na «certidão de nascimento» uma «vila» como local de nascimento: «(...)Foi

numa das minhas viagens... / Era mar-alto e luar. (...)A vida soava pela porta aberta para a casa das máquinas./ Só... E um era uma alma nua diante do Universo.../ (Ó minha vila natal em Portugal tão longe!/ Porque não morri eu criança quando só te conhecia a ti?) (...)» (Pessoa, 2014b, pp. 163-164).⁹²

Estes versos escritos em 1916, lidos por alguns estudiosos da «vida-obra» de Pessoa, como sendo Tavira a «vila natal em Portugal» da «criança», contrariam a versão de Augusto Ferreira Gomes. Na entrevista ao *Mundo Ilustrado* em dezembro de 1952, já citada anteriormente quando estudamos a «biografia» de Álvaro de Campos, aquele amigo referiu que Pessoa lhe teria pedido para traçar a «carta astrológica», para um hipotético local, data e ano de nascimento de Álvaro de Campos. Tendo em linha de conta o poema supracitado, Pessoa já tinha anotado e definido uma «vila» como local de nascimento do heterónimo.

Na relação estabelecida entre a «vida» e a «obra» do poeta, os biógrafos Richard Zenith e José Paulo Cavalcanti Filho, em comentários à edição de *Fernando Pessoa -uma quase- autobiografia* (2012), salientaram que é um erro falarmos da vida e obra de Fernando Pessoa: «O que o grande escritor português nos deixou é uma vida-obra, ou obra-vida, sendo uma coisa indissociável da outra». Tal como escreveu o jornalista José Carlos de Vasconcelos, nas páginas dedicadas à «Apresentação», inserido na biografia do brasileiro: «A obra é o homem e o homem é a obra» (Filho, 2012, pp. 9-10).

«Ode Triunfal»

A «Ode Triunfal» é outro dos poemas assinados por Campos que alude a uma nora do quintal da casa da infância: «Na nora do quintal da minha casa / O burro anda à roda, anda à roda, / E o mistério do mundo é do tamanho disto». Estes versos poderão apontar para uma reminiscência tavirense, no poema com que Campos se deu a conhecer em *Orpheu* 1, quando cita o «cenário da nora algarvia». Os versos da «Ode Triunfal» estão imbuídos no «estardalhaço sensacionista» das «ruidosas fábricas», dos «motores como uma natureza tropical», do «rodar férreo e cosmopolita dos comboios estrénuos». Este cenário de fundo revela um paradoxo nos versos seguintes quando o poeta evoca os «Pinheirais onde a minha infância era outra coisa / Do que eu sou hoje...» (Pessoa, 1944, p. 144).⁹³

A imagem desta paisagem rural depois da estreia editorial de Campos foi evocada em vários poemas onde se vislumbra a nostalgia do passado vivido na «vila da infância». Num poema autobiográfico, com referências textuais ao heterónimo, Campos revelou que numa idade ainda muito

⁹² O bifólio de papel manuscrito a tinta preta nas páginas exteriores (este poema) e a lápis roxo (um poema datado de 27-6-1916) e tinta preta (um trecho riscado do «Manifesto de Alvaro de Campos») nas interiores. Texto sem assinatura, mas atribuível a Álvaro de Campos (tal como Jerónimo Pizarro, Cleonice Berardinelli e Teresa Rita Lopes também associam este poema a Campos).

⁹³ «Ode Triunfal», 1ª publ. in *Orpheu*, nº1. Lisboa Jan.-Mar. 1915.

precoce trocou a «vila natal» pela capital. Nesses versos não datados, o heterónimo aponta o «Algarve» e «Lisboa», terra natal do «ortónimo», como fazendo parte do seu friso cronológico: «(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por um tio-avô, /padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas). / (Veio/ para Lisboa muito novo...)» (Pessoa, 1944, p. 92).

A «autocitação» biográfica, neste poema assinado por Álvaro de Campos, parece sugerir um «alibi», num «jogo das escondidas», tão do agrado do poeta. Como lembrou o professor Ettore Finazzi- Agrò, o autor acabou por «empenhar a sua identidade». Essa evocação fragmentária da lenda heteronímica aparece, segundo o ensaísta italiano, «a esta luz, como um convite irónico à reconstrução, na base do *era uma vez* (Álvaro de Campos, nascido no Algarve...), o *puzzle* de uma existência inventada, superando as barreiras levantadas entre ficção e verdade, dimensão artística e dimensão real, língua e metalíngua» (Finazzi - Agrò, 1987, pp. 230-231).

Essa «identidade empenhada» na obra atribuída ao heterónimo, considerado seu «alter ego», não deixa de estar subjacente ao «sujeito poético» quando transposto na referência feita à passagem por Lisboa no poema supracitado: «Veio para Lisboa muito novo». Essa evocação servirá como memorial e fundamento aos poemas mais tardios com a assinatura de Campos, de 1923 e 1926, intitulados «Lisbon Revisited», sugerindo que Lisboa foi a cidade onde o «engenheiro nascido no Algarve» também foi criado. Depois de ter vivido na capital foi mandado para Glasgow, na Escócia, estudar engenharia «primeiro mecânica e depois naval».⁹⁴ Um curso que não chegou a acabar, segundo as palavras do próprio: «Deixei em quase três quartos o meu curso escocês de engenharia naval» (Pessoa, 2012, pp. 93-94).⁹⁵

Ao lermos a obra assinada por Campos ou a ele atribuída, vai informando os seus leitores que terá viajado muito, como nos revela na «entrevista», já por nós referida, dada numa «estada ocasional em Lisboa vindo de Newcastle-on-Tyne». A cidade britânica onde terá residido até 1925, quando respondeu à citada entrevista. Sabemos que a «Ode Triunfal» foi escrita ou concluída na capital inglesa: «Londres, 1914 — Junho». O suposto jornalista revelou que o «entrevistado» estava sempre a voltar a Lisboa. No envelope de uma carta dirigida a Carlos Queiroz, lê-se: «Chegou outra vez a Lisboa o Sr. Eng. Alvaro de Campos. Está sempre a chegar a Lisboa, agora, este senhor» (Pessoa, 2011, pp. 94-95).

Esta ambivalência entre «Lisboa» e a «casa» na vila da província» podia ter sido mais clarificada caso o livro projetado por Fernando Pessoa, intitulado «Vida e obras do engenheiro Alvaro de Campos», tivesse sido editado. Se o projeto tivesse sido concretizado, qualquer estudo à volta da

⁹⁴ Carta a Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, 13 de Janeiro de 1935, *Presença*, n.º 49. Coimbra: Jun. 1937.

⁹⁵ 1ª publ. in *Presença*, n.º 30. Coimbra: Jan.-Fev. 1931.

vida e da obra de Álvaro de Campos, teria uma base de trabalho mais fidedigna para fixar alguma poesia de Campos à sua terra natal e às raízes algarvias. No entanto, segundo os investigadores que têm estudado com mais profundidade a poesia de Pessoa com o cunho do «engenheiro futurista», o princípio das suas «obras» terá começado com o poema em que os versos transparecem a influência inicial da «estética futurista». A investigadora Teresa Rita Lopes em *Álvaro de Campos- Livro de Versos* (1993a), transcreveu o texto que traz essa indicação prévia: «The beginning of Alvaro de Campos» (O começo de Alvaro de Campos). Esses primeiros versos, na opinião daquela pessoa, têm conteúdos «futuristas»: «(...) Tão pouco heráldica a vida! / Tão sem tronos e ouropéis quotidianos! (...) / Sede abençoados, (...) carros, comboios e trens / Respirar regular de fábricas, motores trementes a atroar / Com vossa crónica (...) / Sede abençoados, vós ocultais-me a mim...(...)» (Pessoa, 1993a, p. 67).

Num texto estabelecido por Fernando Pessoa para Campos há um plano de construção da «vida-obra» do «engenheiro», revelando que o poeta manteve o seu projeto de publicar separadamente, «como um todo ficcional» a «obra-vida» de cada um dos heterónimos: «Alvaro de Campos é a personagem de uma peça; o que falta é a peça!» (Pessoa, 1993b, p. 15). Num escrito tardio existe o projeto de Pessoa publicar separadamente, como um todo ficcional, a obra-vida de cada um dos heterónimos, com «horóscopos» e «talvez fotografias». Nessa «Tábua Bibliográfica», publicada em dezembro de 1928, na *Presença*, nº 17, Pessoa liga Campos ao «sensacionismo» atribuindo-lhe «influências diversas, em que predomina, ainda que abaixo da de Caeiro, a de Walt Whitman» (Pessoa, 1986a, pp. 250-251). O «ortónimo» deixa bem claro que a «evolução» de cada personagem seria levada em conta mas que a «entreação» de todas estava também devidamente estudada: «As obras destes três poetas formam, como se disse, um conjunto dramático; e está devidamente estudada a entreação intelectual das personalidades, assim como as suas próprias relações pessoais» (Pessoa, 1986a, pp. 250-251).

Fernando Pessoa chegou a fixar um poema datado de três de fevereiro de 1935 para fechar o «Livro de Campos»: «end of the book». Esta indicação que Pessoa após ao tal poema evoca, mais uma vez, o «Regresso ao Lar» e à «infância»: «(...) Há quanto tempo não escrevo um soneto / Mas não importa: escrevo este agora. / Sonetos são infância e, nestas hora. / A minha infância é só um ponto preto(...)» (Pessoa, 1993a, p. 349).⁹⁶

⁹⁶ Pessoa acrescentou, entre parêntesis, «end of the book» (fim do livro).

«Ode Marítima»

De acordo com José Gil, se escrever poemas será analisar sensações, enquanto técnica de construção, a análise das sensações identificava-se com o trabalho literário, do qual constituiu o mecanismo secreto e omnipresente. Assim sendo, como refere o filósofo e ensaísta no «Posfácio» à edição da «Ode Marítima» (Relógio D'Água, 2013), «um poema pressupõe um meio muito complexo de explorar e tornar abstratas as sensações». Segundo as palavras de José Gil, os poemas de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa «apresentam uma curiosa estrutura a par do seu tema»:

Desenrolando-se paralelamente a este, corre o fio da análise das sensações, tornado também tema poético. Isto graças a uma nova duplicação que o poeta faz com a consciência e a linguagem assumam: ele sente e sente-se sentir, vê e vê-se ver, e di-lo. De onde um metadiscorso permanente que atravessa a sua poesia, tornando-se assim a lógica das sensações, ao mesmo tempo, o esqueleto e o tema do poema, em consequência da técnica que consiste em «pegar numa sensação e desfiá-la» até às suas últimas possibilidades.

(Gil, 2013, pp. 41-42)

Esta «sensação» manifestou-se ao nível do discurso e do metadiscorso (sensação e pensamento da sensação) assim como apontava para um «interior do exterior, bem como um exterior do exterior»: «Um Oriente ao oriente do Oriente».⁹⁷ Na opinião de José Gil, tratar-se-á uma estrutura semelhante à seguida em «A Casa Branca Nau Preta», onde «Fernando Pessoa, Director de Orpheu», escreveu: «A impossibilidade de tudo quanto eu nem chego a sonhar/ Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir». Uma «sensação» transposta igualmente para o poema assinado por Álvaro de Campos, que começa com este verso: «Gostava de gostar de gostar» e termina com uma referência ao filósofo alemão Friedrich Hegel: «Estou fatigado de estar pensando em sentir outra coisa./ Obrigado. Deixa-me acender. Continua. Hegel...». A análise das sensações abre «infinitamente» o exterior e o interior (Pessoa, 2023, p. 52).⁹⁸

Esta «abertura» reúne um «mistério» que em Álvaro de Campos se consubstancia em «dissimulação». Repare-se que depois dos episódios do delírio: «Ir para Longe, ir para Fora, para a

⁹⁷ Álvaro de Campos, *Opiário*, 1ª publ. in Orpheu, nº1. Lisboa: Jan.-Mar. 1915.

⁹⁸ José Gil atribui de forma errónea o poema «A Casa Branca Nau Preta» a Álvaro de Campos, tendo como referência bibliográfica a edição de Luís de Montalvor e Gaspar Simões (1944), *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa, Ática, pp. 239-242.

Distância abstrata,/ Indefinidamente , pelas noites misteriosas e fundas,/ Levado, como a poeira, pelos ventos, pelos vendavais (...) Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó — yy.../ Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó — yy...../ Ah, o orvalho sobre a minha excitação!/ o frescor noturno no meu oceano interior!/ Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar», desencadeia explicitamente a exploração do mistério e surge a «evocação terna da infância» podendo sugerir a vivida na «vila» natal:

A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.
O meu passado ressurgue, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.
(Pessoa, 1944, pp. 160-201) ⁹⁹

Esta «evocação» fundamentará o argumento de que a poesia de Fernando Pessoa será, «de imediato» a «poesia do conhecimento», tanto a heterónima como a ortónima. Os versos falam de «ausência de sujeito» na realidade, sendo o «espanto literário» referido perante a «eclosão dos heterónimos», uma «diversão». A heteronímia foi, «sobretudo, a forma teatral de ilustrar a única verdade digna desse nome para Pessoa: o Ser é ausência. Ausência dolorosa, mais profunda que a do próprio tempo» (Lourenço, 1986, p. 61).

«Aniversário»

Há casas e espaços, na poesia de Campos, que serão sempre «recordados com lágrimas» ao longo da sua vida errante. No poema em que os versos iniciais começam com a recordação dos tempos idos, «Na ampla sala de jantar das tias velhas», o heterónimo recorda as imagens do passado que ornamentavam a «casa da província», sugerindo que está a lembrar-se dos tempos da «província» no Algarve, passados em Tavira: «(...) O relógio tictaqueava o tempo mais devagar, na casa antiga da quinta velha, o púcaro de barro junto ao pote que chiava enquanto ele bebia, o chá com torradas na província de outrora (...) / Em quantas cidades me tens sido memória e choro!/ Eternamente criança,/ Eternamente abandonado,/ Desde que o chá e as torradas me faltaram no coração» (Pessoa, 1993, p. 314) .

No universo dos seus versos, o «engenheiro de Tavira», viagem após viagem, nunca se esquece da nostalgia da «infância», aparentemente passada na «vila da província». No poema manuscrito, datado de 18 de junho de 1930, em que o primeiro verso diz que «Estou cansado da

⁹⁹ Álvaro de campos, *Ode Marítima*, 1ª publ. in *Orpheu*, nº2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.

inteligência», trazendo à memória os «entes queridos» que já partiram deixando vazia a «casa antiga da quinta velha», Campos evoca a imagem do «quintal» e da «praia»: «(...)Chora-se de repente, e todas as tias mortas fazem chá de novo/ Na casa antiga da quinta velha/ Para. meu coração!/ Sossega, minha esperança factícia!/ Quem me dera nunca ter sido senão o menino que fui.../ Meu sono bom porque tinha simplesmente sono e não ideias que esquecer!/ Meu horizonte de quintal e praia!» (Pessoa, 1993a, p. 280-281) .

Na capital, o «horizonte de quintal e praia» de Fernando Pessoa poderá ter sido preenchido pela «praia de Pedrouços», logo a seguir à zona ribeirinha de Belém, próximo da Quinta do Cadaval, onde viveram alguns familiares, entre eles a tia-avó Maria e a avó paterna Dionísia da Seabra Pessoa. Ao longo da vida, o poeta passou várias vezes por Pedrouços (a localidade naquela época também poderia ser considerada «província» já que era rodeada de campos e hortas e estava afastada da cidade). Pessoa esteve na «Quinta do Cadaval», ainda em criança aquando da primeira viagem de férias em 1901, e já em adulto após o regresso definitivo a Lisboa.

A «casa antiga da quinta velha» é frequentemente evocada nos poemas assinados por «Alvaro de Campos», sempre com a «pungente saudade» do «paraíso perdido» da sua «infância burguesa» e do seu «horizonte de quintal e praia e das «tias velhas» e do seu eterno chá, durante os longos serões em que se jogava a feijões nos «jogos de mesa», com a presença também de uma avó que «bordava a missangas». Poder-se-á dizer que «era sobretudo na pessoa de Campos que Pessoa revivia frequentemente e com mais ênfase que pela própria voz a sua infância «pavorosamente perdida», no dizer de Campos» (Lopes, 2008, pp. 123-131).

Devia ser também essa a casa – em que viveu na província a «Pobre criança órfã de mais que pai e mãe» - nesses lugares tradicionais da província, como disse: «No quintal da minha casa provinciana e pequena / Casa como a que têm milhões não como eu no mundo / Deve haver paz a esta hora, sem mim. Mas em mim é que nunca haverá paz» (PESSOA, 1993a, pp. 198-200). É nessa casa que Campos recorda, no seu pessoal jeito de ousar o prosaico, «o penico antigo» a quem punham «uma tampa» de que fala, num poema: «E, como as mãos já não estão frias, / Tampa nas pias!» (Pessoa, 1965, pp. 120-121), precisamente para exprimir «a criatura prosaica, desinteressante e sem horizontes em que se tinha tornado» (Lopes, 2011b, pp. 9-22).

Sempre que a «infância» é evocada, na «memória do poeta», lá está a imagem dessa «casa antiga». Os versos do poema «Aniversário», com a assinatura de Campos, levam-no a esse passado «feliz» em que o «tédio» não fazia parte do dia-a-dia: «(...) No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, / Eu era feliz e ninguém estava morto./ Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição

de há séculos, / E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer (...)» (Pessoa, 1944, pp. 282-284).¹⁰⁰

O poema «Aniversário» de Álvaro de Campos foi datado ficticiamente por Fernando Pessoa como escrito a «15 de Outubro de 1929» e publicado pela primeira vez no N° 27 da revista *Presença* (Junho-Julho de 1930). Em carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, logo após a saída da revista, o poeta confessou que a data real de composição deste poema tinha sido o seu próprio dia de aniversário, «13 de Junho». Nessa carta, revela que escreveu o poema na data do seu aniversário, «13 de junho de 1930», mas que mudou a data de acordo com o dia de aniversário do heterónimo Álvaro de Campos, «15 de outubro», do ano anterior «1929»:

Aí vai a colaboração, minha e do Alvaro de Campos, para o próximo número da *Presença*. Se os interessa, poderei mandar para todos os números de oravante, mas peço que me façam uma espécie de advertência sobre a saída deles, para eu ter uma lembrança que me leve pelo braço até à realização. O que lhe envio do Alvaro de Campos não é, afinal, uma das «triunfais», mas não quero demorar mais. A data está fictícia; escrevi esses versos no dia dos meus anos (de mim), quer dizer a 13 de Junho, mas o Alvaro nasceu a 15 de Outubro, e assim se erra a data para certa.

(Pessoa, 1982, p. 48)¹⁰¹

Esta «confissão» de Fernando Pessoa parece justificar que os heterónimos, mais que os criadores de uma obra, «são pois por ela criados». Os poetas existem em função dos poemas, «que não os poemas em função dos poetas» (Seabra, 1988, p. 52). O primeiro a chamar a atenção para esta singularidade, foi mesmo Adolfo Casais Monteiro. O destinatário da «célebre carta» denominada da «génese dos heterónimos» salientou num dos seus *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*, Rio de Janeiro (1958), que Pessoa «não criou os seus heterónimos quando quis, mas quando pôde, e por outro que a criação daquelas obras pelas quais os seus heterónimos primeiro se afirmaram, precedeu o estabelecimento da sua biografia». Casais Monteiro recordou o que Pessoa lhe confessara na tal

¹⁰⁰ Álvaro de Campos, «Aniversário», [15-10-1929] 1ª publ. in *Presença*, n° 27. Coimbra: Jun.-Jul. 1930.

¹⁰¹ Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, Lisboa, 4 de Julho de 1930.

carta de 13 de janeiro de 1935, no que diz respeito à sua tendência, desde tenra idade, para imaginar personagens fictícias:

Fernando Pessoa, que desde criança vivera cercado por um mundo de figuras a que ele só chama irrealis com aquela irónica hesitação que sempre usava ao ter de transigir com as distinções habituais, limitou-se a transpor para a sua obra a atmosfera de que desde sempre se rodeara. (...) Recordemos a autoclassificação de Pessoa como «essencialmente poeta dramático»; não é o que ele sente que nos comunica (nem sempre, veremos até onde podemos aceitar esta ausência de Pessoa homem da sua obra), mas é sobre o que sente que constrói uma «pessoa inexistente que o sentisse verdadeiramente». (Monteiro, 1958, pp. 83-84).

Numa carta enviada ao outro «presencista», João Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931, Pessoa tentou convencer aquele que haveria de ser o seu primeiro biógrafo de que nunca sentiu «saudades» do passado. Não deixa de ser uma carta repleta de ambiguidades tão de agrado com os seus assumidos «paradoxos», com jogos de «temporalidade» associados às «atitudes literárias» sentidas por «instinto dramático» nas palavras do poeta:

Nunca senti saudades da infância; nunca senti, em verdade, saudades de nada. Sou, por índole, e no sentido direto da palavra, futurista. Não sei ter pessimismo, nem olhar para trás. (...) Tenho, do passado, somente saudades de pessoas idas, a quem amei; mas não é a saudade do tempo em que as amei, mas a saudade delas: queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido. O mais são atitudes literárias, sentidas intensamente por instinto dramático, quer as assine Alvaro de Campos quer as assine Fernando Pessoa.

(Pessoa, 1982, p. 71) ¹⁰²

¹⁰² Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, Lisboa, 11 de dezembro de 1931.

O poeta criador dos heterónimos remata assim a carta colando o sujeito poético ao «instinto dramático». Mas se Fernando Pessoa, segundo as suas próprias palavras na missiva enviada a João Gaspar Simões, nunca sentiu «saudades da infância» nem «saudades de nada», só poderá estar a referir-se à vida real dando assim azo às interpretações explicitadas neste capítulo da presente dissertação através do amigo Adolfo Casais Monteiro: «Pessoa não criou os seus heterónimos quando quis, mas quando pôde» (Monteiro, 1958, pp. 83-84) ou do ensaísta Eduardo Lourenço: «Há um só Poeta autor de poemas de aparência diversa que como tais devem ser tomados e compreendidos, e acabou-se» (Lourenço, 1973, pp. 13-32).

Os retratos de Caeiro, Reis e Campos, segundo os ensaios de Eduardo Lourenço, «foram feitos para as obras e não estas para aqueles». O professor filósofo acrescentou que «esses poetas não existem, e o problema está precisamente agora em sabermos se Fernando Pessoa teria escrito as obras por eles assinadas no caso de eles não existirem» (Lourenço, 1973, pp. 13-32). Para o ensaísta, a verdade é simples: «os heterónimos são a Totalidade fragmentada e nenhuma exegese por mais hábil ou subtil a pode reconstituir a partir deles (Lourenço, 1973, pp. 13-32). Em acrescento ao *Pessoa Revisitado* (1973), Eduardo Lourenço reforçou a sua «tese» em *Fernando, Rei da Nossa Baviera* (1986): «Pessoa liberta através de Álvaro de Campos não somente as suas pulsões sadomasoquistas mas a sua tendência virtual para a homossexualidade. Só a hipótese da confissão limita o seu alcance» (Lourenço, 1986, pp. 55-79).

O biógrafo Robert Bréchon em *Estranho Estrangeiro – uma biografia de Fernando Pessoa* (1996), salientou que «os heterónimos, Caeiro, Reis, Campos, não criaram os seus poemas». Na leitura do biógrafo francês também foram os poemas que suscitaram os seus autores fictícios. Basta reler a narração do «dia triunfal», refere Bréchon, «é o texto do Guardador de Rebanhos que aparece em primeiro lugar, anonimamente; e é só depois que o suposto autor surge, com o seu nome e a sua personalidade» (Bréchon, 1996, pp. 207-224). Na edição aos *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003), o biógrafo americano-português Richard Zenith estabeleceu no «Posfácio» uma relação entre Pessoa e os heterónimos tendo como referência a orientação sexual, no âmbito da homossexualidade, canalizada para a obra do alterego Álvaro de Campos. O que Pessoa não viveu na vida real viveu-o na literatura. Zenith, ‘Prémio Pessoa 2012’, escreveu nesse «Posfácio» que: «É menos sabido que Ricardo Reis também era bissexual, sendo Campos a denunciá-lo. Trata-se de atitudes heteronímicas, é certo, mas donde surgiram se não do seu criador, que dotava os seus «filhos» com o que era ou não era (mas queria ser)? Basta lembrar, a este respeito, que os heterónimos eram todos eles celibatários, e as suas idades e características físicas – quando definidas – não se desviavam muito de Pessoa» (Zenith, 2014, pp. 460-466).

David Mourão Ferreira fez uma interpretação similar, em *Nos Passos de Pessoa – Ensaios* (1988), recordando que Pessoa «não só recusou a possibilidade de um casamento com Ophélia, ou com qualquer outra mulher de carne e osso, como também aos vários heterónimos que criou – todos eles homens - não soube dar senão o invariável estatuto de solteiros». A obra de Pessoa, nas palavras de David Mourão Ferreira, «foi essa noiva; ou ele o noivo da própria obra, violentamente desnudado, na ausência de personalidade com que se desejou, pelos diversos celibatários seus heterónimos» (Ferreira, 1988, pp. 81-82).

Deixamos aqui um excerto do poema «Aniversário», que julgo ser elucidativo das leituras da poesia do poeta Fernando António Nogueira Pessoa feitas por Eduardo Lourenço, tal qual o ensaísta assinalou e resumiu: «Há um só Poeta autor de poemas de aparência diversa que como tais devem ser tomados e compreendidos, e acabou-se» (Lourenço, 1973, pp. 13-32).

Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco,
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino.
(...)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!
O que eu sou hoje é como a humidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa.
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!
Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
(Pessoa, 1944, pp. 282-284).¹⁰³

¹⁰³ 1ª publ. in *Presença*, nº 27. Coimbra: Jun.-Jul. 1930.

Conclusão

As ligações de Fernando Pessoa ao Algarve têm sido referidas, na generalidade, nas várias biografias do poeta. Aos estudos efetuados, com base nas referências biográficas ao lado paterno do poeta e às raízes algarvias, incluídos de forma dispersa, tem-lhes faltado uma base de incidência mais global e pormenorizada, de acordo com a relevância que esse lado familiar tem na vida e bibliografia do poeta. Nos dados de pesquisa e investigação, sobre a vida e a obra de Fernando Pessoa, aqui abordados ao longo da presente dissertação, ficou patente desde o primeiro ao último membro da família a usar o apelido Pessoa, essa relação muito pessoal e particular do poeta com o Algarve.

Nesse Capítulo dedicado à Vida de Pessoa e o Algarve, no que se refere à «Ascendência algarvia», ficámos a saber que Fernando Pessoa estabeleceu uma ligação ao ramo paterno algarvio com as doenças que atingiram a família. O poeta desenhou uma árvore genealógica onde referiu essa relação dos familiares da raiz paterna com as doenças que o preocupavam poder vir a contrair: a «tuberculose» e a «loucura». Nessa «árvore» aparece a indicação de Joaquim de Seabra Pessoa, pai do Poeta, ter morrido vítima de tuberculose, tal como o irmão Jorge. Uma genealogia onde Pessoa indicou igualmente a «loucura» da avó paterna Dionísia Seabra (Pessoa, 2007, pp. 140-141).

A pesquisa à volta das ligações familiares e das viagens de negócios efetuadas ao Algarve, revelaram-nos que Fernando Pessoa se deslocou diversas vezes às terras dos seus antepassados. Documentamos essas viagens, com base nas cartas trocadas com a mãe ou na correspondência enviada a amigos, assim como nos seus diários de 1906, 1913 e 1915 e os depoimentos de familiares. O dono da «Tipografia Ibís», que imprimiu em 1910, o jornal de Loulé, *O Povo Algarvio*, também se encontrou em Tavira com António Ferro, em 1914, aquando da plena efervescência da conceção da revista *Orpheu*.¹⁰⁴

No final de agosto de 1919, fez uma viagem de uma semana ao Algarve, onde ficou instalado no melhor hotel de Faro. Como transcrevemos na atual dissertação foi de lá que escreveu a carta ao amigo Luís de Montalvor, pouco conhecida, datada de 30 de agosto de 1919. Pessoa dormiu no Grande Hotel de Faro e tratou dos negócios relacionados com um projeto para exportar conservas de peixe e outros produtos algarvios. Como demos conta no nosso estudo, Pessoa funcionou como intermediário entre produtores locais e a «empresa de importações e exportações», recentemente criada pelo primo Mário Nogueira de Freitas. Não há indicadores de que tenha fechado algum negócio em concreto (Zenith, 2022, pp. 666-667).

¹⁰⁴ São duas das deslocações ao Algarve, que estão devidamente documentadas, através das cartas enviadas aos amigos: Armando Cortes-Rodrigues, Lisboa, 4 de outubro de 1914; Luís de Montalvor, Faro, 30 de agosto de 1919.

As casas, elencadas ao longo deste estudo, na terra natal do avô paterno, por onde Fernando Pessoa passou e dormiu aquando das suas viagens ao Algarve, possibilitam o estabelecimento de um «roteiro pessoano» em Tavira. Um «itinerário», com um guião devidamente documentado, como tivemos a preocupação de fundamentar através das várias fontes por nós consultadas e referidas ao longo do trabalho.

O «Modernismo» foi uma marca dos poetas e artistas incluídos nas duas revistas do *Orpheu*, nos escaparates de 1915. Pessoa tentou sempre incutir-lhe um «carimbo» muito pessoal, ao qual não foi indiferente a postura que teve desde o primeiro texto em que se deu a conhecer na revista *A Águia*. O «supra-Camões» foi um prenúncio do que viria a conceber para a revista, onde os versos dos «poetas órficos» acabaram por abalar a literatura académica instalada. Ficamos a saber que foi na revista da «Renascença Portuguesa», de Teixeira de Pascoaes, que Pessoa leu a poesia de João Lúcio. Esses versos do poeta olhanense publicados em *A Águia*, e as considerações elogiosas, por parte do conterrâneo Francisco Fernandes Lopes, amigo de Pessoa, terão pesado na decisão de incluir João Lúcio na «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», organizada, em 1929, por Pessoa e António Botto. Nesta nossa recolha de dados biográficos, assim como da obra, de Pessoa com ligações ao Algarve, ficou patente a relação estabelecida e alimentada ao longo dos anos com Francisco Fernandes Lopes (1884-1969). Como sinal dessa admiração recíproca, referimo-nos ao teor das cartas enviadas por Pessoa ao médico e escritor olhanense entre 21 de abril e 1 de junho de 1919.

Pessoa dedicou muitas páginas a explicar os três movimentos que tinha inventado. O «paulismo», o «interseccionismo» assim como o «sensationismo». E embora tenha «atacado» o «cubismo» e outros «ismos» vindos de Paris, acabando por se desmarcar dessas vanguardas através dos seus próprios movimentos literários, Pessoa também não deixou de ter recebido o seu «batismo futurista» pela mão do amigo a viver em Paris.

Tal como ficamos a conhecer ao longo dos Capítulos 2 e 3, a aproximação aos «futuristas» da capital algarvia, já se tinha dado antes da *Portugal Futurista* ir para as bancas em novembro de 1917, tendo sido determinante o vínculo «futurista» que Pessoa assumiria nesse ano. O elo de ligação com o jornal de Faro, *O Herald*, a partir da altura em que começou a ser editado em Faro, tem Carlos Porfírio como intermediário entre Lyster Franco e o «Director do Orpheu». Durante o ano de 1916, como demos a conhecer, o «Director» do periódico de Faro, fez um convite a Fernando Pessoa para responder a um «inquérito», de uma pergunta apenas, «sobre as correntes e tendências da arte ou da literatura europeia ou contemporânea». No espólio da Biblioteca Nacional, existem dois testemunhos da resposta a Lyster Franco, embora não se conheça a publicação ou o envio ao «Exmo.º Senhor

Director de *O Heraldo* / Faro», da explicação dada por Pessoa a esse «inquerito» (Pessoa, 1990, pp. 122-123).¹⁰⁵

O Heraldo, com os artistas farenses que gravitavam ao seu redor, atualizados e acompanhando as publicações das novas correntes, quer em Paris ou nos seguidores lisboetas, o jornal acabou por ser uma referência e um «farol» a sul da corrente «futurista» nacional. Pessoa também acabou por optar por inscrever o seu nome, como poeta, nas suas colunas. Revelador disso mesmo, foi a publicação, do indicado como «Inédito», o poema «A Casa Branca Nau Preta», no jornal de Faro, na sua secção batizada, com o cunho de *Futurismo – Gente Nova*. Os versos de Pessoa, publicados na edição de «1 de julho de 1917», apareceram cerca de quatro meses antes da revista lisboeta «*Futurista*» ser impressa.

Com esse «carimbo» de «Futurismo», o poema assinado pelo «ortónimo» Pessoa, como revelamos na pesquisa efetuada - «Fernando Pessoa, Director do Orpheu»-, acabou de forma desacertada por ser atribuído ao «heterónimo». Luís de Montalvor e João Gaspar Simões, primeiros editores da obra de Álvaro de Campos (Montalvor e Simões, 1944) incluíram «A Casa Branca Nau Preta» como sendo «paternidade» do «engenheiro naval», levando a posteriores equívocos por parte de investigadores e biógrafos da vida e obra de Fernando Pessoa.¹⁰⁶

Dos heterónimos a quem tem sido dada mais atenção na obra de Pessoa e suscitado maiores detalhes nas várias análises a que tem sido sujeito será provavelmente, Álvaro de Campos. A biografia e os textos deste heterónimo foram objeto do nosso estudo de forma pormenorizada na relação particular com o Algarve, tendo permitido divulgar alguns factos menos conhecidos acerca da inter-relação entre a «vila da infância» que Pessoa estabeleceu como lugar de nascimento de Campos (4.1. A biografia) e os textos tidos pelos investigadores pessoanos com ligações diretas às passagens reais do poeta pelo Algarve e em particular por Tavira, terra natal do avô paterno.

¹⁰⁵ O «dactiloscrito», é um texto de duas páginas, endereçado ao diretor do semanário e que não aparenta ter sido acabado.

¹⁰⁶ Nas biografias de Fernando Pessoa, assim como na maioria dos trabalhos de investigação ou estudos da vida e da obra pessoana, poucas são as referências à sua participação no jornal *O Heraldo*. João Gaspar Simões, na primeira edição de 1950, *Vida e Obra de Fernando Pessoa, História duma Geração*, apenas conta o episódio de Santa Rita Pintor e Carlos Porfírio, em que o artista algarvio terá pago, do seu bolso, a *Portugal Futurista* para que o seu nome aparecesse como diretor da revista, mas não faz qualquer referência aos poemas dos poetas do *Orfeu* publicados n.º *O Heraldo*, na sua secção *Futurismo- Gente Nova*. Com direito a destaque, *O Heraldo*, aparece nas páginas da *Fotobibliografia* de João Rui de Sousa. O professor da Faculdade de Letras de Lisboa, recentemente falecido, editou esta *Fotobibliografia* em 1988. No *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coordenado pelo professor Fernando Cabral Martins, o algarvio Nuno Júdice, escreveu um artigo sobre *O Heraldo*, que integrou o seu estudo sobre a «Poesia Futurista Portuguesa – Faro 1916-1917». Na obra de Richard Zenith, *Pessoa. Uma Biografia*, maio de 2022, não há referências ao jornal de Faro. A biografia, *Super-Camões*, dada à estampa em outubro de 2022, autoria do sociólogo João Pedro George, faz a seguinte citação: «(...) *O Heraldo*, jornal da cidade de Faro, dirigido pelo pintor Carlos Lyster Franco, (...) incluía uma secção de cariz futurista, chamada “Gente Nova”, onde colaboraram Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro (póstumo), alguns nomes da arte e literatura algarvias, entre os quais Carlos Porfírio (...), e Fernando Pessoa, com o poema A casa branca nau preta (...)» (George, 2022, p. 487).

A exaustiva abordagem sobre a génese biográfica de Campos e os poemas com a sua chancela, permitiu aprofundar alguns pormenores, que talvez ainda não tivessem sido abordados de forma tão particular, na relação que estabelecemos entre a vida e a obra do poeta. A personificação do homem, na criação poética, com raízes na terra dos seus antepassados, permitiu fazer uma «outra leitura» de Pessoa. No «Prefácio para a edição projetada das suas obras», datilografado por volta de 1930, intitulado «Aspetos», Pessoa estabeleceu um paralelo de personalidade com aquele que acabaria pelos especialistas estudiosos da sua obra considerarem o seu alter ego: «Tenho (...) as linhas fisionómicas, os traços de carácter, a vida, a ascendência, nalguns casos a morte, destas personagens. Alguns conheceram-se uns aos outros; outros não. A mim, pessoalmente, nenhum me conheceu, exceto Alvaro de Campos» (Pessoa, 1966, pp. 95-99).

Os «heterónimos» existem portanto, mas dentro de Pessoa. Eles são os rostos, as «máscaras» que ele assume sucessivamente para melhor exprimir o seu «ser». Ficou assim sublinhado, neste particular do «Capítulo 4. Álvaro de Campos e o Algarve. 4.1. A biografia; 4.2. Textos»; a estratégia literária associada à corrente «modernista», com os procedimentos de índole «heteronímica».

Como observamos e Carlos Reis assinalou, Pessoa «recupera-se» em «personalidades outras» diferenciadas do «ortónimo». O professor de Coimbra registou que essa «possibilidade» da «subjatividade» gerada de forma «explícita» na assunção do cunho biográfico algarvio foi transposta para os versos dos poemas do «engenheiro de Tavira», sendo Álvaro de Campos um «exemplo notório» (Reis, 2008, pp. 468-469).

Parece claro que todos os «heterónimos» acabaram por funcionar como «instrumentos de exorcismo» e «redenção». Álvaro de Campos, «engenheiro naval desempregado», viveu durante toda a vida com Pessoa. «Frequentou e amou» os mesmos lugares, «deixando de escrever quando Pessoa deixou de escrever». Isto é, «morreu com ele» (Tabucchi, 1984, p. 58). No ensaio *Pessoa & Saramago* (2021), o professor Miguel Real salientou que a «conduta fictícia» de Pessoa seria a criação dos seus heterónimos (Real, 2021, p. 119). O narrador será uma invenção do autor para uma voz que enuncia um discurso. Tal como Saramago evocou, os narradores não são outra coisa senão autores. Blimunda e Sete Sóis também são José Saramago assim como Reis, Caeiro e Campos são Fernando Pessoa.

Ao encerrar este estudo baseado numa pesquisa aturada importa sublinhar que pretendemos ter dado a conhecer e aprofundar alguns textos que poderão permitir uma leitura mais avalizada da «vida» e «obra» de Pessoa na relação particular com o Algarve. Esperamos, assim, que tenhamos contribuído para clarificar as «ligações umbilicais» de Fernando Pessoa ao Algarve e acrescentado alguns dados que poderão servir de referência a posteriores trabalhos de investigação em torno da obra «ortónima» e «heteronímica», no âmbito do universo algarvio.

Bibliografia

Obras de Fernando Pessoa

Pessoa, F. (2023). *Ode Marítima – Poema de Álvaro de Campos*. «Posfácio de José Gil», Lisboa, Relógio D'Água.

_____ (2019). *O Comércio e a Publicidade*. Organização, introdução e notas, António Mega Ferreira. Tinta-da-china.

_____ (2018a). *Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada*. Tese de Doutoramento de Fernanda Maria Cardoso Pereira Vizcaíno em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas.

_____ (2018b). *Fernando Pessoa: Um Retrato Fora da Arca, Cartas, Ensaio, Poemas, Testemunhos, Memórias, Inéditos*. Organização, Introdução e Notas, Zetho Cunha Gonçalves. Antígona.

_____ (2016a). *Cancioneiro: Uma Antologia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Assírio & Alvim.

_____ (2016b). *Eu Sou Uma Antologia, 136 autores fictícios*. Edição, Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Tinta-da-china.

_____ (2016c). *Obra Completa de Alberto Caeiro*. Edição Jerónimo Pizarro. Tinta-da-China.

_____ (2016d). *Obra Completa de Ricardo Reis*. Edição Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Tinta-da-China.

_____ (2015). *Sobre Orpheu e o Sensacionismo*. Edição de Fernando Cabral Martins, Richard Zenith. Assírio & Alvim.

_____ (2014). *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Tinta-da-China.

_____ (2013). *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz, Correspondência amorosa completa. 1919-1935*. Organização, Richard Zenith. Capivara Editora.

_____ (2012). *Teoria da Heteronímia*. Edição Richard Zenith e Fernando Cabral Martins. Assírio & Alvim.

_____ (2011). *Cartas Astrológicas*. Edição Paulo Cardoso, colaboração, Jerónimo Pizarro. Bertrand Editora.

_____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição crítica de Jerónimo Pizarro. Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM).

_____ (2007a). *Cartas de Fernando Pessoa*. Edição e organização de Richard Zenith. Assírio & Alvim.

_____ (2007b). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição Crítica, Jerónimo Pizarro. Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM).

- _____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio Richard Zenith, colaboração, Manuela Parreira da Silva, traduções, Manuela Rocha. Assírio & Alvim.
- _____ (1999a). *Correspondência, 1905-1922*. Edição Manuela Parreira da Silva. Assírio & Alvim.
- _____ (1999b). *Correspondência, 1923-1935*. Edição Manuela Parreira da Silva. Assírio & Alvim.
- _____ (1997). *Livro de Versos, Álvaro de Campos*. Organização e edição crítica, Teresa Rita Lopes. Editorial Estampa.
- _____ (1996). *Correspondência Inédita*. Organização e notas, Manuela Parreira da Silva. Livros Horizonte.
- _____ (1993a). *Álvaro de Campos. Livro de Versos*. Edição crítica, introdução, transcrição, organização e notas, Teresa Rita Lopes. Estampa.
- _____ (1993b). *Pessoa Inédito*. Orientação, coordenação e prefácio, Teresa Rita Lopes. Livros Horizonte.
- _____ (1990). *Pessoa por Conhecer I, II*. Textos para um Novo Mapa. Organização, Teresa Rita Lopes. Estampa.
- _____ (1986a). *Obra em Prosa de Fernando Pessoa, Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Introdução, organização e notas de António Quadros. Publicações Europa-América.
- _____ (1986b). *Textos de Intervenção Social e Cultural. A Ficção dos Heterónimos*. Introdução, organização e notas, António Quadros. Publicações Europa-América.
- _____ (1985). *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*. Livros Horizonte.
- _____ (1982). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. (2.^a edição). Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM).
- _____ (1980a). *Textos de Crítica e de Intervenção*. Recolha de textos, Maria Isabel Rocheta e Ana Paula Morão. Introdução e organização, Joel Serrão. Ática.
- _____ (1980b). *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Recolha de textos, Maria Isabel Rocheta e Ana Paula Morão. Introdução e organização, Joel Serrão. Ática.
- _____ (1978). *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*. Organização, posfácio e notas de David Mourão Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz. Ática.
- _____ (1973). *Novas Poesias Inéditas*. Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno. Ática.
- _____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática.
- _____ (1965). *Quadras ao Gosto Popular*. Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Ática.
- _____ (1946). *Álvaro de Campos. Poesia*. Nota explicativa e notas, João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Ática.
- _____ (1944). *Poesias de Álvaro de Campos*. Organização de Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Ática.

Outras Obras

- Almeida, B. P. (2008). «*Portugal Futurista*», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Almeida, L. P. M. (1985). *Fernando Pessoa no cinquentenário da sua morte*. Coimbra Editora.
- Botto, A., & Pessoa, F. (1944). *Antologia dos Poemas Portugueses Modernos*. Editorial Nobel.
- Bréchon, R. (1996). *Estranho Estrangeiro- Uma Biografia de Fernando Pessoa*. Quetzal Editores.
- Cabral, M. V. (1999). *A estética do nacionalismo: Modernismo literário e autoritarismo político em Portugal no início do séc. XX*. Colibri.
- Calinesco, M. (2000). *As Cinco Faces da Modernidade*. Vega.
- Coelho, J. P. (2007). *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (12ª ed.). Editorial Verbo.
- Correia, V. (2023). *A Homossexualidade de Fernando Pessoa*. Edições Vieira da Silva.
- Crespo A. (1990). *A vida Plural de Fernando Pessoa*. Bertrand Editora.
- Delgado, A. S. (2008). «Miguel de Unamuno (1864-1936)», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Fernandes, A. (1975). «Fernando Pessoa e Tavira, Onde se esclarece um aparente enigma literário e se põe outro verdadeiro». *O Tavira*, pp. 1 e 9.
- Ferreira, D. M. (1988). *Nos Passos de Pessoa – Ensaio*. Editorial Presença.
- Ferreira, S. A. (2008). «Carlos Filipe Porfírio», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Fidalgo, A. L. (2012). «Francisco Fernandes Lopes (1884-1969), historiador do Algarve, Contributo para a historiografia henriquina». Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em História do Algarve, Universidade do Algarve, p. 63.
- Filho, J. P. C. (2012). *Fernando Pessoa, uma quase- autobiografia*. Porto Editora.
- Finnazi - Agró, E. (1987). *O Alibi Infinito – O Projecto e a Prática na Poesia de Fernando Pessoa*. INCM.
- França, I. N. M. (1987). *Fernando Pessoa na Intimidade*. Dom Quixote.
- França, J. A. (1991). *O Modernismo na Arte Portuguesa* (3.ª ed.). ICALP.
- Franco, A. C. (2008). «João Lúcio (1888-1918)», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Freire, L. (2006). *Fernando Pessoa, Quadras e Canções de Beber*. Planeta DeAgostini.
- _____ (1999). *O Feitiço da Quadra*. Veja.
- Freitas, A. M. (2008). «Olisipo», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.

- Gagliardi, C. (2008). «A Casa Branca Nau Preta», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- George, J. P. (2022). *O Super – Camões. Biografia de Fernando Pessoa*. D. Quixote.
- Gil, J. (2024). *O Espaço Interior*. Relógio d'Água.
- _____ (2013). «Posfácio», *Ode Marítima – Poema de Álvaro de Campos, 1915*. Relógio d'Água.
- _____ (2010). *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*. Relógio d'Água.
- _____ (1987). *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Relógio d'Água.
- Hourcade, P. (2016). *A Mais Incerta das Certezas: itinerário poético de Fernando Pessoa*. Tinta – da- China.
- Inácio, N. C. (2024). *Genealogia do Algarve*. Projeto <http://www.genealogiadoalgarve.com/>. Apoio: Câmaras Municipais de Portimão, Albufeira, Lagoa, Monchique e Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes.
- Iria, A. (1941). «Arq. Hist. Mil. Proc. de Daniel Pessoa e Cunha», *A Invasão de Junot no Algarve: (subsídios para a história da guerra peninsular, 1808-1814), vol. II*.
- Jennings, H. D. (1984). *Os Dois Exílios. Fernando Pessoa na África do Sul*. Fundação Eng. António de Almeida. Centro de Estudos Pessoaanos.
- Júdice, N. (2008). «O Heraldo». *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- _____ (1993). *Poesia Futurista Portuguesa (Faro 1916-1917)*. Vega.
- Lancastre, M. J. (1981). *Fernando Pessoa. Uma Fotobiografia*. Imprensa Nacional Casa da Moeda /Centro de Estudos Pessoaanos.
- Lencart, M. L. (1987). *Do Algarve nasceu: Fernando Pessoa*. Edição de autora.
- Lopes, F. F. (1950). «Encontro», *Leonardo Coimbra, testemunhos dos seus contemporâneos*. Textos coligidos por A. Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, José Marinho e Sant'Anna Dionísio. Livraria Tavares Martins, pp.223-224.
- _____ (1942). «Duas cartas inéditas de Fernando Pessoa», *Seara Nova*, pp. 296-297.
- Lopes, T. R. (2013). «Pessoa empresário da Íbis, criador de anarquias e de civilização». *Modernista – Antologia de artigos da revista Modernista*, pp. 99-110. «Pessoa e os Algarves: de O Povo Algarvio ao Heraldo de Faro, passando pelo de Tavira». *Modernista – Antologia de artigos da revista Modernista*, pp. 127-133.

- _____ (2011a) «Álvaro de Campos, o Algarvio Cosmopolita». *Álvaro de Campos Engenheiro de Tavira. I Encontro Internacional Álvaro de Campos*, pp. 7-8.
- _____ (2011b) «O Engenheiro Judeu, de Tavira, Cidadão do Mundo, Afilhado de Mário de Sá-Carneiro, Protagonista do Romance-Drama». *Álvaro de Campos Engenheiro de Tavira. I Encontro Internacional Álvaro de Campos*, pp. 9-22.
- _____ (2008a). «Álvaro de Campos». *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- _____ (2008b). «Fernando Pessoa. Obra». *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Lourenço, E. (2024). *Fernando Pessoa Revisitado* (3ª edição). Gradiva.
- _____ (1994). *O Canto do Signo – Existência e Literatura*. Presença.
- _____ (1986). *Fernando, Rei da Nossa Baviera*. INCM.
- _____ (1973). *Fernando Pessoa Revisitado, (Leitura Estruturante do Drama em Gente)*. Editorial Inova.
- _____
- Luís, A. B. (1979). *A Vida e a Obra de Florbela Espanca*. Arcádia.
- Marnoto, R. (2009). «Futurismo e Futurismos em Portugal». *Revista do Instituto Italiano de Cultura: Estudos Italianos – Portugueses*, n. s., 4, 2009, «Dossiê – Futurismo».
- Martinho, F. J. B. (2022). *Aspectos do Legado Pessoaano*. Tinta – da – china.
- Martins, F. C. (2015). «Notas sobre o diálogo poético entre Sá-Carneiro e Pessoa», *Estranhar Pessoa*, N.º 2, Outubro.
- _____ (2014). *Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa*. Assírio & Alvim.
- _____ (2008). (Coord.), *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Alfragide, Editorial Caminho.
- Mesquita, J. C. V. (1984). «Faro e o Movimento do Orfeu». *3º Congresso Sobre o Algarve – 1984, vol 1*, pp. 135-146.
- Moisés, P. L. (2008). «Futurismo Saudosista», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Monteiro, A. C. (1958). *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Livraria Agir Editora.

- Monteiro, G. (2013). *As Paixões de Pessoa*. Ática – Babel.
- Negreiros, J. A. (1924). *A Invenção do Dia Claro*. Dedicatória a Francisco Fernandes Lopes, folha de rosto.
- Neto, T. (2013). «Nau Preta'», *Jornal Folha do Domingo*, p.1. <https://folhadodomingo.pt/naupreta/>
- Nogueira, M. (2005). *Fernando Pessoa – Imagens de Uma Vida* (2ª ed.). Assírio & Alvim.
- Ofir, R. C. (2004). *Tavira-Memórias de uma Cidade*. Tipografia Tavirense.
- Oliveira, P. M. (2008). «A Águia», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.
- Palma, P. J. (2013). «Novos dados para a história do futurismo em Portugal». *Modernista – Antologia de artigos da revista Modernista*, pp. 113-126.
- Paz, O. (1988). *Fernando Pessoa, O Desconhecido de Si Mesmo*. Vega.
- Pizarro, J. (2007). *Fernando Pessoa: entre génio e Loucura*. INCM.
- Pizarro, J., Ferrari, P. & Cardiello, A. (2013). *Os Objectos de Fernando Pessoa*. Casa Fernando Pessoa e Dom Quixote.
- Pizarro, J. (2018). *Ler Pessoa*. Tinta da China.
- Queiroz, C. (2011). *Fernando Pessoa – O Poeta e os seus Fantasmas*, Organização, introdução, leitura e notas de Maria Bochicchio. Ática.
- Real, M. (2021). *Pessoa & Saramago*. Publicações Dom Quixote.
- Reis, C. (2008). *O Conhecimento da Literatura – Introdução aos Estudos Literários*. Almedina.
- Saa, M. (1925). *A invasão dos judeus*. Libânio da Silva.
- Sá-Carneiro, M. (2015). *Em Ouro e Alma, Correspondência com Fernando Pessoa*. Edição crítica de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Tinta-da-China.
- Sacramento, M. (1985). *Fernando Pessoa – Poeta da Hora Absurda* (3ª ed.). Veja
- Seabra, J. A. (1988). *Fernando Pessoa ou o Poeta Drama*. INCM.
- Sena, J. (1984). *Fernando Pessoa & Cª Heterónima -Estudos Coligidos 1940-1978* (2ª ed.). Edições 70.
- Serrão, J. (1983). *Temas de Cultura Portuguesa I*. Livros Horizonte.
- Silva, V. A. (2009). *Teoria da Literatura* (8ª edição). Almedina.
- _____ (1996). «Modernismo e Vanguarda em Fernando Pessoa», *Diacrítica*, n.º 11.

_____ (1995). «A constituição da categoria periodológica de Modernismo na literatura portuguesa», *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas*.

Silva, M. P. (2008). «Francisco Fernandes Lopes», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.

Silvestre, O. (2008a). «Modernismo», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.

_____ (2008b). «Vanguarda», *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Editorial Caminho.

Simões, J. G. (2017). *Vida e Obra de Fernando Pessoa. História de uma geração* (6ª ed.). Dom Quixote.

_____ (1974). *Retratos de Poetas Que Conheci*. Brasília Editora.

Tabucchi, A. (1984). *Pessoana Mínima*, Lisboa, INCM.

Vargues, J. L. S. (2008). «Contributo para o estudo do Futurismo no Algarve: O caso da coluna de poesia Gente Nova-Futurismo», Monografia – Curso de Licenciatura em Património Cultural, FCHS-UALG.

Zenith, R. (2022). *Pessoa. Uma Biografia*. Quetzal.

Arquivo: Hemeroteca Digital do Algarve: <http://hemeroteca.ualg.pt/pesquisa/lista>

ANEXO I

FIGURAS

PROCESSO DE GÊNESE DE FERNANDO PESSOA,
 cristão-novo, filósofo, poeta e prosador (e anti-semita) Nat. de
 Lisboa.
 Ano de 1921-9bro.
 O Investigador-Mário Saa.
 Fernando Pessoa, natural de Lisboa, poeta e prosador (e
 quanto a temperamento anti-semita!) é descendente directo de
 judeus, e ao mesmo tempo um tipo morphologico de judeu.

Sexto neto por parte de Sancho Pessoa de CUSTODIO
 DA CUNHA e da sua mulher Magdalena Pessoa.
 (De um papel do espólio de Pessoa)

Fig. 1 - Mário Saa, Árvore Genealógica de Fernando Pessoa, novembro de 1921.

Fonte: Hubert Jennings, *Os Dois Exílios. Fernando Pessoa na África do Sul*, p. 183.

I — ÁRVORE GENEALÓGICA
 DANIEL PESSOA E CUNHA
 filho de Gabriel Pessoa e Cunha
 neto de Sancho Pessoa e Cunha (de Montemor-o-Velho)
 e de Branca Nunes (do Fundão)
 Casa com D. Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa Pessoa
 Bacharel em Filologia e Medicina pela Universidade de Coimbra
 Capitão do Exército
 1806 — 1.º médico do Hospital de Tavira
 1808 — Físico Mór do Exército
 1812 — Organiza o Hospital Militar de Guerra de Castro Marim
 Morre em 31 de Agosto de 1822

Fig. 2 - I- ÁRVORE GENEALÓGICA/ DANIEL PESSOA E CUNHA/ , filho de Gabriel Pessoa e Cunha».

Fonte: Lucília Lencart, *Do Algarve nasceu: Fernando Pessoa*. Faro, (Edição de autora), 1987, p. 95.

Daniel Pessoa e Cunha
 Nível de descrição

História administrativa/biográfica/familiar
 Filiação: Gaspar Pessoa e Cunha
 Naturalidade: Serpa

Âmbito e conteúdo
 Faculdade: Matemática
 Matrícula(s): 14.10.1797 (ordinário)
 05.10.1798 (ordinário)
 Filosofia 14.10.1797 (obrigado)
 05.10.1798 (obrigado)
 03.10.1799
 Medicina 31.10.1800
 20.10.1801
 31.10.1802
 06.10.1803
 29.10.1804

Fig. 3 – Matrícula de Daniel Pessoa e Cunha na Universidade de Coimbra:

Filiação: Gaspar Pessoa e Cunha.

Fonte: Arquivo digitalizado da Universidade de Coimbra, acedido em 19/11/2023.

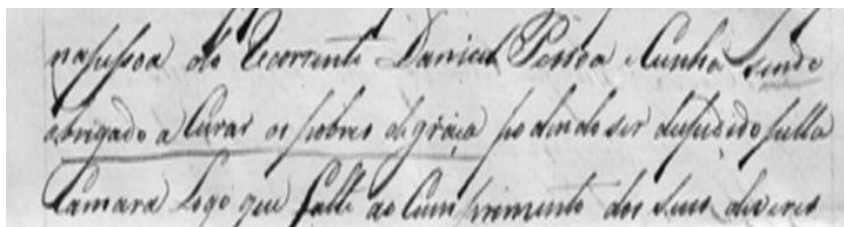


Fig. 4 – Livro de Registo da Câmara nº 5, 1796-1817, fl. 246-247.

Fonte: Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Tavira.



Fig. 5 – As armas do trisavô José António Pereira de Araújo e Sousa, pintado a cores por Fernando Pessoa. O primeiro quartel das armas dos Pereiras tem fundo vermelho.

Fonte: Maria José Lancastre, *Fernando Pessoa. Uma Fotobiografia*. Lisboa, INCM-Centro de Estudos Pessoaanos, 1981, p. 283.

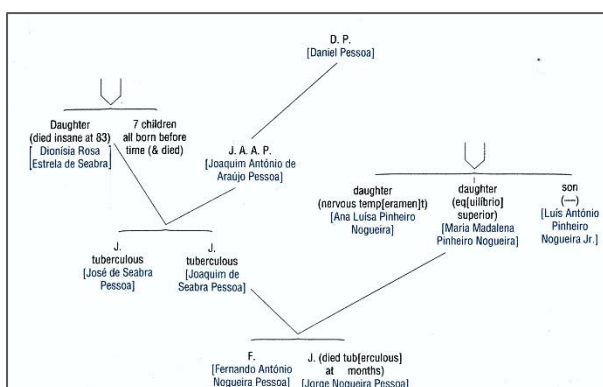
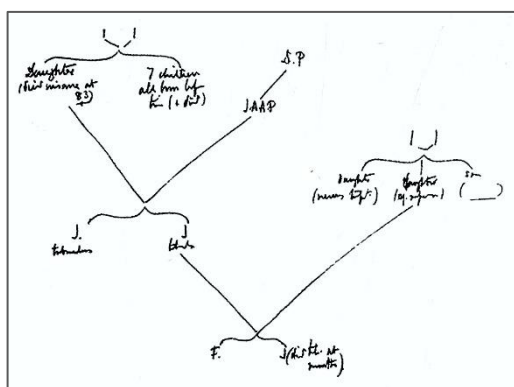


Fig. 6 – Árvore genealógica desenhada por Fernando Pessoa onde assinala os familiares vítimas de tuberculose e com problemas mentais. Um esquema traçado, em inglês (à esq.), enquanto escrevia o estudo de ‘Ethopathologia’, com epílogo da personagem fictícia Marcos Alves. O texto tem uma citação de um fictício *Tratado de doenças mentais*, atribuído a um tal dr. Florêncio Gomes.

Fonte: Fernando Pessoa, «Árvore genealógica traçada por Fernando Pessoa» (134^A-93^V), in *Fernando Pessoa, entre génio e loucura*. Edição Crítica de Jerónimo Pizarro, Coleção Estudos (Vol. III). Lisboa, Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 2007, p. 141.



Fig. 7 – Fotografia de Fernando Pessoa: «À sua querida tia Lisbella com muitos beijos do seu sobrinho muito amigo Fernando». Durban 1898.

Fonte: António Quadros, *Fernando Pessoa. A obra e o homem*, Lisboa, arcádia, 1981, p. 35.



Fig. 8 - Foto do autor: A casa da «tia Lisbela» no Largo-Jardim d'Alagoa, 42, onde Fernando Pessoa ficava quando vinha a Tavira.

“(…) Uma bela casa antiga com 4 sacadas de varandas de ferro trabalhado e encimada por um varandim também de ferro. Foi nesta casa que faleceu Jacques Pessoa em 1908. Para esta casa de D. Lisbela da Cruz Pessoa Machado vinha Fernando Pessoa, quando das suas estadias no Algarve ali naquela Praça com jardim, de árvores talvez do seu Tempo também, e lá ao canto, a vetusta Igreja de S. Paulo, enorme, altíssima, onde os seus olhos devem ter-se fixado muitas vezes e onde... talvez tenha entrado (...)”.

Fonte: Maria Lucília Lencart, *Do Algarve nasceu: Fernando Pessoa*. (Edição de autora), Faro, 1987, pp. 117-131.



Fig. 9 - Casa nº 15 junto à margem esquerda do rio Gilão de Maria da Cruz Lampreia Pessoa, mulher de Jacques Cesário, mãe de Jacques Pessoa e de Lisbela da Cruz Pessoa.

Fonte: Arquivo Pessoal da «Casa Fotografia Andrade», Museu da «Casa Fotografia Andrade», Tavira.



Fig. 10 - Foto do autor: A casa em Tavira dos bisavós Daniel Pessoa e Cunha e Joana Xavier Pereira d' Araújo e Sousa Pessoa, onde nasceu o avô Joaquim António de Araújo Pessoa, na esquina da Rua do Salto, nº 40.

«(...) Uma casa vasta com uma larga frente para a rua e fazendo gaveto para a rua que lhe fica ao lado. A fachada principal tem porta ao centro e três grandes janelas de padieira e ombreira de pedra antiga, de cada lado da casa. Ao lado tem uma larga porta cocheira. Na fachada lateral tem um andar na projeção do telhado onde se rasga uma janela e no andar térreo do mesmo lado rasgam-se uma janela grande e outra mais pequena encimada por um olho de boi. Grandes divisões, um belíssimo teto de madeira em masseira num dos quartos do andar superior. Numa estante antiga repousavam livros que talvez nos pudessem falar do passado, das preferências daqueles que em tempos ali tinham vivido e os tinham escolhido. *Histoire de la Révolution Française* (M.A. Thiers) *Les Confessions. Discours et Politique. La Nouvelle Heloise* (Jean Jacques Rousseau) *Oeuvres complètes de Volney. Oeuvres de Locke et Leibnitz. Oeuvres de Jean de laFontaine. Œuvres complètes de Chateaubriand. Œuvres complètes de Buffon*, 1838. *História da Revolução Francesa*, tradução de Maximiano Lemos Junior, Porto, Lemos & C.^a, 1890. *História de Napoleão*, M. de Norfins, tradução de JXTS e JGGCJ, Lisboa 1842. Em baixo, recorro um belo pátio com colunas de pedra e um varandim. De lá se avistam ao longe as salinas e mais adiante o mar. Visitei a casa como um espaço sacralizado. Ali estivera Fernando Pessoa. Ali nascera e vivera seu avô, General Joaquim António de Araújo Pessoa. Dali fugira para o Porto por causa das suas ideias liberais (...)».

Fonte: LENCART, 1987, pp. 117-131.



Fig. 11 – Foto do autor: «Quinta da Mesquita» de Lisbela da Cruz Pessoa, na Asseca, a cerca de 3 quilómetros de Tavira.



Fig. 12 – Fotografia de Fernando Pessoa, ‘bebé de 2 ou três meses’, ao colo da mãe Maria Madalena, oferecida à «tia Lisbela», que a colocou na casa da «Quinta da Mesquita».

Fonte: LENCART, 1987, pp. 117-131. Foto: Fotografia Cunha, rua de Serpa Pinto nº 66, Largo da Albergaria, 4, «Muñoz Martinez», Lisboa.



Fig. 13 – Amadeu Fernandes, «Fernando Pessoa e Tavira, onde se esclarece um aparente enigma literário e se põe outro verdadeiro», *O Távira*, 23 de dezembro de 1975, pp. 1 e 7.

Fonte: «Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Tavira», arquivo do investigador tavirense, Ofir Chagas.



Fig. 14 – *O Povo Algarvio*, «Semanário Republicano Independente», Anno 1. N° 31, 9 de abril de 1910. «Composto e Impresso na Typographica da Empresa Ibis», 38 – Rua da Conceição da Glória-40, Lisboa (cabeçalho na 1ª página). Publicidade da «Empresa Ibis», p. 3.

Fonte: Hemeroteca Digital do Algarve, acedido em 29-01-2024.

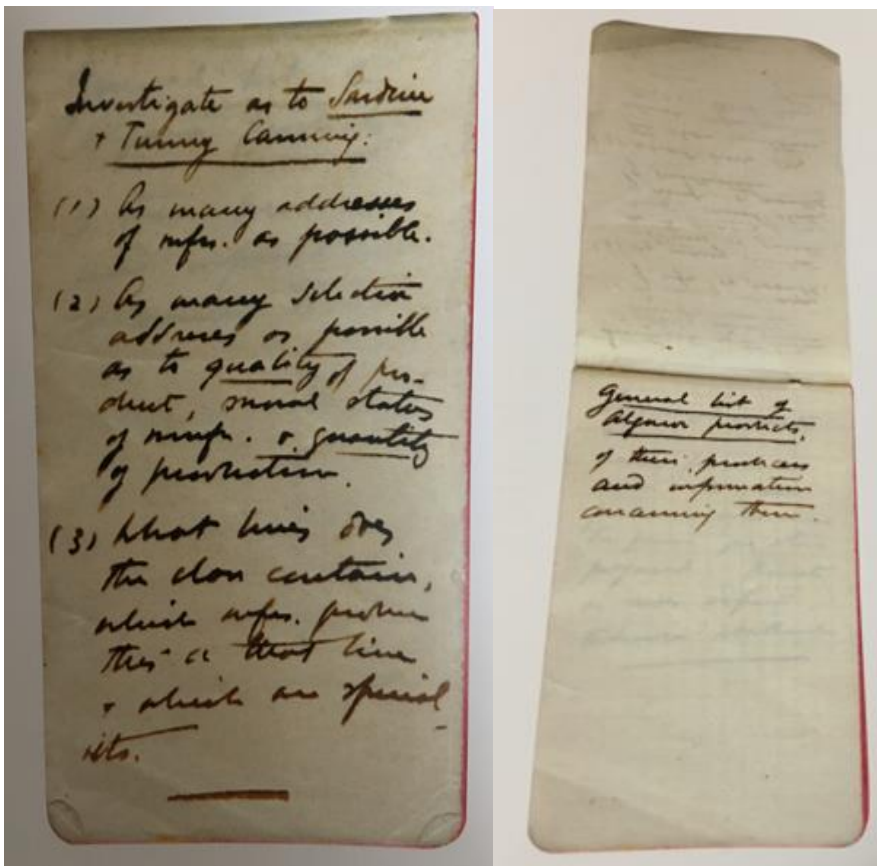


Fig. 15 – Bloco de notas de 1919, escritas em inglês. “(...) Investigate as to Sardine & Tunny Canning: (1) As many addresses/ of m [anu] f [acture]s as possible. (...) General list of/ Algarve products, / of their producers/ And information/ Concerning them (...)”.

Fonte: PIZARRO, Jerónimo, FERRARI, Patricio e CARDIELLO, Antonio. *Os Objectos de Fernando Pessoa*, Alfragide, Casa Fernando Pessoa e Dom Quixote, 2013, pp. 164-165.



Fig. 16 – O HERALDO - ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS, Távora, 1 de agosto de 1909 (Nº 1469, ANNO 27º), p. 1., cols. 1,2,3.

«O FUTURISMO»

«(...)Todas as ideias extravagantes eram atribuídas até agora á America do Norte. Vinha-nos de longe, com um accentuado sabor áquelle modernismo que distingue o espirito inventivo e insatisfeito do yankee. Mas esta ideia, agora chega da Italia, da Iyrica e progressiva Milão, com as vibrações de um clarim de guerra, com todo o colorido estranho de um combate á luz crua e ardente do sol dos trópicos e não com a suavidade lendária do radioso ceo da velha terra itálica.

De que se trata? - Apenas de uma nova escola literaria, á qual o seu creador chamou O Futurismo. E, sendo uma escola poética, dá agora a volta ao mundo, não de lyra trovadoresca sobre o peito, mas de coura e montante, viseira descida sobre o rosto homérico e fatal...

Devem tremer de horror, nos seus velhos balcões floridos, as almas cândidas de Laura e de Beatriz, de Nathercia e de Leonor, de todas as musas da antiga idade do Amor e da Illusão=-como se os madrigaes do novo paladino viessem forjados em ferro inclemente em vez de toucados de margaridas e saudades.

E' que a nova escola litteraria traz nas azas vermelhas do seu corcel de torneio-a guerra, a audacia, o valor. a revolta, a temeridade, os impulsos destruidores, como se toda a belleza suprema residisse na lucta e na violencia e deixando para traz o encanto das illusões, a immobilidade pensativa o extase e o sonho.

Para esses novos prophetas, é indispensavel abrir as portas mysteriosas do Impossivel. O Tempo e o espaço morerem hontem. Vivemos já no eterno absoluto, por qué já creamos a eterna rapidez omnipresente. E, assim, a sua poesia é um assalto violento contra as forças ainda desconhecidas, para as obrigar a dobrar-se perante o homem.

Querem glorificar a guerra, unica -, hygiene do mundo, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos anarchistas, as bellas ideias que matam o desprezo pela mulher-musa eterna agora despenhada do Olimpo por esses novos titans.

Mais ainda: querem destruir os museus e, as bibhothecas, combater a moral e o feminismo, todas as cobardias, emfim, opportunistas e utilitárias. Querem cantar o prazer e a revolta, as grandes multidões agitadas pelo trabalho, os turbilhões multicôres e polyphonicos das revoluções nas capitaes modernas, as vibrações nocturnas dos arsenaes das pedreiras sob as violentas luas electricas, as

estações das linhas ferreas devoradoras de serpentes fumegantes, as fabricas suspensas das nuvens por cordas de fumo, os navios aventureiros correndo no horizonte, as locomotivas de peito vigoroso que relinham pelos carris como se fossem enormes corceis de aço com rédeas de longos tubos o vôo dos aeroplanos cujas helices teem alegrias de bandeiras e applausos de multidão entusiastica, a rapidez diabolica dos autós galgando o espaço, semelhantes a serpentes de alentos explosivos.

São estas as musas inspiradoras da nova escola, que pretende tornar os poetas em homens glorificados pela sua acção fecunda na vida, elevando se com ella.

Não sabemos o que a Italia pensa d'esta nova phalange, surgida agora em Milão e capitaneada por Marinetti, o poeta da Cidade Carnal. Mas o manifesto, com que expuzeram ao mundo a sua doutrina, dá hoje volta á Europa, violento e incendiario...

-Museus, cemiterios ...--bradam elles, sacudindo o reino, que julgam adormecido. --A Italia tem sido, por demasiado tempo, um grande mercado de antiquários. Queremos livral-a da sua gangrena de professores, de archeologos, de cicerones, de velharias. Admirar um velho quadro é derramar a nossa sensibilidade em uma urna funeraria. A frequencia quotidiana dos museus, das bibliothecas e das academias - esses cemiterios de esforços perdidos, esses calvarios de sonhos sacrificados ... - é para os artistas o mesmo que a prolongada tutella paterna é para a juventude, esclarecida, ébria de talento e de ambições.

O futurismo, é, pois uma doutrina que só venera o instincto,- é uma forma de anarchia. Marinetti, o seu Messias, quer que o individuo se desinvolve livremente, sem ser entrevado por influencias ancestraes ou limitado por exigencias de moral.

E o amor? O amor, para os *futuristas* é apenas um freio estúpido, E'- uma tyrannia que entrava as forças dos grandes creadores e dos homens de acção. As canções que falam em beijos de amor, por noites luarentas e tristes - o que diriam dos futuristas as nossas tricanas do Choupal! -devem ser substituidas por odes violentas de audacia, cantando os silvos das locomotivas, os gritos alarmantes dos automoveis, o ruido metallico das armas de guerra em carnificinas heroicas ...

-O gesto destruidor do anarchista - exclama o *leader* do futurismo - a bomba de Vaillant, são preferiveis á cobardia do burguez que se roja no momento do perigo ou ao egoismo inepto do aldeão que se mutila para não ir servir o seu paiz.

-E a guerra? - perguntam-lhe - Desejar e cantar as grandes carnificinas é recuar ás epocas do barbarismo.

-Sim - diz Marinetti - Mas é uma questão de hygiene superior a todas as outras considerações. Os povos devem seguir uma constante hygiene de heroismo. Devem tomar em todos os seculos, um glorioso duche de sangue.

Assim fala o propheta milanez.

Se a nova escola passasse algum dia de uma simples phantasia de poetas, adeus sonhos de amor, adeus saudades e illusões... Natherclas de labios sempre ansiosos de timidos corações sempre sonhadores - melhor seria que fosse engulida a terra por um novo diluvio universal. Dar um beijo em uns labios inspirados de poeta, para o ouvir cantar em seguida a buzina de um automovel ... Só por uma ironia capaz de fazer empallidecer as estatuas que pelos muzeus tivessem escapado á furia evagelizardora da nova horda poetica ...

Ribeiro de Carvalho

ORIENTES

As Futuristas do Heraldo
 os únicos que me podem sentir.

Esta Ansia de Tudo que me betra no Alma nas
 horas de Beleza.

E' sempre Ela que assim me agita. E' o seu
 olhar que assim me manda.

— Os meus nervos enleiam-se com gritos de
 Luz.

A minha Ansia vaga deida de Febre. A minha
 vida e' pó d'algum deserto onde o vento e' eterno.

Tenho a Alma lançada a Movimento - Be-
 leza.

A Cor Nua da jarra d'este café está a vencer a
 minha atenção.

— Oh! Como eu desejaria confundir-me em os
 tempos da mesma Cor!

Provocam-me as esculpturas de mármore no fita-
 mento de seios de si morder.

Encanta-me a vertigem do automovel, mais só a
 vertigem sem o automovel.

EH! LA? pelas cortezas das grandes corridas.

EH! LA? pelas grandes chapas de zinco encas-
 tadas.

Os grandes Assezes e o odino me mostram
 O movimento e o espaço das grandes Fabricas.

Tioco - Tan - Zapex - Zentes - PA - Pim - Tio-
 o!!!

EH! LA? Selvagens e selvagens.

K 4 - O quadrado Azul
 de
dealmada

Fitico Genio! O unico genio do mundo.
 Almadá Negueiros.

As bailarinas provocantes com o seu sorriso
 nua cristal.

O misterio das suas joias. O perfume dos ca-
 parins. O cargo que transportou as males da Ba-
 seina descalça Miss Rose.

A minha alma sentia ciúmes pela multidão que
 ubia para o teatro. Não tu ve-la para sonhar.

E tantas Belezas da minha Alma que os da ser-
 e, os divertidos não compreendem.

Sim... Sim... Eu sou Futurista, sou de
 ado que tem Vida, movimento, An-
 sta, misterio! E os outros pobres ribei-
 lhos de agua morna!

Faro 15-3-1917.

NESSO.

Fig. 17: Nesso (pseudónimo de Carlos Porfírio), «Orientes», *O Heraldo*, 29 de abril de 1917, Ano V, Nº 379.

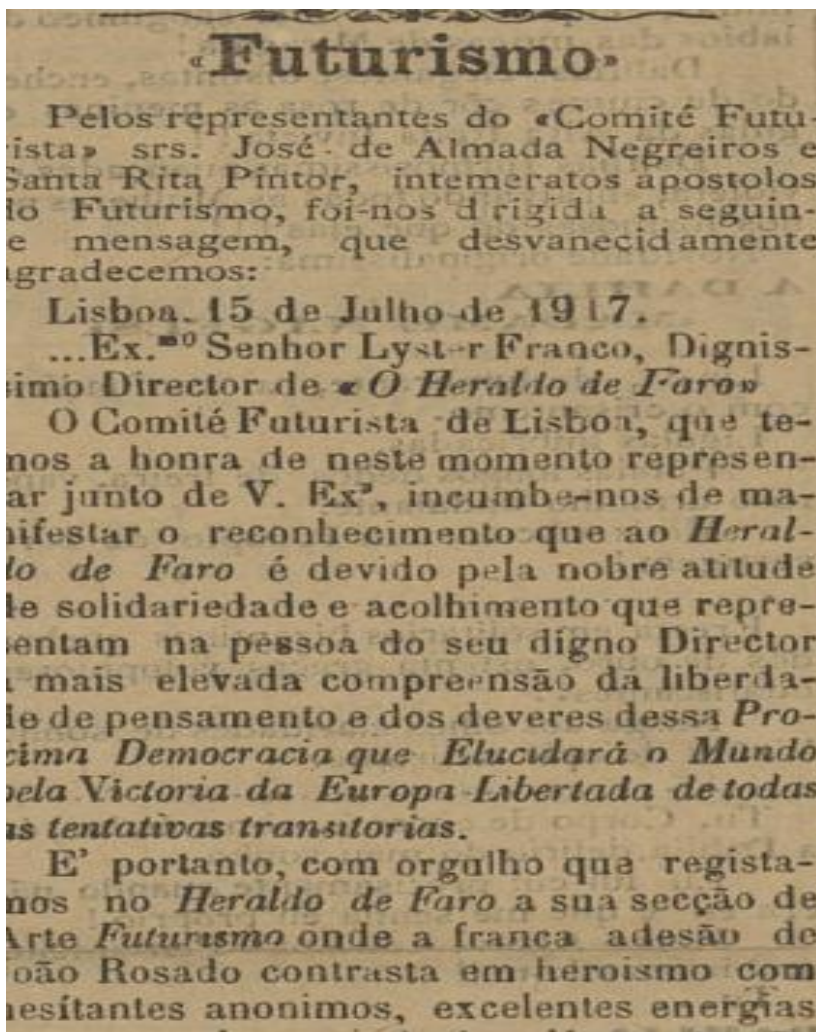


Fig. 18: Carta de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor (Comité Futurista), Lisboa, 15 de Julho de 1917, in *O Heraldo*, 5 de Agosto de 1917, Ano V, Nº 393, p. 1 (primeira página), col. 4.



Fig. 19: *Portugal Futurista*, Número único, Nov. 1917, «Carlos Filipe Porfírio, Director e Fundador».

(INÉDITO)

A CASA BRANCA NAU PRETA

Estou estendido na poltrona, é tarde, o tempo apressa-se...
Nem ainda, nem ainda, um tempo alastra em meu peito...
Não quero acordar para o meu tempo morto...
Quem foi em meu sonho que alguma vez por mim...
Na uma interrupção lateral na minha consciência...
Constituição, realidade, os pontos da janela de um quarto...
Apesar de as janelas estarem abertas de par em par...
Sigo sem atenção as minhas respostas sem mais
E a personalidade que temo está entre o corpo e a alma...

Quem dirá que souvesse

Da estada não perfeitamente interior para a alma,
Da objectividade sem guisa interior à rota de um mito...
A impossibilidade de tudo quanto eu não chego a entender
Dê-me por detrás das cortas da minha consciência de sentir...

As ondas seguem,

Seguem sempre não sei em que dia escondido,
E a esta que detem seguir a esta oculto nos ritmos,
Nos ritmos perdidos das canções mortas das marinheiras de então...

Arreios parados da janela, vistas através da janela,
Arreios estranhos a mim a um ponto inconcebível de consciência de as estar vendo,
Arreios iguais todos e não serem mais que eu re-luz,
Não poder eu fazer qualquer coisa senão haver arreios que deixasse de ser,
Não poder eu coexistir para o lado de lá com estes-ou sendo do lado de cá,
E poder levantar-me desta poltrona deixando as ondas no chão...

Que ondas?... Eu não sei as ondas... Que não partiram? para onde?...
Tive esse sentimento sem mais porque no quarto fraterno

Não partem... Não, não: barcos, mas os meus estão em mim,
E é sempre melhor o sentimento que cabida de que o certo que basta,
Porque a que basta nada mais basta, e este acaba não basta,
E nada que se pareça com isto dentro de o sentido da vida...

Quem por as fitas das arreios dentro da existência das arreios?

Quem deu fraldas a arreios e me deixou por sentir?
Quem me dá a meu pensamento, que me dá a clar sem ele,
Sentir sem auxílio de poder parar quando quiser, e o mar não
E a alguma coisa, sempre para si, das ondas a esta...

Não há substância de pensamento na matéria de onde dou que penso...

Não há jemais arreios de par em par arreios por causa do culto de não ser,
E o quanto chego de ser em os arreios arreios-ou, e quanto...

Na minha abertura, fraldas do angulo com que o meu olhar a cabe
A casa branca distante tudo mais... (O mundo é obscuro.)

Fecho o olhar e os meus olhos são na casa branca sem a ver
São outros olhos vendo sem olhar não está a mim que se afasta,
E eu parado, mole, adormecido,
Tudo pela minha a falta do mar lá me vejo deslocado-me longe de aqui,
Tudo na inconsciência e este...

As próprias perfeições distantes a mim que penso não levo.

A's ondas dando sobre o mar indistinto em meu alborço.
As janelas abertas nas alas insipientes não dizem
Tudo perde o sentido com que o tempo que meu período
E a mar esta por os meus olhos a período constante...

Com o mar, não está a noite, só importa a mudança

Por onde nos olhos que não vejo na realidade e eu lá...
Distância mostra-me mais do que nunca dentro de mim, as rãs rãs,
Quarar tarde no café, porque tudo é mais tarde a mim do...

Mulher de aparência da Senhora das Angélicas dos flocos...

Movimentos de esquecimento de janelas tiradas para se abrir...

Os olhos fechados, a cabeça perdida contra a cortina certa
E o mundo para além das minhas palavras sem rimas...

A casa branca nau preta...

Fúndido no subraído...

11 de Outubro de 1916.

FERNANDO PESSOA,
Director de Orphen

Fig. 20: Fernando Pessoa, «A Casa Branca Nau Preta».

O Heraldo, (Futurismo – Gente Nova), 1 de Julho de 1917, Ano V, Nº 388, p. 2, col. 2.

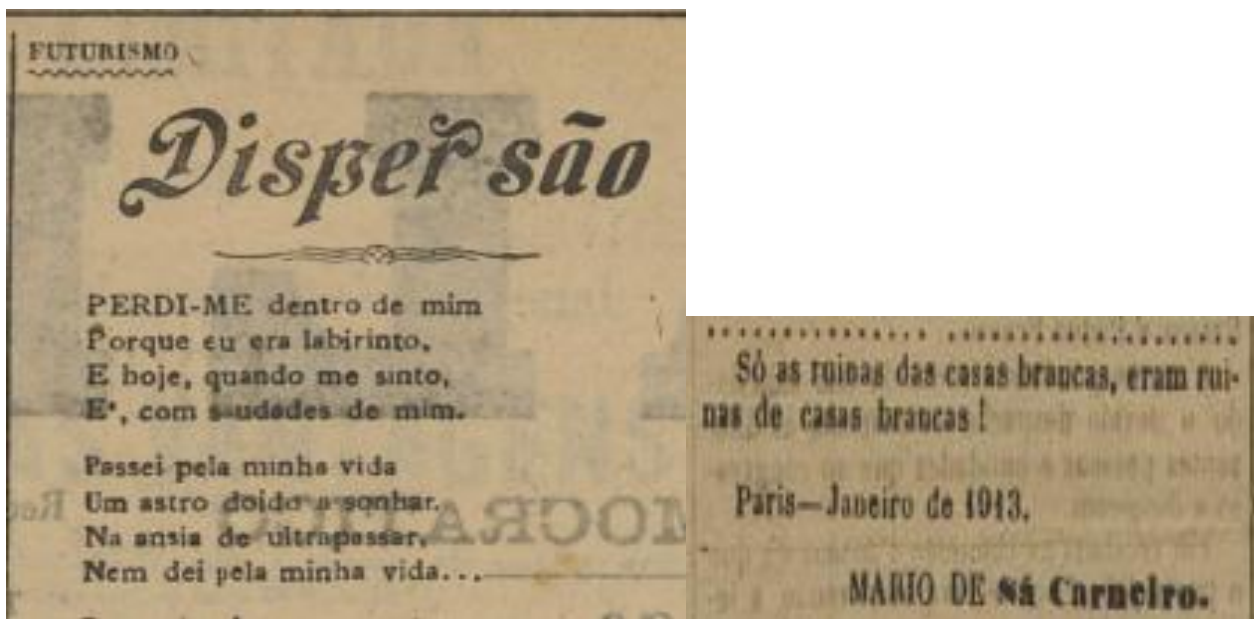


Fig. 21: Mário de Sá Carneiro, “Dispersão”, Paris – Janeiro 1913, *O Heraldo*, “Futurismo – Gente Nova”, 18 de Fevereiro de 1917, Ano V, Nº 369, p. 2, col. 2.

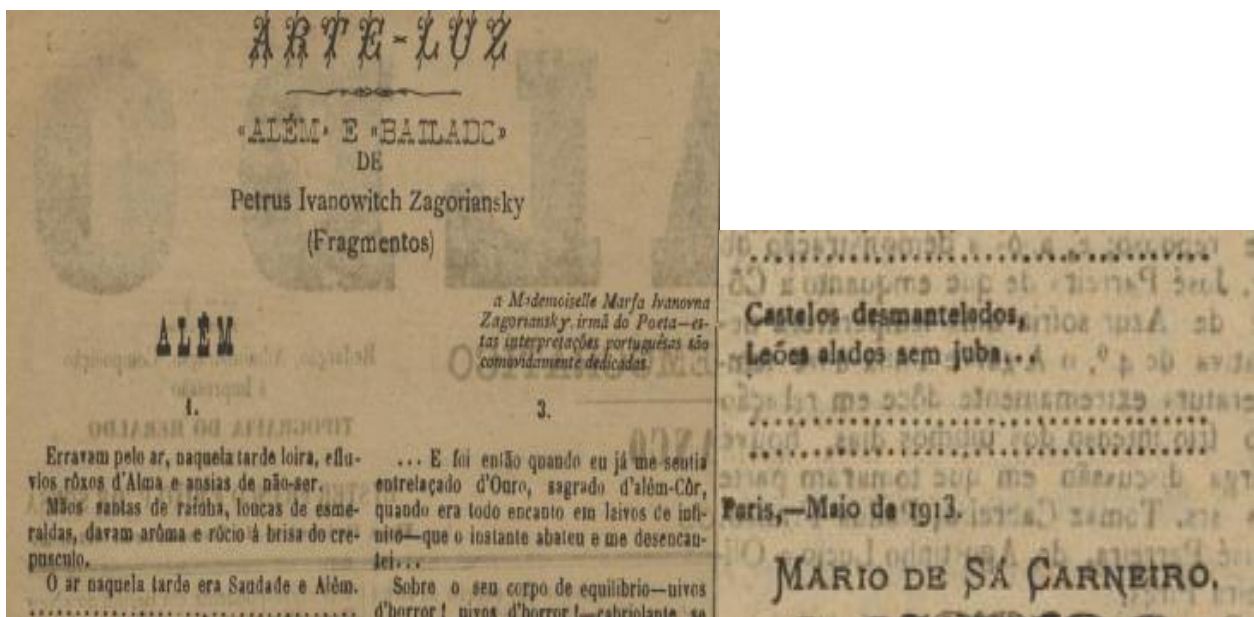


Fig. 22: Mário de Sá Carneiro, «Arte-Luz / Além», Paris – Maio 1913, *O Heraldo*, «Futurismo – Gente Nova», 15 de Abril de 1917, Ano V, Nº 377, p. 2, col. 2 e 3.



Fig. 23: Anúncio n' *O Herald*, «Futurismo – Gente Nova», 10 de junho de 1917, Ano V, Nº 385, p. 2, col. 4, do poema «No próximo numero: LITORAL, / Grande poema extraordinário e sibilante do poeta futurista/ José de ALMADA NEGREIROS».



Fig. 24: Almada Negreiros, "Litoral"; "Belfast", *O Herald*, "Futurismo – Gente Nova", 17 de junho de 1917, Ano V, Nº 386, p. 2, cols. 4 e 5.

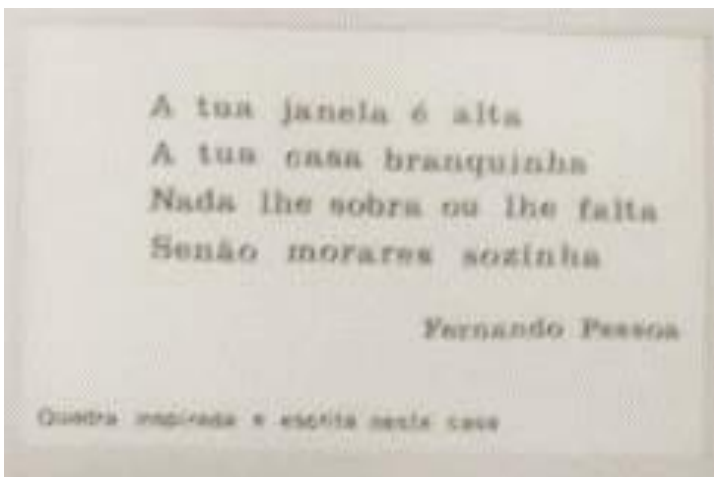
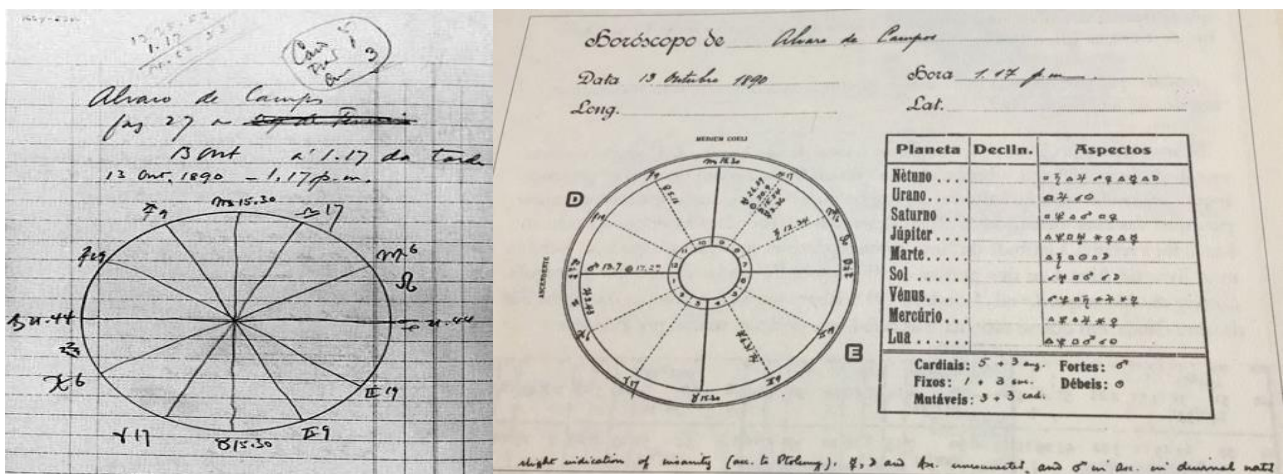


Fig. 25: «Quadra inspirada e escrita nesta casa por Fernando Pessoa». Nota da moldura colocada sobre a chaminé da sala da casa da «Quinta da Mesquita», Asseca, nos arredores de Tavira.

Fonte: Fotografia do autor.



[BNP/E3, 144Y-23^v]

[BNP/E3, 90⁶-48^r]

Fig. 26: Mapas astrais elaborados por Fernando Pessoa:

Horóscopo de Alvaro de Campos / Data 13 outubro de 1890 Hora 1. 17 da tarde.

Fonte: Fernando Pessoa, *Cartas Astrológicas*. Edição Paulo Cardoso, (colaboração, Jerónimo Pizarro.). Lisboa, Bertrand Editora, 2011, pp. 88-93; Teresa Rita Lopes, “Álvaro de Campos”, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Alfragide, Editorial Caminho, 2008, pp. 123-131.

ANEXO II

DOCUMENTOS

Destinatário: pai Joaquim Pessoa à mãe Maria Madalena

«Caneças, 26, à 1,10 da tarde.
Minha querida Maria.

Recebi há pouco o teu bilhete e fiquei em muito cuidado por causa da minha Mãe. Afinal, apesar de dizeres que ela está parvinha e demente, não deixa de ter essas grandes agitações, que é o que eu mais temo e que a prostram. Se ao menos estivesse sossegada, ainda havia essa triste consolação, mas afinal são ambos os males. Eu hoje sinto-me muito abatido, porque faz muito calor e dormi pouco. Sentia muito calor na cama e uma vez que dormi um pouco, transpirei, o que me abate e aborrece muitíssimo. Deitei-me perto da meia-noite; às 2 horas já estava acordado e daí em diante foi apenas dormir uma ou outra vez, ouvindo sempre as horas no relógio cá de casa. Levantei-me depois das 6, tomei o copo de leite, e saí às 8, até à hora do almoço. Ontem à tarde demos um passeio detrem de que gostei, porque a tarde estava agradabilíssima e os campos estão muito bonitos. Hoje está também muito calor. Precisava de tirar alguma roupa, mas ao mesmo tempo tenho receio, porque de repente arrefece. Não tenho tido frio, hoje às 9 horas comeci logo a sentir o calor, o termómetro às 11,30 marcava 37,3 quase 40, mas pouco mais do que ontem (...) estas teimosas febres e sem me querer deixar de todo. Também tenho tido alguma tosse, mas não me sinto constipado. Sabia já por uma carta que a Anica escreveu à Mamã que tencionavam vir cá no domingo. Eu gostava muito que viesses, mas tenho receio por causa da minha Mãe, que pode ter alguma agitação maior e depois dizerem que a abandonaram e que a deixaram só com as criadas. Gostava que estando ainda lá a Lisbela, ela pudesse vir contigo também, mas era preciso que alguém, como a tia Rita, por exemplo, se prestasse a ficar aí mandando tu fazer-lhe esse pedido a tempo. Em todo o caso só com as criadas não acho bom que ela fique. Vê se podes arranjar isso, porque tinha muita vontade de estar contigo e com o Jorge, coitadinho. No caso de vires peço que me tragas no trem o seguinte, que pode vir n'um cesto ou arranjado como melhor entenderes: dois pares de ceroulas finas de verão, porque como as calças que trouxe são grossas fazem-me muito calor as ceroulas que tenho cá; uma porção de pastilhas de bicabornato de sódio, que deve haver talvez lá no armário, não havendo manda-as comprar aos Azevedos; um frasco com água de Bem Saúde, ou talvez duas. Ainda mesmo quenão pudesses vir e que viesse a Anica e o João pedia-lhes para trazerem isso no trem. Vou agora sair um pouco. O Fernando já lanchou. Ele está muito bom e a Mamã também tem tirado partido de estar aqui. Está mais gorda e corada, come e dorme bem. Adeus, minha querida Maria, tenho muitas saudades tuas e do nosso querido Jorge. Dá um abraço na Lisbela, coitada, que tão boa companhia te tem feito, e recomenda às pessoas de família. Um abraço do muito afetuoso, do teu dedicado Joaquim».

Docs. 1: Carta do pai Joaquim Pessoa à mãe Maria Madalena, Caneças, 26 de junho [ou 26 de maio] de 1893. A sobrinha Manuela Nogueira, publicou a carta com a data de 26 de junho, *Fernando Pessoa. Imagens de uma vida*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 30. O biógrafo Richard Zenith, atribui à mesma carta a data de 26 de maio, *Pessoa. Uma Biografia*, Lisboa, Quetzal, pp. 60-61.

Destinatário: Carlos Augusto Lyster Franco, Diretor do jornal de Faro, *O Herald*

«Exmo.º Senhor Diretor de *O Herald*

Faro.

Ao pedido de V. Ex.^a, de que exponha quais são, a meu ver, as correntes e as direções na literatura contemporânea, vou responder com a clareza que o assunto exige, conjugada com a concisão a que a natureza do inquérito necessariamente obriga.

A arte – e, a dentro da arte, a literatura supremamente, por ser a arte intelectual – visa a dois fins e deve a sua existência a duas ações. Ao mesmo tempo que interpreta uma época, reage contra ela. Interpreta-a pelo simples facto de ser dela, de existir nela, e, ainda, pela circunstância especial de ser um fenómeno intelectual e o papel da inteligência ser o de interpretar o conjunto de paixões e de emoções que formam o temperamento, individual ou social. Reage contra ela pelo facto de ser um fenómeno aristocrático, de ser um fenómeno intelectual, e de ser um fenómeno (...). A inteligência tem um papel de simultaneamente expressora dos instintos e inibidora deles. Assim a arte (e sobretudo a literatura) expressão intelectual das sociedades, tem o fim de ao mesmo tempo exprimir as suas tendências ocultas e de as contrariar, ordenando-as.

Se conseguirmos determinar quais sejam, na sua vera essência, as tendências da civilização contemporânea, poderemos determinar quais devem ser as correntes literárias supremas, vitoriosas, nela; o que faremos pelo processo lógico simples de delinear um feito literário que ao mesmo tempo interprete e contrarie a direção social da vida contemporânea.

Ora a vida contemporânea define-se por dois grandes fenómenos, que especialmente a distinguem da vida social de séculos anteriores, e que, por a distinguirem especialmente da vida social de séculos anteriores, precisamente a definem e a exprimem. Esses dois fenómenos são o internacionalismo e predomínio da ciência. Estão ligados, é claro, como não podia deixar de ser, mas são dois fenómenos que o analisador separa com justiça. O internacionalismo – que setenta guerras como a presente, com a sua estimulação de nacionalismos, não poderiam entrar – deriva da extensão do comércio, da multiplicação das indústrias, da facilidade excessiva de comunicações, do aumento de conhecimentos inter-linguísticos, de todas as interações resultantes que radicam a vida cosmopolita como característica da nossa época. Por outro lado, o que define a atitude intelectual da época, mau grado reações secundárias, é a ideação científica, quer pura, quer aplicada. As próprias reações religiosas e filosóficas buscam pontos de apoio na ciência, ou então procuram diminuir o valor da ciência – o que implica, em qualquer dos casos, por apoio ou negação – a preocupação científica.

Se, pois, a literatura ao mesmo tempo exprime e contraria as características da época, a literatura realmente expressiva – e portanto eterna, pois que a fotografia da época – do nosso tempo será aquela que ao mesmo tempo exprima estes dois característicos e os contrarie. Literatura, portanto, essa que seja cosmopolita e científica nos seus intuitos, e nacionalista e anti-científica também. Há fórmula alguma que consiga reunir esses característicos opostos? Há, como em todos os tempos foi papel da literatura reunir característicos opostos.

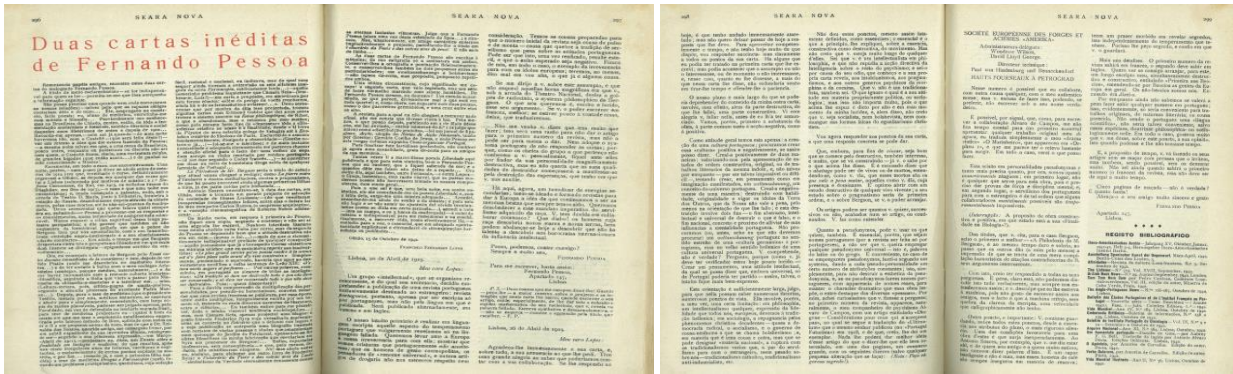
Detalhemos.

O cosmopolitismo expressa-se em literatura não pela preocupação cosmopolita (isso não seria uma expressão, mas uma explicação), mas pela admissão a dentro do âmbito literário de todas as formas de sensações, de todos os feitios de literatura. Isto é, o cosmopolitismo, fenómeno que se dá no espaço, é representado por um fenómeno literário que se dá *no tempo*: a escola literária que queira representar a nossa época, tem de ser aquela que procure realizar o ideal de todos os tempos, de ser a síntese viva das épocas passadas todas. Ora as épocas passadas, para nós, são simplesmente duas: o classicismo, onde a expressão é do universal e do abstrato, e o «romantismo» (péssimo nome, mas fixo) em que a expressão é do pessoal e do concreto. A arte moderna deve, portanto, buscar exprimir ao mesmo tempo o universal e o pessoal, o abstrato e o concreto.

A maneira de o fazer? Sendo difícil na realidade, porque é preciso estar nas emoções e não nas teorias para ser feito, não é impossível dar uma noção do que seja. Há três maneiras de simultaneamente dar o universal e o pessoal, o abstrato e o concreto. Há 1.º a justificação, 2.º a fusão, 3.º a interseção. No primeiro processo busca-se simplesmente equilibrar uma cousa pela outra: é o processo mais difícil, e que, ao que me consta, ninguém ainda hoje, em qualquer país que seja, teve fôlego e estofo para realizar. O equilíbrio e a disciplina – mau grado ser o ‘cri’ de guerra dos desorientados e indisciplinados discípulos de Maurras – não é precisamente o forte da nossa triste época, tão deslavadamente inferior.

-A fusão implica um processo romântico levado até ao fim: aprofundar o sentimento individual até encontrar a sua essência metafísica por onde ele se universalize. – A interseção (...) O primeiro processo é um enriquecimento do classicismo; o segundo uma classicização do romantismo; o terceiro um endurecimento do simbolismo. Pela tripla via assim chegamos ao mesmo fim – o sensacionismo».

Docs. 2: Dactiloscrito com a cota 141-5, um texto de duas páginas, endereçado ao diretor do semanário e que não aparenta ter sido acabado, publicado por Teresa Rita LOPES (1990: I, pp. 122-123). Transcrição de acordo com a ortografia atual (acrescento nosso).



Docs. 3: Francisco Fernandes Lopes, “Duas cartas inéditas de Fernando Pessoa, Olhão, 15 de Outubro de 1942.

Fonte: *Seara Nova*, n.º 795, 7 de Novembro de 1942, pp. 296-297.

Destinatário: Francisco Fernandes Lopes

«A Francisco Fernandes Lopes (Lisboa, 20-4-1919)

Meu caro Lopes

Um grupo «intelectual», que se organizou recentemente, e do qual sou secretário, decidiu empreender a publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro: revista portuguesa, portanto, apenas por ser escrita só por portugueses, mas não pela língua em que é publicada. Será publicada alternadamente, em francês e em inglês.

O nosso intuito primário é realizar em linguagem escrita aquele aspeto do temperamento português que vulgarmente revelamos só na linguagem falada. Queremos levar ante a Europa a nossa irreverência para com ela; mostrar que somos criaturas que portuguesamente não aceitamos; que os homens de génio cosmopolita, os pensadores de «renome universal», e outros artigos de drogaria não nos merecem nem respeito nem consideração. Temos as coisas preparadas para que o número inicial da revista seja coisa de pulso e de monta – coisa que quebre a tradição de servilismo que pesa sobre as atitudes portuguesas. Pode ser que isto, uma vez realizado, resulte estéril, e que o êxito esperado seja negativo. Ficará de nós, em todo o caso, o exemplo da irreverência para com os ídolos europeus; teremos, ao menos, dito mal em voz alta, o que já é alguma coisa.

Se me dirijo a V. sobre este assunto, é que não esqueci aquelas horas magníficas em que V., sob a arcada do Teatro Nacional, desfez a golpes de raciocínio o sistema filosófico de «Bergson». O que nós queremos é, escrito e lúcido, esse seu argumento. Se V. o puder escrever em francês, melhor; se estiver pouco à vontade nisso, deixe, que traduziremos.

Não me venha V. dizer que tem muito que fazer, isso será uma razão para não dar o artigo para o primeiro número da revista, mas não pode ser para nunca o dar. Nem adote o sistema português de não responder às cartas; porque, como os chefes do grupo a que pertencço não conhecem a V. pessoalmente, fiquei ante eles por fiador da sua personalidade magnificamente destrutiva, mas eu não queria que as suas qualidades de destruidor começassem a manifestar-se pela destruição das esperanças, que tenho em que V. nos auxilie.

Há aqui, agora, um tumultuar de energias secundárias; têm-se ideado e formado revistas para dar à Europa a ideia de que continuamos a ser as mesmas bestas que sempre temos sido. Queremos desobedecer a este mandato imperativo do servilismo adquirido da raça. V. tem dúvida em colaborar conosco? Que diabo! Os homens, cuja raça descobriu novos mares e novas terras, bem podem abalançar-se hoje a descobrir que não há talento a descobrir nos burocratas internacionais da influência intelectual.

Posso, podemos, contar consigo? / Sempre e muito seu, / Fernando Pessoa/ Para me escrever, basta assim: / Fernando Pessoa,/ Apartado 147, Lisboa.

P.S. – Duas coisas que me escapou dizer-lhe: guarde – peça-lhe – a maior reserva sobre o projeto e as intenções que nesta carta lhe narro; quando escrever o seu artigo, cuide, especialmente, de lhe dar toda a coesão e rigidez matemática do seu raciocínio que V. revela na palavra falada. Escreva sintética e descarnadamente e – não se esqueça – comece a agressão pelo título que escolher. – F.P. »

Docs. 4: Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 20 de Abril de 1919.

Fonte: Cartas de Fernando Pessoa, Edição e Organização de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, pp. 177-178.

Destinatário: Francisco Fernandes Lopes

«A Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 26-4-1919

Meu caro Lopes

Agradeço-lhe imensamente a sua carta, e, sobretudo, a sua anuência ao que lhe pedi. Tive uma grande alegria ao saber que poderíamos contar com a sua colaboração. Se lhe respondo só hoje, é que tenho andado imensamente atarefado; mas não quero deixar passar de hoje a resposta que lhe devo. Para aproveitar competentemente o tempo, e não tenho hoje muito de que dispor, vou responder sucinta mas claramente a todos os pontos da sua carta. Há alguns que eu podia ter tratado na primeira carta que lhe escrevi; mas podia acontecer que o assunto ou não o interessasse, ou de momento o não interessasse, e, nesse caso, quanto eu lhe dissesse, a mais do que nessa carta lhe disse, não redundaria senão em tirar-lhe tempo e ofender-lhe a paciência.

O nosso plano é mais largo do que se poderia depreender do conteúdo da minha outra carta; envolve, com efeito, além da parte destrutiva, de que lhe falei, uma parte construtiva. Vi com alegria você falar nela, antes de eu lha ter anunciado. Vamos, porém, primeiro à substância da obra, à parte comum tanto à ação negativa, como à positiva.

Como atitude geral temos esta apenas: a criação de uma “cultura portuguesa”; procuramos criar essa «cultura» positiva e negativamente, se assim posso dizer. Criá-la positivamente de duas maneiras: valorizando-nos pela apresentação de estudos de ordem construtiva, original, ou de trabalhos literários da mesma índole, e, não talvez por enquanto – por ser talvez impossível ou difícil -, tentando criar, em pensamento como em imaginação manifestados, uma “Weltanschauung” em conceito-do-universo português. Criá-la negativamente de uma maneira: destruindo com habilidade, originalidade e vigor os ídolos da Terra dos Outros, que da Nossa não vale a pena, pelo menos na orientação de que lhe falo; e esta destruição envolve dois fins – o fim abstrato, intelectual e universal de destruir o que é falso, e o fim nacional, concreto e próximo de aliviar de más

influências a mentalidade portuguesa. Não procuramos (ou, antes, acho eu que não devemos procurar) uma “Weltanschauung” portuguesa no sentido estreito de uma «cultura germânica» à portuguesa, mas no velho sentido helénico de uma cultura universal portuguesa. Você compreende, não é verdade? Pergunto, porque (como você já deve ter verificado) estou hoje pouco lúcido. – Criar um pensamento, uma atitude intelectual, da qual se possa dizer que, embora universal, só de Portugal poderia ter partido – assim, talvez, o intuito fique mais bem expresso.

Esta orientação é suficientemente larga, julgo, para que nela possam caber numerosas teorias, numerosos pontos de vista. Ela envolve, porém, a meu ver, uma certa limitação: em filosofia, um intelectualismo qualquer, expressão da fidelidade que todos nós, europeus, devemos à tradição helénica; em sociologia, a repugnância pelos fenómenos cristãos decadentes – quais a democracia radical, o socialismo, e o governo de coisa-nenhuma a que se chama «bolchevismo»; e, em matéria que é uma coisa e outra, mas que se pode designar «matéria nacional», a rutura com os tradicionalismos vários que, a par do servilismo para com o estrangeiro, têm pesado sobre nós – tradicionalismo católico, tradicionalismo anti-industrialista, etc.

Não dou estes pontos, mesmo assim latamente definidos, como essenciais; o essencial é o que a princípio lhe expliquei, sobre a essência, construtiva como destrutiva, do movimento. Mas não creio que você esteja muito longe de qualquer deles. Sei que você é um intelectualista em filosofia, e que não repudia a ação diretiva da Inteligência sobre o resto do psiquismo; e sei-o por causa do seu ódio, que conheço e a sua própria carta revela, aos intuicionismos, aos pragmatismos, e aos outros géneros psíquicos da morfina e da cocaína. Que você não é um tradicionalista, também sei. O que ignoro é qual é a sua atitude em matéria propriamente política, ou sociológica; mas isso não importa muito, pois o que acima lhe expus é dito por alto e em mau momento da minha lucidez, e, além disso, não creio que você seja «socialista», nem «bolchevista», nem comungue nas formas laicas do igualitarismo cristista. Vou agora responder aos pontos da sua carta, a que uma resposta concreta se pode dar/ Que, embora, para fins de “vincar”, seja bom que se comece pelo destrutivismo, também interessa, e muito, que se vá construindo – já você o sabe por o que acima lhe disse. E é escusado dizer que o “abattage” pode ser de vivos ou de mortos, entendendo-se, como você viu, que esses mortos são os “que vale a pena matar”, aqueles como você diz, cuja presença é dominante. É ótimo abrir com um estudo destrutivo de qualquer vivo vivente; o seu estudo sobre o pragmatismo seria de primeira ordem, e sobre «Bergson», se você o puder arranjar. / Os artigos podem ser quantos você quiser, sucessivos ou não, acabados num só artigo, ou continuados. Você faz como entender.

Quanto a pseudónimos, pode você usar os que quiser, também. É essencial, porém, que sejam nomes portugueses (por a revista ser feita só por portugueses), a não ser que você queira empregar qualquer pseudónimo universal – isto é, palavra do latim ou do grego. É conveniente, no caso de se empregarem pseudónimos, fazê-lo segundo um sistema, dando a cada pseudopersonalidade um certo número de atribuições constantes; isto, simplesmente, para não destruir a estética da pseudonímia, e, se os pseudónimos forem nomes portugueses, com aparência de nomes reais, para manter o carácter dramático que essa obra impõe, o destaque das diversas «pessoas». Por mim, achei curiosíssimo que você fizesse a pergunta; no primeiro número da revista, aparece, naturalmente, o meu companheiro de psiquismo «Alvaro de Campos», com um artigo intitulado «Diogène – Considérations pour ceux qui n’acceptent pas», ao qual se segue a tradução do

«Ultimatum» que o mesmo senhor publicou (no «Portugal Futurista») em 1918, e de que, creio, lhe dei um exemplar. Nada lhe poderá dar melhor ideia desse artigo do que o dizer-lhe que ele leva intercalado, em uma das páginas, um “anúncio” grande, com os seguintes dizeres (salvo qualquer pequena alteração que se faça): (Nota: “Peço rigoroso segredo!”)

“SOCIÉTÉ EUROPÉENNE DES FORGES ET ACIÉRIES «AMERIKA»” / Administrateurs – délégués : Woodrow Wilson/ David Lloyd George./ Directeur technique:/ Paul von Hindenburg und Benneckendorf/ HAUST FOURNEAUX À PETROGRAD“

Nesse número é possível que eu colabore, com outra coisa qualquer, com o meu autêntico nome; mas você escusa de fazer isso, podendo, se preferir, não escrever sob o seu nome verdadeiro. / É possível, por sinal, que, como, para escrever a colaboração «Alvaro de Campos», me não fica tempo mental para (no primeiro número) apresentar qualquer trabalho original meu “de agora”, eu traduza simplesmente o meu «drama estático» “O Marinheiro”, que apareceu em “Orpheu 1”, e que me parece ter o relevo bastante para surgir. Em todo o caso, verei o que posso fazer.

Esta cisão em personalidades pseudónimas é tanto mais precisa quanto, por ora, somos (quase) “numericamente” ninguém; em primeiro lugar, não é qualquer que serve para esta obra, pois é preciso dar provas de força e disciplina mental, e, em segundo lugar, o servilismo dos portugueses para com o estrangeiro é de tal ordem que alguns colaboradores “mentalmente” possíveis são “temperalmente” impossíveis.

(“Interrupção”: A propósito de obra construtiva e positiva, em que estado está a sua “Finalidade na Biologia?)/ Dos títulos, que você cita, para o caso «Bergson», acho o primeiro o melhor - «A Filodoxia de M. Bergson», é ao mesmo tempo duro e sóbrio, ao passo que os outros dão (a mim pelo menos) a impressão de que se trata de uma mera compilação humorística de citações contraditórias do «Bergson» sem argumento intercorrente.

Com isto, creio ter respondido a todas as suas perguntas. É pena, claro está, não podermos discutir isto tudo verbalmente, mas sempre nos entenderemos assim; e você desculpe que eu lhe escreva à máquina, pois não gosto escrever assim aos amigos, mas o facto é que à máquina atinjo, sem quebra da clareza da escrita, uma velocidade que caligraficamente não tenho.

Outro ponto, e importante: Você continue guardando, sobre todos estes pontos, desde a essência aos atributos do plano, o mais rigoroso silêncio. Uma das condições favoráveis para uma obra destas é que surja inesperadamente. Ao «António Soares» [«pintor e ilustrador (1894-1978) nascido em Lisboa e associado ao Modernismo». Acrescento nosso.], por exemplo, que você me diz estar aí, e de quem sou amigo e a quem muito estimo, não convém dizer palavra disto. É um rapaz inteligente, e não é mau, mas esses homens de café são sempre inseguros em matéria de reserva; têm um prazer mórbido em revelar segredos, isto independentemente do temperamento que tenham. Por isso lhe peço segredo, e confio em que você o guardará.

Mais uns detalhes. O primeiro número da revista sairá em francês, o segundo deve sair em inglês. Quero ver se consigo arranjar, para este, um longo escrito meu, simultaneamente destrutivo e construtivo, intitulado «Primeira [Epístola] aos Beócios», entendendo-se por «Beócios» as gentes da Europa em geral. Os «não-beócios» somos nós. Escusado era dizê-lo. / Por enquanto ainda não sabemos se valerá a pena fazer sair qualquer número em português; isso, evidentemente, só seria conveniente para trabalhos originais, de natureza

literária, ou coisa parecida. Não sendo o português uma «língua científica», não seria talvez conveniente, salvo casos especiais, doutrinar filosófica ou sociologicamente nele. Em todo o caso, gostava muito que você me desse, sobre este ponto, a sua opinião. Isto quando pudesse e lhe não tomasse tempo.

E, a propósito de tempo, você vá fazendo os seus artigos sem se maçar com pressas que o irrite, mas também, sendo possível, sem os demorar muito. Não sei ainda quando será o primeiro número (o francês) da revista, mas não deve ser de aqui a muito tempo

Cinco páginas de maçada – não é verdade? É quanto basta!

Abraça-o o seu amigo muito sincero e grato

Fernando Pessoa»

Docs. 5: Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 26 de Abril de 1919.

Fonte: Cartas de Fernando Pessoa, Edição e Organização de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, pp. 178-183.

Destinatário: Francisco Fernandes Lopes

«A Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 01-06-1919

Meu caro Lopes

Você recebeu a minha carta de 26 de Abril? Creio que sim, pois a registei, e não tive sinal de que lhe não fosse entregue. Calculo, porém, que os seus afazeres o tenham impedido de dizer qualquer coisa.

É bom fazer uma advertência, no que respeita ao conteúdo dessa carta. Foi decidido não apertar tanto o assunto, quanto eu, nessa carta, indiquei; salvo as explicações que, na minha segunda carta, são puramente suplementares, deve você tomar como base de explicação da empresa a primeira carta que lhe escrevi, e à qual você respondeu.

Não há mal-entendido, não é verdade?

Diga qualquer coisa, quando tiver tempo e ocasião.

A empresa leva mais algum tempo a organizar, do que eu julgava, pois não queremos entrar em publicação sem estarmos seguros de que não temos apenas uma vida efémera e fútil.

Hoje tenho pouquíssimo tempo, mas amanhã ou depois escrever-lhe-ei mais detalhadamente sobre a orientação lata, em que se assentou.

Você viu os dois números do jornal «Acção»? Creio que mandaram para aí. Escrevi lá artigo e meio - «e meio», porque o do segundo número só concluí no número 3, que sai a 5 do mês presente.

Amigo sincero e grato,

Fernando Pessoa»

Docs. 6: Carta de Fernando Pessoa a Francisco Fernandes Lopes, Lisboa, 1 de Junho de 1919.

Fonte: Cartas de Fernando Pessoa, Edição e Organização de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007, p.183.

Destinatário: Luiz de Montalvor

«Faro, 30 de Agosto de 1919.

Meu querido Luiz:

V[ocê] deve receber esta carta remetida, por portadora, do escritório do meu primo; é que, não tendo a certeza absoluta se o numero da sua porta é ou não é 22, mando esta carta dentro de outra para o Mário Freitas e peço-lhe que a mande a v[ocê] logo que a receba.

Depois de uma viagem cujos detalhes o Mário Freitas lhe poderá fornecer, porque os narro em uma carta para ele, e de ter recebido, pouco depois de chegar, a visita do Alvaro de Campos, instalei-me aqui, por os poucos dias que aqui estarei (não devo estar aqui senão até 3 ou 4 de Setembro), no Grande Hotel, para onde v[ocê] pode escrever se me quiser dar essa alegria.

Em momentos vagos, tenho meditado o plano da nossa Empreza (emendo nitidamente, pondo E maiúsculo), e cada vez acho a ideia melhor. Tenho esboçado alguns planos (vagos ainda, por o meu pouco conhecimento do assumpto), que quando chegar a Lisboa lhe contarei, se estiverem em estado, dentro do meu cérebro, de se poderem já narrar em linguagem compreensível. Irei vendo se a reduzo a esse estado.

Tenho imensa pena de não ter podido ir a sua casa no dia 27 á noite, mas foi nesse mesmo dia, às 4 horas da tarde que recebi a notícia que me obrigou a arranjar a minha viagem para o dia seguinte – o que me não dava tempo quasi para os próprios preparativos de viagem, quanto mais de desviar uns momentos (embora fossem agradavelmente passados, como seriam) para outro assunto.

Como se dá a coincidência de a minha família ser do Algarve, e eu, para vir falar com eles, ter portanto de vir exatamente à província onde teve início a ideia do Porfírio, eu faço o seguinte: não falo absolutamente a ninguém no assunto, digo que não sei nada, etc. Não que eu fosse falar a alguém da Empreza; isso não, nem aqui nem aí, pois se trata de um segredo comercial nosso. Mas poderia acontecer, por exemplo, que alguma pessoa íntima e de confiança do Porfírio, e que saiba do caso e esteja aqui, sabendo da minha estada, e se me conhecesse ou viesse a conhecer, me viesse falar, ainda que em conversa, da Empreza. Mesmo neste caso (porque eu não posso ter a certeza que essa hipotética pessoa seja na verdade da intimidade ou da confiança do Porfírio), ficaria v[ocê] e ele avisados que eu, para não fazer asneira, do mesmo modo direi que ignoro tudo, que não sei nada. Isto prevendo uma vaga hipótese, e o caso da pessoa hipotética depois se ofender com a minha atitude. Era isto que eu lhe queria dizer quando o encontrei, com sua mulher, no dia mesmo em que parti; eu cá, porém, com tanta pressa

que mal lhe pude dizer que “aqui nem de leve falaria no assunto”, quanto mais explicar-lhe o sentido d’isso.

A haver qualquer coisa interessante a contar-me, escreva – ou v[ocê] ou o Porfirio, a quem dê saudades minhas e cada vez mais felicitações pela idéa. Dê v[ocê] os meus respeitos a sua mulher e saudades ao Dantas, e receba um grande abraço

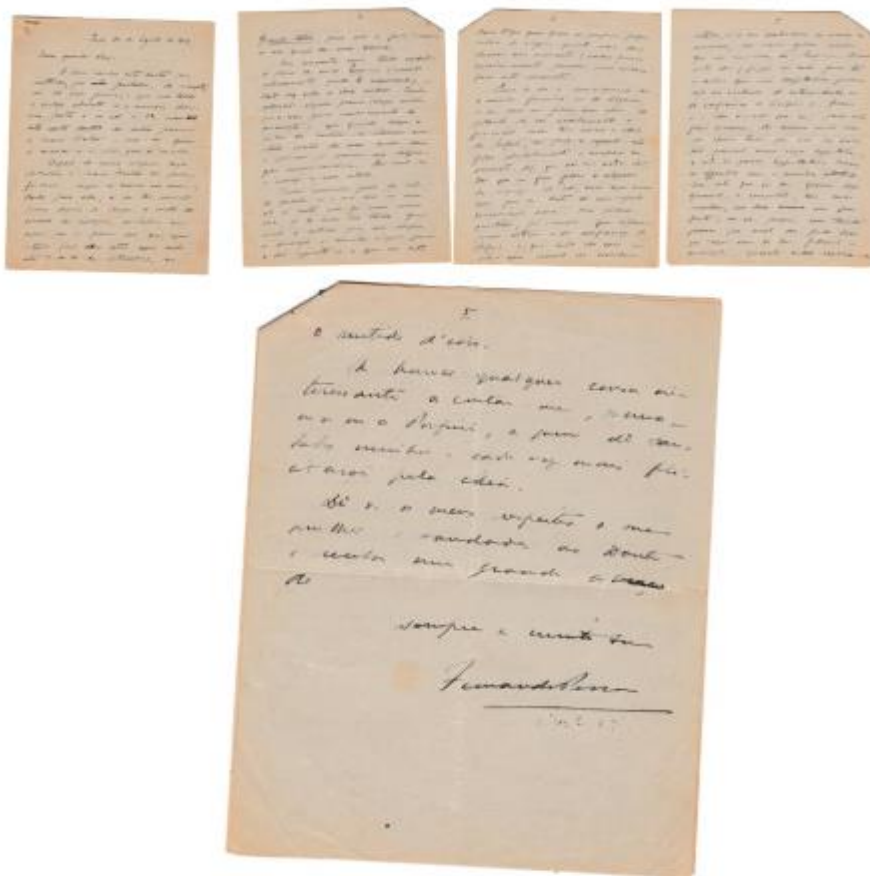
do

sempre e muito seu

Fernando Pessoa»

Docs. 7: Carta manuscrita enviada a Luiz de Montalvor, a 30 de Agosto de 1919. Carta manuscrita a tinta preta, em três folhas lisas, frente e verso, numeradas a partir da página: «2», «3», «4» e «5». Folhas agrafadas no canto superior esquerdo. Visível um pequeno rasgo logo abaixo doagrafo. Apresenta um vinco de dobra na vertical e um outro, na horizontal, em todas as folhas. Sem cota. Coleção particular.

Fonte: Fernanda Maria Cardoso Pereira Vizcaíno, «Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada», Tese de Doutoramento em Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas, Trabalho efetuado sob a orientação da Professora Doutora Ana Lúcia Curado e do Professor Doutor Jerónimo Pizarro, Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2018, pp. 243-245.



Docs. 8: Original da carta manuscrita enviada a Luís de Montalvor, a 30 de Agosto de 1919.

Fonte: Cf. *supra*, Fernanda Maria Cardoso Pereira Vizcaíno, «Correspondência de Fernando Pessoa Revisitada», ed. cit., p. 245.

ANEXO III

Árvore genealógica paterna de Fernando Pessoa

Árvore genealógica paterna de Fernando Pessoa

Custódio da Cunha Oliveira
(6º avô cristão-novo)
Montemor-o-Velho (¿ ?)



Madalena Pessoa
(6ª avó cristã-velha)
(¿ ?)

□ Manuel Pessoa da Cunha □ Luís Pessoa da Cunha □ Sancho Pessoa da Cunha
(cristãos-novos)

Sancho Pessoa da Cunha
(5º avô cristão-novo)
Montemor-o-Velho (¿ ?)



Branca Nunes
(5ª avó cristã-nova)
Fundão (¿ ?)

□ Gabriel Tavares Pessoa □ João Pessoa ○ Rosa Maria Pessoa □ Miguel Pessoa da Cunha
(cristãos-novos, Fundão, processados pelo Tribunal do Santo Ofício, Inquisição)

Gabriel Tavares Pessoa
(4º avô cristão-novo)
Fundão (¿ ?)



Leocádia Pereira da Silva
(4ª avó avô cristã-nova)
Penamacor (¿ ?)

□ Gaspar Pessoa e Cunha

Gaspar Pessoa e Cunha
(trisavô cristão-novo)
Fundão (1740-?)



Perpétua Contença
(trisavó cristã-nova)
Serpa (¿ ?)

□ Daniel Pessoa e Cunha (Marquês de Pombal publica a Lei de 15 de dezembro de 1774, acabando com a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos.)

Daniel Pessoa e Cunha
(bisavô)
Serpa (Universidade Coimbra 1797-?)



Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa
(bisavó)
Faro (¿ ?)

Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa (filha de...)

José António Pereira d' Araújo
(trisavô Faro)
Fermelo-Arouca (¿ ?)




Francisca Xavier de Araújo e Sousa
(trisavó Faro)
Faro (¿ ?)

José António Pereira d' Araújo (brasão de armas 1799, capitão do Regimento Artilharia do Algarve filho de...)

Lázaro Moreira Landeiro Camisão (Fermelo, Arouca ¿-?) e
Maria Landeiro (Fermelo ¿-?)

Descendentes de: famílias Vieiras e Prestina da Cadinha, descendendo de
D. Egas Moniz, aio do rei D. Afonso Henriques, morrendo na Batalha de Ourique (1139)
Descendência da árvore genealógica:

Paio Rodrigues de Araújo (Cavaleiro de Ceuta-1415), Pêro da Cunha (1500-?)

Daniel Pessoa e Cunha (Bisavô)  Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa (Bisavó)
Tavira


- João Paulo de Araújo Pessoa, Tavira (1811-1888),
- António Pereira d'Araújo Pessoa, Tavira (¿-?)
- Jacques Cesário d'Araújo Pessoa, Tavira (1816-1885),
- Joaquim António d' Araújo Pessoa (avô), Tavira (1813-1885)

João Paulo de Araújo Pessoa  Maria José Gil Pessoa
Tavira

João Daniel Gil Pessoa  Maria Teresa Ribeiro Pessoa
(*Tipografia Burocrática; Jornal de Annuncios; O Herald*) Tavira (1853-1878)
Tavira (1855-1902)

Jacques Cesário d'Araújo Pessoa  Maria da Cruz Lampreia Pessoa
Tavira (1816-1885) Mértola (1823-1908)

- Alfredo Augusto Pessoa □ Olímpio Júlio Pessoa (morreu solteiro muito novo)
- José Firmino Pessoa □ Jacques Pessoa ○ Lisbela da Cruz Pessoa
- Angelina da Cruz Pessoa

Lisbela da Cruz Pessoa Machado, Tia Lisbela  Aurélio da Cruz Machado
Tavira (1845-1929) Tavira (1849-1873)
(sem descendentes)

Augusto Viriato da Franca Matos  Angelina da Cruz Pessoa

□ João Alfredo da Cruz Pessoa Chaves  Inês Augusta da Cruz Pessoa Chaves

(João Alfredo Pessoa Chaves, herdeiro da Quinta da Mesquita, na Asseca, Tavira,
por parte da tia Lisbela e da mãe Angelina, cada uma das irmãs era dona de metade
da Quinta. João Alfredo era o avô das atuais proprietárias, as netas Inês e Isabel
Sacramento. Já não usam o apelido Pessoa)

José Firmino Pessoa  (¿-?)

(Terminou o curso de Agronomia na Universidade de Évora em janeiro de 1863)

○ Ermelinda Pessoa  Justino Chaves
Tavira

○ Maria da Cruz Pessôa Chaves  Balthazar Peres Ortega
Tavira Ayamonte

○ Maria Manuela Pessoa Chaves Ortega (Tavira) viverá com a tia Lisbela durante a infância.

□ Rui Valentim Chaves Pessôa Ortega  Maria Adelaide Santos Ortega
Tavira

(Maria Manuela Pessoa Chaves Ortega Rocha Couto e o irmão Rui Valentim Chaves Pessôa Ortega, herdeiros da Quinta de Maria José / Alvisquer - *Villa Ermelinda*, na Conceição de Tavira. Os descendentes já não usam o apelido Pessoa.)

Jacques Pessoa  Francisca da Conceição Caçapo
(Republicano, maçom) (¿ ?)
(Mértola, 13 de janeiro de 1848
Tavira, 1 de janeiro de 1909)

□ Jayme Pessoa (morreu ainda em criança) ○ Joana Pessoa ○ Alzira Pessoa
□ Jacques Lampreia Pessoa ○ Eduarda Pessoa (1904-?)

Eduarda Pessoa Rolão  Heitor Rolão

□ Jacques Pessoa Rolão  Maria Luísa Lopes Fidalgo Pessoa Rolão
(Sé, Faro, 16 de abril de 1923 - (Sem descendência)
São Domingos de Benfica, Lisboa,
4 de março de 2011)

Jacques Pessoa Rolão foi o último familiar a usar o apelido «Pessoa».
Era filho de Heitor Rolão (Faro) e de Eduarda Pessoa Rolão (Tavira),
neto de Jacques Pessoa e sobrinho-neto da 'tia Lisbela'.

Casou catolicamente, aos 59 anos, com Maria Luísa Lopes Fidalgo Pessoa Rolão,
em 12 de agosto de 1982, na Igreja do Bonfim, Setúbal, não tendo descendentes.

O casal chegou a viver numa casa da família, na Conceição de Tavira.
Segundo os familiares, o engenheiro agrónomo Jacques Pessoa Rolão (morreu aos 88 anos),
tinha muitas parecenças físicas com o primo Fernando Pessoa)


Dionísia Rosa Estrela de Seabra Pessoa (dos sete irmãos nascidos de forma prematura, acabaram todos por morrer). Dionísia de Seabra Pessoa é bisneta do Juiz João de Oliveira Delgado (Portimão, 1692-?)

Joaquim António d'Araújo Pessoa (avô)  Dionísia Rosa Estrela de Seabra Pessoa (avó)

○ (filha morre em bebé) □ José Seabra Pessoa (morre novo)
□ Joaquim de Seabra Pessoa (1850-1893)

Joaquim de Seabra Pessoa (pai)  Maria Madalena Pinheiro (mãe)
Lisboa (1850-1893) c. 1887 Angra do Heroísmo - Açores (1861-1925)

□ Jorge Nogueira Pessoa, Lisboa (1893-1894)
□ Fernando António Nogueira Pessoa, Lisboa (1888-1935) (sem descendência)




Legenda:  Casado com □ Filho ○ Filha


ANEXO IV

Árvore genealógica materna de Fernando Pessoa


Árvore genealógica materna de Fernando Pessoa

Inácio José Pinheiro (bisavô)  Ana Maria Xavier (bisavó)
Açores (1799-1870) Açores (1803-1849)

- José Maria Pinheiro (1825-?) ○ Rita Emília Pinheiro (1828-1916)
(a tia avó Rita nunca casou)
- Maria Pinheiro (1830-1911)  Manuel Gualdino da Cunha (1825-1898)
(tia avó Maria e tio Taco, sem descendência)
- Carolina Pinheiro (1843-1926)  António Maria Silvano (1840-1913)
(descendência da tia-avó Carolina e do tio-avô Silvano: 4 filhos)
- Adelaide Pinheiro (1845-1919)  Joaquim de Andrade Neves (1843-1892)
(descendência da tia-avó Adelaide e do tio-avô Joaquim Andrade:
2 filhos; o primo médico Jaime de Andrade Neves (1866-1955) vai acompanhar
Fernando Pessoa durante a crise hepática que lhe provocou a morte,
30 de novembro de 1935. ○ Madalena Pinheiro (1836-1898)

Luís António Nogueira (avô)  Madalena Pinheiro (avó)
Angra do Heroísmo, Açores (1832-1884) Velas, São Jorge, Açores (1836-1898)

- Guilherme Pinheiro Nogueira (1854-1870, morre aos 16 anos)
 - Ana Luísa Pinheiro Nogueira (1860-1940)
 - Maria Madalena Pinheiro Nogueira (1861-1925)
- Luís António Pinheiro Nogueira Jr. (1863-1882, morre aos 19 anos)

João Nogueira de Freitas  Ana Luísa Pinheiro Nogueira (tia Anica)
Açores (1865-1904) c. 1889 Açores (1860-1940)


□ Mário Nogueira de Freitas (1891-1932) ○ Maria Nogueira de Freitas (1893-1977)

Mário Nogueira de Freitas (primo Mário)  Helena Soares da Costa
(1891-1932) (1895-1978)

(Pessoa será padrinho dos filhos do primo direito.)

Maria Nogueira de Freitas (prima Maria) Raul Soares da Costa
(1893-1977) (1890-1959)
Montemor-o-Velho (¿ ?) (¿ ?)

○ Helena Freitas da Costa (1918-2013); □ Eduardo Freitas da Costa (1915-1980), autor de *Fernando Pessoa - Notas a Uma Biografia Romanceada*, organizador das comemorações do 25º aniversário da morte do primo Fernando Pessoa (1960-1961), que contou com o apoio do governo de António de Oliveira Salazar.

Maria Madalena Pinheiro (mãe)  Joaquim de Seabra Pessoa (pai)
Angra do Heroísmo - Açores (1861-1925) c. 1897 Lisboa (1850-1893)

□ Jorge Nogueira Pessoa, Lisboa (1893-1894) o irmão biológico morre com cerca de 1 ano.
□ Fernando António Nogueira Pessoa, Lisboa (1888-1935), sem descendência.

Maria Madalena Pinheiro (mãe)  João Miguel Rosa (padrasto)
(1861-1925) c. 1895 Lisboa (1857-1919)

Meios-irmãos de Fernando Pessoa:

○ Henriqueta Madalena Nogueira Rosa (1896, Durban-1992, Lisboa)
○ Madalena Henriqueta Nogueira Rosa (1898, Durban-1901, Durban)


□ Luís Miguel Nogueira Rosa  Eva Frances Hunt
(1901, Durban-1975, Inglaterra) (1909-1986), sem descendência

□ João Maria Nogueira Rosa  Eillen Anderson
(1903, Durban-1977, Inglaterra) (1902-1987), sem descendência

○ Maria Clara Nogueira Rosa (1904, Durban-1906, Lisboa)

Henriqueta Madalena N. Rosa  Francisco José Caetano Dias
(meia-irmã Teca) Lisboa (cunhado Chico)
(1896-1992) (1897-1969)

○ Maria Leonor Rosa Dias (1924-1925)
○ Manuela Nogueira Rosa Dias (sobrinha Mimi) (1925).
É mãe de Isabel Murteira França, autora de *Fernando Pessoa na Intimidade*
□ Luís Miguel Rosa Dias (1931-2019)

Legenda:  Casado com □ Filho ○ Filha

ANEXO V

Sinopse cronológica da vida e obra de Fernando Pessoa

1632

Nasce no Fundão, Custódio da Cunha de Oliveira, (6 ° avô paterno, «cristão-novo»), pequeno lavrador, chegou a ser «Alcaide e escrivão de Almotaçaria». Casa com Madalena Pessoa (6ª avó paterna, cristã-velha), de Montemor - o - Velho, cujo apelido dará nome à família «Pessoa». O casal teve três filhos: Manuel Pessoa da Cunha; Luís Pessoa da Cunha; Sancho Pessoa da Cunha.

1662

Nasce em Montemor-o-Velho, o 5º avô paterno, Sancho Pessoa da Cunha.

1669

Custódio da Cunha Oliveira e os filhos são acusados de praticar o judaísmo. O pai Custódio foi preso pela Inquisição e acabou por falecer nesse ano.

1704

É «preso pela Inquisição de Coimbra em 2 de Novembro de 1704», com 42 anos, Sancho Pessoa da Cunha. O «psalmista» e «astrólogo», convertido à força (meio cristão-novo), é acusado de judaísmo (prática clandestina do culto israelita).

1706

Sancho Pessoa da Cunha condenado a uma pena leve, pela Inquisição de Coimbra. Da sentença – auto de fé de 25 de Julho de 1706 – resultou o «confisco dos bens, abjuração em forma, cárcere e hábito penitencial perpétuo, penas e penitências espirituais».

1707

Sancho Pessoa da Cunha casa com Branca Nunes, Fundão, (5ª avó paterna, cristã-nova). O casal teve quatro filhos: João Pessoa; Rosa Maria Pessoa; Miguel Pessoa da Cunha; Gabriel Tavares Pessoa (cristãos-novos, Fundão, processados pelo Tribunal do Santo Ofício, de Coimbra).

Ano (?) Gabriel Tavares Pessoa, Fundão, (tetra avô paterno, cristão-novo), casa com Leocádia Pereira da Silva, Penamacor, (4ª avó paterna, cristã-nova). O casal teve um filho: Gaspar Pessoa e Cunha.

1740

Nasce, no Fundão, Gaspar Pessoa e Cunha (trisavô paterno, cristão-novo). Ano (?) Casa com Perpétua Contença, Serpa, (trisavó paterna, cristã-nova). O casal teve um filho: (n. ?) Daniel Pessoa e Cunha, Serpa.

1797

Daniel Pessoa e Cunha (bisavô paterno), faz a primeira matrícula na Universidade de Coimbra, na Faculdade Matemática.

1800

Daniel Pessoa e Cunha faz a matrícula em Medicina.

1804

Daniel Pessoa e Cunha acaba o curso de Medicina.

1806

Daniel Pessoa e Cunha, capitão do exército, presta serviço nos serviços médicos de apoio à epidemia de Benavente.

10 de outubro: Nomeado como primeiro médico do Hospital de Tavira.

1808

Junho: Na revolta contra a ocupação francesa, o jovem doutor assistiu os feridos em Faro e Olhão.

c. 1810-1811

Daniel Pessoa e Cunha, Tavira, casa com Joana Xavier Pereira d'Araújo e Sousa (bisavó paterna), natural de Faro. Filha de José António Pereira de Araújo e Sousa e de Bárbara Joaquina Sequeira Mimoso, ambos naturais da capital de distrito. Este trisavô farense de Fernando Pessoa, José António Pereira de Araújo e Sousa (capitão do Regimento de Artilharia do Algarve), mandou cunhar pedra de armas em 2 de dezembro de 1799, dando azo ao «Brasão» que o poeta viria a desenhar e pintar à mão.

O casal teve quatro filhos, em Tavira: João Paulo de Araújo Pessoa (1811-1888); António Pereira de Araújo Pessoa (n.? - m. ?); Jacques Cesário de Araújo Pessoa (1816-1885); Joaquim António de Araújo Pessoa (1813-1885).

1812

Daniel Pessoa e Cunha organizou o Hospital de Guerra de Castro Marim, para prestar assistência aos feridos do exército Anglo - Espanhol que operava na Andaluzia. Esse Hospital de Castro Marim chegou a ter 300 enfermos diários e foi extinto em 1813.

1813

13 de fevereiro: Nasce, em Tavira, Joaquim António de Araújo Pessoa, avô paterno de Fernando Pessoa. Liberal, foge para o Porto, onde, em 1833, se alista na infantaria. Fez a campanha do cerco do Porto, ao lado de Almeida Garrett e Alexandre Herculano, perseguindo o 'Remexido' na guerrilha da serra algarvia, participou ainda noutros conflitos e estabeleceu-se, finalmente, em Lisboa. Morreu general, muito condecorado e estimado pela sua bravura e capacidade militar.

1816

Nasce, em Tavira, o «tio-avô» Jacques Cesário d'Araújo Pessoa. Seguirá a carreira militar, chegando ao posto de tenente, no ramo de Infantaria, antes de abandonar o exército, para se dedicar à administração das terras. Será um dos maiores proprietários do concelho de Tavira.

1822

31 de agosto: Morre em Tavira o bisavô Daniel Pessoa e Cunha, deixando os quatro filhos órfãos.

1823

17 de junho: Nasce, em Lisboa, Dionísia Rosa Estrela de Seabra, a avó paterna de Pessoa.

Nasce, em Mértola, Maria da Cruz Lampreia Pessoa, que casará em Tavira, com o «tio-avô» Jacques Cesário d'Araújo Pessoa. Os pais da «tia Lisbela» e de Jacques Pessoa. O jovem Fernando, conhecerá a «velha tia», de 78 anos, em 1901, na viagem de férias a Tavira. Maria da Cruz Lampreia Pessoa,

vivia nessa altura na casa, nº 15, Rua Borda d'Água de Aguiar, junto à margem esquerda do rio Gilão, sendo por vezes conotada com a «velha tia», evocada por Álvaro de Campos na «Ode Marítima».

1825

18 de abril: Nasce, em Lisboa, Manuel Gualdino da Cunha, futuro marido da tia-avó Maria Xavier Pinheiro. Oficial da Armada que veio a ocupar lugares de relevo na Direção-Geral dos Caminhos-de-Ferro, apoiou a revolução de outubro de 1846 e tornou-se militante do 'Partido Progressista'. No seu funeral esteve presente José Luciano de Castro, um dos líderes do Partido e então presidente do Conselho.

10 de agosto: Nasce, em Velas, ilha de São Jorge, Rita Emília Xavier Pinheiro, a mais velha das quatro tias-avós maternas de Pessoa. Nunca casou.

1830

11 de agosto: Nasce, na Calheta, ilha de São Jorge, Maria Xavier Pinheiro, a tia-avó mais ligada a Pessoa, que a caracterizou como um tipo de mulher culta do século XVIII, cética em religião, aristocrática e monárquica e não admitindo no povo o ceticismo. Detentora de dotes literários, era um espírito varonil sem medos e pouca ternura feminina. Casa, um pouco tardiamente, com Manuel Gualdino da Cunha ('tio Taco'), não tendo tido filhos.

1832

29 de dezembro: Nasce, em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, o avô materno, Luís António Nogueira. Licenciado em direito pela Universidade de Coimbra, ocupa diversos cargos no Estado português, entrando mais tarde no Ministério do Reino como Diretor-geral da Administração Civil e Política e chegando a ser Conselheiro do Estado.

1836

14 de junho: Nasce, em Velas, ilha de São Jorge, a avó materna, Madalena Xavier Pinheiro.

1840

24 de abril: Nasce, na ilha Terceira, António Maria Silvano, primo (e futuro marido) da tia-avó Carolina. Filho de um general, chegará também a general, reformando-se em 1897.

1843

22 de abril: Nasce em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, a tia-avó Carolina (Xavier Pinheiro), que se casará com António Maria Silvano em 1866. O casal terá quatro filhos: Carolina Adelaide Pinheiro Silvano, António Pinheiro Silvano, Joaquim Silvano e Júlio Maria Silvano.

1844

13 de fevereiro: Casamento dos avós paternos.

1845

Nasce, em Tavira, Lisbela da Cruz Pessoa, prima direita do pai de Pessoa. Enviuvará cedo de um oficial chamado Romão Aurélio da Cruz Machado (1849-1873). A filha que tiveram morreu bebé, após algumas semanas de vida.

9 de outubro: Nasce em Angra do Heroísmo, ilha Terceira, a tia-avó Adelaide (Xavier Pinheiro), que casará com Joaquim de Andrade Neves, médico cirurgião da Madeira. Terão três filhos: Jaime de Andrade Neves, Laurinda Pinheiro Neves e Joaquim de Andrade Neves.

1848

13 de janeiro: Nasce o primo Jacques Pessoa, Mértola, republicano e maçom como o pai.

1850

28 de maio: Nasce, em Lisboa, Joaquim de Seabra Pessoa, pai de Fernando Pessoa. Empregado no Ministério de Justiça e redator, à noite, do Diário de Notícias, com uma extensa colaboração como crítico musical, entre 1876 e 1892.

1 de dezembro: Nasce Henrique dos Santos Rosa, irmão do padrasto. Militar reformado em 1903 com o grau de general de brigada, também era um poeta de vasta cultura. Exercerá grande influência —literária e política (pelas suas convicções anti-monárquicas)— sobre Pessoa, com quem desenvolve estreita amizade após este último ter regressado a Lisboa em 1905.

1857

29 de setembro: Nasce, em Lisboa, João Miguel dos Santos Rosa, padrasto de Pessoa. Alista-se na Marinha em 1871.

1859

24 de abril: Casamento dos avós maternos.

1860

19 de março: Nasce Ana Luísa Pinheiro Nogueira, a tia Anica, única irmã da mãe de Pessoa. Casa-se em 1889 com João Nogueira de Freitas (1865-1904), engenheiro agrónomo.

1861

30 de dezembro: Nasce, em Angra do Heroísmo (Ilha Terceira), Maria Madalena Pinheiro Nogueira, mãe de Pessoa.

1865

Abril: A mãe vem viver para o continente, depois de seu pai, Luís António Nogueira, ter sido nomeado Secretário-Geral do Governo Civil do Porto. Criada no Porto e em Lisboa, não voltará a viver nos Açores.

1866

22 de novembro: Nasce Jaime Pinheiro de Andrade Neves, filho da tia-avó Adelaide e de Joaquim de Andrade Neves. Ainda criança, vem viver para Lisboa, onde exercerá medicina durante muitos anos, depois de obter a respetiva licenciatura na Faculdade de Medicina de Paris. Morre, em Lisboa, em 1955.

1871

28 de junho: Nasce António Pinheiro Silvano, filho da tia-avó Carolina e de António Maria Silvano. Seguirá uma carreira na Armada. Morre, em Lisboa, em 1936.

1873

(mês?) Morre em Tavira, vítima de tuberculose, o oficial, Romão Aurélio da Cruz Machado, aos 24 anos (1849-1873), casado com Lisbela da Cruz Pessoa Machado («tia Lisbela»), prima direita do pai de Pessoa. O casal teve uma bebé, que morreu após algumas semanas de vida.

1883

1 de fevereiro: O primo João Daniel Gil Pessoa, funda em Tavira, o *Jornal de Annuncios*, impresso na «Tipografia Burocrática», fundada no ano anterior (1882). João Daniel Pessoa acabou por vender o título ao seu conterrâneo José Manuel dos Santos, que lhe deu o novo nome *O Herald* – Antigo «*Jornal de Annuncios*».

1884

28 de junho: Morre o avô materno de Pessoa.

1885

6 de agosto: Morre em Lisboa, o avô paterno, Joaquim António d' Araújo Pessoa.

(m.?) Morre em Tavira, o irmão mais novo do avô paterno, o «tio-avô» Jacques Cesário d' Araújo Pessoa, tido como ateu, ligado à Maçonaria. Mandou mesmo inscrever no seu túmulo o epitáfio de «Livre Pensador». O filho Jacques Pessoa, maçom e republicano, seguiu os ideais do pai.

1887

5 de setembro: Os pais de Pessoa casam-se, em Lisboa.

19 de setembro: Nasce às 16h05, no Porto, Ricardo Reis. (Heterónimo de Pessoa). Não lhe é atribuída data da morte.

1888

13 de junho: Nasce Fernando António Nogueira Pessoa no Largo de S. Carlos, 4, 4.º esquerdo, freguesia dos Mártires, numa quarta-feira às 15,20h. 'Alexander Search' (autor fictício que escreve em inglês) terá nascido supostamente no mesmo dia, em Lisboa.

1889

16 de abril: Nasce às 13,45 h., em Lisboa, Alberto Caeiro (heterónimo de Pessoa). A data da morte é fixada em 1915.

1890

15 de outubro: Nasce às 13,30 h., em Tavira, Álvaro de Campos. Não é atribuída data da morte ao heterónimo, considerado o 'alter ego' de Pessoa.

1891

24 de fevereiro: Nasce, na Ilha Terceira, Mário Nogueira de Freitas, filho da tia Anica e primo direito de Pessoa.

Junho (princípios): Fernando Pessoa (a caminho dos três anos), visita com os pais a tia Lisbela e os familiares de Tavira.

1893

21 de janeiro: Nasce Jorge, o irmão de Pessoa.

2 de abril: Nasce Maria, filha da tia Anica e prima direita de Pessoa.

Maio-junho (?): A tia Lisbela vai para Lisboa ajudar a prima Madalena a cuidar do marido (o primo Joaquim, pai de Fernando Pessoa, que contraiu tuberculose).

10 de julho: A família da tia Anica (com quem vivia a avó Madalena) volta à Terceira, depois de alguns anos passados no continente.

13 de julho: Morre o pai de Pessoa, vítima de tuberculose.

15 de novembro: A família —a mãe, Fernando, o irmão, a avó Dionísia e duas criadas— mudam-se para um apartamento mais pequeno na Rua de S. Marçal, nº 104, terceiro andar.

1894

2 de janeiro: Morre o irmão Jorge. Neste mesmo mês mãe conhece o seu segundo marido, João Miguel Rosa, comandante da marinha portuguesa.

1895

26 de julho: Compõe os seus primeiros versos, uma quadra intitulada ‘À minha querida mamã’.

30 de dezembro: A mãe casa-se no dia do seu trigésimo quarto aniversário, por procuração, com o comandante João Miguel Rosa, que está em Durban, tendo sido nomeado cônsul de Portugal em outubro na maior cidade da colónia britânica de Natal, na África do Sul. O marido é representado no dia do casamento, pelo irmão, Henrique Rosa.

1896

20 de janeiro: Pessoa e a mãe, acompanhados pelo tio Manuel Gualdino da Cunha, partem de Lisboa rumo à Madeira, onde, no dia 31, embarcam no ‘Hawarden Castle’ para Durban.

Março: Pessoa ingressa na ‘St. Joseph’s Convent School-Escola do Convento de São José’, um colégio de freiras irlandesas e francesas, onde vai fazer, em três anos, o equivalente a cinco anos letivos. A família vive na ‘Tresilian House’, em Berea. Um bairro de residentes brancos em Durban.

27 de novembro: Nasce Henriqueta Madalena, primeira filha do segundo casamento da mãe de Pessoa. Conhecida pelo diminutivo de ‘Teca’.

1898

Janeiro: A família de Pessoa muda-se para o nº 157 de West Street, na Baixa de Durban.

25 de janeiro: Morre, em Pedrouços, o tio Manuel Gualdino da Cunha.

5 de outubro: Morre, em Angra do Heroísmo, a avó materna.

22 de outubro: Nasce Madalena Henriqueta, segunda filha de Madalena Nogueira e de João Miguel Rosa.

1899

7 de abril: Pessoa ingressa na ‘Durban High School’ (Liceu de Durban).

11 de outubro: Início da ‘Guerra Anglo-Bóer’, que levará com que milha-res de refugiados cheguem a Durban.

1900

11 de janeiro: Nasce Luís Miguel, terceiro filho de Madalena Nogueira e de João Miguel Rosa. Conhecido pelo diminutivo ‘Lhi’.

14 de junho: Nasce, em Lisboa, Ofélia Queiroz, futura e única namorada de Pessoa.

1901

12 de maio: Escreve o primeiro poema em inglês ‘Separated from thee’, o seu poema mais antigo conhecido.

Junho: Obtém, mediante exame, o ‘First Class School Higher Certificate’ da ‘Universidade do Cabo da Boa Esperança’, depois de ter feito três anos letivos em pouco mais de dois anos. Fica classificado no 48.º lugar entre 673 candidatos.

25 de junho: Morre a meia-irmã Madalena Henriqueta.

1 de agosto: Viaja com a família para Lisboa, num vapor que passa por ‘Lourenço Marques’, ‘Zanzibar’, ‘Dar-es-Salam’, ‘Port Said’ e ‘Nápoles’. O corpo (ou cinzas) da irmã acompanha-os na viagem, para ser sepultada no jazigo da família, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

13 de setembro: A família, chegada a Lisboa, vai instalar-se num andar alugado, na ‘Rua de Pedrouços, nº 45, rés-do-chão’, perto da ‘Quinta do Duque do Cadaval’, também em Pedrouços, onde moram as tias-avós Maria e Rita e a avó Dionísia. Por volta de outubro, Pessoa vai a Tavira, com o resto da família, visitar a tia Lisbela Pessoa Machado (prima do falecido pai) e outros parentes do lado paterno.

1902

2 de maio: Pessoa, com a família, embarca para a Ilha Terceira, ficando 9 dias (7 a 16 de maio) na casa da tia Anica, do tio João e dos primos Mário e Maria. Pessoa elabora três números de um jornal de brincadeira, *A Palavra*, com o poema ‘Quando Ela Passa’ (assinado por Dr. Pancrácio), charadas e a história de um naufrágio provocado por um ciclone, presumivelmente inspirada pelo mau tempo que assolou os Açores nessa altura; o ‘primo Mário’ aparece designado como ‘Redator’. A família de Pessoa antecipa o seu regresso ao continente devido a uma epidemia de meningite cérebro-espinal.

20 de maio: De novo em Lisboa, a família vai morar para uma casa situada na ‘Avenida D. Carlos I, 109, 3.º esquerdo’, em ‘Santos’.

26 de junho: A mãe e o padrasto embarcam para Durban, com os filhos. Pessoa permanece em Lisboa.

18 de julho: O seu primeiro poema publicado, ‘Quando a dor me amargar’, datado de 31-3-1902, sai no jornal lisboeta *O Imparcial*.

Julho-agosto-setembro: Fernando Pessoa terá visitado Tavira, nesse verão, pela segunda vez durante as férias portuguesas de 1901-1902, pouco antes de regressar sozinho a Durban em 19 de setembro. “(...)Visita ao Algarve agora sem a companhia da mãe, padrasto e irmãos que já tinham partido para a África do Sul(...)”. (Amadeu Fernandes, “Fernando Pessoa e Tavira”, *O Tavira*, 23 de dezembro de 1975.)

19 de setembro: Embarca, sozinho, para Durban, no ‘Herzog’, que faz carreira pelo ‘Cabo’. Antes de ter partido, provavelmente, foi a Tavira despedir-se da tia Lisbela e dos parentes algarvios.

Outubro: Em Durban ingressa na ‘Commercial School’, que funciona à noite.

Outubro: Entra na ‘Escola Comercial’. Vive com a família no ‘nº 25 de Tnth. Avenue’, mais uma vez no ‘bairro de Berea’.

1903

17 de janeiro: Nasce João Maria, quarto filho de Madalena Nogueira e João Miguel Rosa.

11 de julho: Publica um poema em inglês, ‘The Miner’s Song’, assinado por Karl E. Effield, no jornal de Durban *Natal Mercury*.

Novembro: Faz o ‘Matriculation Examination’ da ‘Universidade do Cabo’ (instituição que, nessa altura, administrava exames mas não cursos). Ganha o ‘Prémio Rainha Vitória’, para o melhor ensaio em inglês do exame. Havia 899 candidatos.

1904

Fevereiro: Matricula-se novamente na ‘Durban High School’, onde faz o seu primeiro ano de estudos universitários.

9 de julho: Publica, em *The Natal Mercury*, um poema satírico assinado por ‘C.R. Anon’. Poeta e prosador em inglês, trata-se do primeiro heterónimo com uma obra extensa.

Tal como ‘C.R. Anon’ o autor fictício ‘Alexander Search’ terá nascido ainda em Durban, segundo Teresa Rita Lopes. Os investigadores Richard Zenith e Jerónimo Pizarro atribuem-lhe a origem em 1906. Vários poemas e fragmentos poéticos datados de 1904-1906, de acordo com indicação de Fernando Pessoa, que tinham sido inicialmente assinados por ‘C.R. Anon’, passam a serem assinados por ‘Search’. Mas o poema, assinado por ‘Alexander Search’ é crítico da ação do ‘Secretário de Estado britânico para as Colónias’. ‘Joseph Chamberlain’ (exigiu total direito a voto e representação política dos imigrantes britânicos na região de Transval com capital em Pretória), atendendo ao tema abordado neste poema dá indícios de que este autor fictício ainda tenha surgido na África do Sul antes do regresso definitivo a Lisboa em 1905.

16 de agosto: Nasce Maria Clara, quinta filha de Maria Madalena Nogueira e João Miguel Rosa.

16 de dezembro: Faz o ‘Intermediate Examination’ in ‘Arts da Universidade do Cabo’, sendo colocado na ‘Second Class’ e obtendo a classificação mais elevada de Natal. Abandona a ‘High School’.

1905

20 de agosto: Pessoa embarca no ‘Herzog’ com destino a Lisboa, viajando pelo lado ocidental de África.

14 de setembro: Chegado a Lisboa, Pessoa fica uns dias em ‘Pedrouços’, na ‘casa da tia Maria’ (onde moram também a ‘tia Rita’ e a ‘avó Dionísia’). A seguir, vai viver durante um ano com a ‘tia Anica’ e os ‘primos Mário e Maria’, na ‘Rua de São Bento, nº 98, segundo esquerdo’. A ‘tia Anica’, que enviudara em 1904, instalara-se com os filhos em Lisboa.

2 de outubro: Começa a frequentar o ‘Curso Superior de Letras’ em Lisboa.

1906

Julho: Muda-se para a Calçada da Estrela, nº 100, primeiro andar, para estar junto da família, que regressou novamente de Durban para umas longas férias. Doente durante este período (desde maio até julho), falta aos exames do Curso.

Setembro (finais): Matricula-se novamente no primeiro ano do ‘Curso Superior de Letras’. Empenha-se, sobretudo, na cadeira de Filosofia.

11 de dezembro: Morre, em Lisboa, a meia-irmã Maria Clara.

1907

Surgem vários alter-egos que escrevem em várias línguas: Faustino Antunes, psiquiatra, Pantaleão (em português), Charles James Search e o Friar Maurice, um religioso que está a passar por uma crise de fé (em inglês).

Abril: Uma greve académica, que eclodiu na Universidade de Coimbra, paralisa o Curso Superior de Letras.

Mai: Depois do regresso da família a Durban, Pessoa vai viver na ‘Rua da Bela Vista à Lapa, 17, 1.º’, na ‘casa da tia Maria’, onde também moram a ‘tia Rita’ e a ‘avó Dionísia’.

10 de maio: João Franco, apoiado pelo rei Dom Carlos, dissolve as Cortes e instaura a ditadura.

Mai ou junho: Pessoa abandona o ‘Curso Superior de Letras’.

6 de setembro: Morre Dionísia de Seabra Pessoa. Fernando é o único herdeiro da avó paterna. A herança tem uma quantia de dinheiro bastante considerável.

Setembro: Despede-se de ‘R.G. Dun’, uma agência internacional de informações comerciais (integrada na actual Dun & Bradstreet), onde trabalhara por alguns meses como estagiário.

1908

Surge Jean Seul (autor de textos em francês).

1 de fevereiro: Dom Carlos I é assassinado. Manuel II sobe ao trono.

Final do outono: Publica, no ‘Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro’ para o ‘Ano de 1909’, uma charada em forma de poema epistolar, assinado por ‘Gaudêncio Nabos’, um heterónimo humorista.

14 de dezembro: Primeiro trecho datado de ‘Fausto’, um drama em verso inspirado na obra homónima de ‘Goethe’.

(m.?) Morre em Tavira, a «velha tia» Maria da Cruz Lampreia Pessoa (78 anos). O filho, Jacques Pessoa, morrerá no ano a seguir.

1909

Surgem novas personalidades fictícias de acordo com os planos de Pessoa para fundar uma editora: ‘Joaquim Moura Costa’, ‘Vicente Guedes’, ‘Carlos Otto’.

‘Alexander Search’ morre: “(...)‘Search’ morre, pois, nos finais de 1908 ou no início de 1909, não sem ter composto o seu próprio epitáfio(...)”. (*Biógrafo Robert Bréchon.*)

1 de janeiro: Morre em Tavira, o engenheiro agrónomo, Jacques Pessoa (61 anos). Pessoa poderá ter estado presente no enterro do primo maçom, figura ilustre dos republicanos algarvios.

«(...) Imagino que Pessoa terá ido ao funeral de Jacques Pessoa, falecido em 1909, em que terão comparecido outros correligionários maçons e republicanos, e que a família algarvia, a que Pessoa estava muito ligado, terá estabelecido os contactos. Isso explica que o proprietário do *Povo Algarvio* tenha escolhido essa desconhecida tipografia por estrear, tendo outras, no Algarve e Alentejo, mais à mão —de que, noutras alturas, se serviu (...).» Teresa Rita Lopes, «Pessoa empresário da Íbis, “criador de anarquias” e “de civilização”», *Modernista – Antologia de artigos da revista Modernista*, Lisboa, 2013, pp. 99-110.

Agosto: Vai a Portalegre comprar máquinas para a Empresa Íbis-Tipografia Editora».

1 de agosto: O jornalista Ribeiro de Carvalho, publica o artigo «O Futurismo», no jornal *O Herald*, publicado ainda em Tavira. (*O HERALDO - ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS*, Tavira, 1 de agosto de 1909 N° 1469, ANNO 27°).

Novembro: A «Empresa Íbis» abre em Lisboa, na ‘Rua da Conceição da Glória, n^{os} 38-40’. Pessoa muda-se para o seu próprio apartamento de na ‘Rua da Glória n° 4, r/c’ e sai de casa das tias.

Final de outono: Volta a publicar, sob o nome de ‘Gaudêncio Nabos’, uma charada-poema no ‘Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro’ para o ano de 1910.

1910

12 de março: O jornal de Loulé, *O Povo Algarvio*, começa a ser impresso na «Empresa Íbis-Tipografia Editora», inserindo o anúncio da «Typographica e Editora» de Fernando Pessoa nas suas páginas (12 de março de 1910, N° 27). Durante cerca de três meses, o jornal de Loulé do «Proprietário, Director e Administrador Paulo Madeira», foi publicado pela «Íbis» (do N° 27 ao N° 41, Sabbado, 18 de Junho de 1910).

Junho: A «Empresa Íbis-Tipografia Editora», que imprimiu o jornal *O Povo Algarvio* de Loulé, alguns impressos, cartões e envelopes. Fecha as portas sem editar nenhum livro.

5 de outubro: Cai a ‘Monarquia’ e é proclamada a ‘República’.

D. Manuel II exila-se na Inglaterra, Londres.

1911

Pessoa deixa o seu apartamento e vive durante alguns meses num escritório que pertence ao ‘primo Mário’ (muda-se possivelmente já em finais de 1910 para o Largo do Carmo, 18-20, 1.º). Funcionam na mesma morada, e desde finais de 1910, a ‘Agência Internacional de Minas’, cujo diretor é Mário Nogueira de Freitas, e a ‘Garantia Social’, uma ‘Agência da Negócios Indeterminados’. Pessoa terá colaborado nas duas empresas.

Por volta do mês de maio, começa a traduzir obras inglesas e espanholas para português, destinadas à ‘Biblioteca Internacional de Obras Célebres’, que será publicada em 24 volumes por volta de 1912.

Junho ou julho: Passa a viver com a ‘tia Anica’, na ‘Rua Passos Manuel 24, 3.º esquerdo’.

12 de setembro: Em Durban, a família muda-se para ‘Pretória’, onde João Miguel Rosa fora nomeado ‘cônsul-geral de Portugal’.

21 de setembro: Morre a ‘tia-avó Maria’ em casa da ‘tia Anica’, ‘Rua Passos Manuel’.

1912

Conhece o poeta e ficcionista Mário de Sá-Carneiro, que se tornará o seu mais íntimo amigo e aliado literário.

25 de fevereiro: Data da última edição d’ *O Herald* – *Antigo «Jornal de Annuncios»*, em Tavira. O proprietário e diretor José Maria dos Santos vendeu o título ao pintor e professor Carlos Augusto Lyster Franco e ao médico João Pedro Sousa.

Abril: Publica, na revista *A Águia*, do Porto, o seu primeiro artigo de crítica, ‘A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada’. Publicará outros artigos na mesma revista, ainda em 1912 e 1913.

10 de abril: Começa a ser publicado em Faro, o jornal *O Herald*, propriedade do professor Carlos Augusto Lyster Franco e do médico João Pedro Sousa, (impresso na «Tipografia Democrática», Rua

1º de Dezembro, Faro). A nova edição saiu para as bancas já só com o nome *O Herald*, deixando cair o subtítulo «*Antigo Jornal de Anúncios*». A partir da data (10 de abril de 1912), contou no cabeçalho (número 1 do Ano I), *Semanário Republicano Democrático*. O último número a sair para as bancas terá data de 26 de agosto de 1917.

13 de outubro: O seu melhor amigo, Mário de Sá-Carneiro (1890-1916), parte para Paris, o que dá início a uma assídua correspondência entre ele e Pessoa.

1913

Março: Escreve pelo menos algumas estrofes de ‘Epithalamium’, poema datado de 1913.

1 de março: Começa a sua colaboração em *Teatro: revista de crítica*, que conhecerá quatro números. O seu diretor, Boavida Portugal, funda, em novembro do mesmo ano, uma revista parecida, *Teatro: jornal de arte*, onde Pessoa também colaborará.

27 de março: Escreve à «tia Lisbela».

30 de março: Pede dinheiro ao amigo Geraldo Coelho para a viagem ao Algarve.

Agosto: Publica, em *A Águia*, ‘Na Floresta do Alheamento’, identificado como do *Livro do Desassossego*, em preparação e assinado pelo seu próprio nome.

14 de outubro: Morre, em Lisboa, António Maria Silvano, marido da ‘tia-avó Carolina’.

1913

Março: Escreve pelo menos algumas estrofes de ‘Epithalamium’, poema datado de 1913.

1 de março: Começa a sua colaboração em *Teatro: revista de crítica*, que conhecerá quatro números. O seu diretor, Boavida Portugal, funda, em novembro do mesmo ano, uma revista parecida, *Teatro: jornal de arte*, onde Pessoa também colaborará.

27 de março: Escreve à «tia Lisbela».

30 de março: Pede dinheiro ao amigo Geraldo Coelho para a viagem ao Algarve.

Agosto: Publica, em *A Águia*, ‘Na Floresta do Alheamento’, identificado como do *Livro do Desassossego*, em preparação e assinado pelo seu próprio nome.

14 de outubro: Morre, em Lisboa, António Maria Silvano, marido da ‘tia-avó Carolina’.

1914

Fevereiro: Publica, em *A Renascença*, os seus primeiros poemas de adulto, ‘Ó sino da minha aldeia’ e ‘Pauis de roçarem ânsias pela minh’alma em ouro’, sob o título geral ‘Impressões do Crepúsculo’.

4 de março: Primeiro poema datado de Alberto Caeiro.

Abril: Muda-se, com a ‘tia Anica’ e a sua ‘filha Maria’, para a ‘Rua Pascoal de Melo, nº 119, 3.º direito’.

Junho: Surge Álvaro de Campos, com a escrita da ‘Ode Triunfal’ (escrita em Londres e publicada em *Orpheu I*).

12 de junho: Primeiras odes datadas de Ricardo Reis.

4 de outubro: Escreve uma carta ao amigo Armando Cortes-Rodrigues, a informar que viu o António Ferro no Algarve. Os avós maternos do primeiro «Editor» de *Orpheu* eram naturais de Tavira.

8 de outubro: Mário de Sá-Carneiro na carta, em resposta a Fernando Pessoa, fez um comentário depreciativo ao poema de João Lúcio, inserido no número d' *A Águia*: «(...) E *A Águia*, meu Querido Fernando Pessoa, (...) e a cegueta (quero dizer: a mulher do Segredo) do poeta Algarvio...(...)».

Novembro: A 'tia Anica' parte para a Suíça com a 'filha Maria' e o 'genro Raul Soares da Costa', um engenheiro naval. Viverão depois em Itália, regressando a Lisboa por volta de 1924. A 'tia Anica' morrerá em 1940. Pessoa arrenda um quarto na 'Rua de D. Estefânia, nº 127, r/c-dto.', em casa de uma engomadeira.

1915

Primeira referência concreta ao autor fictício António Mora, teórico e divulgador do neopaganismo, concebido como um continuador filosófico do mestre Caeiro. O heterónimo Alberto Caeiro morre de tuberculose.

24 de março: Sai *Orpheu 1*, que inclui o drama estático 'O Marinheiro', assinado por Pessoa e 'Opiário' e 'Ode Triunfal', assinados por Álvaro de Campos.

4 de abril: Pessoa inicia uma breve mas intensa colaboração em *O Jornal*, onde publicará, até dia 21 de abril, dez textos, seis deles na rubrica 'Crónica da vida que passa...'

6 de maio: Começa a escrever 'Antinous', poema datado de 1915.

13 de maio: Publica 'O Preconceito da Ordem' no único número de *Eh real!*, um panfleto declaradamente contra a ditadura de Pimenta de Castro (no poder desde janeiro).

14 de maio: Uma revolução em Lisboa derruba o governo de Pimenta de Castro.

Junho (finais): Sai *Orpheu 2*, com os seis poemas interseccionistas de 'Chuva Oblíqua' de Pessoa e a 'Ode Marítima' de Campos.

6 de julho: Uma carta dirigida ao jornal *A Capital*, em que Álvaro de Campos graceja sobre um acidente de elétrico que deixou o político Afonso Costa gravemente ferido, provoca indignação, mesmo entre vários camaradas do *Orpheu*.

Setembro: Entrega a primeira de seis traduções (publicadas em 1915-1916) de obras de teosofia, escritas por figuras como 'C.W. Leadbeater' e 'Helena Blavatsky'.

Novembro: A mãe, ainda em Pretória, na África do Sul, tem um A.V.C., que lhe afeta o lado esquerdo.

8 de novembro: Encontro à noite, com a «tia Lisbela», num hotel de Lisboa.

29 de novembro: Novo encontro no hotel com a «tia Lisbela». Uma saída noturna que, na opinião do poeta, se revelou «muito agradável», como anotou no seu diário, escrito entre 1 de novembro de 1915 a 7 de dezembro de 1915: «(...) fiz olhinhos a uma rapariga bastante interessante que pareceu gostar de mim. Senti-me à vontade com elas (ela e talvez uma irmã), embora falasse pouco. O Imperador, alas! ai de mim(...)».

Dezembro: Surge 'Raphael Baldaya', astrólogo e estudioso de ocultismo.

1916

Ano em que o diretor do jornal *O Herald*, Carlos Augusto Lyster Franco terá feito um convite a Fernando Pessoa para responder a um «inquérito», de uma pergunta apenas, «sobre as correntes e

tendências da arte ou da literatura europeia ou contemporânea». Na carta ao «Exmo.º Senhor Director de *O Heraldo / Faro*», Pessoa explica que o que chama «cosmopolitismo expressa-se em literatura não pela preocupação cosmopolita (isso não seria uma expressão mas uma explicação), mas pela admissão a dentro do âmbito literário de todas as formas de sensações, de todos os feitos de literatura».

14 de fevereiro: Morre a ‘tia-avó Rita’ em Lisboa, em casa da ‘tia-avó Carolina’.

Março: Início, em Pessoa, do fenómeno de escrita automática ou mediúnica.

9 de março: A Alemanha declara guerra a Portugal

26 de abril: Mário de Sá-Carneiro suicida-se em Paris.

Maio (?): Pessoa arrenda uma casa na ‘Rua Antero de Quental’.

Junho: Surgem os primeiros exemplos de escrita automática, supostamente ditados a Pessoa por espíritos astrais.

Agosto-setembro (?): Mora num quarto contíguo à ‘Leitaria Alentejana’, ‘Rua Almirante Barroso, nº 12’.

Setembro: Resolve tirar o circunflexo do apelido, que até então escrevia «Pessôa». Publica, em *Terra Nossa*, o poema ‘A Ceifeira’, de que será publicada outra versão no terceiro número da *Athena*.

Outubro: Aluga quartos em casa de Manuel A. Sengo, na ‘Rua Cidade da Horta 58, 1.º direito’.

1917

Janeiro: O primeiro contingente de tropas portuguesas embarca para França para combater ao lado dos ‘Aliados’.

15 de abril: Pessoa publica no jornal de Faro, *O Heraldo* na secção «Futurismo – Gente Nova», os poemas, a título póstumo, de Mário de Sá-Carneiro, «Arte-Luz / Além», Paris – Maio 1913, (*O Heraldo, Futurismo – Gente Nova*, 15 de Abril de 1917, Ano V, Nº 377, p. 2, cols. 2 e 3).

12 de maio: Decide-se o conteúdo definitivo de *Orpheu 3*, que chega a ser quase totalmente impresso em julho mas que não sairá em vida de Pessoa.

12 de maio: Envia ‘The Mad Fiddler’, um livro de poemas, a uma editora inglesa, ‘Constable & Company Ltd.’, que recusa a sua publicação numa carta datada de 6 de junho.

17 de junho: Almada Negreiros, publica no jornal de Faro, *O Heraldo* na secção «Futurismo – Gente Nova», os poemas «Litoral» e «Belfast», (*O Heraldo, Futurismo – Gente Nova*, 17 de junho de 1917, Ano V, Nº 386, p. 2, cols. 4 e 5).

1 de julho: Fernando Pessoa publica no jornal de Faro, *O Heraldo*, o poema «Inédito» *A Casa Branca Nau Preta*, na secção *Futurismo-Gente Nova* (*O Heraldo*, 1 de julho de 1917, ANO V, Nº 388, p. 2, col. 2).

5 de agosto: *O Heraldo* publica a carta de Almada Negreiros e Santa Rita Pintor, com o título: «Futurismo / Comité Futurista», Lisboa, 15 de Julho de 1917, *O Heraldo*, 5 de Agosto de 1917, Ano V, Nº 393, p. 1 (primeira página).

21 de agosto: Cria-se a firma de comissões ‘F.A. Pessoa’, situada na Rua de S. Julião, 41, 3.º. São sócios desta empresa ‘Pessoa’, ‘Augusto Ferreira Gomes’ e o ‘Eng.º Geraldo Coelho de Jesus’. Fecha portas nove meses depois.

26 de agosto: Sai para as bancas o último número do jornal *O Heraldo*.

31 de outubro: Publicação do *Ultimatum* de Álvaro de Campos no único número da revista *Portugal Futurista* (um manifesto que denigre os dirigentes políticos e as luminárias culturais da Europa). A revista é apreendida pela polícia em novembro.

Outubro ou novembro: Pessoa muda-se para a ‘Rua Bernardim Ribeiro 17, 1.º’.

Dezembro: A firma ‘F.A. Pessoa’ muda-se para a ‘Rua do Ouro, 87, 2.º’.

5 de dezembro: Sidónio Pais chefia um golpe de Estado que instaura uma ditadura.

1918

1918 (?): Escreve o fragmento: ‘A escravatura é lógica e legítima; um zulu ou um landim não representa coisa alguma de útil neste mundo’. Pessoa tem 30 anos quando escreve este texto de ‘cariz racista e xenófobo’.

29 de abril: Morre Santa Rita Pintor, artista futurista que colaborava em *Orpheu*.

1 de maio: Extingue-se a firma ‘F.A. Pessoa’.

Julho: Pessoa publica em edição de autor, à sua custa, duas plaquetas com os seus poemas ingleses ‘Antinous’ (escrito em 1915) e ‘35 Sonnets’. Envia exemplares a vários jornais britânicos, onde sairão recensões, geralmente favoráveis embora com algumas reservas.

13 de outubro: Publica, no diário lisboeta *O Tempo*, um artigo intitulado ‘Falência?’, em que contraria a noção de que faliu a ‘República’ enquanto sistema governativo. A uma réplica não assinada, ‘Lógica... Futurista’, publicada o dia seguinte no *Diário Nacional*, Pessoa escreverá, em *O Tempo* do dia 17, uma contra-réplica, ‘Falta de lógica... Passadista’.

Novembro ou dezembro: Muda-se para uma casa mobilada na ‘Rua de Santo António dos Capuchos’.

14 de dezembro: Sidónio Pais é assassinado.

1919

19 de janeiro: A ‘Monarquia’ é proclamada no Porto e em Lisboa por juntas militares criadas meses antes. As forças monárquicas, facilmente dominadas no Sul, assumem o controlo do Norte.

13 de fevereiro: As forças republicanas entram no Porto, derrubando o governo monárquico. O heterónimo Ricardo Reis, monárquico segundo a sua biografia, exila-se no Brasil.

20 e 26 de abril: Fernando Pessoa escreve duas cartas a Francisco Fernandes Lopes, recordando os tempo das tertúlias literárias em Lisboa (o médico olhanense acabou o curso em 1911), a propor a «publicação de uma revista portuguesa exclusivamente destinada ao estrangeiro». O poeta modernista adiantava ao médico que embora a revista fosse escrita por portugueses, seria «publicada em francês e inglês».

1 de maio: Pessoa inicia a sua colaboração em *Acção*, um jornal sidonista criado pelo ‘Núcleo de Acção Nacional’ e dirigido por ‘Geraldo Coelho de Jesus’.

Junho-julho (?): Muda-se para a Rua Capitão Renato Baptista, nº 3, r/c.

1 de junho: Pessoa envia a última carta a Francisco Fernandes, onde faz a alusão ao jornal sidonista *Acção*, onde publicou, um ano mais tarde, o poema «À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais».

14 de junho: Morre, em Lisboa, a tia-avó Adelaide.

Agosto (finais): Pessoa faz uma viagem de negócios ao Algarve. Ficou hospedado, cerca de uma semana, no «Grande Hotel», em Faro.

30 de agosto: Escreve, de Faro, ao amigo Luiz de Montalvor, falando, de forma sigilosa, do projeto de criação de uma «Empresa», adiantando que permanecerá na capital algarvia até «3 ou 4 de setembro». Durante este período, terá ido a Tavira visitar a família.

7 de outubro: Morre, em Pretória, o padrasto João Miguel Rosa.

Outubro-novembro (?): Arrenda um quarto a uma família na ‘Avenida Gomes Pereira’, ‘Vila Gonçalves de Azevedo, rés-do-chão’, em ‘Benfica’.

Novembro: Pessoa conhece Ofélia Queiroz na firma Félix, Valladas & Freitas, Lda.

1920

30 de janeiro: Publica o poema ‘Meantime’, pertencente à obra ‘The Mad Fiddler’, em *The Athenaeum*, uma prestigiosa revista inglesa.

20 de fevereiro: A mãe e os três meios-irmãos de Pessoa embarcam para Lisboa.

27 de fevereiro: Publica, em *Acção*, o poema elegíaco ‘À Memória do Presidente Sidónio Pais’.

1 de março: Data da sua primeira carta a Ofélia Queiroz.

29 de março: Muda-se para a ‘Rua Coelho da Rocha, 16, 1.º direito’, onde residirá até morrer.

30 de março: A mãe e os meios-irmãos de Pessoa desembarcam em Lisboa. Moram provisoriamente com o ‘primo António Pinheiro Silvano’, na ‘Av. Casal Ribeiro, 35’, instalando-se na ‘Rua Coelho da Rocha’ em finais de abril, depois de Pessoa ter tomado as providências necessárias (ligações de água e eletricidade, aquisição das mobílias necessárias, etc.)

Maior: Os ‘meios-irmãos Luís e João’ partem para Inglaterra, onde estudarão na ‘Universidade de Londres’. Casam-se com inglesas mas não têm filhos. Luís morre em 1975, João em 1977. Pessoa, a mãe e a ‘meia-irmã Teca’ ocupam o apartamento na ‘Rua Coelho da Rocha, nº 16, primeiro direito’. Pessoa vive nesta morada até morrer.

29 de novembro: Pessoa rompe o namoro com Ofélia, por carta.

1921

A firma *Olisipo* (Agentes, Organizadores e Editores) começa a funcionar, com escritório na Rua da Assunção, 58, 2.º. Pessoa planeia, durante dois anos, uma empresa grande e diversificada, dedicada à promoção da cultura e do comércio portugueses, especialmente no estrangeiro. A *Olisipo*, menos ambiciosa, funcionará por um lado como editora de livros e, por outro, como intermediária entre algumas minas portuguesas e investidores estrangeiros.

19 de outubro: Uma revolta radical, em Lisboa, culmina na chamada ‘Noite Sangrenta’ em que vários republicanos são assassinados.

Dezembro: Pessoa publica, pela *Olisipo*, os seus ‘English Poems I-II’ (que incluem uma versão revista de ‘Antinous’ e as ‘Inscriptions’) e ‘English Poems III’ (‘Epithalamium’ escrito em 1913) e ‘A Invenção do Dia Claro’ de Almada Negreiros.

1922

Maio: Publica, no primeiro número da revista *Contemporânea*, ‘O Banqueiro Anarquista’. A *Olisipo* publica uma versão revista e aumentada da obra ‘Canções’ (a 1.^a edição é de 1921) de António Botto, um poeta assumidamente homossexual.

Julho: Pessoa publica, na *Contemporânea*, ‘António Botto e o Ideal Estético em Portugal’.

Outubro: Publica, na *Contemporânea*, ‘Mar Português’ (conjunto de doze poemas, onze dos quais farão parte da *Mensagem*). No mesmo número da revista, ‘Álvaro Maia’ publica ‘Literatura de Sodoma: O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal’.

Novembro (?): É fundada, na ‘Rua de S. Julião, 52, 1º’, a firma ‘F.N. Pessoa’, que funcionará durante três anos. Os seus sócios prováveis, para além de Pessoa, chamavam-se ‘Augusto Franco’, ‘Albano da Silva’ e ‘Júlio Moura’.

1923

Janeiro: Pessoa publica, na *Contemporânea*, três poemas em francês.

Fevereiro: Publica, na *Contemporânea*, ‘Lisbon Revisited’ (1923), de Álvaro de Campos. A *Olisipo* publica o opúsculo ‘Sodoma Divinizada’ de Raul Leal.

19 de fevereiro: ‘Pedro Teotónio Pereira’ (que deterá vários cargos no governo do ‘Estado Novo’) organiza a ‘Liga de Acção dos Estudantes de Lisboa’, que resolve fazer campanha, junto dos jornais e do governo civil, contra a ‘literatura de Sodoma’.

Março (inícios): Em resposta a uma campanha de estudantes conservadores contra a chamada ‘Literatura de Sodoma’, o ‘governador civil de Lisboa’ ordena a apreensão de vários livros imorais, entre os quais as ‘Canções’ de António Botto, a ‘Sodoma Divinizada’ de Raul Leal e a ‘Decadência’ de Judith Teixeira.

16 de abril: Nasce o primo Jaques Pessoa Rolão, às 12 horas, na freguesia da Sé, Faro. O neto de Jacques Pessoa e sobrinho-neto da «tia Lisbela», será o último familiar a usar o apelido «Pessoa».

6 de março: A ‘Liga de Acção dos Estudantes’ distribui um manifesto contra a inversão da inteligência, da moral e da sensibilidade. Pessoa publica dois manifestos. Um assinado com o seu próprio nome e o ‘Aviso por Causa da Moral’, assinado por Álvaro de Campos e distribuído em folha volante. Crítica os estudantes e defende ‘Leal’ contra os ataques pessoais que aqueles lhe fizeram.

Abril: Raul Leal publica outro panfleto, ‘Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Católica’. A ‘Liga dos Estudantes’ responde com um manifesto insultuoso. Pessoa, em defesa de Raul Leal, publica no seu próprio nome uma outra folha volante, ‘Sobre um Manifesto de Estudantes’.

21 de julho: A irmã Henriqueta casa-se com Francisco Caetano Dias, conhecido pelo diminutivo ‘Chico’, oficial da ‘Administração Militar’. Vão viver para a ‘Quinta dos Marechais, Alto da Boa Vista, Benfica’, e a mãe doente vai viver com o jovem casal. O tio Henrique Rosa, doente, também vai viver com eles. Pessoa passa a viver sozinho durante dois anos.

1924

Outubro: Ricardo Reis estreia-se publicamente com um conjunto de vinte odes, no primeiro número da *Athena*, revista concebida por Pessoa, que é seu diretor literário, sendo ‘Rui Vaz’ o diretor artístico. O primeiro número também inclui colaborações de Almada Negreiros, António Botto e Henrique Rosa.

Dezembro: Publica, no segundo número da *Athena* (datado de novembro), ‘Os Últimos Poemas’ de Mário de Sá-Carneiro e ‘O que é a Metafísica’, em que Álvaro de Campos discorda de Fernando Pessoa.

1925

Janeiro ou fevereiro: Publica, no terceiro número da *Athena* (datado de dezembro de 1924), 16 poemas de Pessoa-ortónimo e três poemas de Henrique Rosa.

8 de fevereiro: Morre Henrique Rosa, irmão do padrasto, na ‘Quinta dos Marechais, Benfica’.

Março: Caeiro faz a sua estreia pública, com 23 poemas d’ ‘O Guardador de Rebanhos’, no quarto número da *Athena* (datado de janeiro).

17 de março: Morre a mãe de Fernando Pessoa na ‘Quinta dos Marechais’.

Junho: Publicam-se, no quinto número da *Athena* (datado de fevereiro), 16 composições que fazem parte dos ‘Poemas Inconjuntos’, de Caeiro.

Agosto-dezembro: Traduz ‘A Letra Encarnada’, de Nathaniel Hawthorne.

Setembro ou outubro: A irmã Henriqueta e o marido deixam a ‘Quinta dos Marechais’, regressando à ‘Rua Coelho da Rocha’.

27 de outubro: Apresenta um pedido de patente pela sua invenção de um ‘Anuário Sintético’.

16 de novembro: Nasce Manuela Nogueira Rosa Dias (a ‘Mimi’), a única sobrinha de Pessoa a sobreviver à infância.

1926

1 de janeiro: Inicia-se a publicação de ‘A Letra Encarnada’, em folhetins, na revista *Ilustração*. Como então era costume, o nome de Pessoa, o tradutor, não aparece.

25 de janeiro: Sai o primeiro de seis números (todos de 1926) da *Revista de Comércio e Contabilidade*, dirigida pelo seu cunhado, Francisco Caetano Dias. Ele e Pessoa são os principais colaboradores. Nos números 2 e 3 (Lisboa: 25-2-1926 e 25-3-1926), publica o artigo ‘Régie, Monopólio, Liberdade’, onde defende a escravatura. “(...) A velha afirmação de Aristóteles —aliás tão pouco propenso a soluções tirânicas— de que a escravatura é um dos fundamentos da vida social, pode dizer-se que ainda está de pé (...)”. (Fernando Pessoa, ‘Régie, Monopólio, Liberdade’, *Revista de Comércio e Contabilidade*, 25 de fevereiro de 1926 e 25 de março de 1926.)

30 de abril: Morre, em Lisboa, a ‘tia-avó Carolina’.

28 de maio: O ‘general Gomes da Costa’, herói da ‘1.ª Grande Guerra’, inicia uma revolta militar que provoca, em apenas dois dias, a demissão do Governo. ‘Gomes da Costa’ assume o controlo total através de um golpe de Estado, em 17 de junho.

Junho: Pessoa publica, na *Contemporânea*, ‘Lisbon Revisited’ (1926), de Álvaro de Campos.

9 de julho: Um novo golpe de Estado, dirigido pelo ‘general monárquico Sinel de Cordes’, substitui ‘Gomes da Costa’ pelo ‘general Óscar Carmona’. ‘Cordes’ e ‘Carmona’ governam, numa ditadura militar bastante repressiva, até 1928.

30 de outubro: O diário *Sol* dá início à publicação, em folhetins, de ‘O Caso da 5.ª Avenida’ (The Leavenworth Case: A Lawyer’s Story), da escritora norte-americana ‘Anna Katherine Green’. A tradução é de Pessoa, que chega a traduzir um terço deste romance policial, antes de o jornal suspender a sua publicação, em 1 de dezembro de 1926.

1927

Fevereiro: Uma revolta republicana, no Porto e em Lisboa, é derrotada pelo regime.

4 de junho: Com um poema ortónimo e o texto ‘Ambiente’, subscrito por Álvaro de Campos, Pessoa inicia a sua intensa colaboração com a revista *Presença*, fundada em Coimbra três meses antes. Pessoa publicará alguns dos seus mais notáveis poemas e textos em prosa nesta revista coimbrã de arte e literatura. Embora Pessoa não fosse muito conhecido, os jovens diretores da *Presença* consideram-no o mais importante escritor português vivo.

18 de julho: Publica, na *Presença*, três odes de Ricardo Reis.

Novembro ou dezembro: A irmã, o cunhado e a sobrinha de Pessoa mudam-se para Évora, onde vivem durante três anos.

1928

15 de janeiro: Escreve ‘Tabacaria’, poema atribuído a Álvaro de Campos.

26 de janeiro: Escreve a primeira carta a José Régio, o primeiro crítico a reparar —num livro de ensaios e nas páginas de *Presença* (de que era um dos diretores fundadores)— na importância da obra pessoana para a história da literatura.

Março: Publica *O Interregno: Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*, escrito por Pessoa a pedido do ‘Núcleo de Acção Nacional’. Um panfleto que defende e justifica a ditadura militar como um ‘Estado de Transição no Portugal politicamente instável’. Numa nota biográfica de 1935, Pessoa renegará *O Interregno*.

26 de abril: Formação de um novo governo, com António de Oliveira Salazar à frente das Finanças e com maiores poderes.

27 de maio: Pessoa publica ‘Apostila’, de Álvaro de Campos, em *O Notícias Ilustrado*, com o qual colaborará assiduamente nos dois anos seguintes.

Agosto: Surgem, num caderno, os primeiros trechos atribuídos a um fidalgo suicidário chamado ‘Barão de Teive’.

1929

Publicam-se três fascículos de uma «Antologia de Poemas Portugueses Modernos», organizada por Pessoa e António Botto. Este último publicará, em 1944, uma versão completa do livro, acrescentando-lhe alguns poemas da sua escolha pessoal. O poema «Sensações Desconhecidas», do poeta olhanense João Lúcio, terá contado, ainda em vida, aquando da elaboração dos «fascículos» em 1929, com o aval de Pessoa, para fazer parte daquela «Antologia».

22 de março: Primeiro trecho datado da fase final e mais intensa do *Livro do Desassossego*, publicado em *A Revista* (da ‘Solução Editora’) atribuído ao semi-heterónimo Bernardo Soares. Onze excertos aparecerão em periódicos entre 1929 e 1932, depois de 16 anos sem notícias do livro. Todos os trechos agora publicados são assinados por Pessoa mas atribuídos a Bernardo Soares, ‘ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa’. Centenas de outros só serão publicados décadas após a morte de Pessoa.

26 de junho: Escreve a sua primeira carta a João Gaspar Simões, um dos diretores da *Presença*, para lhe agradecer o livro *Temas*, onde aparece o primeiro estudo sobre a obra de Pessoa.

9 de setembro: Ofélia Queiroz escreve a Pessoa para lhe agradecer a foto que este lhe enviara, a seu pedido, através do sobrinho Carlos Queiroz, poeta e amigo de Pessoa.

11 de setembro: Pessoa responde à carta de Ofélia, iniciando, assim, a segunda fase do namoro.

10 de outubro: Morre, em Tavira, a «tia Lisbela», viúva, 84 anos. A casa da cidade, nº 42, no «Jardim d'Alagoa» e a «Quinta da Mesquita», na Asseca, onde chegou a dormir Fernando Pessoa, são herdadas pelos sobrinhos.

4 de dezembro: Numa carta à editora de 'Aleister Crowley' (mago e mestre ocultista inglês), corrige o horóscopo deste último, publicado no seu texto autobiográfico 'Confessions'. 'Crowley' responde de imediato, dando início a uma assídua correspondência entre os dois.

1930

11 de janeiro: Escreve a sua última carta a Ofélia Queiroz, que continuará a escrever-lhe durante mais de um ano. Os dois ainda falam por telefone e encontram-se de vez em quando. Ofélia, que se casará mais tarde, morre em 1991.

13 de junho: Escreve «Aniversário», no dia dos seus anos, publicado no número seguinte da *Presença*, como tendo sido escrito por Álvaro de Campos, no último aniversário do heterónimo: 15 de outubro de 1929.

23 de julho: Escreve os dois últimos poemas datados, ambos de «O Pastor Amoroso», de Alberto Caeiro.

2 de setembro: Chega a Lisboa Aleister Crowley, acompanhado de uma namorada muito mais jovem, Hanni Jaeger.

23 de setembro: Crowley, desgostoso por a sua namorada ter partido para Berlim, zangada com ele, encena o seu suicídio na 'Boca do Inferno'. Pessoa e Augusto Ferreira Gomes colaboram na farsa.

5 de outubro: O *Notícias Ilustrado* publica um testemunho importante de Pessoa sobre o caso «Crowley».

Novembro (?): A irmã, que estava em Évora, regressa a Lisboa, com a família.

1931

1 de janeiro: Nasce em Lisboa, Luís Miguel Rosa Dias, sobrinho de Pessoa.

Fevereiro: Publica, na *Presença*, o oitavo poema de 'O Guardador de Rebanhos' e cinco das 'Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro', de Álvaro de Campos.

1 de abril: Escreve 'Autopsicografia'.

Junho: Publica, na *Presença*, poemas dos seus três heterónimos e o ortónimo 'O Andaime'.

13 de novembro: Pessoa escreve o poema dedicado ao ditador espanhol Primo de Rivera (elogio fúnebre).

Dezembro: A *Presença* (número de julho-outubro) publica «Hino a Pã», um poema de Aleister Crowley traduzido por Pessoa.

8 de dezembro: Escreve o poema «Notas Sobre Tavira», assinado por Álvaro de Campos.

1932

Publica-se 'Alma Errante', de 'Eliezer Kamenezky', com prefácio de Pessoa. A irmã de Pessoa e o marido constroem uma casa em 'S. João do Estoril', que será a morada principal da sua família.

Quando vão a Lisboa, continuam a ficar com Pessoa na ‘Rua Coelho da Rocha’ (a irmã, Henriqueta Madalena Rosa Dias, morre em 1992; o marido dela, Francisco Caetano Dias, em 1969).

23 de março: Morte do primo Mário Nogueira de Freitas.

2 de julho: Morre Dom Manuel II, exilado na Inglaterra, sem descendência.

5 de julho: ‘Salazar’ é nomeado ‘Presidente do Conselho de Ministros’, tornando-se, na prática, ditador com plenos poderes.

16 de setembro: Pessoa candidata-se, sem êxito, ao lugar de ‘Conservador-Bibliotecário do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães’, em Cascais.

Novembro: Publica, em *Presença*, «Autopsicografia» (poema escrito em 1 de abril de 1931).

1933

Janeiro: ‘Pierre Hourcade’ publica, em ‘Cahiers du Sud’ (Marselha), cinco poemas de Pessoa traduzidos para francês e acompanhados de uma introdução.

11 de março: Fernando Pessoa escreve a António Ferro (associando o heterónimo Álvaro de Campos), a agradecer o livro editado com as entrevistas a António de Oliveira Salazar. Pessoa nas cartas enviadas durante estes anos a ‘Ferro’ elogia o seu trabalho jornalístico (entrevistas a ‘Primo de Rivera’, ‘Mussolini’ e ‘Hitler’, para além de ‘Salazar’).

Durante este período de adesão ao salazarismo, Pessoa escreve o texto «(...) Sou situacionista por aceitação. Não discuto problemas políticos, constituições ou programas. Confio instintiva mas não irracionalmente, no General Carmona e no Professor Salazar. (...) Confio no General Carmona porque tem a mais segura mão de timoneiro que há muitos anos temos tido. (...) Confio no Prof(essor) Salazar por um motivo primário e dois motivos secundários (...)». (*Fragmento de Fernando Pessoa.*)

19 de março: É aprovada em plebiscito (referendo nacional) uma nova Constituição que marca o início do chamado ‘Estado Novo’ salazarista.

Março-abril: Prepara, para uma edição da *Presença*, os ‘Indícios de Ouro’, uma coletânea inédita de poemas de Mário de Sá-Carneiro. O livro só será publicado pela *Presença* em 1937.

Abril: Publica, na *Presença*, o poema ‘Isto’.

16 de junho: Publica o ‘Mar Português’ no jornal de cariz fascista *A Revolução*. E na revista colonialista *Mundo Português* (citado pelo professor Alfredo Margarido, ‘Sobre as posições políticas de Fernando Pessoa’, *Colóquio – Letras*. Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 23, Jan. 1975).

Julho: Publica, na *Presença*, o poema ‘Tabacaria’, de Álvaro de Campos (escrito em 15 de janeiro de 1928).

26 de outubro: O ‘Secretariado de Propaganda Nacional’ inicia as suas funções, sendo António Ferro o seu primeiro diretor. No ‘S.P.N.’ irão trabalhar muitos dos amigos de Fernando Pessoa: Augusto Ferreira Gomes, Almada Negreiros, Paulo Ferreira, assim como a antiga namorada Ofélia Queiroz e o seu sobrinho Carlos Queiroz, que se tornara amigo de Pessoa.

1934

Maior: Pessoa publica o poema ‘Eros e Psique’, a sua última colaboração na *Presença*.

11 de julho: Começa a escrever uma grande quantidade de quadras que, quanto à forma (mas nem sempre quanto à temática), se podem chamar populares. Escreverá, até agosto de 1935, mais de 350 destas quadras.

1 de dezembro: Sai *Mensagem*, único livro de poesia em português publicado por Pessoa. Alguns exemplares já tinham sido impressos em outubro, para que o livro pudesse concorrer ao prémio Antero de Quental, criado pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Não tendo o mínimo de cem páginas necessário para concorrer na primeira categoria, *Mensagem* ganhou o prémio destinado à segunda categoria. O livro foi pago com o saco azul do Secretariado de Propaganda Nacional liderado por António Ferro.

1935

13 de janeiro: Escreve, para Adolfo Casais Monteiro, a famosa carta sobre a génese dos heterónimos.

4 de fevereiro: Publica, no *Diário de Lisboa*, um veemente artigo contra um projeto de lei, proposto em 15-1-1935, que visa suprimir as ‘associações secretas’, nomeadamente a ‘Ordem Maçonica’. A Assembleia Nacional ratificará por unanimidade a lei em abril.

21 de fevereiro: Salazar, na entrega dos prémios literários do SPN (a que Pessoa, um dos galardoados, não assistiu), refere-se no seu discurso a certas limitações e a algumas diretrizes que os princípios morais e patrióticos do Estado Novo impõem à atividade mental e às produções da inteligência e sensibilidade.

16 de março: Pessoa escreve ‘Liberdade’, primeiro poema crítico a Salazar.

5 de abril: A Assembleia Nacional aprova, por unanimidade, a lei contra as ‘associações secretas’.

10 de outubro: Carta enviada a Tomás Ribeiro Colaço, diretor do *Fradique*, a elogiar o artigo “Não!” de Rolão Preto, em defesa da ‘Maçonaria’.

21 de outubro: Pessoa escreve ‘Todas as cartas de amor são Ridículas’, último poema datado de Álvaro de Campos.

13 de novembro: Escreve ‘Vivem em nós inúmeros’, último poema datado de Ricardo Reis.

19 de novembro: Escreve ‘Há doenças piores que as doenças’, o seu último poema português datado. O verso final reza assim: ‘Dá-me mais vinho, porque a vida é nada’.

22 de novembro: Escreve ‘The happy sun is shining’, o seu último poema datado em inglês.

29 de novembro: Na sequência de crises de febre e fortes dores abdominais, é internado no ‘Hospital de S. Luís dos Franceses’, onde escreve as suas últimas palavras: ‘I know not what tomorrow will bring’. (‘Não sei o que o amanhã trará’.)

30 de novembro: Morre, por volta das vinte horas e trinta minutos (oito e meia da noite), em presença de Jaime de Andrade Neves, seu primo e médico.

2 de dezembro: É enterrado no Cemitério dos Prazeres, onde Luís de Montalvor, em nome dos sobreviventes do grupo do *Orpheu*, profere um breve discurso, na presença de aproximadamente sessenta pessoas.

16 de dezembro: O primo Eduardo Freitas da Costa publica um artigo no jornal *Avante!* (edição de 16-12-1935), órgão panfletário da «Acção Escolar Vanguarda-A.E.V.» (o semanário teve nas suas páginas a colaboração de dirigentes da juventude fascista italiana e nacional-socialista alemã), dedicado à memória de Fernando Pessoa.

1936

O número 38 da *Presença* é todo dedicado a Pessoa. Publica na capa o desenho de Almada Negreiros, com a efígie triangular de óculos ovais, laço e chapéu, e vários artigos sobre a sua obra,

além da transcrição de cartas suas a Ofélia Queiroz (sem identificar a destinatária) e a Gaspar Simões.

1937

A Presença publica, numa edição que Pessoa deixara preparada, o livro *Indícios de Oiro*, de Mário de Sá-Carneiro. Na *Presença*, 49, sai a carta de 13 de janeiro de 1935, a Casais Monteiro, sobre a génese dos heterónimos, comentada pelo destinatário.

1942

Casais Monteiro, reúne em dois volumes, uma antologia do que Pessoa deixara publicado. A editorial Ática, começa a publicar os livros de Fernando Pessoa, sob direção de Luís de Montalvor e João Gaspar Simões.

1944

Antologia dos Poemas Portugueses Modernos, Por Fernando Pessoa e António Botto, Coimbra, Editorial Nobel, 1944. A «Antologia» inclui dois poetas algarvios: «Dionisiacas», de Cândido Guerreiro», p. 71; «Sensações Desconhecidas», de João Lúcio, p. 99. Dos 51 «Poemas Portugueses Modernos», fazem parte: «O Menino de Sua Mãe», de Fernando Pessoa, «ortónimo», pp. 127-128; «Poema», de Álvaro de Campos, que começa com o verso «Vem, Noite antiquíssima e idêntica», pp. 93-98; «Odes» de Ricardo Reis, pp. 89- 90; «O Oitavo Poema de O Guardador de Rebanhos» de Alberto Caeiro, pp. 73-82.

5 janeiro 1961: Noticiário da RTP. O primo Eduardo Freitas da Costa organiza as celebrações comemorativas do ‘25º aniversário da morte de Fernando Pessoa’ (1960), no ‘Palácio Foz’, em Lisboa. “(...)A sessão de encerramento contou com as presenças de Teotónio Pereira, Ministro da Presidência, Leite Pinto, Ministro da Educação Nacional, Gustavo Cordeiro Ramos, diretor do Instituto de Alta Cultura, e Ramiro Valadão, membro do Secretariado Nacional de Informação; discurso de José Teixeira Vale, membro da comissão organizadora; declamação de poemas do *Mar Português*; os ministros de Salazar e as personalidades visitam a exposição bibliográfica do escritor; Eduardo Freitas, jornalista, pronuncia palestra sobre Fernando Pessoa(...)”. (*Noticiário da RTP, 5 de janeiro de 1961.*)

No âmbito destas comemorações oficiais do vigésimo quinto aniversário da morte do escritor, em 1960, foi criado o «Grupo Fernando Pessoa». O primeiro acontecimento para comemorar essa data foi realizado no Centro Nacional de Cultura por Fernando Amado, que encenou ‘O Marinheiro’ de Pessoa e ‘Antes de Começar’ de Almada Negreiros, com interpretações dos jovens Glória de Matos, Isabel Ruth e Clara Joana na primeira peça e de Irene Cruz e João d’Ávila na segunda. Entretanto, o departamento cultural do Secretariado Nacional da Informação quis oficializar as comemorações dessa data e para isso, por intermédio do Dr. Francisco Avelaz, convidou João d’Ávila, ainda aluno no Conservatório Nacional, para apresentar um projeto para esse efeito. Assim surgiu o ‘Grupo Fernando Pessoa’, estreando-se no Teatro do Palácio Foz, com a seguinte programação: ‘O Marinheiro’ de Fernando Pessoa, com encenação de Fernando Amado e interpretações de Glória de Matos, Isabel Ruth e Manuela Machado; ‘Fernando Pessoa e seus heterónimos’ encenação de João d’Ávila e interpretações de Norberto Barroca, Rui Mendes, Carlos Cabral, Isabel Ruth (como bailarina), o professor de guitarra clássica Duarte Costa e João d’Ávila; ‘O Mar português’ (2ª parte da ‘Mensagem’), uma encenação de João d’Ávila e interpretações de Isabel Ruth, Glória de Matos, Arceolinda Reis, Norberto Barroca, Rui Mendes e João d’Ávila; Leitura encenada do ‘Primeiro Fausto’ por Isabel Ruth, Norberto Barroca e César Augusto; Palestras e colóquios sobre ‘Fernando Pessoa e o Orpheu’ por Eduardo Freitas da Costa e ‘Fernando Pessoa e o V Império’, por António Quadros; ‘Exposições bibliográficas sobre o Poeta e o seu tempo’. O ‘Grupo Fernando Pessoa’, continuou a apresentar-se noutros teatros de Lisboa e de Portugal, na Emissora Nacional e na Rádio Televisão Portuguesa. Muitos outros artistas foram passando nos espetáculos apresentados pelo ‘Grupo Fernando Pessoa’, que se manteve ativo até 1967: Laura Soveral (onde se estreia como atriz), Manuela de Freitas, o brasileiro Luís Tito, João Perry, Maria do Céu Guerra, Lúcia Franco, Catarina Avelar e Fernanda Alves, entre outros. Em 1962, o ‘Grupo Fernando Pessoa’ fez uma digressão no Brasil, com o Apoio do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian. Estreia no

Rio de Janeiro, no Teatro ‘Maison de France’, apresentou-se também no teatro ‘Copacabana Palace’, seguindo para São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Curitiba, Bahia, Brasília, Recife, Ouro Preto, Olinda. Apresentou-se na rádio e na televisão na companhia dos grandes poetas e escritores do Brasil: Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Jorge Amado, Dorival Caim, pelos Embaixadores brasileiro Pascoal Carlos Magno e o português Bataglia Ramos. Em 1963/64, o Grupo parte para África, a bordo do paquete ‘Infante D. Henrique’. Atua em Angola e Moçambique, em várias cidades de norte a sul daqueles países e é recebido pelo Cônsul português em Durban, na África do Sul. Em 1966 e 1967, o ‘Grupo Fernando Pessoa’ apresentou-se nos ‘festivais do Algarve’ organizados por Fernanda de Castro, onde atuou Amália Rodrigues. Durante os ‘festivais do Algarve’, estreou-se o espetáculo dirigido por João d’Avila e baseado no episódio d’ ‘Os Lusíadas’ sobre Inês de Castro, realizado no Castelo de Silves e tendo como intérpretes Isabel Ruth (Inês), Norberto Barroca (narrador, D. Pedro) e Ary dos Santos (D. Afonso IV).

30 de maio e 6 de junho de 1974: O *Diário Popular*, de Lisboa, publica as quadras dedicadas a António de Oliveira Salazar.

(Este senhor Salazar
É feito de sal e azar.
Se um dia chove,
A água dissolve
O sal,
E sob o céu
Pica só azar, é natural.
Oh, c’os diabos!
Parece que já choveu...
Coitadinho
do tiraninho!
Não bebe vinho.
Nem sequer sozinho
Que isto consola
E nos dá fé.
Que o coitadinho
Do tiraninho
Não bebe vinho,
Nem até
Café).

Estes poemas críticos de ‘Salazar’ e do ‘Estado Novo’ foram publicados pela primeira vez por Jorge de Sena no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1960.

4 de março de 2011 – Morre Jaques Pessoa Rolão (88 anos), em São Domingos de Benfica, Lisboa. Segundo amigos e familiares, o engenheiro agrónomo, nascido em Faro, que chegou a viver em Conceição de Tavira, tinha muitas parecenças físicas com o primo poeta. Do casamento católico (aos 59 anos), em 12 de agosto de 1982, com a esposa, Maria Luísa Lopes Fidalgo Pessoa Rolão, na Igreja do Bonfim, concelho de Setúbal, não houve descendentes. Jaques Pessoa Rolão, foi o último familiar a usar o apelido «Pessoa».

Fontes: Cf. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, ed. cit., pp. 15-22.
Arquivopessoa.net. MultiPessoa. Obra Édita.